

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO

A BOLA EM MEIO A RUAS ALINHADAS E A UMA POEIRA INFERNAL:

Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)

**Belo Horizonte
2007**

RAPHAEL RAJÃO RIBEIRO

A BOLA EM MEIO A RUAS ALINHADAS E A UMA POEIRA INFERNAL:

Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História

Linha de pesquisa História Social da Cultura.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Eliza Linhares Borges.

**Belo Horizonte
2007**

Resumo

Este trabalho enfoca a história do futebol em Belo Horizonte, entre 1904 e 1921, momento de introdução e consolidação de tal esporte. No intuito de inserir o debate acerca da capital mineira dentro dos estudos mais amplos sobre o tema, no primeiro capítulo realiza-se revisão bibliográfica da produção sobre o assunto no Brasil.

Primeira modalidade atlética a se estabelecer na cidade, o futebol esteve bastante ligado à constituição de um *campo esportivo* em Belo Horizonte, fenômeno que é investigado ao longo do trabalho.

As conexões entre o desenvolvimento do meio atlético local e as experiências de outros centros, particularmente através da circulação de informações, também é examinada neste estudo, assim como as relações entre as especificidades da capital mineira e a trajetória do futebol em seus primeiros anos.

Abstract

This work focuses on the history of football in Belo Horizonte, between 1904 and 1921, moment of introduction and consolidation of that sport. Aiming to insert the discussion about the capital city of Minas Gerais in the context broader studies relating to the subject above mentioned, in the first chapter there is a bibliographic review of the production about the theme in Brazil.

The football, as the first athletic activity to be established in the city, had always been bounded to the development of a *sportive field* in Belo Horizonte, which is the phenomenon investigated in the course of this work.

The links between the development of the athletic environment and the experiences in others centres, specially through the information circulation, also is examined in this study, as well as the relations among the singularities of the capital city of Minas Gerais and the trajectory of the football in its firsts years.

*A todos que, pelos campos
da vida, distribuem seus
pontapés, sem medo de
errar.*

Agradecimentos

À Eliza, que desde o início da minha graduação tem me acompanhado e me ensinado sobre a História. Sem a confiança que sempre depositou em mim este trabalho não seria possível.

À Carla, que sempre se mostrou interessada em meu trabalho e proporcionou importantes sugestões na qualificação.

Ao Douglas, que fez uma leitura atenta e generosa de minha qualificação, apontando importantes questões acerca da pesquisa.

À Lucília Neves e ao Leonardo Pereira, por aceitarem o convite para a banca.

Ao Arnaut, que ao longo de nossa convivência acadêmica muito me ensinou sobre as dificuldades de se lidar com as fontes escritas.

À Regina, pela paciência e compreensão com os percalços da produção de uma dissertação de mestrado.

Ao Alexandre, que da condição de professor passou à de amigo. Sem seu estímulo, minha pesquisa dificilmente teria começado.

À Marilita, que comigo compartilhou o interesse pelo esporte em Belo Horizonte. A possibilidade de ter auxiliado na sua pesquisa e as inúmeras análises que apresentou em sua tese de doutorado em muito ajudaram a realização deste trabalho.

Ao Eliazar, a quem pude auxiliar no levantamento de dados empíricos, os quais me proporcionaram o contato com um outro momento do futebol no Brasil.

Aos funcionários da FAFICH e do Departamento de História, que, nesses anos todos, têm me auxiliado no desenvolvimento das atividades acadêmicas.

Ao CNPq, pela bolsa que possibilitou que pudesse me dedicar mais intensamente à pesquisa.

Aos funcionários do Arquivo Público Mineiro, da Biblioteca Central da UFMG – Coleção Linhares e do Museu Histórico Abílio Barreto, pela presteza no atendimento, que muito me facilitou a busca pelas fontes.

Aos funcionários da Hemeroteca Pública, especialmente ao Jairo, que sempre me atendeu da melhor forma e com quem bati vários papos enquanto aguardava a leitora de microfilmes esfriar.

Aos funcionários do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte, que durante minha pesquisa me ajudaram da melhor forma e dos quais, hoje, orgulho-me de ser colega. À Cintia fica meu obrigado especial, por compreender as agruras de um mestrando em apuros.

Ao Márcio, com quem compartilho diversos interesses em comum e que muito me ensinou sobre respeito e amizade. Nunca me esquecerei das ótimas conversas que tivemos sobre as mais diversas coisas, da História às banalidades. Tudo isso, de alguma forma, está neste trabalho.

Ao Hilário, que comigo dividiu horas no arquivo e aventuras fantásticas. A convivência com você e o acompanhamento do seu trabalho em muito me ajudaram a melhor compreender os meandros da cultura e da cidade. Nossa amizade já vem de outros carnavais.

Ao João Paulo, com quem estabeleci a minha amizade mais improvável. A vida é assim. Quem disse que água e óleo não se misturam? Esses anos todos de convivência serviram para que eu possa te compreender melhor.

Ao Davidson, com quem mais de perto vivenciei as expectativas em torno do mestrado, especialmente em nossas conversas eletrônicas.

À Imara, que, com sua inteligência, proporcionou inúmeras conversas muito instigantes e agradáveis.

Aos colegas de graduação e de mestrado Luís Alexandre, sempre fora do contexto, Alessandra, Cornélio, Rafael, Dudu, Augusto, Enrique, Frankiw, Luana e Samuel, pela convivência.

Ao pessoal do CEPIF, André, Euclides e Fabiana, pelos debates e leituras nos últimos meses.

A todo mundo da família da Mariana, Dona Vera, com quem compartilho a paixão pelo passado; Norma, por sempre me incentivar; Fernando, que me mostra que um atleticano de verdade não pára de acreditar nunca; Manu; Tita e Xandão, pelo suporte tecnológico; Ana; Léo; Rodrigo; Albano; Matheus, pela ajuda com o inglês; Raphael; Joana; Érika e Flávia.

A todos da minha família, como são muitos, cito apenas minhas avós Carmelita, pelo exemplo de vida; Alice, pelo carinho e pelos pés-de-moleque; e meus padrinhos, Carmem e Anselmo, pelo incentivo.

À minha irmã querida, Isabela, pelo apoio constante em tudo que faço e pelo carinho que você demonstra por mim.

Ao meu pai, Celso, que me ensinou a gostar de futebol e que sempre se mostrou orgulhoso de tudo que faço. Melhor dizendo, de quase tudo.

À minha mãe, Vera, pelo amor incondicional e por tudo que no dia-a-dia você faz por mim. Sem seu apoio, em todos os momentos, não seria possível a realização deste trabalho. Muito obrigado.

À Mariana, por tudo. Nesses anos ao seu lado, você contribuiu para esta pesquisa das mais diferentes formas. Seu afeto, beleza, inteligência e companheirismo são fundamentais para mim. As incontáveis conversas, as críticas precisas, os momentos de descontração, as demonstrações de carinho, sem isso eu não conseguiria concluir esta etapa da minha formação.

A todos aqueles que não foram aqui citados, meu sincero pedido de desculpas.

Siglas Utilizadas

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

CCNC – Comissão Construtora da Nova Capital

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

LMDT – Liga Mineira de Desportos Terrestres

LMSA – Liga Mineira de Sports Athleticos

Sumário

Introdução	11
Capítulo 1 – O futebol como objeto de estudo da História	19
1.1. O futebol como objeto de análise e de interpretação do Brasil	22
1.2. Releituras da história do futebol brasileiro	30
1.3. Consolidação do futebol como tema acadêmico	35
1.4. Os recentes estudos e suas contribuições para a revisão dos modelos analíticos passados	41
Capítulo 2 – O futebol em Belo Horizonte e a constituição do <i>campo esportivo</i>	46
2.1. Primeiras experiências e divulgação dos sentidos do esporte	47
2.2. A implantação do futebol e a definição de seus aspectos iniciais em Belo Horizonte	50
2.3. O retorno do futebol à cidade e a afirmação das definições anteriores	61
2.4. Surgimento da liga, consolidação do futebol e constituição do <i>campo esportivo</i> em Belo Horizonte	76
Capítulo 3 – O futebol belo-horizontino no circuito da informação	97
3.1. Circulação e expansão mundial do futebol	97
3.2. A importância das conexões com outras experiências esportivas na dinâmica de implantação do futebol em Belo Horizonte	101
3.3. A constituição de novas conexões no retorno do futebol a Belo Horizonte	110
3.4. Desenvolvimento e limites da integração institucional regional e nacional durante a consolidação do <i>campo esportivo</i> em Belo Horizonte	119
Capítulo 4 – As vivências na cidade e o futebol	129
4.1. Belo Horizonte em seus primeiros anos e a recusa do convívio público ...	129
4.2. A introdução de novos hábitos em Belo Horizonte e a construção de sentidos em torno do futebol	134
4.3. A busca da constituição de um cotidiano moderno em Belo Horizonte e as ações do futebol	147
4.4. O desenvolvimento inicial de Belo Horizonte e as intervenções do futebol nos espaços da cidade	154
Considerações finais	165
Fontes	169
Bibliografia	174

Introdução

A memória do futebol brasileiro, grande referencial, compartilhado pela população e pela mídia nacional, em termos da história dessa modalidade atlética, é permeada por narrativas que se centram em momentos considerados chave da trajetória do esporte no país. A visão construída em torno de tal prática sociocultural apresenta-se sob uma forma em que os diversos fenômenos frutos de processos variados aparecem como fatos dados, algo que desde sempre foi assim, a partir do instante em que o jogo de bola chegou aqui.

Tal visão se liga à idéia de que o futebol é atividade que sintetiza nossa identidade, nosso jeito de fazer as coisas e levar a vida e que, sendo assim, desde o momento em que desembarcou no país, foi tomado pela ginga e pela esperteza nacionais. Na maioria das vezes, essa representação, resultado da confluência de experiências esportivas e elaborações intelectuais, encontra seus principais marcos em episódios que envolveram a população de centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Foi a partir da atuação das agremiações e das entidades dirigentes dali ou da trajetória da Seleção Brasileira – a qual, por longos anos, compôs-se, basicamente, de jogadores das equipes daqueles estados – que se elaboraram as narrativas que ajudaram a construir a memória de tal modalidade atlética.

A partir dessa constatação, uma série de questões pode ser construída. Seria a relação estabelecida com o futebol a mesma desde sua introdução no país? Os sentidos atualmente elaborados em torno dele correspondem aos que se viam no passado? Se sim ou se não, até que ponto eles coincidem ou se afastam? O seu desenvolvimento ocorreu da mesma forma em todas as cidades e regiões? As narrativas consagradas são capazes de englobar realidade que foi nacional?

Essas diversas perguntas, apesar de simples em sua formulação, não são de fácil resposta para os estudiosos da história do futebol brasileiro. A tentativa de elucidá-las constitui-se em tarefa árdua. Requer esforços teóricos e empíricos. Para tanto, é fundamental a coleta de novos dados que forneçam melhores subsídios para a compreensão razoavelmente satisfatória das dinâmicas regionais e nacional.

A partir da constatação de que a construção da memória do futebol brasileiro centrou-se em realidades bastante específicas e com o intuito de verificar se tal tendência se repetiu na produção historiográfica acerca do tema, o *Capítulo 1 – O futebol como objeto de estudo da História* desenvolverá exame da trajetória do assunto como objeto de pesquisas que se voltaram para seu passado, não só dentro da academia,

mas no contexto intelectual e literário mais geral do país. Como norteadoras das discussões em torno dos estudos foram observadas questões acerca da elaboração de temporalidades para o esporte nacional, percepção de dinâmicas regionais, aproximação entre a prática atlética e outras esferas do universo social e bases teóricas e empíricas que orientaram as problematizações.

Tendo como pressupostos a necessária realização de mais pesquisas acerca das diferentes realidades nacionais e o fato de que a trajetória do futebol tanto de forma mais geral quanto em casos específicos, mais regionalizados, constitui-se em importante parte do patrimônio coletivo de nossa sociedade, o presente trabalho dedica-se a história dos primeiros anos dessa modalidade esportiva em Belo Horizonte – momento inicial de sua prática na cidade e da criação de clubes a ela dedicados.

O recorte temporal é, mais precisamente, o período entre 1904 – data de fundação da primeira agremiação futebolística da capital mineira – e 1921 – instante de consolidação de tal esporte em Belo Horizonte, expresso pela presença de vários clubes, existência de entidades diretivas reconhecidas, realização integral de campeonatos e penetração social da atividade.

O que este trabalho entende por futebol corresponde ao formato moderno desse jogo atlético. Como apontaram autores como Norbert Elias, Eric Dunning e Pierre Bourdieu, tal novidade surgiu por volta do início do século XIX, na Inglaterra, a partir da remodelação de antigas práticas lúdicas européias.¹

Para Elias e Dunning, o surgimento do futebol e de outras modalidades envolveu-se com transformações mais amplas do contexto britânico. Essas mudanças estariam ligadas ao desenrolar do *processo civilizador*, que segundo o sociólogo alemão, consistiu no desenvolvimento de maior *autocontrole* por parte da população de importantes países europeus, especialmente, aquela que vivia nas cortes, durante a constituição dos Estados Modernos.² Tais alterações observadas com o surgimento das novas práticas atléticas ligavam-se a outros fenômenos que se processavam entre os ingleses, conforme comentou José Sergio Leite Lopes, em resenha do livro *Sport et Civilisation: la Violence Maîtresée*³, dos referidos autores:

¹ Cf. ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el proceso de la civilizacion*, 1992 e BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, 1983. p. 136-153.

² Sobre o conceito de *civilização*, vale sempre lembrar que a principal crítica que recebe consiste no fato de que, em diversas passagens, Elias o tratou de forma linear, dando pouca ênfase às descontinuidades, avanços e retornos que perpassam os fenômenos históricos. Cf. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. volumes 1, 1994 e 2, 1993.

³ Versão francesa de *Quest for excitement. Sport and Leisure in the Civilizing Process*, cuja tradução para o espanhol *Deporte y Ocio em el proceso de la civilizacion* foi consultada no presente trabalho.

“Como o modo político sob o qual essa pacificação das classes dirigentes é feita não é independente do modo de vida dessas mesmas classes, Elias destaca como a ‘parlamentarização’ das classes de proprietários rurais inglesas é paralela e simultânea à ‘esportificação’ de seus passatempos.”⁴

Assim, a transformação das relações políticas ligadas a *civilização* dos costumes da aristocracia inglesa, segundo Elias e Dunning, esteve bastante conectada à constituição dos *esportes modernos*, os quais apresentavam diferente equilíbrio de tensões e de impulsos violentos. Ao contrário dos jogos tradicionais, que envolviam grande quantidade de ações agressivas e não preveniam a imputação de ferimentos aos adversários, as novas atividades atléticas apresentavam o que os autores chamaram de “o descontrole controlado dos controles emocionais”.⁵ Mesmo estipulando regras mais rígidas, as versões criadas no século XIX, mantiveram, ainda que com maiores restrições, o elemento de excitação que marcava as antigas práticas lúdicas.

O formato moderno do futebol foi definido dentro de instituições de ensino britânicas conhecidas como *Public Schools*, as quais eram freqüentadas, principalmente, por jovens da aristocracia. Seguindo tendência do processo de *esportificação*, efetuou-se ali a adaptação de jogos tradicionais, que foram enquadrados em um conjunto de regras. A princípio, os códigos da nova prática continham diversas versões, já que o fenômeno aconteceu paralelamente em diferentes escolas da Inglaterra.⁶

Apenas com a constituição de entidades dirigentes de âmbito nacional foi possível a consolidação de regras comuns para o jogo em meados do século XIX. A partir daí, o futebol vivenciou processo de difusão, a princípio, na Inglaterra, e depois, no mundo.

Além do elemento do *autocontrole*, que diferencia o futebol moderno dos antigos jogos em que se chutava uma bola, outros aspectos conferem singularidade à nova prática. Segundo Pierre Bourdieu, a introdução de diversas regras – como as que delimitam o espaço e o tempo da partida, as funções dos jogadores, as penalizações por faltas – indica a aproximação dessa atividade com as transformações vivenciadas na passagem do século XVIII para o XIX, momento marcado pela emergência de maior racionalidade.⁷

Além disso, o autor ainda examinou o esporte através do conceito de *campo*, elaborado por ele em outros trabalhos e que, em linhas gerais, pode ser definido como

⁴ LEITE LOPES, José Sergio. “Esporte, Emoção e Conflito Social.”, 1995. p. 146.

⁵ DUNNING, Eric. “Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer”, 2003. p. 20.

⁶ Cf. LEITE LOPES, José Sergio. “Esporte, Emoção e Conflito Social.”, 1995. p. 150.

⁷ Cf. BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, 1983. p. 136-153.

setor específico do universo social, historicamente produzido⁸, espaço de relações objetivas⁹ e produção de *capital social*, o qual envolve lógica própria de organização interna e de distribuição de prestígio entre seus integrantes, cujas delimitações de fronteiras e de critérios de atribuição de *capital simbólico* são objetos de constantes disputas.¹⁰

Para ele, ao constituir elementos particulares, dentre os quais critérios de decisão de quem é o melhor ou de quem tem a legitimidade de regulamentar as normas do jogo, a prática atlética passou a desenvolver trajetória singular em relação ao todo social. É possível identificar temporalidades próprias do esporte, que apenas parcialmente se ligam aos fenômenos históricos mais amplos.

Com destacou Bourdieu, os *campos* são historicamente produzidos, o que implica em processos de formação dos mesmos. No caso da atividade esportiva em Belo Horizonte, o futebol foi a primeira modalidade a se consolidar na cidade, sendo responsável pela criação de diversas instituições específicas de tal ramo dos divertimentos, como campos de jogo, entidades dirigentes e competições regulares.

Assim, o fenômeno de implantação e consolidação do futebol na capital mineira envolveu-se fortemente com a formação de especialidades e elementos próprios à prática atlética e, conseqüentemente, com a criação de um *campo esportivo* na cidade. Tendo em vista essa questão, o *Capítulo 2 – O futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo* investiga o desenrolar e as ligações entre a introdução da nova modalidade em Belo Horizonte e a elaboração de esfera relativamente autônoma do universo social local.

A seleção das fontes documentais consultadas na pesquisa levou em conta aspectos como acessibilidade, quantidade – já que se procurou constituir séries cronológicas –, enfoque mais voltado para o aspecto social do futebol e variedade de visões. Nessa perspectiva, os periódicos foram a principal referência empírica do presente trabalho.

Disponíveis, especialmente, em três instituições¹¹, tal tipo de documento fornece informações variadas e em boa quantidade, haja vista que a imprensa belo-horizontina sempre se mostrou atenta ao desenvolvimento das práticas esportivas na

⁸ Cf. BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*, 1990. p. 128.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*, 1989. p. 64.

¹⁰ CHARTIER, Roger. “O mundo econômico ao contrário”, 2005. p. 255.

¹¹ Hemeroteca Pública do Estado de Minas Gerais, Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH) e Biblioteca Universitária da UFMG, dentro da Coleção Linhares.

cidade. Nos jornais e revistas consultados foram encontradas evidências que cobrem toda a extensão do recorte temporal adotado neste estudo.

Com relação à tipologia dos periódicos, é possível dividi-los entre jornais – massa principal da documentação – e revistas. Em torno dos primeiros, elaborou-se uma classificação no intuito de facilitar o trabalho. Assim, foram identificados quatro tipos:

- 1) **Oficiais:** grupo composto por título único, o *Minas Geraes*, órgão do Estado de Minas Gerais;
- 2) **De grande imprensa:** engloba publicações que pretendiam atingir a comunidade em geral, apresentando maior variedade de assuntos abordados e linha editorial mais eclética. Apesar de mais bem estruturados, não vivenciaram longos períodos de existência. Para a definição de quais seriam esses títulos, recorreu-se a texto de Maria Céres Castro¹²;
- 3) **De grupos específicos:** conjunto que possui o maior número de títulos, sendo, contudo, marcado por extrema intermitência de seus representantes. Tais publicações se caracterizam por constituírem-se como porta-vozes de setores específicos da cidade¹³, indo desde partidos políticos, passando por sociedades carnavalescas, até estudantes ginásiais.
- 4) **Esportivos:** só começaram a ser publicados em 1917, sendo identificados apenas dois deles no período abordado na pesquisa.

Quanto às revistas, elas se destacam por trazer artigos que abordam os eventos de forma mais ampla, tendo entre seus objetos de interesse, especialmente, a vida econômica e social da cidade e do estado. Elemento importante dessas publicações refere-se ao uso maciço de imagens, marcadamente fotografias, as quais raras vezes eram veiculadas nos jornais.

A utilização dos periódicos, como no caso de qualquer fonte documental, requer cuidados metodológicos. Não havendo bibliografia específica sobre o tema, recorreu-se a textos que de alguma forma problematizam tal tipo de evidência empírica, a exemplo dos escritos sobre a História Social da Linguagem¹⁴ e a História da Leitura¹⁵, assim como de análises da Comunicação Social.¹⁶

¹² Cf. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. “A aventura da imprensa”, 1996. p. 21.

¹³ Cf. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. “A aventura da imprensa”, 1996.

¹⁴ Cf. BURKE, Peter. *A Arte da Conversação*, 1995 e BURKE, Peter. *Línguas e Jargões*, 1997.

¹⁵ Cf. CHARTIER, Roger. *A História Cultural*, 1990; CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*, 1998; DARTON, Robert. “A História da Leitura”, 1992; CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*, 1994 e BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*, 1990.

¹⁶ Cf. MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (Org). *O Jornal*, 1997.

Com isso, o presente estudo trabalha com os jornais em seu formato dito moderno¹⁷, ou seja, no momento abordado, tal publicação já configura modelo bem próximo do atualmente conhecido. Seu texto é entendido como polifônico, um discurso aberto, o qual, no entanto, não comporta todos os sentidos possíveis, sendo necessária a avaliação de seus limites. A estreita relação entre a *forma* e o *conteúdo*, sendo ambos condicionantes da mensagem, também é percebida. Nessa perspectiva, o exame da configuração e diagramação dos artigos no periódico faz parte das preocupações. A questão da autoridade do falante, no caso do escritor ou jornalista, também é objeto de interesse, sendo a observação da existência de assinaturas ou a veiculação em coluna conceituada outro ponto a ser visualizado.

Especialmente através dos periódicos, foi possível observar que apesar do desenvolvimento do futebol e do *campo esportivo* em Belo Horizonte ter seguido dinâmica regional, bem ligada às particularidades da capital mineira, ele não se deu de modo totalmente desconexo das demais realidades.¹⁸ Inúmeros mecanismos de circulação existentes no início do século XX permitiram que os habitantes da cidade se informassem acerca do que se passava no resto do mundo, buscando, muitas vezes, no exterior inspirações para suas ações. Nessa perspectiva, o *Capítulo 3 – O futebol belo-horizontino no circuito da informação* se dedica ao exame das aproximações entre a trajetória local e a contexto externo das práticas atléticas.

Além dos periódicos, fontes principais do trabalho, outros documentos foram consultados. As imagens utilizadas pela pesquisa, majoritariamente de natureza fotográfica, foram, em grande parte, coletadas nas revistas e jornais levantados, sendo o restante acessado através de acervos, como os localizados no *Museu Histórico Abílio Barreto*. Tais evidências iconográficas se restringiram, com raras exceções, à segunda metade do recorte deste estudo, não cobrindo todos os seus anos.

As imagens são entendidas aqui como fontes que demandam observação específica. Apesar de em alguns momentos se encontrarem no corpo de artigos em periódicos, seu exame em separado se faz necessário. Nesse sentido, o trabalho atentou-se para a gramática própria de tal documento, assim como para as relações que ele estabelece com os textos que o acompanham.

A documentação cartográfica, apesar de em pequeno volume, representou importante fonte de dados, especialmente por indicar as propostas para o traçado da

¹⁷ Cf. BOND, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo*, 1959. p. 111.

¹⁸ Para a compreensão dessa situação também contribuiu a leitura do texto GRUZINSKI, Serge. “O historiador, o macaco e a centaura”, 2003.

nova capital de Minas. A utilização dos mapas permitiu lidar com questões acerca da espacialidade da cidade e das apropriações de áreas urbanas pelos adeptos do esporte. As plantas arquitetônicas também forneceram informações sobre as formas como os atletas locais procuraram efetivar transformações no meio físico belo-horizontino.

Os decretos e leis foram outro tipo de acervo privilegiado, tendo sido identificadas algumas poucas evidências acerca da cessão de terrenos a clubes da capital. A transcrição das discussões em torno dos projetos pôde ser examinada por meio da *Coleção Anais da Câmara Municipal de Belo Horizonte*.

Tais padronizações – leis e decretos – foram entendidas pelo presente trabalho como frutos de negociações, nem sempre ocorridas num quadro de igualdade de forças, ou como traduções de costumes cotidianos para forma específica de ordenação do mundo. Nessa medida, foi possível se identificar conflitos e alianças que se desenrolaram na capital mineira em torno de múltiplos interesses, dentre os quais os dos praticantes do futebol.

As memórias, cujo contato foi tomado por meio de livros e artigos de jornais posteriores ao recorte, trouxeram importantes questões para o estudo. Apesar de escassas, elas forneceram informações que não constam de outras fontes, como, por exemplo, o universo afetivo em torno do esporte e os “bastidores” dos clubes. No entanto, deve-se reconhecer aqui os seus limites e a necessidade de problematização de elementos como o rearranjo da realidade vivida, com seus esquecimentos, silêncios¹⁹, arrefecimentos de conflitos e incorporação de avaliações posteriores.

As fontes policiais também foram pesquisadas por este trabalho. A *Secretaria de Polícia de Minas Gerais* era o órgão responsável pela regulamentação dos clubes, aprovação de seus estatutos, organização de atividades esportivas e repressão de manifestações consideradas distúrbios. Tal acervo encontra-se, em sua grande parcela, inacessível aos consulentes do *Arquivo Público Mineiro*, pelo fato de não ter sido ainda minimamente higienizado e organizado. Os poucos indícios levantados mostram as possibilidades da documentação, porém as esparsas referências identificadas inviabilizam reflexão mais profunda. A situação foi contornada, em parte, através da coleta de informações da *Secretaria de Polícia no Minas Geraes*, diário oficial do estado.

A consulta a fontes de naturezas variadas contribuiu para a compreensão das diferentes formas como o futebol se relacionou com a capital mineira e dos variados

¹⁹ Cf. POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”, 1989.

modos como a cidade percebeu a introdução da novidade esportiva. Dialogando com as particularidades de Belo Horizonte e procurando intervir no processo de construção do cotidiano urbano, os clubes e os adeptos daquela modalidade atlética puderam vivenciar experiências que conferiram singularidade a trajetória da prática ali. Dessa maneira, o *Capítulo 4 – As vivências na cidade e o futebol* se dedica ao exame das múltiplas ligações entre o meio e a população local e o desenvolvimento de tal ramo dos divertimentos ao ar livre.

Ao longo do trabalho com as fontes, este estudo deparou-se com vários limites e silêncios. Como visto acima, a escassez de documentação, em diversos momentos, impossibilitou a construção de séries. Em muitas ocasiões foi difícil acompanhar a trilha do processo de implantação e consolidação do futebol em Belo Horizonte. Além disso, o conhecimento de algumas agremiações se deu apenas através de referências esparsas, em parte, porque a imprensa local dedicava-se mais às entidades tradicionais da capital mineira. Pouco foi dito sobre tais clubes, suas diferenças ou não, a forma como seus integrantes lidavam com o esporte, como compreendiam e se apropriavam do jogo. Muitas perguntas ficaram sem respostas.

Contudo, entendendo que o estudo da História se faz, em grande medida, de possibilidades, tendências apontadas por alguns poucos indícios não foram ignoradas, assim como o exame de casos semelhantes serviu de parâmetro para projeção de ações prováveis. Destacando as conjecturas como tal, o presente trabalho procurou incorporá-las, considerando-as parte da reflexão acadêmica²⁰, o que não significou reduzir a criação individual ou coletiva ao contexto, mas, sim, reconhecer seu papel na constituição da realidade.

Além disso, a incorporação de questões sem respostas definitivas na dissertação se tornou importante, como parte do trabalho de *objetivação* do tema de pesquisa. De modo que, dúvidas, explicações parciais ou conjecturas fizeram parte do formato final do texto. Parte delas poderá contribuir para futuras pesquisas.

²⁰ Cf. GINZBURG, Carlo. *A Microhistória e Outros Ensaio*s, 1989. p. 179-202.

Capítulo 1 – O futebol como objeto de estudo da História

Uma das principais manifestações socioculturais brasileiras ao longo do último século e do início deste, o futebol foi, por muito tempo, pouco prestigiado pelo mercado editorial. Apenas há, aproximadamente, dez anos, tem-se assistido ao crescimento considerável do número de publicações que abordam o tema. Os gêneros dos livros são bastante variados, sendo marcante a presença de jornalistas entre seus autores.

Os periódicos e, posteriormente, o rádio, a televisão e a internet foram, e continuam sendo, os principais meios de divulgação do esporte. Sobretudo os grandes clubes profissionais e seus atletas ocupam largo espaço nessas mídias. A ligação entre o futebol e os veículos de comunicação é antiga, sendo sua presença sentida, ainda que de maneiras diferenciadas, desde o início de tal prática atlética no Brasil.

Apesar de ter se popularizado no país entre as décadas de 20 e 30 do século XX, o futebol só se tornou objeto de pesquisa acadêmica da área das Humanidades no final dos anos 70. O pioneirismo dos estudos coube às Ciências Sociais, especialmente à sociologia e à antropologia. Sobre esse fenômeno, Luiz Henrique de Toledo afirmou:

“Esta incursão das ciências sociais na análise do fenômeno esportivo, alçado a objeto de análise para a compreensão da sociedade brasileira, teve como pano de fundo o *boom* das pesquisas sobre o meio urbano desde meados dos anos de 1970 e início da década de 1980, sobretudo em alguns centros de excelência acadêmica.”²¹

Os primeiros trabalhos sobre o tema²² vieram romper com uma visão do futebol como instrumento de dominação e alienação das massas, bastante disseminada naquele período. Os anos 90 consolidaram esse campo de análise nas Ciências Sociais. Além da criação de grupos de pesquisa e de publicações acadêmicas especializadas, o momento foi marcado pela diversificação das abordagens.

Ao longo do processo de consolidação do tema nas Ciências Sociais, observou-se a sua introdução em outros campos do conhecimento, com a realização de estudos dentro de uma perspectiva das Humanidades. A Educação Física, que dialogava mais freqüentemente com as áreas biológicas, ao acolher novas abordagens, passou a lançar olhar mais social sobre seu objeto tradicional de trabalho, a saber, o esporte.²³

²¹ TOLEDO, Luiz Henrique de. “Futebol e Teoria Social”, 2001. p. 134.

²² Cf. DAMATTA, Roberto [et alli]. *Universo do Futebol*. 1982.

²³ Uma importante iniciativa dos estudiosos da Educação Física constituiu-se na criação do *Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*, no ano de 1993.

Outros campos, mais próximos desse horizonte conceitual e teórico, passaram a adotar o assunto até então pouco privilegiado. A Comunicação Social apresentou reflexões sobre o tema, especialmente no que se refere à presença dos esportes nos meios midiáticos e às interações entre os diversos envolvidos com o futebol.²⁴ A Geografia, com discussões acerca da questão do espaço e das especificidades regionais²⁵, trouxe importantes contribuições para o debate. Além disso, pesquisas da Psicologia, da Lingüística e dos Estudos Literários têm enriquecido as análises, numa demonstração das múltiplas possibilidades de abordagem de tal modalidade atlética dentro da academia.

A incorporação do futebol como objeto de estudo da História relacionou-se tanto com o movimento que teve seu início nas Ciências Sociais e que se estendeu pelas outras áreas das Humanidades, quanto com a transformação interna de tal campo do saber, com a emergência de novos paradigmas teóricos e metodológicos. Especialmente ao longo da década de 90 observou-se o desenvolvimento de trabalhos pioneiros voltados para o assunto.

No que se refere ao contexto dos Estudos Históricos brasileiros, as transformações verificadas durante os anos 80, com a criação de cursos de pós-graduação e a adoção de novas perspectivas de pesquisa²⁶, são importante fator explicativo da abertura que possibilitou a incorporação do futebol como objeto de análise legítimo. Apesar da existência de textos produzidos por pessoas ligadas a academia, como no caso da coletânea de artigos *Futebol e Cultura*²⁷ (1982), até a década seguinte não houve nenhum trabalho mais consistente voltado para o tema produzido dentro das universidades do país.

A mudança desse quadro ocorreu, sobretudo, no âmbito dos cursos de pós-graduação paulistas, dentro de instituições como USP, Unicamp, Unesp e PUC. Ali se verificou a produção de trabalhos que, apesar de em pequeno número, contribuíram para a afirmação do tema dentro dos Estudos Históricos e proporcionaram um avanço nas discussões que já haviam sido levantadas em outras pesquisas, já que, fora desse campo do saber e mesmo do meio acadêmico, o assunto já havia, há muito, sido tomado como objeto de reflexão.

²⁴ Destaque para o livro: MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão*, 1997, publicação da dissertação de mestrado em Comunicação e Cultura, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²⁵ Sobre as especificidades regionais, encontram-se interessantes reflexões no artigo: JESUS, Gilmar Mascarenhas de. "Futebol e Modernidade no Brasil", 1998.

²⁶ Cf. FICO, Carlos & POLITO, Ronald. "Brasil: historiografia dos anos 80", 1992.

²⁷ WITTER, Sebastião & MEIHY, José C. (orgs.) *Futebol e Cultura*: coletânea de estudos. São Paulo: IMESP/DAESP, 1982.

Não coube aos graduados em História a primazia nos trabalhos voltados para o estudo da trajetória do futebol no Brasil. Sociólogos, antropólogos, jornalistas, ex-atletas e dirigentes, muito antes, já haviam se debruçado sobre o tema. Essa produção, aliás, continua sendo responsável pelo estabelecimento de uma série de marcos que orientam os trabalhos dedicados ao assunto.

Apesar de certa legitimidade alcançada pelo futebol como objeto de estudo da História, sua representatividade no contexto da produção acadêmica da área ainda é pequena. Até mesmo pela grande variedade de possibilidades de abordagem que o assunto proporciona, com o estabelecimento de diálogos com diversos campos das Ciências Humanas, os poucos trabalhos desenvolvidos em torno do tema não são capazes de cobrir uma série de lacunas e questões relativas à trajetória do esporte que já completa mais de cem anos no país.

Em muitos momentos, as questões relativas ao futebol não foram percebidas de modo claro por aqueles que se propuseram a estudá-lo. A necessidade de construção de uma legitimidade para o tema de introdução recente na academia fez com que, em alguns casos, o assunto fosse abordado quase que de maneira auxiliar. Dessa forma, os problemas mais gerais e já consagrados pela produção anterior foram elevados ao primeiro plano.

Assim, dentro do quadro de poucos trabalhos, alguns não apresentaram nada além de avanços pontuais, com análises que se mostravam mais preocupadas em pensar o contexto nacional ou dos dois grandes centros brasileiros, São Paulo e Rio de Janeiro. A ausência de pesquisa empírica mais aprofundada representou uma das principais limitações da produção acadêmica acerca do assunto. Sem levantamentos mais substanciais, os autores acabaram repetindo demarcações cronológicas e temáticas presentes nos textos já consagrados.

A presença pouco significativa de dados novos acerca da trajetória do futebol não foi exclusividade dos trabalhos produzidos dentro dos departamentos de História brasileiros, os quais, pelo contrário, constituíram-se nos principais responsáveis pelos maiores avanços no que diz respeito ao assunto. Em muitos casos, ao partir de referenciais puramente teóricos, os estudiosos pouco questionaram os marcos estabelecidos. Embora compartilhassem diferentes interpretações, os textos apresentavam o processo de desenvolvimento daquela modalidade atlética de forma bastante similar.

Ainda hoje, análises produzidas em meados do século XX ditam o tom das pesquisas realizadas em torno do futebol brasileiro. Até mesmo, em diferentes contextos

do pensamento intelectual do país, a permanência de aspectos das antigas abordagens pode ser observada, com repetições, por exemplo, dos marcos cronológicos e espaciais. A incorporação do tema pela academia e os estudos mais sistemáticos acerca do objeto representaram mudança parcial na medida em que vários deles adotaram, sem muita crítica e busca de novas evidências, os modelos já consagrados.

Nessa perspectiva, ao se examinar a produção dos trabalhos acerca da história do futebol brasileiro faz-se necessário realizar um recuo, voltando até meados do século XX, quando o tema passou a ser problematizado e visto como objeto de análise.

1.1. O futebol como objeto de análise e de interpretação do Brasil

Até os anos 40 e 50 do século XX, os livros que abordavam o passado do futebol no Brasil, faziam-no através de coletâneas de fatos. Esses textos procuravam reunir narrativas e informações acerca das fundações dos clubes, de quem eram seus integrantes, dos jogos realizados e das constituições das entidades dirigentes.²⁸ Os autores dos trabalhos eram, em sua grande maioria, jornalistas, diretores de agremiações e ex-jogadores.

Ao invés de realizar análises acerca da trajetória daquele esporte no país, tais textos procuravam preservar a lembrança de eventos e personagens marcantes dos primeiros anos da modalidade. Essa produção, que pode ser chamada de Memória-História do futebol, era apresentada, principalmente, sob a forma de crônicas. Em nenhum momento ela demonstrava preocupar-se com a problematização do tema. Nem mesmo a relação com um contexto mais amplo, como, por exemplo, as conexões com a situação nacional, o processo de desenvolvimento das cidades ou a chegada de vários imigrantes ligada à industrialização, era evocada.

Nesse sentido, os acontecimentos marcantes da trajetória do futebol no país encerravam-se em si mesmos, sendo a maior preocupação a preservação das informações acerca dos grandes momentos da modalidade, elemento fundamental para a construção da identidade e do reconhecimento em torno do esporte. Tal tipo de publicação, aliás, permanece ainda hoje, como o principal filão da produção editorial brasileira relativa ao tema.²⁹

²⁸ Nesse gênero se destacou como principal trabalho: MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*, 1950.

²⁹ Anualmente são lançadas inúmeras “enciclopédias” de clubes, de competições, de maiores jogadores e da Seleção.

No final da década de 40, o cronista esportivo Mario Filho³⁰ propôs-se a examinar o futebol a partir de uma análise histórica e social, divergindo da abordagem comumente adotada pelos seus companheiros de imprensa, mais voltados para a simples compilação de dados. Como resultado de sua pesquisa, foi lançada, em 1947, a primeira edição de *O Negro no Futebol Brasileiro*. Essa obra que tinha como fio condutor o estudo do processo de inserção do negro nesse meio – a saber, o do futebol –, tornou-se inaugural por problematizar tal modalidade esportiva.

Ao analisar o fenômeno, traçando relações entre a atividade atlética, questões étnicas e a exclusão/inclusão social, o autor distanciava-se da Memória-História que se fazia até então. Atento aos debates intelectuais que se desenrolavam no país, Mario Filho aproximou-se da perspectiva que norteava importantes trabalhos realizados no campo das Ciências Humanas, como observou o historiador Epitácio Brunet:

“Mario Filho, ao definir a contribuição do negro brasileiro ao futebol, completou um ciclo de obras – tais como *Casa Grande e Senzala*, *Formação do Brasil Contemporâneo* ou *Raízes do Brasil* – voltadas para a interpretação do Brasil, trabalhos que buscaram entender o que fazia, e faz, o Brasil ser brasileiro.”³¹

Reconhecendo no negro e no mestiço os grandes responsáveis pela excelência brasileira na arte de jogar bola, Mario Filho ressaltou o valor desses grupos, bem como da pluralidade e miscigenação no país. Não foi por acaso que Gilberto Freyre assinou o *Prefácio à 1ª Edição* de *O Negro no Futebol Brasileiro*. No pequeno texto, o autor de *Casa Grande e Senzala* chamou atenção para dois pontos:

- 1) a sublimação “[...] de energias psíquicas e de impulsos irracionais [...]”³² pela prática do futebol;
- 2) e o estabelecimento da dicotomia entre uma forma *apolínea* e uma *dionisíaca*³³ de se desempenhar o jogo, sendo o estilo nacional identificado com a segunda.

³⁰ Jornalista pernambucano, nascido em 1908, filho do também periodista Mário Rodrigues e irmão do autor Nelson Rodrigues. Começou a trabalhar aos 17 anos na publicação *A Manhã*, de propriedade de seu pai, como cronista esportivo. Em 1931, tornou-se chefe da seção de esportes de *O Globo*. Comprou, em 1936, o *Jornal dos Sports*, no qual escreveu até sua morte em 1966. Reconhecido como “o pai da moderna crônica esportiva brasileira”, destacou-se pela criatividade de seus textos, pelo enfoque mais humano do futebol e por ter sido um grande incentivador de eventos e competições.

³¹ BRUNET, Epitácio. “Apresentação à 4ª Edição”. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003. p. 9.

³² FREYRE, Gilberto. “Prefácio à 1ª Edição”. In: RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003. p. 24.

³³ Essa classificação foi baseada no trabalho *Patterns of Culture* da antropóloga norte-americana Ruth Benedict. Cf. FRANZINI, Fabio. *As Raízes do País do Futebol*, 2000. p. 104.

Ao atentar-se para os debates intelectuais que, nesse período, não se restringiram apenas ao espaço da academia e haviam ganhado visibilidade com a presença de Getúlio Vargas no poder, Mario Filho foi capaz de realizar uma leitura que inseria o futebol dentro de perspectiva analítica mais ampla. Tal prática sociocultural foi percebida como palco de relações étnicas e examinada dentro do contexto de transformação da cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

O reconhecimento de *O Negro no Futebol Brasileiro* como obra analítica da realidade esportiva da primeira metade do século XX não é unânime. Autores como Antonio Jorge Soares tecem duras críticas ao livro. Segundo ele:

“Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas utilizou sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas sobre o futebol brasileiro. Construiu uma espécie de crônica-romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, no qual os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais que auxiliam a construir a identidade nacional.”³⁴

Enfatizando o tom narrativo do texto do cronista pernambucano, o estudioso acima citado identifica no trabalho grandes doses de ficção. Contudo, deve-se ressaltar que, apesar da forma como foi escrito e da utilização de eventos anedóticos, a análise não foi feita sem pesquisa prévia.

Na sua atividade cotidiana como cronista esportivo, ele teve contato com grande número de informações acerca do tema, sendo que, antes mesmo da composição do livro, já vinha desenvolvendo suas análises, como ele mesmo destacou na *Nota ao Leitor* da 1ª edição:

“*O Negro no Futebol Brasileiro* não me custou, evidentemente, apenas os cinco meses que levei para escreve-lo. Desde 42, quando iniciei em *O Globo* uma coluna diária, a que dei o nome de *Da Primeira Fila*, eu me preparava, sem o saber, é claro, para o trabalho aqui pronto em volume.”³⁵

Na construção de seus textos, Mario Filho recorreu a periódicos antigos, assim como a acervos pessoais e a bate-papos informais com antigos jogadores e dirigentes. Nessa medida, teve acesso a informações – não tão sistematizadas, haja vista o pouco rigor de suas pesquisas – que lhe apontaram para todo um universo de relações afetivas, de

³⁴ SOARES, Antonio Jorge. “História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”, 2001. p. 16.

³⁵ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003. p. 20.

companheirismo e de disputa que não constavam das páginas dos velhos jornais e da documentação dos clubes e entidades.

Ao adotar tal estratégia de pesquisa, pouco ortodoxa para época marcada pela visão de fonte histórica muito ligada aos papéis oficiais, o autor foi capaz de encontrar evidências referentes a toda uma rede de relações estabelecida em torno do futebol. Seu texto é, nessa medida, cheio de narrativas de casos pitorescos, porém bastante ilustrativos das alianças, tensões e disputas que perpassaram a trajetória daquela modalidade em seus primeiros cinquenta anos no Rio de Janeiro.

O Negro no Futebol Brasileiro representou novidade não só por introduzir a perspectiva analítica na abordagem do futebol. Ao lançar mão de fontes pouco utilizadas nos trabalhos com enfoque histórico, a obra apontou alguns caminhos que depois ganhariam força nos estudos do chamado *tempo presente*, como a incorporação de depoimentos orais.

Se por um lado esse livro se distanciou das produções relativas ao esporte e também daquelas mais voltadas para os Estudos Históricos, por outro apresentou equívocos recorrentes nesses e em outros tipos de trabalhos. Como o próprio título ressalta, a obra pretendeu realizar análise acerca do futebol brasileiro. Contudo, o autor desenvolveu sua pesquisa claramente centrada no caso carioca, apresentando apenas algumas referências a outras localidades. Mario Filho explicou da seguinte forma tal disparidade:

“Pude estudar, separadamente, várias épocas do futebol brasileiro, ou, melhor, do futebol carioca, cuja história não há de diferir, em essência, de nenhuma outra dos grandes centros esportivos do Brasil.”³⁶

Ao se justificar evocando a noção de regularidade do processo de introdução e desenvolvimento do desporto por todo país, o jornalista repetiu imprecisão comum a boa parte de nossa produção intelectual. Abordagens que tomam por nacional a análise dos casos referentes aos principais centros brasileiros são observadas de forma recorrente nas mais diversas áreas do conhecimento. Ao mais uma vez reproduzir tal engano, Mario Filho demonstrou dominar muito pouco as informações relativas à trajetória da modalidade em outras cidades ou, ainda, pretendeu construir a idéia de que haveria sido o Rio de Janeiro, como capital federal, a localidade-pólo responsável por ditar os passos da evolução daquela atividade atlética.

³⁶ RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003. p. 20.

Mesmo com essa perspectiva generalizante, *O Negro no Futebol Brasileiro* desenvolveu algumas análises que tiveram influência marcante na produção historiográfica posterior acerca do tema. O principal exemplo disso foi a demarcação temporal do desenvolvimento do futebol no país, proposta, ainda que não explicitamente, na obra. A divisão estabelecida pelo autor, que de certa forma já podia ser vista na bibliografia aqui classificada como Memória-História, até hoje orienta a maioria das pesquisas acerca dos primeiros cinquenta anos da modalidade, numa indicação tanto de sua consistência, quanto da falta de descoberta de novas evidências que possam relativizá-la.³⁷

Tal classificação não implica numa linha temporal. É possível identificar-se a idéia de interação, observando-se que o surgimento de um novo momento proporciona pressões, conflitos e transformações no outro. Nessa medida, a convivência de diferentes fenômenos relativos às etapas variadas é percebida em inúmeros casos.

Em linhas gerais, as fases propostas pelo autor delimitam-se da seguinte maneira:

- 1) introdução do futebol e prática restrita à elite, entre última década do século XIX e duas primeiras do XX;
- 2) popularização do futebol e surgimento do “amadorismo marrom”, ao longo dos anos 10 e 20;
- 3) advento do profissionalismo, a partir da década de 30,
- 4) e construção de associação entre identidade nacional e futebol, a partir do final dos anos 10 até fim do recorte do livro – década de 40 para a 1ª edição e de 60 para a 2ª edição.³⁸

A partir de tal delimitação temporal proposta, Mario Filho realizou o exame do desenvolvimento da prática do futebol no Rio de Janeiro, com especial atenção para as suas questões internas. Ou seja, em detrimento da exposição acerca da articulação da modalidade com o contexto da época, o autor analisou, principalmente, a dinâmica dos clubes e das entidades diretoras, as vivências dos jogadores e dos dirigentes e os conflitos e alianças estabelecidos entre os participantes daquele meio.

Inclusive por sua atuação como cronista esportivo e toda a vivência que teve em torno do futebol, o autor mostrou-se particularmente sensível às questões próprias

³⁷ Antonio Jorge Soares também comenta a falta de críticas na utilização de *O Negro no Futebol Brasileiro* pelos estudiosos do tema. Cf. SOARES, Antonio Jorge. “História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”, 2001.

³⁸ Além da 1ª edição de 1947, o livro ainda recebeu uma 2ª edição ampliada em 1964 e mais duas edições em 1994 e 2003, as quais não apresentaram mudanças.

daquela modalidade esportiva. Essa opção, ainda que o levasse a se deter mais nos eventos específicos da prática em sua trajetória no Rio de Janeiro, não fazia com que o tema fosse totalmente desvinculado de questões mais amplas.

Até mesmo pelo diálogo que Mario Filho estabeleceu com os debates intelectuais que se desenrolavam no país, quando ele escreveu sua principal obra, o tema da nacionalidade brasileira e os mecanismos de sua formação permearam todo o texto. Apesar de a análise partir sempre do caso do futebol, uma questão de fundo relativa à especificidade de nossa cultura e de nossa constituição social e étnica guiou toda a narrativa.

Ao longo do livro, a trajetória da inserção do negro no futebol brasileiro – leia-se carioca – foi identificada como processo permeado de conflitos e desvios. Segundo o autor, aqueles que não eram brancos foram vistos, inicialmente, como exceção no meio daquele esporte até então elitizado. Nesse momento, apenas alguns negros e mestiços com boa circulação na alta sociedade do Rio de Janeiro tiveram condição de participar dos clubes pioneiros. “Intromissão” que não passava, contudo, despercebida.

Com a conseqüente valorização da competência desportiva, ocorreu a entrada, ainda que indesejada por alguns, de jogadores de origem mais pobre nos quadros dos clubes menos tradicionais. Sendo que, dentre aqueles jogadores vindos das classes mais baixas, havia clara preferência pelos brancos em detrimento dos negros e mestiços, numa indicação do preconceito racial que vigorava no período. Tal alteração do padrão dos futebolistas conduzida pelas pequenas agremiações gerou inúmeras reações por parte das maiores associações e das entidades dirigentes, que criaram mecanismos para evitar a consolidação e o alastramento da tendência.

A partir de então, estabeleceu-se a divisão entre as visões acerca dos parâmetros para escolha dos componentes das equipes dos clubes. Entre os pequenos e menos tradicionais, a entrada de indivíduos pobres, negros e mestiços era tolerada e valorizada, na medida em que a presença desses significava vantagem para a agremiação nas competições. Já no meio das grandes e mais refinadas entidades a presença do grupo era rejeitada, tanto entre seus quadros, como nos das outras associações com as quais realizavam partidas.

A série de regras estabelecida pelas instituições dirigentes do futebol para afastar aqueles de extração social mais baixa era burlada por diversas manobras elaboradas pelos clubes que não concordavam com a proibição. Cada vez mais, a presença de jogadores de origem pobre, inclusive negros e mestiços, era sentida no meio

esportivo carioca. Muitos dos atletas passaram a obter vantagens financeiras para integrar as equipes e se dedicar mais exclusivamente à prática da modalidade.

Essa nova realidade mostrou-se incontrolável e o profissionalismo foi a opção encontrada para afastar os negros e os mestiços do convívio dos clubes, na medida em que eles deixavam a condição de membros da agremiação e tornavam-se empregados. A partir daquele momento, o futebol transformou-se, principalmente, em oportunidade de subsistência para os atletas de baixa origem social.

O período que se inaugurou com o advento do profissionalismo, foi de grande qualidade técnica e de crescimento do número de torcedores. A inclusão daqueles novos grupos sociais criou as condições para o desenvolvimento de um estilo nacional de jogo, já que as diferentes matizes étnicas passaram a conviver mais intensamente e permutar suas variadas habilidades corporais.

A Copa de 1950, disputada no país teria servido, caso houvesse sido vencida pelos brasileiros, para a afirmação definitiva da forma nacional de se praticar o futebol. Mas a derrota da seleção acabou por marcar o retorno da tendência de desvalorização do negro, considerado o culpado pelo fracasso. Seguiu-se, a essa decepção, um período de descrença na constituição da população do país, tida como fraca, física e psicologicamente, em comparação com os povos europeus.

Somente oito anos depois a situação se transformaria. A vitória na Copa de 1958, disputada na Suécia, permitiu não apenas a redenção do futebol nacional, mas também a afirmação da presença das diversas classes sociais no esporte. A necessidade da maior integração foi particularmente representada pela entrada, ao longo da competição, de Garrincha – um mestiço – e de Pelé – um negro – no selecionado brasileiro, mudança que implicou em melhora da performance do time e que foi tida como fundamental para a conquista do Mundial.

Sobre a construção da trajetória daquela modalidade esportiva elaborada por Mario Filho, Antonio Jorge Soares chamou a atenção para a revisão verificada entre a 1ª e a 2ª edições da obra. Segundo ele, o cronista pernambucano, desejando elaborar narrativa épica acerca da presença do negro no futebol nacional, inseriu alterações, de modo que, o fim dos anos quarenta, a princípio visto como momento de total integração racial foi reinterpretado. Na nova leitura, outros elementos de preconceito foram percebidos, com destaque para a já citada Copa de 1950.³⁹

³⁹ Cf. SOARES, Antonio Jorge. “História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”, 2001, p. 22-26.

Se por um lado, a transformação da interpretação realizada por Mario Filho pode ser indicativo da maior preocupação do autor com a construção de sua narrativa épica em detrimento do desenvolvimento da análise sociológica, por outro, pode evidenciar o amadurecimento de reflexões posteriores. Depois de acompanhar o desenrolar do processo, o cronista pernambucano teria sido capaz de empreender novas leituras.

Assim como Mario Filho, o crítico alemão Anatol Rosenfeld foi outro autor que pensou aquele esporte no país em meados do século XX. Ao longo do intervalo entre as duas edições de *O Negro no Futebol Brasileiro*, ele escreveu o artigo *Futebol no Brasil*⁴⁰. Trabalho, esse, com pretensões bem mais modestas que as do cronista esportivo pernambucano, já que realizava apenas um breve esboço histórico e uma pequena análise econômica e psicossocial da modalidade atlética.

Ao contrário de Mario Filho, Anatol Rosenfeld não tinha ligação muito estreita com o futebol, tendo atuação mais voltada para as artes, em especial o teatro. Contudo, como demonstraram outros textos que escreveu, parecia particularmente interessado na cultura nacional e em algumas de suas manifestações, como, por exemplo, as religiões afro-brasileiras.

Essa atenção que dispensava às peculiaridades da população local acabava por aproximá-lo dos debates que, há mais de vinte anos, desenrolavam-se no país. Os estudos que procuravam compreender o porquê das especificidades da cultura brasileira, a exemplo do que se havia assistido no caso de Mario Filho, serviram de ponto de partida para a construção do texto de Anatol Rosenfeld.

O crítico alemão, contudo, não realizou o mesmo trabalho empírico verificado em *O Negro no Futebol Brasileiro*. Para traçar o pequeno histórico do futebol nacional, que também pecava pela generalização, já que enfocava basicamente o caso paulista, o autor lançou mão das informações constantes na bibliografia que pode ser classificada como Memória-História.

Na parte de seu artigo dedicada ao exame da trajetória daquela modalidade esportiva, Anatol Rosenfeld iniciou sua narrativa com sucinta apresentação das atividades físicas no Brasil desde os tempos coloniais. Apenas, em seguida, desenvolveu

⁴⁰ Artigo, direcionado para os leitores alemães, originalmente publicado no anuário *Staden Jahrbuch*, do Instituto Hans Staden, no ano de 1956, sob o título *Das Fussballpiel in Brasilien*.

uma pequena história do futebol paulista, a qual se dividia em fases bastante similares às consagradas por Mario Filho em sua principal obra.⁴¹

A relação entre o crítico alemão e os debates intelectuais acerca da nacionalidade brasileira fica, contudo, mais clara, na segunda parte de seu texto, referente à análise econômica e psicossocial do futebol do país nos anos 50. Especialmente em seus exames sobre o envolvimento dos torcedores com os clubes, a construção da figura do ídolo, a associação entre essa prática atlética e os ritos afro-brasileiros, a catarse das massas e a liberação de euforia através do jogo; o diálogo com autores, tais como Gilberto Freyre, o qual é, inclusive, citado, mostrou-se de forma patente.

Se ao perceber o futebol como importante objeto de estudo para compreensão das especificidades do povo brasileiro, Anatol Rosenfeld se aproximou de Mario Filho, ao restringir sua reflexão a texto de tom mais ensaístico, com pequena utilização de evidências empíricas, o crítico alemão produziu uma análise bem menos impactante que a de seu contemporâneo. Nesse sentido, ainda que tenha apontado algumas possibilidades de exame daquele esporte, o artigo não representou grande influência para a produção posterior, até mesmo porque proposições similares já haviam sido desenvolvidas com maior refinamento pelo jornalista pernambucano.

1.2. Releituras da história do futebol brasileiro

Durante várias décadas *O Negro no Futebol Brasileiro* permaneceu como única obra analítica de maior consistência sobre o tema. Ao longo desse tempo, o livro consolidou-se como a principal referência para o debate do assunto. Os acontecimentos e as interpretações nele apresentados ganharam grande notoriedade entre as pessoas que tinham interesse por aquela modalidade esportiva.

Essa obra, ao lado de todo trabalho desenvolvido por cronistas esportivos, em suas atividades cotidianas nos periódicos, especialmente, do Rio de Janeiro e de São Paulo, contribuiu para a construção da visão do que seria um estilo nacional de se jogar o futebol. A criação da identidade brasileira em torno de tal esporte esteve fortemente vinculada a algumas idéias que foram expostas de forma mais elaborada no principal livro de Mario Filho.⁴²

⁴¹ Os títulos das seções do artigo de Anatol Rosenfeld são “Os inícios”, “Ascensão das massas” e “Revolução do jogo profissional”.

⁴² Cf. FRANZINI, Fábio. *As Raízes do País do Futebol*, 2000. p. 100-108.

Nessa perspectiva, apesar da falta de estudos que dessem continuidade aos seus debates, *O Negro no Futebol Brasileiro*, que teve sua versão definitiva lançada em 1964, com a 2ª edição, converteu-se em uma reconhecida referência ao longo dos anos subsequentes. Ainda que a história da modalidade não despertasse o interesse de novos pesquisadores, o livro alcançou público leitor significativo, afirmando-se como a grande fonte de informações sobre o assunto.

Se entre as décadas de 40 e 60, quando a obra foi escrita, por boa parte da intelectualidade nacional percebia o futebol como importante mecanismo de afirmação da brasilidade e de construção da integração cultural e étnica no país, ao longo dos anos 70, tal percepção sofreu uma transformação que teve como consequência a formulação de visão bastante negativa sobre esse esporte.

A implantação da ditadura militar no país, com o consequente acirramento das lutas políticas, aliada à transformação do cenário intelectual nacional, marcada pela maior presença das interpretações marxistas e estruturalistas, tiveram considerável relação com a constituição da nova percepção do lugar dessa modalidade atlética na sociedade brasileira. Respondendo, inclusive, a algumas atitudes de setores do governo federal, que passaram a estabelecer controle mais direto sobre o esporte e retomando idéias veiculadas por antigos militantes de esquerda, a noção de que o futebol era mecanismo de alienação da população ganhou força naquele período de cerceamento das liberdades.

Embora a conclusão da versão final de *O Negro no Futebol Brasileiro*, em 1964, fornecesse subsídios para o desenvolvimento de novas pesquisas em torno do tema, a emergência da visão negativa sobre o esporte no meio intelectual nacional era fator de desvalorização do assunto como objeto de estudo. Nessa medida, nenhum trabalho em torno de tal modalidade atlética foi realizado até o final da década de 70.

O que se assistiu ao longo do período de ausência de publicações foi a divulgação da idéia do futebol como o “ópio do povo”, numa alusão às interpretações de Karl Marx acerca da influência negativa da religião sobre a constituição da consciência de classe. Apesar da ausência de publicações que representassem essa percepção, sua ressonância foi considerável ao longo dos anos mais difíceis da ditadura militar, como demonstraram comentários posteriores.⁴³

Curiosamente, no momento em que começaram a ser lançados livros que defendiam uma percepção antagonista do futebol, algumas pesquisas que procuravam

⁴³ DAMATTA, Roberto [et alli]. *Universo do Futebol*, 1982. p. 21-22.

desconstruir a interpretação que via tal modalidade como instrumento de alienação já estavam em andamento. Assim, a veiculação desses textos que apontavam para perspectivas opostas foi quase que contemporânea.

Dentre a produção ligada à linha que via no futebol influência negativa para o desenvolvimento da sociedade brasileira, havia trabalhos que enfocavam tanto o tempo presente quanto o passado desse esporte. Como exemplo do primeiro caso, pode-se citar o livro *Futebol: ideologia do poder*, de Roberto Ramos, lançado em 1984. No texto, o autor examinou de que forma a divulgação das notícias sobre aquela modalidade atlética nos jornais gaúchos era supervalorizada em detrimento dos artigos voltados para a política e a economia. Com isso, o escritor procurava evidenciar o interesse da imprensa em desviar a atenção dos leitores e afastá-los dos debates mais importantes para a formação da consciência de classe.

No que se refere às análises acerca da trajetória do futebol no país, o livro *História Política do Futebol Brasileiro*, do historiador Joel Rufino dos Santos, publicado em 1981, é o maior representante da visão negativa em torno do papel do esporte. Por meio de um texto sucinto, o autor se propõe a examinar todo o percurso de tal modalidade atlética no Brasil, que correspondia, então, a mais de oitenta anos.

Para a confecção do texto, o autor baseou-se, principalmente, em bibliografia sobre o tema, não tendo realizado qualquer tipo de pesquisa com fontes primárias. Dentre os livros consultados, *O Negro no Futebol Brasileiro* ocupa lugar de destaque, sendo a maior referência.

Ao longo do trabalho, que lança mão da noção do futebol como jogo estrangeiro, utilizado pelos setores oligárquicos como “ópio do povo”, uma série de acontecimentos abordada por Mario Filho em sua obra mais conhecida é destacada. A própria periodização adotada pelo autor remete ao mais famoso texto sobre o tema.⁴⁴

Se, na obra do cronista pernambucano, o processo de introdução dos pobres, negros e mestiços no meio do esporte era visto como fenômeno complexo, no qual elementos como exploração e preconceito conjugavam-se com possibilidades de ascensão social e vitórias pela competência técnica; no trabalho de Joel Rufino dos Santos apenas os primeiros aspectos mereceram destaque. Partindo do pressuposto já consolidado da influência negativa do futebol, o autor realizou uma releitura do livro de Mario Filho, assim como de outros eventos da trajetória daquela modalidade física, que

⁴⁴ As seções do livro de Joel Rufino dos Santos se intitulam: “Primeiro tempo: só inglês, grã-fino e branco” e “Segundo tempo: brasileiros, pobres e pretos vão entrar em campo. *Sorry*”.

corroboravam a visão crítica da prática atlética como instrumento de alienação das massas.

Nessa perspectiva, acontecimentos como o trágico fim da carreira do jogador Fausto, que sempre manteve postura contestadora, serviam de evidência para a impossibilidade de construção de uma convivência democrática no meio do futebol. A utilização política do esporte pelo Estado foi outro aspecto bastante valorizado no livro, com o exame de diversos eventos ao longo da trajetória da modalidade atlética no Brasil.

Prendendo-se a estrutura por demais rígida e abdicando de cuidadoso trabalho com as fontes, Joel Rufino dos Santos construiu uma releitura da história do futebol no país que se mostrou frágil. Ignorando, em vários momentos, as vivências dos diversos envolvidos com o esporte, o autor não foi capaz de elaborar narrativa que incorporasse a complexidade que perpassa a trajetória dessa modalidade atlética, desconsiderando uma das principais vantagens do texto de Mario Filho.

Muito voltado para os temas mais amplos da realidade nacional, Joel Rufino dos Santos acabou por desconsiderar, em diversas ocasiões, as questões internas da trajetória daquele esporte, não percebendo que ele se inseriu em uma dinâmica própria, ainda que articulada com outras esferas. Apesar disso, o texto teve o mérito de indicar a estreita relação entre o futebol e a vida política brasileira, revelando possibilidades futuras de pesquisa.

Quando o trabalho foi publicado, no início dos anos 80, aquela modalidade esportiva já vinha conquistando seu espaço como tema das Ciências Humanas. Desde o final da década passada, alguns estudos pioneiros começaram a tratar o futebol como objeto acadêmico. O novo grupo de interessados pelo assunto partia de uma perspectiva que se distanciava da visão de tal prática atlética como instrumento de alienação. Em suas pesquisas, mais voltadas para a realidade presente daquele esporte, eles vinculavam-se às transformações da sociologia e da antropologia, explorando outros horizontes conceituais e afastando-se do estruturalismo que havia dominado os últimos 20 anos.

Trabalhos que enfocavam as múltiplas possibilidades de apropriação ideológica do futebol ou a relação dos moradores do subúrbio carioca com aquela modalidade atlética eram alguns exemplos das frentes de pesquisa que foram desenvolvidas no período.⁴⁵ Apesar de não se voltarem especialmente para a abordagem histórica, certos

⁴⁵ NEVES, Luiz Felipe Baeta. “Na Zona do Agrião” e GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA, Roberto [et alli]. *Universo do Futebol*, 1982. p. 43-74.

estudos atentavam-se para a trajetória desse esporte no país, como foi o caso do realizado por Arno Vogel, que examinava as relações daquela atividade física com a construção da identidade nacional.⁴⁶

Todos os estudos acima citados foram apresentados sob forma de artigo no livro *Universo do Futebol*, publicado em 1982 e organizado por Roberto DaMatta. Tendo como eixo comum a busca da desconstrução da idéia do instrumento de alienação das massas, os textos analisaram objetos bem diferentes entre si. Responsável pela abertura da coletânea, o antropólogo autor de *Carnavais, Malandros e Heróis* realizou um exame daquele esporte ancorado na noção de ritual.

Nesse e em outros artigos que escreveu⁴⁷, Roberto DaMatta sempre lançou mão de informações disponíveis em bibliografia sobre o tema, não fazendo uso de dados levantados através de pesquisa empírica. Dentre os livros consultados, *O Negro no Futebol Brasileiro*, a exemplo do que se viu no caso de Joel Rufino dos Santos, surgiu como a principal referência. Partindo, no entanto, de pressuposto bem diverso, o antropólogo mineiro fez uma releitura dos eventos e das análises apresentadas por Mario Filho que apontou para direção muito diferente.

Compreendendo o esporte como fenômeno do mundo moderno, o autor desenvolveu a idéia de dramatização da sociedade brasileira através do futebol, destacando o forte caráter democrático da atividade. Sua visão, em comparação com aquela apresentada por Joel Rufino dos Santos, o aproxima mais da perspectiva adotada por Mario Filho. Apesar disso, ao não buscar novas evidências empíricas, o antropólogo perpassou os mesmos eventos já consagrados pela bibliografia anterior, o que enfraqueceu seu argumento.

Se, em alguns pontos de suas releituras da história do futebol brasileiro, Roberto DaMatta e Joel Rufino dos Santos se afastaram, em outros aspectos, aproximaram-se. A ausência de um trabalho de coleta de dados fez com que ambos cometessem os mesmos erros que marcaram a análise apresentada por Mario Filho, em certa medida, agravando-os.⁴⁸ Desatentos à pluralidade das trajetórias regionais dessa prática esportiva no país, os autores apresentaram a idéia de regularidade do processo.

⁴⁶ VOGEL, Arno. "O Momento Feliz". In: DAMATTA, Roberto [et alli]. *Universo do Futebol*, 1982. p. 75-115.

⁴⁷ Deve-se destacar o texto DAMATTA, Roberto. "Antropologia do óbvio", 1994.

⁴⁸ Antonio Jorge Soares também analisou utilizações posteriores de *O Negro no Futebol Brasileiro* por estudiosos do esporte nacional, chamados por ele de "novos narradores", os quais, em suas leituras pouco criteriosas, acabaram por aprofundar e consagrar equívocos cometidos por Mario Filho. Cf. SOARES, Antonio Jorge. "História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro", 2001.

Seus exames não foram, assim, além dos limites das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Mais uma vez foi expressa a noção de futebol nacional identificado apenas com os grandes centros do Brasil. Ao ignorar as diversidades do desenvolvimento de tal esporte no país, esses autores estabeleceram suas análises sob bases bastante frágeis. Ainda que apresentassem algumas possibilidades de abordagem, seus trabalhos pouco contribuíram para a historiografia do tema.

Se ao escrever *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mario Filho apresentou como grande novidade a perspectiva analítica em torno da trajetória do futebol no país, vinculando a problematização do objeto a uma ampla pesquisa empírica, seus leitores, ao longo das décadas de 70 e início da de 80, não se atentaram para a lição deixada pelo autor: a da necessidade do diálogo entre a teoria e as evidências. Ainda que apontassem para novas possibilidades de abordagem, esses estudiosos, ao partir apenas de questões conceituais, acabaram por se limitar ao debate de temas já explorados e, pior, por incorrer em erros cometidos pelo cronista esportivo.

Mesmo sem introduzir contribuições mais significativas no que diz respeito à crítica da produção já consagrada sobre o tema, a publicação desses textos apontou para a nova realidade que estava por vir, a qual evidenciava o crescimento gradual do interesse e das pesquisas sobre o futebol a partir de uma perspectiva das Ciências Humanas.

1.3. Consolidação do futebol como tema acadêmico

A publicação da coletânea *Universo do Futebol* evidenciou uma tendência que se verificava nas Ciências Sociais brasileiras. Se o texto do organizador Roberto DaMatta não era resultado de trabalho mais aprofundado sobre o tema, os demais artigos eram todos relacionados a pesquisas desenvolvidas em cursos de pós-graduação. Em meio a essa área das Humanidades, o assunto aos poucos ia conquistando espaço, com a diversificação das abordagens adotadas nos estudos.

Dentre os enfoques utilizados nos trabalhos com o tema, figurava a perspectiva mais voltada para a trajetória do futebol no Brasil, com especial atenção para o seu processo de introdução. Assim, antes mesmo que o objeto fosse incorporado ao campo da História, pesquisas das Ciências Sociais já lançavam seu olhar sobre o passado daquele esporte.

Os estudos pioneiros estavam bastante ligados aos debates empreendidos principalmente na sociologia. As conexões entre o futebol, as relações de trabalho e as

identidades de classe foram particularmente caras aos primeiros pesquisadores que realizaram exame mais histórico em torno do objeto. Dessa maneira, a partir da discussão que já vinha sendo desenvolvida em seu campo do saber, os cientistas sociais propuseram-se a analisar o esporte e deram início à possibilidade de abordagem que se consolidou nos anos seguintes.

Até mesmo pela forma como a sociologia realiza suas pesquisas, tais estudiosos optaram por fazer uso maior dos conceitos e dos debates teóricos, em detrimento do exame empírico. Dessa maneira, no avanço da discussão em torno da trajetória do futebol no Brasil que se observou, a análise social prevalecia sobre a apresentação de novas evidências.

Dentre os textos produzidos nesse momento de consolidação do futebol como objeto de estudo das Ciências Sociais, *Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*⁴⁹ de Waldenyr Caldas é o que mais se destaca. No livro, o autor enfocou, principalmente, o advento do profissionalismo, com ênfase no caso paulista e, secundariamente, tratando o Rio de Janeiro. Apresentando pesquisa empírica, mas baseando-se, especialmente, na bibliografia já produzida sobre o tema, inclusive aquela aqui chamada de Memória-História, o sociólogo conseguiu trazer novas análises acerca da trajetória inicial dessa modalidade atlética no país.

Tendo como maior preocupação o exame do processo que culminou na implementação do profissionalismo entre os clubes de futebol no Brasil, Waldenyr Caldas desenvolveu análise que evidenciou os diversos conflitos e arranjos políticos que se desenrolaram entre as entidades dirigentes paulistas e cariocas. Se em *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mario Filho deteve-se, particularmente, sobre os aspectos sociais da história daquele esporte no Rio de Janeiro, em *Pontapé Inicial*, o sociólogo paulista preocupou-se mais com as questões institucionais e as disputas de poder que cercaram o fim do amadorismo no país.

Embora abordem objetos diferentes, os dois livros se aproximam em diversos momentos. A recorrência de análises desenvolvidas por Mario Filho é perceptível no trabalho de Waldenyr Caldas, como, por exemplo, na periodização adotada por ele. Novamente, as fases consolidadas pela pesquisa do cronista esportivo se repetem. Outra semelhança diz respeito à generalização empreendida pelo sociólogo, que trata os casos paulistas e cariocas como representantes de uma tendência nacional.

⁴⁹ Publicação de tese de livre-docência.

Ao adotar perspectiva mais teórica no trabalho com o tema, o autor a empreender um esquema modelar, apesar da pesquisa empírica desenvolvida. Primando pela noção de regularidade dos processos, *Pontapé Inicial* evidenciou novos elementos relativos à trajetória do futebol no Brasil, ao mesmo tempo em que manteve categorizações e erros já vistos na bibliografia anterior. Partindo de olhar próprio da sociologia, o estudo ainda apontou para a menor valorização do exame das fontes primárias como caminho para avançar nas discussões sobre o assunto.

O exame do futebol vinculado aos temas do trabalho e das classes sociais foi uma perspectiva de pesquisa que se manteve ao longo dos anos, constituindo tendência recorrente. Se a princípio foi utilizada em estudos ligados à sociologia – como no caso das análises desenvolvidas por Fátima Antunes⁵⁰ –, com a maior inserção do esporte como objeto da História, passou também a ser adotada nesse campo.

Dentre os trabalhos de pós-graduação que fizeram uso de tal enfoque, pode-se citar *Bola na Rede: O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo à profissionalização* de Eliazar João da Silva.⁵¹ Esse estudo, que se propôs a cobrir período compreendido entre a introdução da modalidade no país e a implementação do regime profissional, ao contrário do que se viu em diversos textos, teve o cuidado de não cair no erro da generalização espacial. Atento às particularidades regionais, o autor não tomou os casos do Rio de Janeiro e de São Paulo como nacionais.

Até mesmo por cobrir amplo recorte temporal, em se tratando do caso de uma dissertação de mestrado em História, o autor não pôde realizar pesquisa empírica que englobasse todo o processo. Nessa medida, realizou levantamento pontual, investigando, de forma mais detida, documentação do Clube de Regatas Vasco da Gama e jornais de São Paulo. Tal coleta de dados possibilitou a Eliazar João da Silva o apontamento de eventos até então não abordados, mas não foi suficiente para que ele propusesse a revisão da periodização consagrada por Mario Filho, a qual foi adotada em seu texto.⁵²

Revelando um estilo diferente de desenvolver o estudo em comparação às Ciências Sociais, a abordagem do processo de profissionalização do futebol empreendida na dissertação revela maior atenção às nuances dos múltiplos eventos que

⁵⁰ Autora da dissertação ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*, defendida em 1992, na USP e de outros textos acerca da prática do futebol em fábricas.

⁵¹ Dissertação defendida em 2000, na Unesp-Assis.

⁵² A divisão dos capítulos da dissertação de Eliazar João da Silva é a seguinte: Capítulo 2 – Primeiro Tempo: A inserção do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, Capítulo 3 – Intervalo de Jogo: A popularização do futebol, Capítulo 4 – Segundo Tempo: A transição do futebol como esporte amador ao esporte profissional e Capítulo 5 – Prorrogação: A profissionalização do futebol.

permearam tal transição. Afastando-se da perspectiva mais modelar, embora caísse em algumas generalizações, como a construção de clara definição entre o esporte da elite e o popular, *Bola na Rede* evidenciou, mais uma vez, as possibilidades decorrentes de um olhar oriundo da História, a qual apresenta equilíbrio particular no trabalho com as fontes e com a teoria.

A própria trajetória vivenciada pelos estudos acerca do futebol evidenciou a propensão à interdisciplinaridade que eles possuem. Tema de introdução recente em todas as Ciências Humanas, essa modalidade configurou-se, por muito tempo, em objeto restrito aos campos da Saúde e da Educação Física. Sem tradição estabelecida nas áreas do saber mais voltadas para as sociedades, o assunto sempre ocupou posição de fronteira.

Nessa medida, estudos sociológicos atentos a debates históricos, análises de relações de comunicação e interação preocupadas com pressupostos da antropologia, são apenas alguns dos exemplos que se verificaram e que continuarão a marcar a produção acadêmica sobre o tema. De tal forma, ainda que falando de um lugar específico, o qual se identifica, principalmente, com o campo das Ciências Humanas, os trabalhos acerca do futebol, constantemente, evidenciam a tendência da busca do diálogo e da percepção do que tem sido escrito nas demais áreas do conhecimento.

Tal perspectiva de interação também pode ser notada no que diz respeito à definição dos temas de pesquisa. Sem a existência de grandes teóricos voltados para o assunto e com a constituição de um fórum de estudos acerca do futebol ainda em andamento, com pequeno número de grupos e seminários dedicados ao objeto, muitos trabalhos procuraram estabelecer diálogos com debates mais amplos das Ciências Humanas e da História.

O caso dos estudos voltados para a questão do trabalho e das classes sociais é exemplo disso. Da mesma forma, é interessante perceber a relação do tema com os debates acerca da cidade e da cultura. Como destacou Luiz Henrique de Toledo, a introdução do assunto nas Ciências Humanas brasileiras se deu por meio das pesquisas dedicadas aos centros urbanos.

Também no campo da História as discussões acerca da trajetória das cidades mostraram-se bastante conectadas com os estudos em torno do desenvolvimento da prática futebolística no país. Não demorou muito tempo para que os pesquisadores percebessem a ligação entre as temáticas e comesçassem a produzir reflexões sobre ela.

Um artigo que se transformou em referência de tal perspectiva de análise foi *Futebol, metrópoles e desatinos*, de Nicolau Sevcenko.⁵³ Nesse texto ensaístico – baseado apenas em bibliografia inglesa sobre o esporte e nas pesquisas do historiador acerca da literatura e das culturas urbanas – o autor abordou as relações entre o futebol, a revolução científico-tecnológica e o surgimento das metrópoles no país.

Embora tenha trazido poucas novidades no que diz respeito à trajetória da modalidade no Brasil, o autor apresentou, em seu texto, algumas discussões importantes para a afirmação da relevância do futebol no contexto de transformação dos centros urbanos nacionais. Apontando as relações entre os novos ritmos e formas de organização da vida na cidade moderna e as diferentes maneiras de apropriação do corpo envolvidas no esporte, esse historiador indicou possibilidades de pesquisa, as quais já foram e vêm sendo desenvolvidas no presente.

Assim como se viu no caso dos estudos que enfocam a questão do trabalho e das classes sociais, as relações do futebol com as culturas urbanas e as identidades sociais também mereceram grande atenção de diversos pesquisadores, constituindo-se numa outra perspectiva de abordagem sobre o tema.

Antes mesmo da publicação do texto de Nicolau Sevcenko, uma dissertação já havia desenvolvido esse viés. Foi o trabalho *Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916*, da autoria de Plínio José Labriola de Campos Negreiros, pesquisa pioneira sobre o tema nas pós-graduações em História.⁵⁴ Tal estudo examinou com maior ênfase a construção dos laços identitários entre os membros do *Corinthians* e sua relação com a *Liga* paulista e os clubes mais tradicionais. Além disso, ainda desenvolveu alguns debates acerca das relações entre aquela modalidade atlética e o contexto da cidade na década de 10.

Realizando trabalho com fontes primárias, como atas, memórias e, especialmente, jornais, Plínio Negreiros apresentou novas evidências acerca das disputas entre as agremiações mais tradicionais do futebol paulista e as novas forças que emergiram com a introdução de outros grupos sociais no meio esportivo. Sem cometer generalizações e atento às especificidades regionais, o autor estabeleceu várias conexões entre o desenvolvimento da modalidade e o contexto da cidade. A falta de discussões sobre a trajetória dessa prática atlética em outras partes do país fez, contudo, com que seu trabalho dialogasse pouco com a produção já consagrada sobre o tema.

⁵³ Publicado na *Revista USP*, n. 22, Jun-Ago/1994.

⁵⁴ Dissertação de Mestrado em História defendida em 1992, na PUC-SP.

Se a adoção de uma perspectiva histórica nos textos acadêmicos sobre o futebol esteve bastante vinculada aos estudos das Ciências Sociais, não foi apenas nessa área que tal abordagem interdisciplinar pôde ser observada. Campos do saber como a Comunicação Social e a Geografia também empreenderam pesquisas com tal enfoque. Nesse segundo caso, merecem destaque as discussões desenvolvidas por Gilmar Mascarenhas de Jesus.

Esse geógrafo, demonstrando cuidado próprio da área a partir da qual realiza seus estudos, procurou analisar as diversidades regionais durante a fase de introdução do futebol em algumas das principais capitais brasileiras. Em seu artigo *Futebol e Modernidade no Brasil*⁵⁵, ele apontou para a pequena articulação entre os fenômenos de implantação daquela modalidade esportiva nas diferentes localidades, com a ausência de influências entre as cidades. Segundo ele, o que se observou foi o desenvolvimento da atividade atlética orientado pelas condições sócio-econômicas fornecidas por cada lugar em particular, com destaque para os centros urbanos com maior presença de estrangeiros.

Com a maior consolidação do futebol como objeto das Ciências Humanas, trabalhos históricos acerca do tema têm sido desenvolvidos em diversos programas de pós-graduação, atingindo maior quantidade de regiões do país. Dentro desse processo, pesquisas que enfocam localidades até então pouco examinadas começam a ser realizadas. Uma representante de tal tendência é a dissertação *Belo Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897 – 1927)*, de Euclides de Freitas Couto.⁵⁶

Esse trabalho teve como principal objeto as relações identitárias construídas em torno do *América*, do *Atlético* e do *Palestra Itália* – os quais se tornaram os principais clubes belo-horizontinos na atualidade. Fazendo uso de fontes impressas – Memórias-História do esporte da capital mineira e memórias de antigos moradores – e recorrendo, de forma esparsa, a alguns periódicos da época e a depoimentos orais, tal pesquisa teve o mérito de examinar território quase que inexplorado, a saber, o do esporte dessa cidade.

Embora tenha trabalhado com número restrito de evidências, até mesmo em função de desenvolver o trabalho em um curso de pós-graduação em Ciências Sociais, Euclides de Freitas Couto pôde revelar algumas particularidades do futebol belo-horizontino em relação a outras cidades do país. Contrariando a idéia de regularidade

⁵⁵ JESUS, Gilmar Mascarenhas de. “Futebol e Modernidade no Brasil”, 1998.

⁵⁶ Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais defendida em 2003, na PUC-Minas.

apresentada em obras consagradas, a adoção da perspectiva regional revela incontáveis especificidades das diferentes trajetórias daquela modalidade atlética.

Iniciativas como essa apontam, assim, para a importância de estudos nos diversos centros brasileiros, como forma de melhor dimensionar e de enriquecer a compreensão do processo de inserção e desenvolvimento do futebol no Brasil. Apenas com o exame de novas evidências parece ser possível avaliar até que ponto uma regularidade é ou não plausível na trajetória do esporte, sendo que o campo da História ocupa papel de destaque na realização de tal tipo de pesquisa.

Ao longo da consolidação da produção acadêmica acerca do tema, outro enfoque abordado em vários trabalhos foi aquele ligado à questão da identidade nacional. Relação percebida já por Mario Filho, o qual foi, inclusive, responsável por consagrar alguns eventos como chaves para a compreensão do processo de formação de sentimentos patrióticos em torno da modalidade, tal perspectiva de análise tem sido desenvolvida de modo a trazer novas evidências para o debate sobre o assunto.

Como estudo representativo desse viés pode-se citar *As Raízes do País do Futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*, de Fábio Franzini.⁵⁷ Em tal trabalho, o autor retomou marcos já delimitados pelo cronista esportivo, a saber, o Sul-Americano do Rio de Janeiro de 1919 e a Copa do Mundo do Brasil de 1950. Apesar disso, o historiador demonstrou-se atento e não adotou a periodização de forma ingênua.

Realizando pesquisa empírica baseada, principalmente, em depoimentos e periódicos e mostrando-se ciente dos debates teóricos tanto relativos ao nacionalismo, quanto à produção bibliográfica sobre o seu objeto de estudo, Fábio Franzini pôde elaborar a crítica das análises anteriormente elaboradas. Nessa perspectiva, abordou, em um dos capítulos de sua dissertação, as ligações entre Gilberto Freyre e o autor de *O Negro no Futebol Brasileiro*, assim como a criação da idéia da forma brasileira de se jogar o futebol empreendida, especialmente, por Mario Filho, em seus inúmeros textos e livros.

1.4. Os recentes estudos e suas contribuições para a revisão dos modelos analíticos passados

Se, por muito tempo, os trabalhos escritos sobre o futebol não se mostraram capazes de avançar nas discussões propostas pelos estudos pioneiros do tema – com

⁵⁷ Dissertação de mestrado em História Social defendida na USP, em 2000, sob orientação de Nicolau Sevcenko.

especial destaque para a obra de Mario Filho –, a partir da década de 90, inúmeras pesquisas têm trazido elementos importantes para a crítica consistente daquela produção.

Estudos desenvolvidos, majoritariamente, no âmbito dos programas de pós-graduação nas diversas áreas das Ciências Humanas e da Educação Física, esses trabalhos contribuem com a divulgação de novos dados e análises que permitem o aprofundamento do debate sobre a trajetória do futebol no Brasil. Muito mais do que desacreditar os modelos construídos no passado, as pesquisas têm possibilitado uma revisão que, em alguns casos, corrobora as proposições anteriormente apresentadas.

A força das análises desenvolvidas em *O Negro no Futebol Brasileiro* é inegável. Tanto é que, ainda hoje, uma série de categorizações veiculadas na obra permanece orientando as pesquisas em torno do tema. Contudo, em muitos casos, alguns equívocos presentes no referido livro foram repetidos por aqueles que se propuseram a examinar a história daquele esporte no país.

A elevação à condição de modelos nacionais de processos que são marcadamente locais, talvez, seja o maior problema dos erros repetidos ao longo de boa parte da produção acerca do assunto. Cometendo generalização grosseira que não é exclusividade dos trabalhos sobre futebol, muitos autores trataram os casos do Rio de Janeiro e de São Paulo como síntese da realidade brasileira.

Tal falta de critério, que muitas vezes foi ocasionada pela crença na tendência regular do desenvolvimento do futebol no Brasil, pautada na perspectiva teórica de cunho estruturalista, passou a não ter mais espaço, especialmente nos Estudos Históricos, com a emergência de pesquisas de caráter regional. Atentos para as múltiplas especificidades existentes nas várias partes do país, os autores mais recentes têm tomado maior cuidado ao lidar com o tema. Trabalhos voltados para localidades, até então, pouco contempladas pelas análises têm revelado a fragilidade da generalização territorial, apresentando trajetórias diversas vivenciadas por esse esporte.

Há algum tempo, a tendência de tratar casos locais como nacionais já deixou de ser habitual na historiografia do futebol brasileiro. Por outro lado, a recorrência da periodização clássica sobre o desenvolvimento do esporte ainda é verificada na maioria das pesquisas sobre o tema. A permanência de tal demarcação temporal demonstra, inegavelmente, a consistência que essa classificação possui. Contudo, a falta de trabalho empírico por parte dos estudiosos do assunto também é responsável pela ausência de críticas em torno de tal divisão.

Ainda que em inúmeras ocasiões a periodização consolidada por Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro* tenha se mostrado consistente, até mesmo pelo fato de ser uma análise restrita ao caso carioca, é necessária a problematização das fases delineadas pelo cronista esportivo. Para confirmar as possibilidades de revisão de tal modelo de divisão, pode-se citar dois exemplos de pesquisas que se mostraram capazes de relativizar a cronologia consagrada.

No livro *Visão do Jogo – primórdios do futebol no Brasil*, de 2002, o historiador José Moraes do Santos Neto, dentre outros assuntos, examinou a inserção do futebol em colégios jesuítas do interior de São Paulo, em fins do século XIX. Cruzando as documentações dessas instituições de ensino com as referências aos primeiros clubes e seus integrantes, ele pôde perceber a participação de ex-alunos no processo de introdução daquela modalidade atlética na cidade de São Paulo. Assim, tornou-se possível relativizar a idéia de que o pioneirismo no esporte estava ligado ao contato de estudantes com a prática no exterior, especialmente na Inglaterra e na Suíça.

Exemplo ainda mais interessante é o do estudo *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*, de Leonardo Pereira⁵⁸, o qual considero o principal trabalho no tema desde a principal obra de Mario Filho. O texto foi construído a partir de uma profunda pesquisa empírica, com consulta a fontes da *Secretária de Polícia do Distrito Federal*, processos judiciais, livros de atas de vários clubes, além de jornais, memórias e obras literárias. De posse das evidências, o historiador da Unicamp desenvolveu análises em torno de diversos aspectos e momentos do futebol na cidade do Rio de Janeiro.

Destaca-se, particularmente, seu exame do processo de popularização do esporte na então capital federal. Nessa seção do texto, ele apresentou importante avanço frente ao trabalho de Mario Filho, mostrando que tal prática atlética se espalhou por diversos grupos bem antes do que o jornalista pernambucano pensava. A chegada a tal conclusão esteve bastante ligada a uma escolha de documentos.

Como já ressaltado, a constituição de *O Negro no Futebol Brasileiro* foi, em grande parte, embasada em depoimentos orais e consulta a arquivos pessoais. Nessa medida, o cronista esportivo se deparou com a memória coletiva e seus esquecimentos, os quais ele acabou tomando como dados, sem os problematizar. Para melhor entender tal ponto, vejamos o que disse Leonardo Pereira sobre a percepção da inserção da prática futebolística entre as classes populares num momento inicial:

⁵⁸ Tese de Doutorado em História defendida na Unicamp, em 1998, sob orientação de Maria Clementina Pereira Cunha.

“Desconsiderando a prática do jogo por negros, operários e suburbanos excluídos de seu convívio, eles pensavam poder fazer das correrias em torno da bola um hábito exclusivo dos ‘verdadeiros *sportmen*’.”⁵⁹

Mario Filho conversou com reconhecidos *sportmen* do passado em suas entrevistas para a coluna *Da Primeira Fila*. Esse grupo específico, conforme ressaltou Leonardo Pereira na citação acima, tentou manter controle exclusivo sobre a prática do esporte, não reconhecendo a participação de outros sujeitos sociais na atividade, ao longo dos anos iniciais. Nessa medida, observam-se as possibilidades de um processo de construção coletiva, as quais foram percebidas pelo próprio cronista, quando chamou atenção para a idéia do saudosismo entre os atletas pioneiros. A memória compartilhada pelo conjunto de antigos adeptos, provavelmente, deve ter tido dificuldade em acolher a presença de diferentes indivíduos já tão cedo, em época que classificavam como a “dourada” do futebol.

Desse modo, apenas a partir do acesso a outras fontes – e aí se destaca a documentação da *Secretaria de Polícia do Distrito Federal* examinada por Leonardo Pereira, órgão responsável pela aprovação dos estatutos e regulamentação dos novos clubes e associações – tornou-se possível reconhecer a existência precoce de agremiações que não se restringiam aos grupos melhor situados sócio-economicamente na cidade do Rio de Janeiro. Segundo revelaram as evidências, na primeira década do século XX, já se podia encontrar entidades dedicadas ao futebol espalhadas pelos subúrbios cariocas.

Pesquisas recentes têm trazido, assim, importantes contribuições para a historiografia do tema. Esses avanços estão ligados, em boa medida, ao levantamento de novos dados documentais, os quais apontam para fenômenos até então não vislumbrados pelos estudos anteriores. Tal perspectiva de um trabalho empírico mais acurado também se liga a outra possibilidade de avanço dentro da produção sobre o assunto. Essa seria a percepção mais equilibrada das dinâmicas internas do futebol e de sua relação com o contexto no qual se desenvolveu.

Em muitas das pesquisas realizadas ao longo da historiografia que enfocou esse objeto, uma das maiores dificuldades encontradas pelos estudiosos foi a de conseguir desenvolver exame do tema que compreendesse as múltiplas conexões entre a trajetória do futebol e os demais processos. Na obra de Mario Filho, por exemplo, observa-se que

⁵⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. p. 73.

o autor se prendeu em diversos momentos a questões do esporte sem estabelecer relações com outras esferas do social.

Da mesma forma, muitos trabalhos com viés teórico ou com frágeis pesquisas empíricas acabaram por recorrer de forma demasiada a um exame do contexto histórico mais amplo, sem perceber as particularidades do objeto futebol. Tais estudos pecaram por reduzir a modalidade atlética aos condicionantes externos, sem vislumbrar a organização própria do *campo*.

As recentes pesquisas foram aquelas que chegaram mais próximo do difícil equilíbrio entre a análise das questões internas do objeto e as conexões com fenômenos sociais de maior alcance. Isso porque, apesar pautar-se em discussões mais abrangentes da História ou das Ciências Humanas em geral, fizeram uso de extensa base documental sobre o tema. Ainda que com avanços pontuais, próprios de um momento em que a produção intelectual se volta para o exame de processos menores, as pesquisas desenvolvidas a partir da introdução do futebol como assunto acadêmico têm trazido contribuições significativas para as discussões sobre a trajetória do esporte no país.

O investimento numa pesquisa empírica acurada e pautada nos debates, tanto da historiografia em geral, quanto da produção relativa ao futebol, parece ser a melhor iniciativa dos estudiosos do tema. Apresentando novos dados e buscando realizar análise que melhor conjugue seus múltiplos fatores, os futuros trabalhos serão capazes de evidenciar as especificidades do complexo processo que foi o do desenvolvimento dessa modalidade esportiva no país.

Capítulo 2 – O futebol em Belo Horizonte e a constituição do *campo esportivo*

Em 1904, Belo Horizonte vivenciava sua primeira década de existência. Havia se passado pouco mais de seis anos desde sua inauguração. Grande parte da população da jovem capital tinha suas origens, predominantemente, em outros locais do país e do exterior. Muito estava por ser feito, espaços vazios encontravam-se aos montes e a poeira das ruas, ainda sem calçamento, tomavam conta do lugar⁶⁰. Os laços de sociabilidade entre os habitantes eram muito tênues, raros eram os divertimentos públicos.

Nesse ano, uma nova iniciativa que procurava incrementar a vida social belo-horizontina surgia como opção, especialmente para os jovens do sexo masculino. Era o futebol, que, durante aquele inverno, começou a ser organizado pelo *Sport Club*, primeira agremiação do gênero na capital mineira.

Sem muitas experiências anteriores em torno da atividade física, a delimitação do que era a prática esportiva mostrava-se confusa entre a população local que, em outras ocasiões, já havia evidenciado ser pouco afeita a tal ramo de divertimento. Aliás, essa falta de entusiasmo, parecia ser característica dos moradores dali, os quais, por diversas vezes, não aderiram às iniciativas de construção de um convívio público mais intenso.

Nesse meio social refratário aos divertimentos ao ar livre, os entusiastas do futebol assumiram a responsabilidade pela divulgação das práticas e valores da novidade que era o esporte. Em suas atividades cotidianas, eles contribuíam para a construção de significados em torno daquela modalidade atlética, assim como para definição de seus elementos norteadores. Através de suas experiências compartilhadas em torno das atividades físicas, eles foram os principais agentes da constituição de um *campo esportivo* na jovem capital de Minas.

Numa cidade que não possuía tradição em exercícios ao ar livre, pode-se dizer a trajetória do futebol quase coincidiu com o desenvolvimento do novo *campo*. Paralelamente à sua consolidação observou-se a formação de aspectos específicos àquele ramo de divertimento que, cada vez mais, criava suas formas particulares de definição de regras e de distribuição de poder e prestígio.

⁶⁰ Cf. SENNA, Nelson C. de. *O cinqüentenário de Belo Horizonte*, 1948. p. 49.

Para que esse processo possa ser compreendido, é preciso, contudo, ater-se, inicialmente, às ações esportivas anteriores ao futebol. Ainda que escassas, elas foram pioneiras na implementação e na difusão de práticas e de valores relacionados à atividade atlética naquele período. Assim, um breve recuo aos tempos da construção e fundação de Belo Horizonte faz-se necessário.

2.1. Primeiras experiências e divulgação dos sentidos do esporte

O esporte belo-horizontino não vivenciou, até 1904, nenhum empreendimento de longa duração ou que lançasse mão de estrutura mais elaborada, como, por exemplo, a união de diversas agremiações em ligas. Até então, havia se assistido a formação de raras entidades cuja existência se limitou à realização de algumas reuniões de sócios, ou, no caso das mais prósperas, a poucos anos de vida.

Muito mais do que a promoção de exercícios atléticos, o que se viu durante a construção da nova capital e em seus primeiros anos foram ações que visavam criar organizações que se dedicariam ao esporte. Ainda no período da edificação da cidade uma agremiação desportiva foi idealizada. Era o *Club Sportivo 17 de Dezembro*, que, segundo Marilita Rodrigues:

“[...] foi fundado por um grupo de moços entusiastas ‘desse gênero de diversão’. Na sua diretoria eleita, estavam nomes de engenheiros ligados à CCNC [Comissão Construtora da Nova Capital].⁶¹

Essa entidade realizava corridas de cavalo em pista improvisada e teve curta duração. Contudo, a escolha do turfe indica a relação com a concepção de espaços destinados às práticas ao ar livre presentes na *Planta Geral* da nova capital.

Em seu projeto urbanístico, Belo Horizonte apresentava alguns espaços propícios para a realização das atividades atléticas, sendo que dois deles foram especialmente pensados para tal prática: uma área destinada à construção do Hipódromo, na zona suburbana⁶², e uma pista para corridas de bicicletas, dentro do Parque Municipal.⁶³ A existência desses locais serviu de estímulo para o esporte da cidade, já que foi justamente ali que as primeiras ações do tipo na capital recém-inaugurada desenvolveram-se.

⁶¹ RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade*, 2006. p. 100.

⁶² Cf. *Planta Geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte*.

⁶³ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/012 – *Os Desportes Antigos na Capital*.

Repetindo a tendência de criação de organizações que dessem bases à promoção dos exercícios, ainda em 1898, houve reunião cujo objetivo era a fundação de um clube de turfe na nova capital. O grupo que a ela compareceu tinha a intenção de instalar, em local definido na *Planta Geral*, um Prado de corridas, voltado para a atividade hípica. Idéia que, contudo, não foi levada adiante, segundo o memorialista de Belo Horizonte Abílio Barreto.⁶⁴

Seguindo a disposição de se aproveitar dos espaços esportivos planejados pela *Comissão Construtora da Nova Capital*, outro grupo se formou, agora dedicado ao ciclismo, que encontrou melhor acolhida entre a população local. Assim, ainda no primeiro ano de existência da então chamada Cidade de Minas, foi constituída uma agremiação voltada para a organização de corridas de bicicleta. Era o *Velo Club*, fundado em junho de 1898.⁶⁵ Tal entidade reuniu diversos entusiastas, especialmente pessoas que já possuíam esses veículos. O principal incentivador da criação do clube foi o engenheiro da CCNC, Fernando Esquerdo.

Logo após sua fundação, ela começou a organizar provas na pista do Parque Municipal. O espaço esportivo, construído junto com as obras daquela área verde, logo ficou conhecido como *Velo Club*, incorporando o nome da associação responsável pela gestão do ciclismo na cidade.⁶⁶

As provas incluíam a realização de páreos com jogo de apostas, num formato semelhante ao utilizado pelo turfe. Desse modo, o público se envolvia não só com a torcida por seus favoritos, mas também, com a possibilidade de conseguir alguma premiação em dinheiro para si.

A realização das corridas, predominantemente aos domingos, contava com outras atrações, como bandas de músicas.⁶⁷ Entre os concorrentes havia apenas homens, sendo a presença feminina restrita à platéia. Isso, contudo, não excluía a prática recreativa por parte delas, como evidenciaram crônicas da época.⁶⁸

Apesar da boa acolhida entre alguns moradores da capital, o ciclismo vivenciou trajetória de muitas interrupções, durante o final do século XIX e o início do XX. Mesmo que contasse com a presença do velódromo e da arquibancada, o Parque Municipal não apresentava estrutura capaz de receber grande público, lhe faltando mais

⁶⁴ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/012 – *Os Desportes Antigos na Capital*.

⁶⁵ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061.

⁶⁶ Cf. Festas do Centenário. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 8 de maio de 1900. p. 1.

⁶⁷ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/012 – *Os Desportes Antigos na Capital*.

⁶⁸ Cf. PERFIS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 14 de março de 1900. p. 1.

instalações, como bares e restaurantes, o que gerava críticas por parte dos jornalistas locais.⁶⁹

Nessa fase de constantes interrupções no funcionamento do *Velo Club* e, conseqüentemente, na realização das provas ciclísticas, a promoção de disputas beneficentes com a reversão de parte da renda das apostas para a implantação de alguma benfeitoria na cidade parecia ser o principal motivador para que o meio esportivo local se movimentasse. Na capital que, apesar de inaugurada, ainda possuía uma série de construções por fazer, a edificação de instalações de uso público mostrava-se causa capaz de mobilizar não só os poucos atletas, mas também, os habitantes de Belo Horizonte, que compareciam em bom número aos eventos.⁷⁰

Por volta de 1902, depois de inúmeras interrupções e retornos, as atividades do *Velo Club* encerraram-se definitivamente. A presença do ciclismo na cidade passou a ser sentida apenas em ocasiões eventuais, quando provas eram realizadas em meio a outras celebrações.⁷¹ Até o advento do futebol, essa seria a organização esportiva de maior êxito na capital mineira.

Após a extinção do *Velo Club*, assistiu-se somente a tentativas de constituição de associações esportivas. Seguindo indicação presente na *Planta Geral* da cidade, foi fundada, em 1902, uma sociedade denominada *Derby Mineiro*, que pretendia coordenar a construção do hipódromo da capital e explorar o lugar. Para isso, a empresa assinou contrato com a prefeitura que lhe garantia diversos benefícios em troca do compromisso de edificar e gerir o espaço. Apesar do início promissor, a iniciativa não se concretizou.⁷²

Dentro desse panorama, pode-se citar, ainda, a fundação do *Club Alpinista*, em 1904, agremiação que contava com importantes e influentes personalidades da cidade no período. Não há notícias, porém, de que a entidade que unia o caráter esportivo a intenções de pesquisa científica⁷³, tenha logrado seus objetivos.

Ainda que efêmera, a existência das experiências anteriores não pode ser ignorada quando se avalia a introdução do futebol na capital mineira. A memória recente da organização da atividade atlética teve importante papel em Belo Horizonte,

⁶⁹ Cf. BOHEMIOS, *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 20 de maio de 1900. p. 1.

⁷⁰ Cf. Festas do Centenario. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 6 de maio de 1900. p. 1; Festas do Centenario. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 8 de maio de 1900. p. 1; *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 10 de maio de 1900. p. 1 e Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/012 – *Os Desportes Antigos na Capital*.

⁷¹ Exemplo disso foi a prova ciclística organizada pelo clube carnavalesco *Progressistas* no ano de 1904. Cf. *A Epocha*, Belo Horizonte, 6 de novembro de 1904. p. 1.

⁷² Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/012 – *Os Desportes Antigos na Capital*.

⁷³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 6 de abril de 1904. p. 6.

apesar das realizações em torno desse tipo de divertimento terem sido pequenas em comparação a casos como o do Rio de Janeiro, que, no final do século XIX, já tinha vida esportiva garantida pelo turfe e pelo remo.⁷⁴

Em suas curtas trajetórias, as iniciativas que tiveram palco na cidade, entre o período da construção da nova capital e o surgimento dos primeiros clubes de futebol, delinearão algumas tendências que foram recorrentes em momentos posteriores. Em suas particularidades, essas entidades apontaram diferentes formas de se apropriar do esporte. Projetando sentidos ligados à visão da atividade física como modo de incrementar o meio social local, à perspectiva de exploração econômica de tal ramo de divertimento e ao desenvolvimento científico atrelado aos exercícios, as várias associações idealizadas evidenciaram inúmeras possibilidades de construção de significados em torno da prática atlética.

Elas não apenas procuraram efetivar os espaços esportivos projetados, em alguns casos, responsabilizando-se por sua implementação, como também chamaram a atenção da população local para as atividades ao ar livre. Isto é, introduziram a novidade da prática atlética na cidade.

Observando a conformação dos quadros de membros dos clubes esportivos pioneiros pode-se perceber tendência que se repetiu entre as primeiras agremiações de futebol: a participação predominante dos integrantes da elite sócio-econômica local. Entre os componentes de tal grupo estavam, inicialmente, os adeptos da atividade física.

Desse modo, ainda que sem maior continuidade, as primeiras iniciativas esportivas em Belo Horizonte representaram um referencial, tanto para a população local, quanto para os entusiastas do futebol no momento de introdução de tal modalidade. Compartilhando do conhecimento de tais ações e do pouco entusiasmo demonstrado pelos moradores da capital mineira para com elas, os primeiros clubes do novo gênero foram criados.

2.2. A implantação do futebol e a definição de seus aspectos iniciais em Belo Horizonte

Em 10 de julho de 1904, foi fundado o *Sport Club*⁷⁵, primeira agremiação dedicada à prática do futebol em Belo Horizonte. Segundo Abílio Barreto, já antes

⁷⁴ Cf. LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade*, 2001; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000 e RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003.

⁷⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de julho de 1904. p. 6.

disso, no dia 3 de maio, conversas para criação de tal associação haviam se iniciado, sob coordenação de Victor Serpa.⁷⁶

À criação da entidade pioneira seguiu-se o surgimento de outros clubes. Poucos meses depois, a partir de uma reunião realizada nas dependências do *Gymnasio Mineiro*⁷⁷, o *Plinio Football Club* foi fundado em 2 de outubro de 1904.⁷⁸ Naquele mesmo ano aparecerem mais três associações: o *Club Athletico Mineiro*, o *Mineiro Football Club* e o *Brazil Football Club*.⁷⁹

O futebol na cidade teve como seu principal incentivador o acadêmico de direito Victor Serpa, cujo perfil muito se aproximava do de outros importantes personagens da memória dessa modalidade atlética no Brasil. Assim como Charles Miller e Oscar Cox, que tiveram papel destacado na introdução daquele esporte, respectivamente, em São Paulo e no Rio de Janeiro⁸⁰, o carioca Victor Serpa havia realizado seus estudos no exterior, mais precisamente na Suíça.⁸¹

Tendo tomado contato com o futebol naquele país europeu, o acadêmico foi o maior incentivador da fundação, em novembro de 1903, do *Club Unionista de Football*, de Ouro Preto, cidade na qual se estabeleceu antes de se mudar para Belo Horizonte.⁸²

Apesar da semelhança verificada entre a trajetória de Victor Serpa e a dos seus pares paulistano e carioca, o perfil dos demais jogadores pioneiros da cidade divergia, em parte, daquele observado em outros centros. Ao contrário de casos como os do Rio de Janeiro e de São Paulo, a presença dos imigrantes e de seus descendentes não foi sentida com grande intensidade entre os clubes belo-horizontinos.

Além do acadêmico, dentre os sócios fundadores do *Sport Club* encontravam-se, por exemplo, o funcionário da Imprensa Oficial e tio daquele estudante Capitão Augusto Serpa; o comerciante Miguel Liebmann e o cirurgião-dentista Oscar Americano.⁸³ Essa constituição dos quadros da agremiação sintetizava o perfil

⁷⁶ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 Cx N° 36.

⁷⁷ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 e 4 de outubro de 1904. p. 6.

⁷⁸ Cf. SECCÃO ALHEIA. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 4 de novembro de 1904. p. 3.

⁷⁹ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 de outubro de 1904. p. 7; Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 de outubro de 1904. p. 7. e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 e 20 de dezembro de 1904. p. 8.

⁸⁰ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000; RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003; MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*, 1950 e SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo*, 2002.

⁸¹ Cf. SIMÕES, Leandro Ferreira. “O jornal e a bola: para onde foi a torcida?”, 1997. p. 183 e Fagulhas. *A Epocha*, Belo Horizonte, 16 de outubro de 1904. p. 2.

⁸² Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/029 – *O Passado Desportista da Capital*, O FOOTBALL EM OURO PRETO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 e 22 de novembro de 1904. p. 7 e DE OURO PRETO. *A Epocha*, Belo Horizonte, 29 de janeiro de 1905. p. 2.

⁸³ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1° de agosto de 1908. p. 7; *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de outubro de 1904. p. 7 e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 31 de janeiro de 1906. p. 3.

profissional dos seus membros. Todos eles eram pessoas ligadas a um grupo social mais restrito que gozava de algum prestígio na cidade. Esses nomes podiam ser encontrados na constituição de outras associações de destaque na capital mineira, como era o caso de Miguel Liebmann, o qual foi presidente do *Club dos Progressistas*⁸⁴, grêmio carnavalesco local, assim como participou do *Club Bello Horizonte*⁸⁵, de caráter social, responsável pela realização de elegantes bailes e festas.

Como se vê, o *Sport Club* era uma agremiação formada, principalmente, por homens feitos, que gozavam de reconhecimento no meio local. Em outros casos, como o do *Plinio Football Club*, segundo informou o memorialista Abílio Barreto, tal sociedade era composta por diversos alunos do *Gymnasio Mineiro*, local onde suas assembléias se realizavam. Ainda que mais jovens, seus membros integravam, no entanto, o mesmo grupo social do qual se originavam os membros da entidade pioneira do futebol na cidade.

Essa presença seletiva de membros não acontecia de forma totalmente aleatória, como evidencia a documentação dos clubes. No estatuto do *Sport Club* aprovado pelo chefe de polícia em 23 de agosto de 1904⁸⁶, condição necessária para a regularização de qualquer agremiação da época, a definição de alguns parâmetros para a admissão de seus sócios e as obrigações às quais eles ficavam submetidos eram apresentadas. Dentre tais resoluções, havia a seguinte:

“Art. 6º A admissão dos socio(sic) é de competencia da Directoria que no entanto observará o seguinte: deverá proceder a admissão dum socio que será proposto designando o seu proponente qual a categoria a que deseja pertencer, idade, profissão, nome, nacionalidade e residencia.”⁸⁷

O ingresso de novos membros dependia, desse modo, da indicação de alguém já pertencente à entidade, assim como da aprovação da diretoria, a qual contaria com o subsídio de informações a respeito da posição sócio-econômica do candidato. Tudo isso, garantia certa exclusividade aos integrantes da instituição que se tornava ainda mais restrita pela cobrança de uma jóia – espécie de cota de admissão – de 10\$000 e de mensalidades de 5\$000. Para se ter idéia da grandeza dos valores, eles eram semelhantes aos praticados, em 1905, pelos cariocas *Fluminense F. C.* e *Botafogo F. C.*,

⁸⁴ Cf. Festas e Diversões. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, 30 de abril e 1º de maio de 1906. p. 3.

⁸⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, 4 e 5 de junho de 1906. p. 4.

⁸⁶ Cf. SECCÃO ALHEIA. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, 21 de setembro de 1904. p. 15.

⁸⁷ SECCÃO ALHEIA. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, 21 de setembro de 1904. p. 15.

reconhecidamente, os clubes mais elegantes do Distrito Federal.⁸⁸ O fato de a capital mineira ser, à época, povoada por pouco mais de 15.000 habitantes⁸⁹, superdimensionava, ainda mais, o montante. Com esses mecanismos, tal associação futebolística tornava-se acessível a uma pequena parcela dos belo-horizontinos.

No caso do *Plinio Football Club*, conforme indicado pelo estatuto, seus membros tinham pretensões ou posses mais modestas que os do clube pioneiro, já que a entidade cobrava uma jóia de 4\$000 e mensalidades de 2\$000. Contudo, a restrição era garantida por outro dispositivo, assim descrito:

“Art. I. O ‘Plinio Foot-ball Club’ compõe-se de 30 socios: 22 pertencem ao team e 8 á reserva.

Art. II. Somente quando houver vagas poderão ser acceitos socios.

Parágrafo único. Aquelle que quizer pertencer ao Club deverá ser apresentado á directoria por um dos socios.

Obtendo parecer favoravel da casa e sendo acceito pela comissão de Syndicancia, entrará, depois de paga a jóia, no goso dos direitos de socio.”⁹⁰

A exclusividade dos membros da entidade era assegurada pelos mecanismos estatutários. Se o aspecto econômico era menos valorizado, haja vista o fato de ser uma agremiação composta, pelo menos em parte, por garotos, que não dispunham dos mesmos recursos financeiros dos sócios do *Sport Club*, outras formas de restrição foram utilizadas. A delimitação do número de participantes e a aprovação de novas entradas através de comissão de sindicância pareciam ser estratégias tão eficientes quanto as apresentadas pelo clube irmão.

Lançando mão, tanto da necessidade de indicação e aprovação, quanto dos encargos financeiros decorrentes da filiação à agremiação, as primeiras entidades futebolísticas criaram mecanismos para restringir a presença de membros indesejados em meio a seus quadros. Tais ações representavam medida inicial de distribuição de legitimidade entre os possíveis pertencentes àquela esfera. Os que nela já estavam inseridos tinham o poder de definir quais seriam seus pares, sendo que, para isso, relações de amizade e colocação social apareciam como elementos de relevância.

Se, por um lado é possível observar que as posições na comunidade local desempenharam papel importante na constituição do grupo inicial de adeptos do futebol, por outro, deve-se ressaltar a existência de outros critérios de distribuição de prestígio

⁸⁸ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 34.

⁸⁹ Cf. SENNA, Nelson C. de. *O cinqüentenário de Belo Horizonte*, 1948. p. 41.

⁹⁰ SECCÃO ALHEIA. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 4 de novembro de 1904. p. 3.

entre os envolvidos. Observe-se, por exemplo, a definição de alguns cargos da diretoria do *Sport Club* e seus respectivos ocupantes, segundo expôs o *Minas Gerais* ao noticiar a fundação da agremiação:

“‘Sport-Club-Foot-ball’. Fundado nesta Capital no dia 10 do corrente pelos srs. Oscar Americano, presidente; José Gonçalves, thesoureiro; Avelino Souza, secretario; Victor Serpa, capitão, e outros.”⁹¹

Tal definição dos quadros diretivos é reveladora de alguns aspectos da distribuição de prestígio na entidade. A Victor Serpa, principal incentivador do futebol na cidade e grande conhecedor das regras e habilidades envolvidas naquela modalidade, coube a colocação de capitão, o qual constituía-se no responsável pela organização das atividades esportivas do clube. O posto de presidente foi reservado ao cirurgião-dentista Oscar Americano.

Os cargos diretivos, embora reproduzissem algumas convenções comuns à organização da sociedade local, demonstravam que o meio futebolístico começava a delinear elementos particulares de distribuição de prestígio e poder. Àquele que reunia maiores conhecimentos sobre o esporte, por exemplo, destinou-se a posição de coordenador dos exercícios atléticos, os quais logo se iniciaram

Na mesma notícia que informava sobre a fundação do *Sport Club*, os seus primeiros treinos já eram anunciados. Retomando a tendência afirmada pelas efêmeras experiências atléticas anteriores, o Parque Municipal foi novamente apropriado como campo de jogo.⁹² Tal exercício e os que a ele se seguiram ocorriam entre equipes formadas dentro do quadro de sócios da agremiação. Numa dessas práticas internas, a qual teve a escalação dos times envolvidos divulgada, enfrentaram-se o “Dr. Americano’s XI” e o “Mr. Victor Serpa’s XI”.⁹³ Percebe-se, aí, que a definição dos conjuntos oponentes era encabeçada pelo presidente e pelo capitão do clube, numa nova demonstração do reconhecimento conferido àquelas duas figuras.

Já nas primeiras exibições do *Sport Club* falava-se na presença de um público assistente. Segundo divulgado pelo jornal oficial do estado, o *Minas Geraes*:

“Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distinctos sportsmen e gentis sportswomen.”⁹⁴

⁹¹ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de julho de 1904. p. 6.

⁹² Cf. Fagulhas. *A Epocha*, Belo Horizonte, 16 de outubro de 1904. p. 2.

⁹³ *Folha Pequena*, Belo Horizonte, 24 de setembro de 1904. p. 1.

⁹⁴ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 e 4 de outubro de 1904. p. 6.

O periódico apresentava, sob duas formas, a expressão bastante recorrente no meio futebolístico daquele instante: *sportsmen* e *sportswomen*. Tal termo, que significava esportistas no masculino e no feminino, respectivamente, também representava um elemento de distinção existente na prática atlética daquele momento. A veiculação da palavra estrangeira fazia referência tanto à origem daquela modalidade, a Inglaterra, quanto ao desejo de se construir imagem elegante para seus adeptos. Além disso, a penetração do vocabulário específico da atividade evidenciava o início da constituição de particularidades da nova esfera frente ao todo social.

Nas páginas dos jornais da cidade o futebol já começava a aparecer como tema de crônicas e de notícias. Alguns colunistas inclusive se intitulavam *sportsman*, indicação de que se entendiam como especialistas do assunto.⁹⁵ Entre esses autores, muitos elogios eram destinados ao esporte na tentativa de construir uma legitimidade para aquela prática.

Toda essa movimentação inicial em torno do futebol levava a se falar em “A mania do *foot-ball*”.⁹⁶ Mesmo no meio social belo-horizontino, pouco afeito aos divertimentos nos locais públicos, o novo esporte parecia ser capaz de mobilizar contingente considerável.

Com a garantia de um campo de jogo, de certo reconhecimento e de razoável número de clubes, os adeptos do futebol realizaram, no dia 10 de outubro de 1904, encontro que foi assim noticiado pelo jornal *Folha Pequena*:

“Reuniram-se hontem á noite, no Grande Hotel, os representantes das sociedades locais de ‘football’, ‘Sport –Club’, ‘Plinio Football-Club’ e ‘Athletico Mineiro’, afim de organizarem nesta capital uma Liga de gremios sportivos, identica ás já existentes no Rio e em S. Paulo.”⁹⁷

Enquanto nos casos carioca e paulista alguns anos transcorreram entre o início da prática futebolística e a fundação de uma liga de clubes⁹⁸, em Belo Horizonte tudo aconteceu no mesmo ano. O entusiasmo e a noção de organização dos envolvidos pareciam ser muito grandes. Três dias depois, foi marcada outra reunião para eleger a diretoria da entidade.

⁹⁵ Cf. *Chronica sportiva. Folha Pequena*, Belo Horizonte, 11 de outubro de 1904. p. 1.

⁹⁶ Fagulhas. *A Epocha*, Belo Horizonte, 30 de outubro de 1904. p. 2.

⁹⁷ *Folha Pequena*, Belo Horizonte, 10 de outubro de 1904. p. 1.

⁹⁸ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000; RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003; CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial*, 1990.

Seguindo a tendência verificada nos demais casos nacionais, uma das primeiras providências da liga foi a organização do campeonato. Apesar da “mania” do futebol, que era vivenciada naquele instante, o número de clubes integrantes da associação era pequeno para a constituição da competição. Sendo assim, foram criadas duas equipes dentro do *Sport Club*, surgindo os times *Américo* e *Vespucio*. Além disso, o *Mineiro Football Club*, que até então não participava da entidade, também foi admitido no torneio.⁹⁹

O campeonato que teve início no mês de outubro de 1904 parecia despertar o interesse da população local. Na relativamente extensa cobertura dada pelo diário *Minas Geraes* falava-se em “[...] numerosos espectadores que concorreram a este match”¹⁰⁰ e, ainda, afirmava-se que “cresceu enormemente o entusiasmo pelo omni-importante torneio nos arraiaes sportivos”.¹⁰¹

Com desfecho obscuro, não noticiado pelos periódicos da época, que tem gerado controvérsias entre os estudiosos¹⁰², o torneio, ainda assim, representou grande realização por parte dos clubes criadores da liga. A entidade reguladora da organização do futebol na cidade, ao que tudo indica, teve atuação pequena. Sua outra provável ação foi a formação do selecionado de Belo Horizonte, que marcou um jogo para o dia 15 de novembro de 1904 contra o combinado da antiga capital Ouro Preto.

O futebol da cidade, mesmo com o término pouco divulgado do campeonato da liga, dava mostras de seguir caminho de êxito, com a realização de atividades e de alguns jogos¹⁰³ e com a criação de agremiações como o *Estrada Athletico Football Club*¹⁰⁴ e o *Club Juvenil*¹⁰⁵ no início de 1905. Contudo, uma grande perda abalou o meio esportivo local. No dia 17 de janeiro daquele ano, Victor Serpa, que passava as férias escolares na sua cidade natal, morreu em decorrência da gripe.¹⁰⁶ A notícia de seu

⁹⁹ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 de outubro de 1904. p. 7.

¹⁰⁰ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 de outubro de 1904. p. 7.

¹⁰¹ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 6 de novembro de 1904. p. 8.

¹⁰² Segundo Abílio Barreto, ele teria terminado com a vitória da equipe do *Vespucio*, da qual fazia parte Victor Serpa. Porém, de acordo com Marilita Rodrigues, conforme afirmou “[...] o *Vida Sportiva* de 1927, o campeonato não terminou devido às fortíssimas chuvas de novembro, que impediam a realização dos jogos”. Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/029 – *Recordar é viver... Os desportos antigos na Capital* e RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade*, 2006. p. 248.

¹⁰³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de janeiro de 1905. p. 3; Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1º de janeiro de 1905. p. 3 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 e 10 de janeiro de 1905. p. 4.

¹⁰⁴ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de janeiro de 1905. p. 5.

¹⁰⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de janeiro de 1905. p. 6.

¹⁰⁶ Cf. FALLECIMENTO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 de janeiro de 1905. p. 5.

falecimento foi acompanhada de inúmeras homenagens, inclusive, das agremiações futebolísticas das quais fazia parte e às quais havia influenciado.¹⁰⁷

O recém-criado *Estrada*, do qual o acadêmico era presidente, situação que demonstrava a tendência dos *sportsmen* do período de participarem de várias agremiações, passou, em memória do nome de seu falecido integrante, a se chamar *Viserpa Football Club*¹⁰⁸. Durante as diversas solenidades que se seguiram à notícia da morte daquele personagem, a importância que ele havia adquirido na sua curta trajetória no futebol da cidade ficou evidenciada. Maior conhecedor dos códigos envolvidos na prática desse gênero de esporte, o jovem jogador teve, por inúmeras ocasiões, sua figura confundida com a própria modalidade como, por exemplo, quando se falava em “O *foot-ball* do Victor Serpa”¹⁰⁹ ou que ele “Parece resumir o medonho *foot-ball!*”¹¹⁰

Os vários comentários veiculados pelos periódicos a respeito de seu falecimento apontavam para o grande reconhecimento que havia alcançado. Tal situação evidenciava que, mesmo no momento inicial do futebol da cidade, parâmetros de distribuição de prestígio ligados diretamente à prática, tais como competência esportiva e conhecimento das regras do jogo, já se conjugavam com fatores como colocação social e respeito entre a comunidade local, dos quais, diga-se de passagem, Victor Serpa também gozava.

A morte de um personagem da importância do *captain* do *Sport Club* parece ter afetado, ainda que associado a outros fatores, o desenvolvimento do futebol na capital mineira. Se a princípio, as atividades mantiveram-se no mesmo ritmo, após alguns meses, evidências de diminuição de entusiasmo em torno da prática começaram a surgir.

O campeonato promovido no ano anterior não teve continuidade, indicativo de que a liga recentemente criada não se mantinha mais ativa. Um decréscimo pode ser percebido nas notícias sobre jogos e treinos. O único evento que movimentou o segundo semestre de 1905 foi a realização do jogo intermunicipal que envolveu o *Viserpa* e o *Hugo Braga Football Club*, da cidade de Barbacena.¹¹¹

Justamente em meio aos preparativos do clube belo-horizontino para tal embate, outra evidência do desgaste do esporte na capital mineira foi dada. Por essa época, ocorreu a fusão entre o *Viserpa* e o *Sport Club*, resultando na criação do *Viserpa*

¹⁰⁷ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 de janeiro de 1905. p. 5. e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 e 24 de janeiro de 1905. p. 2 e DE OURO PRETO. *A Epocha*, Belo Horizonte, 29 de janeiro de 1905. p. 2.

¹⁰⁸ Na nota o clube é intitulado *Athletico Football Club*. Cf. *A Epocha*, Belo Horizonte, 22 de janeiro de 1905. p. 2.

¹⁰⁹ FAGULHAS. *A Epocha*, Belo Horizonte, 4 de setembro de 1904. p. 2.

¹¹⁰ FAGULHAS. *A Epocha*, Belo Horizonte, 16 de outubro de 1904. p. 2.

¹¹¹ Cf. *Foot ball*. *A Epocha*, Belo Horizonte, 24 de setembro de 1905. p. 1.

Sport Club. Entre as resoluções tomadas pela diretoria da nova agremiação, estava a diminuição do preço de sua mensalidade, que, a partir de então, seria de 3\$000. O novo valor indicava a perda de interesse pelo futebol. Não há evidências sobre as disposições estatutárias acerca da admissão de novos sócios, contudo, a notícia da união das entidades mencionou a existência de lista de subscrição de novos membros, que se achava na *Casa Colombo*.¹¹²

Num momento em que o entusiasmo em torno daquela modalidade atlética parecia arrefecer, as restrições de acesso às entidades foram afrouxadas. A perspectiva exclusivista expressa no início era sobreposta pelo desejo de manter ativo o cenário esportivo local. Mesmo que orientados pela visão do futebol como prática reservada a parcela mais elegante da sociedade, seus adeptos demonstravam que a vontade de manter suas agremiações ativas se sobrepunha, em certa medida, à constituição de grupos fechados de praticantes. O novo valor da mensalidade indicava que os jogadores locais buscavam uma seleção menos rigorosa, capaz de amealhar os mais jovens ou alguns membros das camadas médias.

Mesmo com a atividade reduzida das agremiações futebolísticas, foi possível se observar a continuidade no processo de definição de aspectos próprios àquela modalidade física. Se, a princípio, o Parque era o único local utilizado para a promoção de partidas e exercícios, outras opções foram sendo criadas no decorrer da experiência dos clubes belo-horizontinos.

Em 1905, outro campo de jogo, conhecido como do *Viserpa*¹¹³, localizado “no cruzamento da rua Pernambuco com a avenida Christovam Colombo”¹¹⁴, foi conquistado. O recente espaço esportivo criado destoava dos até então utilizados. Diferentemente, por exemplo, do Parque Municipal, aquela era uma área que não havia sido pensada para a atividade atlética, constituindo-se em terreno comum da cidade.

No ano seguinte, o *Sport Club*, que já não mais se mantinha associado ao *Viserpa*, encaminhou, na figura de seu presidente Nelson de Senna, reconhecido magistrado e professor da cidade, um pedido de concessão de terreno à prefeitura. Segundo Abílio Barreto, a solicitação era de lote localizado na Avenida Paraopeba, atual Augusto de Lima, próximo ao prédio da Imprensa Oficial. Ainda de acordo com o memorialista, aquele espaço era utilizado pela agremiação desde sua fundação.¹¹⁵

¹¹² Cf. Foot ball. *A Epocha*, Belo Horizonte, 24 de setembro de 1905. p. 1.

¹¹³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de junho de 1905. p. 4.

¹¹⁴ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 de março de 1905. p. 5.

¹¹⁵ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 Cx N° 36.

Um importante precedente para o pedido de Nelson de Senna em nome do *Sport Club* constituía-se em outra iniciativa esportiva que se desenvolvia na cidade ao longo dos últimos dois anos. Tratava-se do *Prado Mineiro*, sociedade anônima que já em 1904 se organizava.¹¹⁶ A exemplo do *Derby Mineiro*, a entidade propunha construir um hipódromo em local previsto na *Planta Geral*. No início de 1905, mais precisamente em janeiro, um contrato, nos mesmos termos do assinado com a empresa anterior, foi firmado com o poder público municipal.¹¹⁷ As obras de construção da área para corridas de cavalo, equipada com arquibancadas e outras zonas para instalação de demais serviços transcorreram até meados de 1906.¹¹⁸ Em julho aconteceram as provas inaugurais.¹¹⁹

A organização de tal empreendimento esportivo uniu a atuação de capital privado, arrecadado através da compra de ações – inclusive por parte de alguns dos envolvidos com o futebol¹²⁰ –, e a participação do poder público que, além da concessão do terreno, providenciou a instalação de melhorias no local, dentre elas serviço de bonde.¹²¹ Essa experiência representou nova perspectiva para o desenvolvimento das atividades atléticas em Belo Horizonte. Atento a tudo isso, Nelson de Senna procurou lançar mão do reconhecimento desfrutado por sua agremiação para assegurar a posse do campo de jogo já por ela utilizado. Ao que tudo indica, a cessão do lote não foi, contudo, concretizada.¹²²

Apesar do fracasso da tentativa do clube, o terreno pleiteado já havia sido utilizado como campo de treino por aproximadamente dois anos. Ainda que sem garantia legal, alguns espaços esportivos foram constituídos na capital mineira. Em sua trajetória inicial, o futebol belo-horizontino dava mostras de ser capaz expandir a prática para além dos locais planejados e já existentes.

Vivenciando o momento de pequeno entusiasmo e de falta de coalizão entre os membros dos clubes, inclusive com indícios de disputas internas, as quais parecem ter sido as principais responsáveis pelo fim da curta fusão entre o *Sport Club* e o *Viserpa*¹²³,

¹¹⁶ Cf. *A Epocha*, Belo Horizonte, 28 de agosto de 1904, p. 3 e *A Epocha*, Belo Horizonte, 4 de setembro de 1904, p. 2.

¹¹⁷ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 Cx N° 36.

¹¹⁸ Cf. Prado Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 de maio de 1906. p. 2.

¹¹⁹ Cf. Prado Mineiro. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1° de julho de 1906. p. 1.

¹²⁰ Cf. SECÇÃO ALHEIA. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 e 25 de outubro de 1904. p. 6.

¹²¹ Cf. PRADO MINEIRO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 18 de janeiro de 1905. p. 6.

¹²² Em casos posteriores de concessão de terrenos a clubes de futebol, isso ocorreu por meio de lei aprovada pelo Conselho Deliberativo de Belo Horizonte. Portanto, a ausência dessa evidência legal leva a crer que a permissão de uso não foi efetivada.

¹²³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 e 9 de janeiro de 1906. p. 3 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 15 de maio de 1906. p. 2.

o futebol não conseguia chamar mais atenção da imprensa local durante o ano de 1906, sendo raras as notícias acerca da atividade. Uma das últimas iniciativas relatadas pela imprensa foi a partida entre o selecionado de Belo Horizonte e o de Ouro Preto. O campo da Imprensa Oficial foi o palco do jogo que foi vencido por 5 a 0 pelos visitantes.

Segundo o comentário publicado no *Minas Geraes*, “O *team* bello horizontino, constituído por acadêmicos e rapazes do commercio, tem tido pouco exercicio, nestes ultimos mezes.”¹²⁴ Interessante perceber que a equipe, segundo o periódico, era formada por jovens. Situação que contrastava com a dos primeiros treinos, ainda em 1904, nos quais viam-se times com constituição heterogênea, com muitos “homens feitos”, indivíduos que assumiam posição de destaque na sociedade e tinham envolvimento com diversas atividades. Nesse momento, porém, a presença dos mais novos foi marcante, o que se explicava, tanto por seu maior entusiasmo, como pela sua disponibilidade de mais tempo livre para se dedicar ao esporte e se aperfeiçoar na técnica. Tal tendência foi acentuada em diversos centros do país, onde cada vez mais eram os adolescentes ou recém-adultos os jogadores dos quadros principais.¹²⁵

Apesar de com mais tempo livre disponível, mesmo os mais jovens não se mostraram entusiasmados o suficiente para continuar com a prática. Como revelou a própria nota no jornal, as atividades futebolísticas haviam escasseado bastante naquele ano de 1906. Nenhuma das agremiações pioneiras teve continuidade, havendo sido todas extintas já em 1907. Naquele ano, o que se viu foram apenas iniciativas isoladas, como, por exemplo, a realização de jogos em um quartel da brigada policial, como parte do treinamento físico dos oficiais.¹²⁶

Da mesma forma que já havia sido visto no caso do ciclismo, apesar da euforia inicial, que fez com que alguns falassem na “mania do *football*”, mais uma modalidade esportiva parecia sucumbir à falta de interesse da população da capital mineira pelas atividades ao ar livre.

Mesmo sem continuidade, a experiência das agremiações pioneiras não foi ignorada pelas futuras investidas. Uma perspectiva de organização institucional no âmbito dos clubes e da liga, a ocupação e criação de campos de jogo, a constituição do perfil do praticante da modalidade e a definição de parâmetros de distribuição de

¹²⁴ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 e 11 de setembro de 1906. p. 2 e 3.

¹²⁵ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000 e RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2007.

¹²⁶ Cf. 15 DE NOVEMBRO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de novembro de 1907. p. 6 e Quinze de Novembro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 16 e 17 de novembro de 1907. p. 2 e 3.

prestígio foram algumas das contribuições deixadas por aqueles primeiros entusiastas do futebol em Belo Horizonte. Suas vivências não seriam ignoradas pelo novo grupo que rapidamente retomou a atividade, apropriando-se de todo conhecimento prévio que havia sido deixado. Bases para a construção do *campo esportivo* na capital mineira foram lançadas de forma definitiva nesses anos.

2.3. O retorno do futebol à cidade e a afirmação das definições anteriores

Com o desaparecimento das agremiações futebolísticas, coube ao *Prado Mineiro* e ao turfe, a tarefa de manter minimamente ativo o meio esportivo belo-horizontino. Em seus primeiros anos de existência, essa sociedade hípica conseguiu desenvolver atividades regulares, tais como a realização de diversas provas ao longo da temporada. Suas corridas aconteciam predominantemente aos domingos¹²⁷, com exceção, apenas, de alguns eventos especiais.¹²⁸ Desse modo, tal dia da semana, que havia ficado marcado pelas corridas de bicicleta na virada do século XIX para o XX, era retomado como referencial das festas esportivas.

Segundo noticiaram os jornais da época, a presença de público foi muito grande no início. Seja pelo interesse nas corridas, com seu jogo de apostas, ou pelo deleite de um local aprazível e situado em área mais afastada, inúmeras pessoas se dirigiram ao Prado Mineiro. Já em sua prova inaugural a presença de boa parte da alta sociedade belo-horizontina chamou a atenção dos periodistas.¹²⁹

As experiências em torno do turfe apresentavam outros parâmetros na elaboração dos significados do que seria a atividade atlética. Como apontado em seu estatuto, uma de suas principais metas era “promover o desenvolvimento da raça cavallar neste Estado.”¹³⁰ Desse modo, a sociedade *Prado Mineiro* se destacava por perceber o esporte em seu viés econômico, sendo que a melhoria dos animais e a exploração do jogo de apostas eram dois elementos fundamentais de sua prática. Não havia outras ações que envolvessem seus acionistas, de modo que suas realizações se restringiam às corridas e à manutenção do espaço do hipódromo. Muito mais que uma entidade social, aquele era um empreendimento dos ramos da pecuária e do entretenimento.

¹²⁷ Cf. PRADO MINEIRO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 e 10 de julho de 1906. p. 2; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 e 9 de abril de 1907. p. 4 e Prado Mineiro. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 e 6 de abril de 1909. p. 5.

¹²⁸ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 de outubro de 1906. p. 7 e Exposição de animais. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 de fevereiro de 1908. p. 1.

¹²⁹ Cf. PRADO MINEIRO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 e 10 de julho de 1906. p. 2 e Prado Mineiro. *Tribuna do Norte*, Belo Horizonte, 15 de julho de 1906. p. 1.

¹³⁰ Cf. SECCÃO ALHEIA. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 24 e 25 de outubro de 1904. p. 7.

Foi no ano de 1908, momento em que a *Prado Mineiro* vivia seu auge, que as agremiações futebolísticas reapareceram em Belo Horizonte, marcando nova fase da modalidade esportiva que, ultimamente, apenas se restringia a algumas iniciativas pontuais sem a estrutura de uma entidade.

Sem muito alarde por parte da imprensa da época, que não deu destaque ao fato, foi fundado, em 25 de março daquele ano, o *Athletico Mineiro Football Club*.¹³¹ Tal agremiação tinha perfil bem próximo de times como o *Plinio Football Club*. Isso porque, aquela era uma entidade criada por estudantes, como demonstra o relato apresentado pelo jornalista Adelchi Ziller, em reedição de seu texto de 1974:

“Os meninos começaram o trabalho e, na quarta-feira, 25 de março de 1908, segundo depoimento de Hugo Fracarolli e João Barbosa Sobrinho, os atletas mataram as aulas e ficaram pela tarde toda no Parque Municipal, para que, naquele dia, surgisse o maior clube de Minas, o celeiro de craques famosos, o colecionador de títulos invejáveis, o indiscutível campeão da popularidade. E o clube nasceu numa tarde plena de sol, cheia de luz, irradiando felicidade e abrindo o roteiro glorioso do querido Galo Carijó”.¹³²

Desconsiderando-se todas as adjetivações decorrentes da paixão, a narrativa, formada a partir de informações fornecidas por membros fundadores, evidenciou uma associação criada por adolescentes.

Talvez, inclusive por tal composição do corpo de sócios, tenha havido pequeno interesse por parte da imprensa, já que ela não demonstrava estar desatenta ao movimento esportivo da cidade, como indicou o caso da fundação de outra agremiação no mês seguinte. Sobre esse novo clube, o *Minas Geraes*, por exemplo, noticiou na sua coluna *Festas e Diversões*:

“Diversos moços de nossa sociedade fundaram aqui o *Sport Club Mineiro*, que brevemente teiniciará(sic) os seus trabalhos. Não precisamos encarecer as vantagens que advirão de instituições como essa tão necessarias ao desenvolvimento physico de nossa mocidade.”¹³³

É possível perceber que a valorização do futebol não havia desaparecido com a ausência de sua prática. A legitimidade conquistada pelas entidades pioneiras, ao menos entre parte do meio jornalístico da cidade, havia permanecido. O maior destaque dado ao *Sport Club* evidenciou que a aquisição de autoridade entre os grêmios esportivos estava, ainda, bastante ligada à posição social de seus membros. Apesar de, entre os

¹³¹ Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 de julho de 1913. p. 10.

¹³² ZILLER, Adelchi. *Enciclopédia Atlético de todos os tempos*, 1997. p. 33.

¹³³ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de abril de 1908. p. 5.

jogadores, elementos mais ligados à atividade desportiva ordenarem a distribuição de prestígio, em meio à comunidade em geral tais *capitais* não demonstravam ser tão levados em conta.

As diversas notícias veiculadas sobre o surgimento dessa agremiação revelavam que seus quadros eram constituídos, na maioria, por acadêmicos locais, além de jovens já graduados.¹³⁴ O *Sport Club Mineiro* destacava-se, assim, como a principal entidade durante o retorno do futebol, pois o *Athletico Mineiro* era, por enquanto, apenas um clube de garotos.

Ainda que *Athletico* ou *Athletic* e *Sport Club* fossem nomes bastante comuns entre as associações futebolísticas de diversas partes do Brasil, não é possível deixar de perceber em tais denominações referências às antigas agremiações da cidade. Nesse sentido, um elo de continuidade procurava ser construído. E de certa maneira, a aproximação entre as fases, que são separadas por menos de dois anos, é patente.

Várias permanências podiam ser percebidas. Os grupos sócio-econômicos participantes do futebol não se mostravam diversos dos daquele momento primordial, havendo inclusive remanescentes, como o integrante do antigo e do recente *Sport Club*, José Gonçalves, *captain* na nova agremiação.¹³⁵ Na segunda fase, contudo, verificou-se a maior predominância dos estudantes acadêmicos e ginasiais, em detrimento dos “homens feitos”. A caracterizações legitimadoras do esporte evocadas durante o retorno também apresentavam grande similaridade com aquelas do passado.¹³⁶

No complicado processo de formação do *campo esportivo* em Belo Horizonte, marcado por fracassos e sobrevivências, as iniciativas passadas, ainda que, a princípio, sem continuidade, constituíam lembrança que informava as tentativas posteriores de consolidação dos desportos.

Na nova fase, a utilização dos campos de jogo também revelava permanências. A mais clara delas era o retorno do Parque Municipal como espaço daquela prática física. Ali, o *Sport Club* utilizava-se de área localizada nas proximidades da Avenida Mantiqueira, atual Avenida Alfredo Balena.¹³⁷ Já os garotos do *Athletico*, a exemplo do que já tinha sido visto entre as agremiações pioneiras, utilizaram-se de lotes vagos para instalar seu local de treinamento.¹³⁸

¹³⁴ Cf. SPORT CLUB. *A Gazeta*, Belo Horizonte, 1º de abril de 1908. p. 3.

¹³⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 e 4 de janeiro de 1909. p. 6 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 de maio de 1909. p. 6.

¹³⁶ Cf. Arco e Flecha. *A Gazeta*, Belo Horizonte, 15 de abril de 1908. p. 2 e ARCO E FLECHA. *A Gazeta*, Belo Horizonte, 24 de abril de 1908. p. 2.

¹³⁷ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/007.

¹³⁸ GALLUPO, Ricardo. *Atlético Mineiro*, 2005. p. 39.

Com relação à organização das atividades, uma continuidade podia ser observada. Os exercícios internos que, especialmente no caso do *Sport Club*, eram correntemente noticiados pela imprensa local¹³⁹, preenchiam a maior parte do calendário das agremiações. Os jogos interclubes, principalmente no momento inicial do retorno, foram bastante escassos.

Ainda que as experiências dos clubes pioneiros orientassem e servissem de modelo para as agremiações fundadas em 1908, a utilização dos parâmetros anteriormente estabelecidos não ocorria sem críticas. Atentos aos problemas vivenciados por seus predecessores, as novas entidades buscaram soluções para evitar que, após a euforia inicial com a atividade, a falta de entusiasmo compromettesse o regular desenvolvimento do esporte. Assim, tais associações continham em seus estatutos dispositivos que garantiam o maior comprometimento de seus membros. O *Athletico Mineiro Football Club*, por exemplo, previa o seguinte:

“Art. 36. Será multado em 2\$000 o socio que não tomar parte em um training durante uma semana, salvo se allegar motivos justos.

Art. 37. A directoria, póde, conforme a gravidade da falta cometida pelo socio, suspendel-o de jogo, 15 dias no maximo.”¹⁴⁰

Dessa forma, o clube precavia-se do descompromisso de alguns jogadores. O *Sport Club* tomou medidas semelhantes, como demonstrou este anúncio:

Sport-Club

De ordem do sr. Presidente, convido os srs. socios do ‘Sport-Club’ para uma reunião, hoje, ás 12 horas, no salão do ‘Cinema Familiar’ á rua da Bahia. Será multado em 5\$000 o faltoso. – *Antonio Oliveira*, 1º secretario.”¹⁴¹

Mesmo nas reuniões da agremiação, realizadas num cinema da capital, já que a entidade ainda não possuía sede, medidas foram tomadas para se evitar a dispersão dos associados. Através da publicação da nota no diário oficial do estado, o *Minas Geraes*, os dirigentes procuravam atingir a totalidade de seus quadros.

Durante a retomada da modalidade, os clubes demonstraram estar menos entusiasmados, porém mais precavidos. Ao contrário dos anos iniciais, as atividades desenvolvidas pelos grêmios futebolísticos foram, a princípio, constantes, ainda que

¹³⁹ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 10 de outubro de 1908. p. 7; Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 25 de abril de 1909. p. 7 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 3 de junho de 1909. p. 6.

¹⁴⁰ Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 23 de julho de 1913. p. 10.

¹⁴¹ SECCÃO ALHEIA. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 18 de julho de 1909. p. 8.

restritas aos espaços internos. Aos poucos, jogos interclubes começaram a ser realizados.¹⁴² Aquele esporte, dessa vez, não fora tratado como “mania”.

Nos cinco anos que se seguiram ao retorno das agremiações dedicadas ao futebol em Belo Horizonte, pôde se observar movimento regular, com a criação de diversos clubes. Muitos deles tiveram curta duração ou não conseguiram atingir maior expressão no cenário local, sendo esparsas as notícias a seu respeito. Contudo, a presença de tais entidades demonstrava o crescente interesse por aquele gênero de esporte na capital mineira.

Dentre tais associações, várias podem ser citadas, como, por exemplo, o *Gymnasio Football Club*, entidade, fundada em 1909, que se utilizava das dependências do Ginásio Mineiro para realizar suas assembléias. Era formada por garotos¹⁴³, seguindo tendência que se consolidou no retorno daquele esporte à cidade. No mesmo ano, há notícias sobre o surgimento do *Republicano Football Club* e do *Horizontino Football Club* que, nos meses de julho e de agosto, respectivamente, já anunciavam treinos entre seus membros.¹⁴⁴ Em 1910, apareceram o *America Football Club*¹⁴⁵, grêmio que parece ter tido curta duração, e do *Dom Viçoso Football Club*, formado por alunos da escola de mesmo nome.¹⁴⁶

No ano seguinte, os periódicos noticiaram o aparecimento de outros clubes como o *Minas Geraes*, que já naquele ano enfrentou o *Athletico Mineiro*, e o *Horizontino Football Club*¹⁴⁷, esse último, homônimo de uma associação anterior. Criado em 1912, destaca-se ainda o *Palmeiras Football Club* que, no mês de dezembro, realizou partida contra o *Athletico*.¹⁴⁸

O período de desenvolvimento regular que se seguiu ao retorno do futebol a Belo Horizonte não vivenciou apenas a fundação de clubes de menor expressão. Por essa época, foram organizadas agremiações que tiveram papel bastante ativo no processo de consolidação do esporte na capital mineira.

Num momento em que as associações surgidas em 1908 já conseguiam melhor se estruturar, com atividades regulares e, inclusive, com a inauguração da sede social do

¹⁴² Foi o caso, por exemplo, do encontro entre o *Sport Club* e o *Villa Nova* de Nova Lima, em 1909, como parte do programa da Exposição Agro-Pecuária Cf. Exposição Agro-Pecuária. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de setembro de 1909. p. 6.

¹⁴³ *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 3 de junho de 1909. p. 5.

¹⁴⁴ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 4 de julho de 1909. p. 7 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 27 de agosto de 1909. p. 7.

¹⁴⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 21 e 22 de novembro de 1910. p. 7.

¹⁴⁶ Cf. SECCÃO ALHEIA. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 11 de dezembro de 1910. p. 7.

¹⁴⁷ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 de agosto de 1911. p. 4 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 14 de setembro de 1911. p. 14.

¹⁴⁸ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 8 de dezembro de 1912. p. 10.

Sport Club, localizada na Avenida João Pinheiro, n. 205¹⁴⁹, uma importante agremiação tinha, em agosto de 1910, seu aparecimento anunciado:

“No intuito de desenvolver em nosso meio os sports mais recomendaveis, para a boa educação physica da mocidade, numeroso grupo de rapazes, pertencentes na maioria ao operariado desta Capital, fundou aqui o ‘Yale Athletic Club’, que vae realizando, com maiores sucessos, os seus ‘matches’ de ‘foot-ball’.

Hoje realizará a sympathica associação, ás 3 horas da tarde, no seu ‘ground’, á avenida Paraopeba, nas proximidades da escola publica do Barro Preto, um animado ‘training’ entre os ‘teams’ branco e preto, delles fazendo parte moços que, apenas ha trez mezes, se iniciaram no exercicio desse esplendido sport, sob a direcção dos valentes e conhecidos ‘foot baller Romulo Joviano, Agenor Nogueira, Eduardo Santos, E. Frieiro e Eugenio Ferreira.”¹⁵⁰

As informações sobre o *Yale*, presentes na citação, indicam importantes aspectos relativos ao perfil do novo clube, os quais evidenciam tendências desse momento do futebol na cidade. Primeiramente, a visão mais abrangente da atividade atlética é afirmada, indo além do interesse exclusivo por qualquer prática específica. Percepção que também podia ser observada nos casos do *Sport Club*¹⁵¹ e do *Athletico*.¹⁵² Tal constatação, de uma compreensão mais ampla do esporte naquele período, impõe àqueles que querem examinar o tema a obrigação de pensa-lo sempre de forma relacional. Assim, é preciso se atentar tanto para as discussões mais globais quanto para as particulares de cada modalidade.

No que tange a ocupação de um terreno adaptado para tornar-se campo de jogo e a organização das atividades internas da entidade, o *Yale* não destoava de seus pares. Nele os jogadores mais experientes ficavam responsáveis pelo treinamento daqueles que apenas recentemente haviam tomado contato com o futebol. Tal situação evidencia como a competência esportiva era especialmente relevante para a aquisição de prestígio entre os membros. Diversos dos nomes citados na notícia eram de integrantes do novo *Sport Club*¹⁵³, sendo que Eduardo Frieiro e Romulo Joviano foram eleitos em 1909,

¹⁴⁹ Cf. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 12 de junho de 1910. p. 5 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 12 de junho de 1910. p. 6.

¹⁵⁰ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 7 de agosto de 1910. p. 6.

¹⁵¹ A agremiação, por exemplo, pensava construir uma pista de patinação no Parque Municipal, logradouro onde mantinha seu campo. Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 26 de junho de 1910. p. 5.

¹⁵² O clube afirmava ter “por fim o desenvolvimento physico de seus associados.” Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 23 de julho de 1913. p. 10.

¹⁵³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 20 de maio de 1909. p. 6.

respectivamente, *captain* geral e presidente dessa agremiação.¹⁵⁴ Além disso, o último ainda havia participado do primeiro clube criado na cidade.¹⁵⁵

Um novo elemento trazido pelo *Yale* dizia respeito à origem sócio-econômica de seus membros. Como ressaltou a notícia citada, eles faziam parte do operariado de Belo Horizonte. Ao contrário dos outros clubes formados por funcionários públicos, profissionais liberais, comerciantes e, principalmente, por estudantes, essa agremiação, sediada no bairro típico da classe trabalhadora, possuía, entre a população empregada nas fábricas e no comércio local, sua maioria. Porém, a presença, entre suas figuras de destaque, de sócios de entidades tidas por elegantes, como eram os casos do dois *Sport Club*, demonstrava que outros segmentos participavam de sua constituição.

Assim, apesar da composição destoante de seus quadros, o *Yale*, a princípio, pareceu compartilhar dos mesmos significados projetados sobre o futebol, uma vez que teve atuação muito vinculada aos ideais de incremento da vida social elegante e de desenvolvimento físico dos praticantes do esporte. A participação do novo grupo social parecia não consistir em outra percepção da modalidade.

A exemplo do *Yale*, outro clube, criado durante o momento de desenvolvimento do futebol recém-retornado a Belo Horizonte que teve importante papel na consolidação do esporte na capital mineira foi o *America Football Club*. Fundada em 1912, a agremiação foi resultado dos esforços de um grupo de garotos que não podia ingressar, devido à sua pouca idade, nos times principais das associações já existentes. As lembranças dos pioneiros da entidade evidenciam importantes elementos acerca da maneira pela qual os laços de companheirismo eram constituídos em torno do esporte e da forma como se dava a organização das equipes. Em relato publicado no jornal *Minas Geraes*, em 1928, portanto, dezesseis anos após o surgimento do *América*, um dos seus primeiros sócios, Guilherme Halfeld, expôs algumas de suas memórias sobre os primórdios daquele grêmio:

“Com as *cabeças cheias de football ou coisa parecida* (como fosse ‘shootar’ bolas, a princípio de panno de meias!) – resolvemos dar um nome *bonito, de futuro* (prevíamos o que viríamos a ser em 1928!) ao nosso, não ‘club’ ainda, ‘grupo’ constituído de meninos das imediações da praça da Liberdade. Por proposta minha, foi aceito o de ‘America’! Entretanto, para a *pratica do violento sport bretão*, não bastava o nome do ‘Club’ (que se tornou entidade sportiva em 30 de abril de 1912): necessitávamos, ainda de: campo, jogadores, sede, bola, dinheiro, etc.”¹⁵⁶

¹⁵⁴ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 31 de maio e 1º de junho de 1909. p. 7.

¹⁵⁵ Cf. Chronica Sportiva. *Folha Pequena*, Belo Horizonte, 11 de outubro de 1904. p. 1 e 2.

¹⁵⁶ Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 – *De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grande cousas*.

Tal descrição evidencia alguns aspectos acerca da constituição das associações futebolísticas no período. Conforme destacou o sócio pioneiro, um grupo de garotos formou-se em torno do jogo de bola, tido a princípio como brincadeira. A fundação do clube significava a organização daquela atividade informal e a possibilidade de constituir equipe regular, a qual poderia participar de partidas contra outros times. Tendência semelhante podia ser verificada na mesma época, por exemplo, no caso de Buenos Aires, onde diversos conjuntos de entusiastas daquela modalidade esportiva criavam agremiações com a função primeira de disputar torneios ou realizar certames isolados.¹⁵⁷ Com relação ao *America*, destacavam-se, entre as necessidades iniciais da entidade, elementos mais diretamente ligados à prática atlética: espaços para jogos e para reuniões, equipamento, verbas e, mais interessante, “jogadores”, ao invés de sócios.

Além de evidenciar o fato de que aquela prática estava se tornando mais complexa, com maior exigência quanto à organização, aos equipamentos e às instalações, as memórias desse fundador são importantes na medida em que apontam para a existência de laços anteriores entre os participantes das agremiações. Tais relações são de difícil apreensão pela História, uma vez que eram estabelecidas de maneira informal, não produzindo evidências documentais. No entanto, o caso acima citado demonstra a atividade sem ordenação institucional dos clubes, a qual contribuía para a difusão do futebol e de seus valores pela cidade, formando não só futuros jogadores, mas também um público interessado que, muito provavelmente, acompanhava as ações das demais equipes com grande atenção.

Com relação ao crescimento do número de torcedores, com a consolidação em andamento do futebol na cidade e das agremiações que a ele se dedicavam, uma quantidade considerável de pessoas parecia criar gosto por acompanhar, na figura de espectador, tanto os exercícios rotineiros, quanto as partidas interclubes. Mesmo sem uma competição regular, as associações esportivas belo-horizontinas conseguiam promover a formação do público assistente.

Ainda no que diz respeito à fundação do *America*, o clube, a exemplo do que já havia sido observado no momento inicial do futebol na capital mineira, lançou mão de medidas restritivas para o ingresso de novos membros. No entanto, diferentemente de seus predecessores, a barreira estabelecida pela agremiação era de idade, impedindo a

¹⁵⁷ Cf. FRYDENBERG, Julio David. “Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910”, 1998.

entrada de “*gente grande*”.¹⁵⁸ Isso, porque o intuito dos primeiros sócios era o de permitir que os pequenos tivessem um time só seu, onde pudessem efetivamente participar das equipes.

Dentre as contribuições das recém-surgidas entidades para o desenvolvimento da prática atlética na cidade, estava a criação de outros espaços esportivos. Tanto o *Yale* quanto o *America* foram responsáveis pela instalação de novos campos de jogo. Esse último utilizou-se, a princípio, de lote localizado “no entroncamento das ruas Tymbiras, Espírito Santo e avenida Alvares Cabral”.¹⁵⁹ Em ano posterior à sua fundação, uniu-se ao *Minas Geraes*, tendo incorporado os sócios e o terreno, localizado na Avenida Paraopeba, utilizado por ele¹⁶⁰. A união das agremiações garantia-lhes melhores condições na disputa pela superioridade futebolística, que começava a ganhar importância, com a consolidação de algumas equipes.

O *Yale*, por sua vez, instalou-se, desde sua fundação, em outro terreno na mesma Avenida Paraopeba. Desejando melhorar as condições daquele espaço, assim como conseguir a garantia legal de sua utilização, os membros da agremiação, a exemplo do que já havia sido tentado, tempos antes, pelo presidente do antigo *Sport Club*, entraram, junto à prefeitura, com pedido de concessão do lote¹⁶¹, o qual foi atendido por meio de lei sancionada no ano seguinte de 1911.¹⁶² Com a ocupação assegurada, a entidade pode empreender benfeitorias, criando um pequeno estádio, requisitado, inclusive, por outras associações.¹⁶³

Na época em que o *Yale* conseguiu a concessão legal do terreno que ocupava, o futebol de Belo Horizonte começava a vivenciar quantidade maior de partidas. Os dois anos que se seguiram ao retorno dessa modalidade esportiva à cidade foram marcados, principalmente, pelos exercícios internos dos clubes, com apenas alguns embates esporádicos entre equipes de diferentes agremiações.

A partir do início da década de 10, no entanto, observou-se o regular crescimento do número de jogos, inclusive com a realização de partidas interestaduais. Foi o caso, por exemplo, dos encontros que envolveram o *Sport Club* e o *Riachuelo F.*

¹⁵⁸ Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 – *De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grande cousas.*

¹⁵⁹ Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 – *De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grande cousas.*

¹⁶⁰ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de maio de 1912. p. 7.

¹⁶¹ Cf. PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 28 de outubro de 1910. p. 1.

¹⁶² Belo Horizonte. Lei nº 53 de 30 de setembro de 1911.

¹⁶³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de dezembro de 1912. p. 10.

C. do Rio de Janeiro¹⁶⁴, o *Yale* e o *América* também da capital federal, campeão carioca de 1911¹⁶⁵, ou ainda, o *Scratch Mineiro* e o mesmo *America*, em 1912.¹⁶⁶

Esses eventos atléticos conseguiam especial apelo de público, reunindo considerável quantidade de espectadores e movimentando o noticiário esportivo local. Da mesma forma, partidas intermunicipais envolvendo times de cidades como Ouro Preto¹⁶⁷ e Nova Lima¹⁶⁸, onde o futebol era tão difundido quanto na capital mineira, contribuíam para o aquecimento das atividades e do interesse em torno da modalidade.

Ao longo dos cinco anos posteriores ao retorno do futebol a Belo Horizonte, uma considerável intensificação das atividades das agremiações pôde ser percebida, inclusive, com o desenvolvimento de importantes elementos para a consolidação desse gênero de divertimento, como, por exemplo, espaços esportivos, público assistente e comprometido grupo de praticantes. Se o assunto era, a princípio, tratado pela imprensa local em colunas esporádicas ou em seções dedicadas a temas mais amplos, como era o caso do *Minas Geraes*, que veiculava notícias sobre o tópico na parte intitulada *Festas e Diversões*, com o crescimento daquela modalidade, a situação se alterou.

Já em 1911, os periódicos belo-horizontinos comentavam que partidas como aquela interestadual envolvendo *Yale* e *America* do Rio de Janeiro, vinham “[...] marcar, senão o ad(sic) advento, ao menos a reabilitação de uma nova fase Sportiva na Capital Mineira.”¹⁶⁹ Tal percepção evidenciava, não só a constatação do crescimento por que passava o futebol, como também atitude de apoio e de intervenção a favor do desenvolvimento dessa modalidade atlética, posição, aliás, assumida pela imprensa local desde o início daquela prática atlética na cidade.

Assim, por volta de 1913, frente ao reconhecido crescimento por que passava aquele ramo das diversões da capital mineira, podia-se notar que as páginas dos periódicos, aos poucos, foram abrindo mais espaço para o assunto¹⁷⁰, o qual procuravam de todas as formas promover. Com relação à maior inserção do futebol na imprensa, é interessante perceber, por exemplo, como diante do aprofundamento do conhecimento dos leitores e do desenvolvimento de estratégias gráficas, a apresentação das escalações

¹⁶⁴ Cf. *Festas e Diversões. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 e 13 de setembro de 1910. p. 6.

¹⁶⁵ Cf. *Festas e Diversões. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 de novembro de 1911. p. 7; *Match de Foot-ball. O Estado*, Belo Horizonte, 17 de novembro de 1911. p. 2 e *Match de Foot-ball. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de novembro de 1911. p. 2.

¹⁶⁶ Cf. *Festas e Diversões. Minas Gerais*, Belo Horizonte, 4 e 5 de novembro de 1912. p. 6.

¹⁶⁷ Cf. *Bi-Centenário de Ouro Preto. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 e 11 de julho de 1911. p. 3-4.

¹⁶⁸ Cf. “Yaie” (sic) versus “Morro Velho”, *O Estado*, Belo Horizonte, 2 de agosto de 1911. p. 2.

¹⁶⁹ *Match de Foot-ball. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de novembro de 1911. p. 2.

¹⁷⁰ Por exemplo, o periódico *Estado de Minas* criou uma coluna fixa intitulada *Secção Sportiva*, apenas dedicada a esse tema. Cf. *Secção Sportiva. Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 de maio de 1913. p. 3.

das equipes foi tomando novas formas. Em 1904, *A Folha Pequena* publicou este anúncio de um treinamento do *Sport Club*:

“Os primeiros ficaram assim constituídos:

Dr. Americano's XI – Gonçalves (goal-keeper), Jepherson e Roque (backs), major Serpa, Avelino e Fabiano (half backs), Brazil, Jordão, dr. Americano, Antonino e Claudionor (forwards). Reservas: Raul e Saturnino.

Mr. Victor Serpa's XI – De Jaegher (goal-keeper), Liebmann e Almeida (backs), Sales, Abel e Chagas (half-backs), Fr. Mascarenhas, Thomé, Norris, Viserpa e Viriatho (forwards). Reserva: Baptista”.¹⁷¹

Já em 1911, os times do *America* do Rio de Janeiro e do *Yale* foram apresentados da seguinte forma:

“Pouco antes de duas horas, o ‘referee’, sr. Antonio Peres, do America, dá o signal de posição, apresentando-se os dois ‘Clubs’ com os seguintes ‘teams’: - America – Marcos, Belfort, Mottinha, Mendonça, Jonathas, Carneiro, Horacio, Peres, Elias, Gabriel, Sebastião.

- Yale – José Ferreira, Gumercindo, Romulo, Dopper, Netto, Pedro, Dante, Kent, Abdon, Vicente, Leopoldo”.¹⁷²

Dois anos depois, assim eram anunciadas as equipes do *Athletico* e do *Academico*, sendo, esse último, um clube recém-criado pelos estudantes da cidade:

“É este o ‘team’ do Athletico:

Gondorcet

Moretzsohn-Camardel

Sigaud-Dopper-Saleziano

Morgan-Arthur-Meirelles-Djalma-Britto

‘Team’ Academico:

Ramiro

Lincoln-Gusmão

Machado-Octavio-Giordano

Jorge-Mattos-Jair-Gusmão-Zeca”¹⁷³

Os diferentes formatos para a divulgação das escalações das equipes proporcionam algumas inferências. Na primeira diagramação, as posições são apresentadas a frente dos nomes dos jogadores. Naquele momento, o desconhecimento do público demandava melhor detalhamento da distribuição dos futebolistas em campo. Na segunda, vê-se apenas a publicação dos nomes, sendo que, através da ordem em que eles eram apresentados, percebia-se a organização do time. Na terceira, por meio de

¹⁷¹ *Folha Pequena*, Belo Horizonte, 24 de setembro de 1904. p. 1.

¹⁷² Match de Foot-ball, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de novembro de 1911. p. 2.

¹⁷³ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 30 de março de 1913. p. 13.

recurso gráfico, demonstrava-se de que maneira o conjunto ficava postado. Esses três modelos indicam a diversificação do repertório da imprensa, dentre a qual, cada vez mais, surgiam jornalistas identificados com o tema. Muitos dos envolvidos com a escrita acerca do assunto eram *sportmen* ativos¹⁷⁴, sua dupla atuação garantia o intenso diálogo entre os periódicos da época e o público entusiasta daquela modalidade. Dentro do processo de consolidação de um *campo esportivo*, algumas especializações começavam a surgir.

No contexto de crescimento de interesse e de intensificação das atividades do futebol, observava-se que, para além dos elementos de continuidade que orientaram a organização do meio esportivo no momento do retorno das agremiações do gênero à cidade, outras tendências vinham sendo constituídas através das experiências cotidianas em torno daquela modalidade atlética. O cenário que, a princípio, lembrava bastante aquele de 1904 a 1906, ganhava novos contornos. Exemplo disso era a diversificação espacial dos clubes. Ainda que a maioria das entidades fosse composta por moradores do Centro e do bairro Funcionários, regiões mais nobres de então, associações dedicadas àquela prática física começavam a surgir em áreas que eram consideradas mais afastadas, como o *Yale* do Barro Preto, o *Guarany Football Club*¹⁷⁵ da Lagoinha e o *Florestano Athletic Club*¹⁷⁶ do “pitoresco” bairro da Floresta.

Da mesma forma, com a criação de uma nova instituição de ensino na cidade, o *Gymnasio Anglo-Mineiro*, o futebol começou a ganhar espaço para além das agremiações. Partindo de um modelo de educação que incorporava o esporte nas atividades de educação física, a escola contribuiu para a difusão da modalidade, sendo que, em suas dependências, possuía campos destinados às práticas atléticas. Assim, não só seus alunos, mas também os professores, que demonstravam ser habilidosos jogadores, tornaram-se membros das equipes dos clubes da capital mineira.¹⁷⁷

Se por um lado via-se a transformação do perfil do futebol e do esporte na cidade, com o surgimento de tendências diversas, por outro, novas agremiações reafirmavam o perfil que caracterizou os clubes pioneiros daquela modalidade na capital mineira. Em setembro de 1913, o *Minas Geraes* noticiava:

¹⁷⁴ Não apenas jornalistas, mas outros membros da imprensa faziam parte das agremiações futebolísticas. Exemplo disso é a presença do fotógrafo da Revista *Vita*, Henrique Den Dopfer, nos quadros do *Athletico*. Cf. Notas Sportivas. *Vita*, Bello Horizonte, 11 de outubro de 1913. p. 37 e Nos Quoques... *Vita*, Bello Horizonte, 31 de dezembro de 1913 e 15 de janeiro de 1914. p. 9.

¹⁷⁵ Cf. FOOT-BALL. *A Tarde*, Bello Horizonte, 10 de junho de 1913. p. 1.

¹⁷⁶ Cf. Diversões diversas. *O Estado*, Bello Horizonte, 17 de maio de 1913. p. 2.

¹⁷⁷ Cf. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 21 de setembro de 1913. p. 8 e RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade*, 2006. p. 213-221.

“Já é uma realidade a iniciativa dos distintos cavalheiros, entre os quaes diversos medicos, que fundaram nesta Capital o ‘Club de Sports Hygienicos’.

A sympathica associação, com poucos dias de existencia, vai executando admiravelmente o seu plano de dotar Bello Horizonte com essa utilissima instituição de recreio e educação physica para a nossa mocidade.”¹⁷⁸

Esse clube possuía formação diversa das identificadas nas demais associações surgidas na Belo Horizonte da década de 10, pois tinha entre seus membros bom número de homens mais velhos, especialmente médicos. Após ter se dedicado, inicialmente, à prática do *Lawn Tennis*, em pouco tempo, formou seu time de futebol. Num momento em que a atividade esportiva vinha ganhando outros contornos na cidade, o *Sports Hygienicos* retomou aspectos que lembravam os primeiros anos do século XX. Tal visão, em boa parte, estava ligada à constituição de seu quadro de sócios, que lembrava bastante a de agremiações mais restritas e ligadas às camadas sociais mais altas, como os dois *Sport Club*, o de 1904 e o de 1908.¹⁷⁹

Um antigo espaço do esporte em Belo Horizonte foi retomado pela agremiação: o Parque Municipal. Ali, o *Sports Hygienicos* projetou instalar campos que, segundo notícia publicada:

“[...] serão em numero de sete, a saber: á direita do jardim, transversalmente, dois campos de *tennis*; á esquerda, o frontão e os dois campos de *croquet*, um do systema francez e o outro, do systema inglez; em frente ao jardim, o *rink*; e na parte posterior, o campo de foot-ball, separado do jardim e do *bar*, pela linha construida para os exercícios de tiro aos pombos.”¹⁸⁰

Ao contrário das demais agremiações que se dedicavam ao futebol, as quais, apesar de aventarem a possibilidade, não efetivaram, na época, a prática de outras modalidades¹⁸¹, o *Sports Hygienicos* demonstrava ocupar-se de variadas atividades atléticas, planejando espaços para diversas delas. Nessa medida, tal associação

¹⁷⁸ *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 28 de setembro de 1913. p. 10.

¹⁷⁹ O segundo *Sport Club*, por essa época, quase não matinha atividades. Em 1913, ainda foi eleita sua nova diretoria, porém nenhuma notícia sobre qualquer outra iniciativa da entidade foi vinculada nos periódicos. Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 1º de novembro de 1913. p. 7.

¹⁸⁰ Club de Sports Hygienicos. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 e 14 de julho de 1914. p. 6.

¹⁸¹ Tal situação gerou o seguinte comentário da Revista *Vita* em sua sessão *Sport*: “É deveras, difficil a tarefa de escrever sobre *sport* em Bello Horizonte. O *turf* não existe; a *natação* e o *rowing* não podem existir; o *tennis* é desconhecido.

Aqui, desde que falle em *sport*, entende-se que se quer dizer *foot-ball*: essas duas palavras tornaram-se sinonimas; todas as nossas sociedades sportivas cultivam exclusivamente o *foot-ball*. E isso é triste.” *Sport. Vita*, Bello Horizonte, junho de 1913. p. 36.

procurava desenvolver um *campo esportivo* mais plural na cidade, aproximando-se do que sugeria o termo *sportsman*.¹⁸²

Com a intensificação do número de partidas e a consolidação de alguns clubes, surgiram debates acerca de qual seria o melhor time da cidade. Dois eram os candidatos mais cotados ao posto: *Athletico* e *America*. Através das páginas da revista *Vita*, em texto publicado no início de 1914, os sócios da segunda entidade demonstravam seu descontentamento com o artigo da edição anterior que apontava o primeiro como a mais organizada agremiação de Belo Horizonte. Evocando os resultados de 1913, os membros do time de garotos, que contando com a ajuda de figuras proeminentes vinha construindo uma base sólida¹⁸³, procuravam se afirmar como os mais competentes tecnicamente.¹⁸⁴ A falta, contudo, de critérios objetivos, haja vista a disparidade no número de jogos que envolviam diferentes quadros, impedia conclusão definitiva.

Como demonstrou o debate estabelecido na imprensa local sobre qual era o melhor time de Belo Horizonte, no grau de desenvolvimento alcançado pelo futebol na cidade, a organização de uma competição já se fazia premente. Assim, durante 1914 foi realizada a disputa da *Taça Bueno Brandão* envolvendo *Yale*, *Athletico* – agora chamado *Club Athletico Mineiro* – e *America*.¹⁸⁵ A presença de apenas três agremiações no torneio, apesar da existência de diversas outras na capital mineira, indicava a diferenciação entre as entidades locais. Em comum, as participantes do campeonato tinham o fato de serem as com maior grau de organização, evidenciado pela posse de campo próprio e pela constante atuação em partidas que envolviam, inclusive, equipes de outros lugares.

A promoção do torneio marcou a apropriação definitiva de novo espaço futebolístico: o Prado Mineiro. Com o decréscimo do interesse pelo turfe, o local que havia sediado jogos da modalidade apenas em situações excepcionais¹⁸⁶ e que se encontrava quase abandonado¹⁸⁷, passava a servir principalmente para esse outro fim. O

¹⁸² A referida palavra fala em esportes, no plural, dando uma idéia de que a pessoa caracterizada por ela teria interesse em diversas modalidades.

¹⁸³ Segundo Guilherme Halfeld, a primeira bola do clube foi comprada com dinheiro dado pelo então presidente do Estado, Bueno Brandão, pai de um dos sócios. Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPI 7/061 – *De pequenas brincadeiras muitas vezes nascem grande cousas*.

¹⁸⁴ Cf. SPORTS. *Vita*, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1914. p. 27.

¹⁸⁵ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de julho de 1914. p. 10; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 de julho de 1914. p. 13 e Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 e 21 de julho de 1914. p. 10.

¹⁸⁶ Cf. Exposição Agro-Pecuária. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de setembro de 1909. p. 6.

¹⁸⁷ O Prado Mineiro era, àquela época, utilizado apenas para realização de eventos esporádicos e para treinamentos de um batalhão militar, situação que contribuía para a depredação do lugar. Cf. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 de junho de 1912. p. 1 e CONVESCOTE. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 de agosto de 1912. p. 1.

grande espaço construído com o intuito de abrigar o esporte belo-horizontino, capaz de comportar 1.500 pessoas sentadas¹⁸⁸, tornava-se a melhor opção de sede para as partidas daquela que era a prática atlética mais popular da capital mineira.

A constituição do gosto pelo futebol entre a população local era também fruto dos esforços dos entusiastas da modalidade. Eles, que contavam com bom apoio da imprensa, a qual divulgava com relativa atenção suas partidas e demais atividades, procuravam de outras maneiras difundir as notícias acerca dos encontros esportivos. Como evidencia o expediente da Imprensa Oficial, publicado no *Minas Geraes*¹⁸⁹, através da confecção de cartazes, aqueles *sportsmen* espalhavam pelas ruas de Belo Horizonte o anúncio de mais uma partida da *Taça Bueno Brandão*.

Além da realização do torneio, vencido pelo *Athletico*, o ano de 1914 ainda foi marcado por partida entre o selecionado mineiro e o carioca. Na equipe local, apenas figuraram atletas dos três participantes da *Taça Bueno Brandão*¹⁹⁰, em nova demonstração da distribuição de prestígio entre as agremiações da cidade. Através da identificação que se reforçava entre aqueles clubes, presenciava-se a definição de um grupo que, mesmo que não compartilhasse completamente da mesma visão, começava a se tornar o responsável pelos caminhos a serem trilhados pelo esporte em Belo Horizonte.

A nova fase do futebol da capital mineira, iniciada em 1908, dava mostras definitivas de que havia alcançado bases mais sólidas em comparação com o entusiasmo efêmero que marcou os primeiros anos. Tendo a experiência prévia como referencial, os clubes mais recentes criaram outras tendências, aprofundando o processo de construção de elementos próprios ao esporte.

Contando com maior contingente de estudantes e começando a se estender por outras áreas da cidade, como no caso dos bairros do Barro Preto, da Lagoinha e da Floresta, essa modalidade atlética foi vivenciando, ainda que timidamente, a transformação no perfil de seus adeptos. Nessa mesma medida, novos parâmetros de distribuição de prestígio começaram a emergir. A construção de rivalidades fazia com que o tema da competitividade ganhasse terreno.

Novas opções de espaços esportivos foram criadas, consolidando ainda mais as particularidades da prática atlética frente às demais esferas da sociedade. O crescimento da atividade do futebol fazia com que a imprensa passasse a dedicar maior atenção a ele,

¹⁸⁸ Cf. Prado Mineiro. *Vida Mineira*, Belo Horizonte, 8 de maio de 1906. p. 2.

¹⁸⁹ Cf. SECRETARIAS DE ESTADO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 de julho de 1914. p. 1 e SECRETARIAS DE ESTADO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 25 de julho de 1914. p. 2.

¹⁹⁰ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 de outubro de 1914. p. 5-6.

o que implicava na especialização de seus integrantes e na criação de uma linguagem própria à abordagem da modalidade.

Essas e outras mudanças que se processavam em meio às experiências cotidianas das agremiações futebolísticas de Belo Horizonte contribuíam para o processo de formação de um *campo esportivo* na cidade, o qual cada vez mais ia ganhando contornos visíveis. A constituição de elementos particulares àquele ramo de diversão fazia com que ele, cada vez mais, desenvolvesse seus parâmetros próprios de definição de regras e de distribuição de poder e prestígio.

Nesse contexto, algumas entidades assumiam a dianteira na tomada de decisões. Se por um lado, demonstravam ser capazes de organizar competições e jogos de destaque, de apropriar-se de importantes espaços da cidade e de aprofundar o processo de expansão da modalidade, por outro lado, vivenciavam uma união permeada por tensões decorrentes da rivalidade em torno do posto de mais reconhecida agremiação de Belo Horizonte. Ainda que com suas diferenças, o próximo passo parecia claro. Frente ao grau de desenvolvimento do meio esportivo local, a constituição da liga já se apresentava como imperativa.

2.4. Surgimento da liga, consolidação do futebol e constituição do *campo esportivo* em Belo Horizonte

Se, em meados da década de 10, a população de Belo Horizonte já apresentava razoável conhecimento do esporte. Muito disso se devia à atuação das agremiações e dos entusiastas do futebol, que, de diferentes formas, seja através da divulgação na imprensa e nas ruas da cidade, seja através dos exercícios e das partidas que realizavam, difundiram os valores vinculados àquele tipo de divertimento.

Ainda assim, nem tudo pode ser atribuído a um único tipo de atividade física. Durante a primeira metade dos anos 10, a cidade conviveu com algumas novidades esportivas e viu outras modalidades perderem força e desaparecerem. Nessas iniciativas, novos significados foram projetados em torno das práticas atléticas, ajudando a ampliar o repertório de percepções acerca daquela forma de diversão.

A *Prado Mineiro*, sociedade cujos primeiros passos são contemporâneos aos do futebol em Belo Horizonte, realizou corridas regulares durante o período de cinco anos, depois do qual passou a sofrer com a falta de entusiasmo da população local, até sua extinção, por volta de 1912. O fim da entidade significou, também, longo tempo de inatividade do turfe na cidade. Como legado, o grupo de entusiastas das corridas de cavalo deixou o espaço que levava o nome da agremiação e a recordação da experiência

que envolveu a articulação entre capital privado e incentivo governamental, exemplo de peso para diversas iniciativas futuras.

No momento de declínio do turfe, outra associação surgiu em Belo Horizonte, o *Royal Sport Club*, uma das poucas agremiações que se dedicou a atividades atléticas variadas, que não o futebol, durante as duas primeiras décadas do século XX. Segundo anunciado pela imprensa, ele se voltaria “para diversos ramos do *sport*, como sejam: ciclismo, natação, gymnastica etc.”¹⁹¹ Apesar de não ter desenvolvido muitos eventos, tal empreendimento representou tentativa de aplicar o modelo clubístico a outros gêneros de desportos. Nessa perspectiva, no seio de entidades dedicadas ao futebol, também se observou a implementação de diferentes modalidades, como foi o caso do *Club Sports Hygienicos*, responsável pela introdução do tênis e do croquet na capital mineira.

A instalação do *rink* de patinação na Praça da Liberdade consistiu em interessante experiência esportiva dos anos 10. Medida tomada pela prefeitura municipal, numa tentativa de estimular a frequência da população àquele logradouro¹⁹², tal empreendimento apontou para o desejo do poder público de se envolver com o incentivo à atividade física. Esse era um fato pouco usual na cidade que presenciava, principalmente, iniciativas de cunho particular, ainda que, em alguns casos, elas contassem com apoio governamental. Com relação a tal espaço, deve-se destacar, também, a participação feminina, numa das raras ocasiões em que, até então, as mulheres desenvolveram de forma ativa a prática atlética.¹⁹³

A primeira metade da década de 10 foi ainda marcada pela presença do boxe e da luta romana na capital mineira. Apesar de não representar iniciativa dos habitantes, sendo praticado por uma trupe de pugilistas que se apresentava em espaços de diversão, como os cine-teatros e o Pavilhão Variedades¹⁹⁴, tal experiência foi responsável pela divulgação daquelas modalidades. A partir daí, por exemplo, passaram a figurar, nas páginas dos jornais, anúncios de aulas de boxe.¹⁹⁵

Toda a movimentação vivida no meio esportivo belo-horizontino na primeira metade dos anos 10, ainda que marcada por realizações de duração efêmera, contribuiu para a difusão de valores relativos à prática atlética. Sua existência foi importante para

¹⁹¹ *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 de maio de 1912. p. 1.

¹⁹² Cf. *O Estado*, Belo Horizonte, 24 de abril de 1913. p. 1.

¹⁹³ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 de maio de 1913. p. 3.

¹⁹⁴ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 de maio de 1913. p. 3; *Lucta Romana. A Tarde*, Belo Horizonte, 24 de maio de 1913. p. 1 e *Festas e Diversões. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 de julho de 1913. p. 6.

¹⁹⁵ Cf. Licções de Box. *A Tarde*, Belo Horizonte, 12 de agosto de 1913. p. 2.

os adeptos do futebol, na medida em que apontou possibilidades variadas de implementação daquele tipo de diversão, tais como a sua utilização comercial e a associação com o poder público. Essas experiências também demonstraram o aumento, ainda que tímido, do interesse dos habitantes por aquele tipo de divertimento, fato que, em parte, estava ligado ao desenvolvimento e à afirmação das agremiações dedicadas à modalidade mais popular da cidade.

Ao final de 1914, Belo Horizonte, no que dizia respeito ao esporte, apresentava contexto bem diverso daquele de dez anos atrás. Se por um lado o futebol dava mostras de que alcançara bom nível de organização, especialmente com entidades como o *América*, o *Atlético* e o *Yale*, por outro, a população local também demonstrava estar bem mais habituada e, até mesmo, interessada nas práticas atléticas.

Frente a tal situação, seguindo o padrão de organização da atividade futebolística que, inclusive, já havia sido adotado anteriormente em Belo Horizonte, os membros daquelas agremiações, juntamente com os participantes do *Club Sports Hygienicos*, fundaram a liga de clubes.¹⁹⁶ Demonstrando a sua intenção de criar uma entidade de maior alcance, até mesmo, devido ao papel de destaque que caberia à capital mineira frente às demais localidades do estado, a associação foi batizada *Liga Mineira de Sports Athleticos*.

A diretoria da entidade foi formada por reconhecidos *sportsmen* que já atuavam no meio futebolístico local, inclusive alguns *referees* que ocuparam posições de destaque, como foi o caso do presidente efetivo Célio de Castro e do 1º tesoureiro Major Arthur Haas.¹⁹⁷ Em um momento no qual a construção de sentidos em torno da modalidade enfatizava bastante a importância do domínio das regras e do respeito ao código de conduta do jogo, fatores que, inclusive, eram tomados como parâmetros de distribuição de prestígio entre os adeptos do esporte, a presença de dois renomados árbitros entre os dirigentes não era de se estranhar. Ao contrário, tal escolha evidenciava processo de especialização que começava a tomar corpo naquele *campo* em formação.

Já em seu início, a *Liga* ampliou o número de membros para cinco, pois recebeu novo filiado, o *Christovam Colombo Football Club*, agremiação fundada em 1915.¹⁹⁸ Dentre as primeiras medidas tomadas pela nova entidade dirigente esteve a preparação de um campeonato entre seus associados, o qual, em julho daquele ano, era

¹⁹⁶ Cf. Sport. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1915. p. 56.

¹⁹⁷ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 e 4 de outubro de 1904. p. 6; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 e 14 de julho de 1914. p. 10-11 e Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 e 21 de julho de 1914. p. 10.

¹⁹⁸ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – 7/061 Cx Nº 36.

anunciado pela imprensa que fazia, inclusive, previsões sobre as chances de cada clube.¹⁹⁹

A realização do campeonato afirmou algumas tendências que já se desenhavam. Os jogos foram disputados no Prado Mineiro, novo espaço dedicado ao futebol, contando com bom interesse por parte do público e dos periódicos. Segundo comentário do *Minas Geraes*, no jogo entre *Athletico* e *America*, “Mais de mil pessoas assistiram ao ‘match’.”²⁰⁰ Apesar da ampla presença de torcedores, que, provavelmente, constituíam grupo heterogêneo, a imprensa buscava valorizar aquela parcela elegante, como na seguinte passagem, referente à partida *America X Club Sports Hygienicos*:

“As archibancadas achavam-se repletas do que ha de mais selecto em nosso meio social e as gentis senhorinhas que alli se viam, muito concorreram para dar uma nota elegante e alegre ao ‘match’.”²⁰¹

As equipes concorrentes eram duas das mais restritas de Belo Horizonte, o que constitui razão para fazer crer que diversos membros da alta sociedade local teriam comparecido ao embate. Contudo, a citação também revela uma postura da cobertura jornalística, que procurava ressaltar o elemento distintivo inserido naquele divertimento, capaz de congrega a elite da capital mineira.

Tal percepção do esporte era aprofundada em algumas revistas da década de 10, tipo de periódico que abordava o cotidiano das altas rodas da capital e do Estado. Seguindo essa tendência editorial, uma percepção da torcida, especialmente no tocante ao seu refinamento e distinção, era apresentada com a utilização, inclusive, de imagens.

Utilizando-se, especialmente, da fotografia, a qual era raramente veiculada nos jornais, as revistas construía percepção do futebol que articulava, em proporções diferentes das encontradas nas crônicas esportivas, as visões dos jogadores e da torcida. No caso da imagem abaixo, flagrante de um grupo de torcedores saindo de partida disputada, provavelmente, entre o *Athletico* e o *Grambery*, de Juiz de Fora²⁰², é possível se observar algumas escolhas da publicação. Desviando o enfoque do momento do jogo e optando pelo registro dos arredores do estádio, o periódico dava ênfase ao público assistente e ressaltava o aspecto do evento social, realçado pelo vestuário e pela postura dos espectadores. Tendo em conta os atributos simbólicos desse tipo de suporte,

¹⁹⁹ Cf. Sport. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, 15 de julho de 1915. p. 38.

²⁰⁰ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 e 27 de julho de 1915. p. 6.

²⁰¹ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 e 6 de julho de 1915. p. 7.

²⁰² Cf. VIDA SPORTIVA. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, 30 de setembro de 1915. p. 38.

observa-se a tentativa de elaboração da representação da atividade atlética como divertimento refinado, próprio da camada mais restrita da sociedade local.



NOTAS DE REPORTAGEM -- Saindo do Prado Mineiro, depois do último *match* de *foot-ball*

NOTAS DA REPORTAGEM. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, 30 de setembro de 1915. p. 21

A realização do segundo campeonato, em 1916, foi marcada pelo maior número de sócios da *Liga* e, conseqüentemente, de participantes na competição. O *Christovam Colombo* e o recém-criado *Sete de Setembro Football Club* ingressaram no torneio que se afirmava no cenário esportivo local. Tal consolidação permitiu a delimitação da temporada futebolística, a qual passava a se constituir pela disputa promovida pela LMSA e pelos jogos amistosos isolados, especialmente envolvendo equipes de outras cidades. A efetivação do calendário foi importante avanço, pois, a partir de então, havia a garantia da atividade constante do clube por boa parte do ano, o que, associado ao crescente interesse de público, incentivava a criação de colunas esportivas regulares em periódicos.

A aparição do *Sete de Setembro* indicou a afirmação de uma tendência da constituição de clubes e da distribuição espacial do futebol na cidade, pois, a exemplo do *Florestano*, aquela agremiação era originária do bairro da Floresta. Tal alteração nos

perfis das equipes também foi demonstrada por um selecionado formado em 1916 que teve assim sua partida anunciada no *Minas Geraes*:

“Hoje, ás 2 horas da tarde, no ‘ground’ do Prado Mineiro, sob os auspícios da colonia italiana aqui domiciliada, realizar-se-á uma animada e importante partida de ‘foot-ball’, entre um ‘scratch’ italiano e a ‘equipe’ do ‘Vila Nova A. Club’.”²⁰³

Os participantes do combinado, provavelmente, eram membros de agremiações locais, especialmente do *Yale*, que reunia diversos portadores de sobrenomes italianos.²⁰⁴ Nesse sentido, muito mais do que significar a entrada de novos jogadores no meio futebolístico local, tal equipe apontava para outras tendências de associação e de identificação entre os adeptos daquela modalidade esportiva, evidenciando a emergência de novos laços de solidariedade entre os atletas.

Dentro do processo de consolidação do futebol e de formação de um *campo esportivo* em Belo Horizonte, observava-se a criação de novos elementos, como entidade diretiva, calendário e especializações, mas também se podia notar o desenvolvimento de tendências que já se afirmavam há mais tempo. Nessa perspectiva, outro clube foi beneficiado com a concessão de terreno na cidade. Segundo texto da Lei n.121 de 18 de outubro de 1916:

“Art.1.º Fica o Prefeito autorizado a conceder ao Club Athletico Mineiro mediante a prova legal de sua organização, o terreno que actualmente occupa, ou outro que for julgado conveniente aos interesses as(sic) Prefeitura, para nele a referida Associação estabelecer o seu campo de esport(sic) e, de accordo com a legislação em vigor, effectuar a construcção de archibancadas e outras obras necessarias aos seu fim. (grifo nosso)”²⁰⁵

Somando-se o Prado Mineiro, que também tinha respaldo municipal, ao novo campo de jogo cedido por lei, podia-se contar uma série de espaços esportivos já consolidados, que não mais padeciam da situação precária que marcou os primeiros locais de treinamento e que tinham, agora, a possibilidade de incorporar benfeitorias para a recepção de público.

O processo de expansão das áreas voltadas para a prática atlética também se conjugava com outra frente de desenvolvimento do esporte. Seguindo o exemplo do pioneiro *Gymnasio Anglo-Mineiro*, o *Collegio Arnaldo*, em anúncio de 1915, divulgava

²⁰³ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 de dezembro de 1916. p. 5.

²⁰⁴ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 de maio de 1916. p. 5.

²⁰⁵ Belo Horizonte. Lei n.121 de 18 de outubro de 1916.

a existência de “campo de ‘foot-ball’”²⁰⁶ em meio à descrição de suas instalações. A maior inserção daquela modalidade nas instituições de ensino, convertia-se também em possibilidade de expansão dos espaços de jogo.

Dentro da tendência do futebol nas escolas, o incentivo à sua prática acabava se desdobrando em outras iniciativas, como evidenciou a criação de um clube no Ginásio Mineiro:

“FOOT BALL. – Graças ao distinto professor de gymnastica do Gymnasio Mineiro, foi hontem fundada uma sociedade sportiva, com a denominação de ‘Thomaz Brandão Foot Ball Club’, assim chamada em homenagem ao digno reitor do Gymnasio, dr. Thomaz Brandão, a cujos esforços se deve, em grande parte a fundação do novo gremio desportivo.”²⁰⁷

Tal educandário, até mesmo por ser dos mais requisitados da cidade, foi notória sede para a formação de diversas agremiações, desde os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte. O caso do *Thomaz Brandão* trouxe, contudo, o elemento novo da participação de professores na constituição das agremiações entre os pequenos, o que indicava que, senão a instituição, ao menos membros do corpo docente percebiam no esporte prática vantajosa para a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes.

Durante a consolidação do futebol em Belo Horizonte observou-se o crescimento do número de pessoas aí envolvidas. A princípio vivenciado por grupo mais restrito, na segunda metade da década de 10, ele já era capaz de mobilizar alguns milhares, entre praticantes e espectadores. Nesse processo, delimitações de especializações foram ganhando contornos mais claros, com, por exemplo, a definição de funções como as de dirigente e jogador, as quais, cada vez mais, deixavam de ser acumuladas.

Tal processo também se via na imprensa que, com a maior atenção dedicada ao tema, vivenciava uma especialização de seus profissionais e dos formatos de abordagem do assunto que, a cada dia, contava com mais público cativo. O crescente interesse demonstrado pelos espectadores e praticantes do futebol era incentivo para novos avanços na cobertura jornalística do esporte. Nesse contexto, surgiu, em 1917, a primeira publicação dedicada exclusivamente a ele, o periódico *O Foot-Ball*, que anunciava em seu número inaugural:

“Aparece, hoje, nesta capital, O FOOTBALL. Jornal

²⁰⁶ ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de abril de 1915. p. 12.

²⁰⁷ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 de junho de 1917. p. 6.

essencialmente sportivo, tendente a desenvolver, na proporção de seus esforços o entusiasmo da nossa mocidade pelas cousas de tão atrahente quão salutar divertimento, cuja origem foi embalada nas terras longinhas da loira Albion, o O FOOTBALL será, por isso mesmo, um jornal de moços, eivado, portanto, de qualquer sentimento maldoso, qualidade, aliás, que o coração da juventude, na grandeza e beleza dos seus sentimentos, não pode comportar...”²⁰⁸

O periódico se definia como publicação de moços para moços, seguindo o perfil dos entusiastas daquela modalidade atlética que era diversas vezes apresentada como própria da nova geração, pautada em outros valores. Nesse contexto de juventude no qual o futebol desenvolveu-se em Belo Horizonte, a camaradagem entre os atletas era traço marcante. Tal aspecto ficava especialmente evidenciando nas páginas dos periódicos locais, particularmente nas colunas humorísticas, que apontavam para a construção de uma sociabilidade em meio às vivências cotidianas dos *sportsmen*.

Tal convívio, que não podia ficar de fora dessa publicação especializada, era abordado por uma série de colunas.²⁰⁹ Assim, temas como os flertes entre torcedoras e jogadores, as piadas sobre características marcantes dos futebolistas e as disputas entre as agremiações eram evidenciados ao longo das páginas de *O Foot-ball*, da mesma forma como o eram, em menor medida, nos textos de humor e cotidiano de outros periódicos não esportivos.

Em meio à vivência e à camaradagem, observava-se, também, a criação de rivalidades entre os clubes da cidade, as quais acabavam por ganhar as páginas dos periódicos belo-horizontinos. Através das crônicas acerca do cotidiano dos jovens entusiastas do futebol e da participação em colunas dedicadas à opinião dos jogadores e dos torcedores, as disputas entre as associações da capital mineira, especialmente entre as duas principais, *Athletico* e *America*, ficavam evidenciadas. No *Correio da Tarde*, em sua coluna *Sport*, foi publicada carta do Sr. José Machado Freire, 1º secretário do *Club Athletico Mineiro*, que em um trecho dizia o seguinte:

“Tenho a honra de trazer ao vosso conhecimento, de ordem do sr. Presidente, que, em vista da carta endereçada á ‘Noite’, do Rio, pelos socios do ‘America’, onde se contêm conceitos agressivos que visam deprimir os demais clubs desta Capital, está o ‘Athletico’ incompatível com o referido Club para se bater em um *match* amistoso, conforme se havia accordado, para o dia 8 do corrente mez.”²¹⁰

²⁰⁸ *O Foot-ball*, Belo Horizonte, 13 de setembro de 1917. p. 1.

²⁰⁹ Pode-se citar *Caixa d'Football*, *Cousas impossiveis*, *Correspondencia das torcedoras*, *Amor sportivo e Footballers em fôco*. Cf. *O Foot-ball*, Belo Horizonte, 21 de setembro de 1917. p. 2-4.

²¹⁰ *Sport. Correio da Tarde*, Belo Horizonte, 5 de dezembro de 1917. p. 2.

O desenrolar dos campeonatos aprofundou o antagonismo entre alguns clubes de Belo Horizonte, especialmente entre o *Athletico*, campeão de 1915, e o *América*, a quem coube a vitória em 1916 e 1917. Na disputa pelo posto de melhor equipe da cidade, os recentes triunfos americanos contribuíram para o uso de palavras de menosprezo às demais entidades esportivas. Ainda que por meio de textos cheios de adjetivos de deferência, o clima de tensão entre os membros das associações extrapolava as recomendações da postura cortês tão vinculada à construção de sentidos em torno da modalidade. Tal situação evidenciava as ambigüidades entre a busca de uma conduta social pautada em referenciais de racionalidade e impessoalidade e a constituição da paixão em torno do futebol.

Apesar do perceptível crescimento do interesse por aquela prática atlética, o desenvolvimento do gosto pelo esporte ainda mostrava-se limitado, como evidenciou a curta trajetória de *O Foot-ball*, o qual não passou de sua segunda edição. Frustrando a expectativa dos editores do jornal, a mocidade entusiasta da atividade física demonstrou não ter força suficiente para manter a publicação especializada cujo preço era igual, por exemplo, ao do diário *Minas Geraes*.²¹¹

Outra iniciativa de constituição de um jornal esportivo foi tentada no ano seguinte. Em março era lançado *O Treno*, que apresentava assim seu programa:

“Visando acima de tudo, esforçar-se o quanto possível em prol do desenvolvimento do *sport* em nosso meio, muito especialmente o *football*, procurando, ao mesmo tempo, [fundar no] cadinho da harmonia e da solidariedade os componentes dos diversos *clubs* daqui, entre os quaes como é sabido, existe, máo grado nosso e de muitas outras pessoas que com os mesmos vivem em contacto, uma certa divergência, ou rivalidade mesmo, podemos adiantar, surge, hoje, na arena jornalística o primeiro numero d’ ‘O Treno’.”²¹²

Além do incentivo à atividade atlética, o periódico apresentava como sua grande missão tentar contribuir para o arrefecimento das rivalidades no futebol da capital mineira, numa demonstração do nível preocupante a que haviam chegado as disputas entre os participantes das rodas esportivas locais.

Tal discurso se devia, em grande medida, a um fato que transcorreu no intervalo entre o desaparecimento de *O Foot-ball* e a publicação de *O Treno*. Como visto, o ambiente de rivalidade entre as principais agremiações pertencentes à *Liga Mineira de Sports Athleticos* vinha crescendo nos últimos anos, inclusive, com trocas de

²¹¹ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 28 e 29 de janeiro de 1918. p. 1.

²¹² *O Treno*. *O Treno*, Belo Horizonte, 30 de março de 1918. p. 1.

ofensas. Paralelamente a isso, igual clima de tensão parecia ser vivenciado entre os dirigentes da associação de clubes do estado, como ficou demonstrado em episódio que se deu durante os preparativos para a realização de partida interestadual organizada pelo *America*.

Em busca de autorização da LMSA para a realização do jogo e diante da negativa do presidente Celio de Castro, os americanos recorreram a Arthur Haas, integrante da direção da entidade, que não tinha, no entanto, competência para a tomada de tal decisão. A partir desse fato, todo um imbróglio se desenrolou, com a criação da cisão, na qual *America* e *Sete de Setembro* figuraram como dissidentes em apoio ao dirigente que contestava a legitimidade da distribuição de poder na entidade coordenadora do futebol mineiro.

Com isso, foi necessária a interferência da CBD, instituição máxima do esporte nacional, que designou um interventor que, não só resolveu o impasse, assumindo ele mesmo o posto de principal dirigente, como promoveu a reformulação, baseado em documento da organização congênere carioca, do estatuto da entidade que, a partir de então, passou a se chamar *Liga Mineira de Desportos Terrestres*.²¹³ Aprovado em 30 de novembro de 1917, o novo código assim definia os fins daquela associação:

- a) Representar e dirigir os desportos terrestres na região de sua jurisdição;
- b) Regulamentar, vulgarizar e desenvolver os desportos terrestres;
- c) Promover e dirigir jogos dos campeonatos de desportos terrestres.”²¹⁴

Ao determinar suas atribuições, tal instituição buscava assumir a frente do desenvolvimento esportivo de Minas Gerais na organização dos principais esportes ali adotados. Sua responsabilidade em promover os campeonatos fazia com que os clubes fossem impelidos a se associarem a ela, na medida em que, só assim, participariam das competições entre as agremiações afamadas. Contudo, para o ingresso à LMDT era necessário cumprir alguns pré-requisitos, como a posse de sede e de campo próprios e o pagamento da taxa de 100\$000 para as entidades futebolísticas e de 50\$000²¹⁵ para as

²¹³ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de setembro de 1917. p. 7 e Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de setembro de 1917. p. 7-8.

²¹⁴ Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 de janeiro de 1918. p. 10-12.

²¹⁵ Para se ter uma idéia do que significavam tais valores à época, os salários mensais do zelador do Parque Municipal e do ajudante do administrador do Matadouro Municipal eram, cada um, 120\$000. Já o dos operários que trabalhavam na captação de água da cidade era de 75\$000. Cf. *Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da capital pelo prefeito Dr. Cornelio Vaz de Melo*, Bello Horizonte, Setembro de 1917. p. 17-18.

das demais modalidades.²¹⁶ Segunda exigência, essa, que evidenciava a distância que se havia criado no meio esportivo local entre os diferentes tipos de jogos. Já a primeira apontava para o impedimento que acabava por excluir vários grêmios, da mesma forma que indicava a importância daquelas duas melhorias – campo e sede – para os grupos de jogadores.

Com relação às restrições que definiam quem poderia tomar parte nos eventos promovidos pela LMDT, elas eram assim apresentadas no estatuto:

“Art. 66. Não poderão ser registrados:

- a) Os que a troco de dinheiro tenham tomado parte em festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos, de qualquer natureza, dentro ou fóra do paiz;
- b) Aqueles que exerçam profissões, que lhes permitam recebimentos de gorjetas;
- c) os que directa ou indirectamente tirem proventos da pratica de desportos;
- d) os que tenham tomado parte em quaisquer festas, partidas, campeonatos ou concursos desportivos, disputando-os com profissionaes, sem o previo consentimento do conselho superior;
- e) guardas-civis e praças de pret, exceptuando-se porém, aquelles que forem obrigados ao serviço militar em virtude de sorteio, os alumnos das escolas militares e os voluntarios especiaes e de manobras;
- f) os que se entreguem a exploração de jogos prohibidos;
- g) aquelles que não sejam reconhecidos amadores pela lei da Confederação B. de Desportos;
- h) os que pertençam a qualquer club suspenso pela Liga e os que tenham sido expulsos de qualquer federação, reconhecida pela Confederação B. de Desportos, até que cesse o motivo da expulsão, e disso tenha a Liga conhecimento official pela federação;
- i) os analphabetos e os que embora tendo posição, profissão ou emprego estejam, a juizo do conselho superior abaixo do nivel moral exigido pelo amadorismo;
- j) os pronunciados, enquanto durarem os efeitos da pronuncia, e todos aquelles que forem condemnados por crimes capitulados no Codigo Penal.”²¹⁷

Por meio do documento, a LMDT impunha várias restrições ao registro de jogadores, as quais se justificavam pela manutenção do espírito amadorista. Em defesa de tal valor, inúmeras barreiras foram estabelecidas para a entrada de grupos pobres no meio esportivo local. O aspecto da elegância, tão ressaltado pelas construções de sentidos efetuadas em torno do futebol, encontrava, nesse mecanismo restritivo, uma faceta cruel, com a exclusão, em tese, da participação de enorme contingente de jogadores. Ao que tudo indica, as principais agremiações, de perfil mais elitista e com boas condições

²¹⁶ Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 de janeiro de 1918. p. 10-12.

²¹⁷ Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 de janeiro de 1918. p. 10-12.

estruturais, foram favorecidas pela reformulação da entidade dirigente, fato que teria influência no futuro desenvolvimento das atividades atléticas belo-horizontinas.

Foi, portanto, em meio ao cenário conturbado vivenciado pelo esporte da capital mineira que o jornal *O Treno* tentou conseguir o sucesso que seu predecessor não havia alcançado. Abordando as questões da LMDT²¹⁸ e o cotidiano das rodas futebolísticas locais, o periódico buscava cair no gosto dos habitantes da cidade. Tal intento, contudo, já se via frustrado na publicação do segundo número, que trazia a seguinte reclamação:

“Infelizmente, com pesar confessamos, não nos preencheu a expectativa o nosso aparecimento, porque ella era muito maior do que foi a nossa acceitação neste tão desenvolvido meio sportivo, onde sempre se propalou a necessidade de um jornal deste genero.”

A exemplo do que havia acontecido com *O Foot-ball*, a recepção do jornal foi aquém do esperado, demonstração de que, apesar do entusiasmo de um grupo restrito, capaz de garantir o bom desenvolvimento dos clubes e o interesse da torcida, não havia, em Belo Horizonte, adeptos suficientes para bancar empreendimentos como tal publicação especializada, que acabou não passando de seu terceiro número. Apesar desse fracasso, nas páginas da imprensa local, o futebol continuou ganhando espaço, com a consolidação de diversas colunas fixas.

Após a fase de maior turbulência, que desencadeou a reformulação responsável pelo surgimento da LMDT, ao menos entre os membros da entidade dirigente, uma estabilização parecia assegurada. Pouco mais de um ano depois da crise, a associação já apresentava crescimento, com diversos clubes filiados, conforme divulgou a imprensa:

“Em Bello Horizonte – America, Athletico, Yale, Luzitano e Sete de Setembro.
Em Vila Nova de Lima – Vila Nova.
Em S. João d’El-Rey – Athletic Club.
Em Lafayette – União, Morro da Mina, Queluziano e Guarany.
Em Sete Lagoas – Democrata.
Em Ouro Preto – Americano e Tiradentes.
Em Juiz de Fóra – Clubs da Sub-Liga – Sport, Tupy, Tupynambas e Renato Dias.”²¹⁹

Com sede na capital mineira, a instituição contava, em seus quadros dirigentes, com diversos reconhecidos *sportsmen* locais²²⁰, o que garantia ao meio esportivo de Belo

²¹⁸ Cf. *O Treno*. *O Treno*, Bello Horizonte, 30 de março de 1918. p. 1.

²¹⁹ Secção Sportiva. *Novidades*, Bello Horizonte, 13 de fevereiro de 1919. p. 2.

Horizonte vantagens na tomada de decisões por aquela entidade. Apenas no caso de Juiz de Fora, que possuía uma sub-liga, alguma disputa por poder e influência podia ser percebida.

Da mesma forma que a LMDT, o *Athletico* e o *America*, clubes que se afirmaram, ao longo da década de 10, como os principais da cidade, vivenciavam uma prosperidade econômica que lhes garantia boa situação material. Tanto é que, em 1917, o primeiro reuniu condições para se transferir para nova sede, na Avenida Afonso Pena, que, segundo noticiou o *Minas Geraes*, dispunha “de vastas e confortáveis acomodações” e receberia “duas mesas de ‘ping-pong’ e dois magníficos bilhares.”²²¹ Seu grande adversário também mudou-se, no ano seguinte, para a Rua Rio de Janeiro. Conforme divulgado, o local possuía “amplas salas de esgrima e gymnastica.”²²² Em suas recém-inauguradas instalações, tais agremiações passaram a oferecer outras opções de modalidades esportivas para seus associados, num indicativo de que sua visão das atividades atléticas extrapolava o futebol.

Toda essa prosperidade por parte das maiores agremiações e o conseqüente destaque que alcançavam no meio social belo-horizontino, fazia com que, entre os atletas oriundos das classes mais altas da capital mineira, apenas duas opções de associação se apresentassem: ou o *Athletico* ou o *America*. Assim, mesmo aqueles *sportsmen* que se ligaram a outras entidades acabaram por se unir aos grandes clubes, como foi o caso do já veterano Romulo Joviano que, depois de passagens pelos dois *Sport Club* e pelo *Yale*, tornou-se presidente do *America*.²²³

Com o decorrer das competições e a estabilização da distribuição de poder e de prestígio entre as agremiações, novas posições começavam a ser ocupadas pelos clubes, o que significava a ascensão de alguns e o declínio de outros. Nessa dinâmica, antigas coalizões pareciam ser quebradas, como demonstrou episódio que teve início durante os preparativos para a partida a ser realizada entre os *scratches* das ligas mineira e carioca, em disputa da *Taça Delfim Moreira*.²²⁴ Para tomar parte na disputa, a LMDT organizou seu selecionado, o qual participava de diversos treinamentos. Na composição da equipe de 1919, apenas elementos do *Athletico*, *America* e *Sete de Setembro* foram convocados.²²⁵ Entidades, como o veterano *Yale*, não tiveram jogadores escolhidos. Tal associação do Barro Preto tinha sofrido alterações em sua composição ao longo dos

²²⁰ Cf. Secção Sportiva. *Novidades*, Bello Horizonte, 13 de fevereiro de 1919. p. 2.

²²¹ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 24 e 25 de dezembro de 1917. p. 7.

²²² Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 1º de maio de 1918. p. 7.

²²³ Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de setembro de 1917. p. 7-8.

²²⁴ Cf. FESTAS E DIVERSÕES. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 10 de agosto de 1919. p. 13.

²²⁵ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 5 de agosto de 1919. p. 4.

anos. Aqueles jovens de destaque no meio esportivo não figuravam mais em seus quadros, como havia sido o caso de Romulo Joviano.

A falta de sócios no *scratch* desanimou os membros do *Yale*, que manifestaram publicamente sua insatisfação.²²⁶ A reclamação, contudo, não surtiu nenhum efeito. Com o desenrolar dos treinamentos do selecionado, esse clube foi convidado a participar de uma partida preparatória da equipe da LMDT. Segundo relato:

“O jogo posto em pratica pelo veterano club do Barro Preto não merece applausos; ao contrario, censuramos a conducta do Yale, pois, os seus players procuravam sistematicamente machucar os scratchmen. Si a attitude manifestamente hostile dos jogadores do Yale merece a nossa reprovação mais ainda reclamamos contra o magote de rapazelhos do bairro do club, ‘torcedores(sic) inconvenientes, aggressivos e mal educados.

[...]

O scratch não compareceu completo; após 40 minutos de jogo pesado, violento e perigoso, o Yale fez um goal, tendo o scratch se retirado com quatro jogadores contundidos.”²²⁷

A percepção da partida pelo cronista do *Estado de Minas* evidenciou a grande tensão e a hostilidade que perpassaram aquele exercício futebolístico, num indicativo da constituição de rivalidade que parecia se articular com outros elementos, como distinções tanto sociais quanto regionais. O veterano clube contava, então, com muito mais elementos de seu bairro de origem do que nos primeiros anos, já que sua composição operária havia ganhado força, situação que implicava em maior distanciamento entre a agremiação e as outras que com ela fundaram a *Liga Mineira de Sports Athleticos*. A atuação de seus jogadores era, assim, demonstração tanto de uma vontade de provar a injustiça de que eram vítimas, ao terem sido preteridos na formação do selecionado, quanto de que valores de competitividade e rivalidade hostil sobrepujam-se à antiga identidade de camaradagem existente entre as entidades.

O descontentamento do *Yale* com a LMDT não parou por aí. A entidade ainda se desligou do campeonato daquele ano de 1919 que, na época, entrava em seu segundo turno. Além disso, dois de seus jogadores, convocados em momento posterior para compor o *scratch* mineiro, não compareceram aos treinos.²²⁸ A agremiação parecia também viver crise interna, pois, conforme noticiou o *Estado de Minas*, a associação

²²⁶ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 de agosto de 1919. p. 4 e Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 de agosto de 1919. p. 4.

²²⁷ Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 de agosto de 1919. p. 3.

²²⁸ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 de agosto de 1919. p. 3 e Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 de setembro de 1919. p. 4.

requisitou pagamento de atrasados de seus membros, com a penalidade de expulsão para aqueles que não colocassem sua situação em dia.²²⁹

Se a crise de alguns clubes talvez pudesse parecer um indício de dificuldades do meio futebolístico belo-horizontino, a criação de diversas novas agremiações na cidade era evidência que apontava para o contrário. Com o bom número de clubes, já em 1917, foi possível a realização da segunda divisão do campeonato da *Liga*, demonstração, tanto do crescimento do esporte, quanto da construção de distinções entre as equipes. Desse torneio, foi campeão o *Flamengo Football Club*, uma das recém-fundadas entidades.²³⁰

Dentro da dinâmica de formação de agremiações com perfis diversos daquelas pioneiras, mais ligadas às altas rodas da sociedade local, observou-se o surgimento, na segunda metade da década de 10, de entidades como o *Palmeiras Football Club* do bairro de Santa Efigênia²³¹ e o *Minasbanck Football Club*²³², provavelmente, composto por funcionários de empresa do mesmo nome.

No seio das colônias imigrantes locais também começaram a se organizar clubes. O primeiro deles foi o *Sport Club Lusitano*, associação de portugueses criada em 1917²³³ e que, por algum tempo, denominou-se *Corinthians*.²³⁴ Entre os italianos, os laços identitários também passavam a orientar as atividades futebolísticas. O grupo que já havia constituído um *scratch*²³⁵, demonstrava o desejo de fundar agremiação que reunisse elementos daquela nacionalidade.²³⁶

Dessa forma, o surgimento do clube dos italianos foi o resultado do amadurecimento de uma idéia, como conta Jorge Santana:

“Somente em 1920 o sonho começou a se materializar. O Yale, onde jogava a maioria dos jovens italianos, entrou em crise técnica e administrativa e alguns de seus jogadores reativaram o projeto de um clube só da colônia. Dessa vez, tudo conspirava a favor. O português já era a língua comum dos filhos de italianos, facilitando a comunicação entre eles e, além disso, o sucesso do Palestra paulista mostrava que o sonho era possível.”²³⁷

²²⁹ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 de setembro de 1919. p. 4.

²³⁰ Cf. O “Flamengo” vae a Queluz. *O Foot-ball*, Belo Horizonte, 13 de setembro de 1917. p. 1.

²³¹ Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 1921. p. 10-11.

²³² Cf. Sports. *Novo Horizonte*, Belo Horizonte, 6 de junho de 1919. p. 3.

²³³ Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 1921. p. 11.

²³⁴ Cf. FESTAS E DIVERSÕES. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 6 e 7 de outubro de 1919. p. 7 e Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de agosto de 1919. p. 4.

²³⁵ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 de dezembro de 1916. p. 5.

²³⁶ Cf. Football. *A Semana*, Belo Horizonte, 23 de agosto de 1919. p. 3.

²³⁷ SANTANA, Jorge. *Páginas Heróicas*, 2003. p. 28.

As conversas para organização da agremiação, ao longo de 1920, resultaram na fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*, logo no início do ano seguinte. Assim, Belo Horizonte que, ao contrário da maioria dos principais centros urbanos brasileiros do início do século XX, não havia presenciado forte atuação de entidades imigrantes na implantação do futebol, o qual foi conduzido por clubes de perfil marcadamente nacional, começava a contar com suas primeiras equipes de imigrantes. Diferentemente de colônias como a britânica, esses grupos de estrangeiros apresentavam, na média, um nível sócio-econômico menos elevado, distanciando-se, em certa medida, das visões de mundo compartilhadas pela mocidade elegante das principais associações da capital mineira.

Pelo apoio que recebeu de ricos imigrantes e pela experiência de seus jogadores, o *Palestra* foi capaz de, desde o início, constituir-se em equipe competitiva. Tanto é que, logo em seu primeiro ano de existência, filiou-se a LMDT e, depois de disputar eliminatória envolvendo o *Palmeiras*, o *Ipanema* e o *Guarany*, chegou à primeira divisão do campeonato de 1921.²³⁸ Apesar de recém-criada, a entidade despontou como uma força em condições de fazer frente aos veteranos *Athletico* e *America*.

Com a questão da competitividade demonstrando-se cada vez mais presente nos discursos e práticas dos entusiastas do futebol, a excelência atlética assumia o lugar de principal parâmetro de distribuição de prestígio entre os jogadores. A imprensa do período, atenta ao fato, procurava promover debates sobre quem seria o melhor esportista de Belo Horizonte. Ainda em 1918, o concurso “*Quaes os melhores footballers do Estado de Minas?*”²³⁹ era criado pelo *Jornal de Minas*. Na definição das qualidades interessantes dos atletas, as torcedoras mostravam compartilhar de uma percepção diferente, que se atentava para outras características, como a beleza física.²⁴⁰

A valorização da vitória esportiva, em detrimento da conduta polida e disciplinada, implicava no acirramento da disputa, com conseqüências não muito satisfatórias, especialmente, aos *referees*. A figura do torcedor apaixonado, já em 1917, era percebida pela imprensa local, como publicou *O Foot-ball*:

“Como fonte de quasi todos os disturbios nos ‘matches’ de ‘football’, temos, infelizmente, a assistencia apaixonada, isto é, o infalivel e inevitavel grupo dos torcedores ‘enragés’ que, pondo de parte todas as conveniencias sociaes, mostra, abertamente, a sua pouca educação, já

²³⁸ Cf. SANTANA, Jorge. *Páginas Heróicas*, 2003. p. 31.

²³⁹ *Jornal Sportivo. Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 2 de outubro de 1918. p. 2.

²⁴⁰ Cf. *Coisas do desporto. Footing*, Belo Horizonte, 28 de agosto de 1921. p. 13.

arvorando-se em juizes, dando os seus pareceres, quase sempre descabidos e parciais, já manifestando o seu aborrecimento nos lances e investidas contrarias ao seu partido.”²⁴¹

O futebol mostrava-se cada vez mais capaz de mexer com as emoções dos seus adeptos, de modo que reações extravagantes por parte dos partidários das equipes locais frente às decisões polêmicas dos árbitros, ou aos erros ou acertos dos jogadores tornavam-se mais comuns. Interessante perceber como o desenvolvimento do *autocontrole* não era operação simples e natural.²⁴² No desenrolar do jogo, as tensões despertadas nem sempre tendiam ao equilíbrio pretendido, especialmente, quando se tem em mente que nem todos os participantes dos eventos esportivos compartilhavam das visões elaboradas pelos *sportsmen*, partindo de outros pressupostos na constituição de seu gosto pelas modalidades atléticas.

A pressão sobre os árbitros aumentava com as constantes reclamações por parte dos clubes, como já se via desde a época da *Liga Mineira de Sports Athleticos*, cuja direção recebia reivindicações regularmente.²⁴³ Nas páginas dos periódicos, as contestações à figura dos juízes também podiam ser vistas, comentários como o publicado em coluna humorística do jornal *Footing* evidenciavam falas das arquibancadas:

“ – O Athletico neste anno vae bater o America...
– Qual, vocês não apanharam do Yale por *bamba* agora...
– Não foi por *bamba*, não senhor, foi por habilidade...
– Sim, habilidade do juiz...
E é mesmo.”²⁴⁴

Partindo-se da visão da decisão dos árbitros orientada pela paixão clubística, chegava-se até a falar em desonestidade premeditada, como em mais um diálogo imaginado veiculado no mesmo periódico, que dizia: “– O America comprou o juiz, como sempre.”²⁴⁵ As pressões e a percepção negativa da figura do *referee* geravam dificuldades para os organizadores dos campeonatos e torneios, já que, conforme se noticiava ainda em 1919: “Já não é a primeira vez que os juizes deixam de comparecer em campo para o desempenho de seu mistér.”²⁴⁶

²⁴¹ Aos torcedores inconvenientes. *O Foot-ball*, Bello Horizonte, 21 de setembro de 1917. p. 2.

²⁴² Cf. ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. vol. 1, 1994 e vol. 2, 1993.

²⁴³ Cf. Seção Sportiva. *Commercio de Minas*, Bello Horizonte, 7 de junho de 1916. p. 4.

²⁴⁴ Coisas do desporto. *Footing*, Bello Horizonte, 31 de julho de 1921. p. 5.

²⁴⁵ Coisas do desporto. *Footing*, Bello Horizonte, 24 de julho de 1921. p. 5.

²⁴⁶ Seção Sportiva. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 18 de agosto de 1919. p. 4.

Atos violentos eram, em certas ocasiões, decorrentes do acirramento das rivalidades, como, por exemplo, em episódio de 1919 noticiado pelo *Estado de Minas*: “Hontem, na Lagoinha houve um jogo de foot-ball, que foi transformado em lucha de Box, tendo sahido alguns dos jogadores com as costas quentes.”²⁴⁷ A quebra do equilíbrio de tensões presentes no esporte terminava, muitas vezes, em conflitos com danos físicos. A presença desse tipo de intenso embate era muito associada às agremiações menores e dos bairros mais afastados, como demonstrado em comentário publicado em *Footing*:

- Como vai o jogo da 2ª divisão?
- Já houve duas brigas, respondeu o outro.
- Safa...”²⁴⁸

Tal percepção da presença maior das brigas em meio às partidas das equipes pequenas e de origem social mais popular envolvia, tanto o olhar pejorativo por parte dos jovens elegantes para os quais o periódico era destinado, quanto a constatação das solidariedades criadas no convívio de torcedores e jogadores dos times menores, que, a exemplo dos partidários do *Yale*, defendiam com veemência o nome do bairro ou classe que representavam.

Se a rivalidade e a competitividade, por um lado, geravam uma visão negativa do futebol, por outro, demonstravam sua grande penetração social. Essa prática atlética havia vivenciado grande crescimento ao longo da década de 10, consolidando-se definitivamente em Belo Horizonte. Seu desenvolvimento contribuiu amplamente para a formação de um *campo esportivo* na capital mineira. Único gênero de atividade física que estabeleceu bases sólidas na cidade, ele foi responsável por criar inúmeros elementos próprios de tal esfera do meio social local.

Nessa perspectiva, com a consolidação da LMDT, não só observou-se a implementação de uma entidade diretiva do esporte mineiro, como também se presenciou o estabelecimento do calendário da prática atlética na capital mineira, com uma temporada que conjugava o campeonato, jogos amistosos avulsos, pequenos torneios e partidas do selecionado da cidade e do estado.

Se o grau de desenvolvimento do meio esportivo local não permitia a edição de um periódico totalmente voltado para o tema, como comprovaram os fracassos de *O Foot-ball* e *O Treno*, nem por isso a imprensa local se desanimou. Evidenciando o

²⁴⁷ Foot-ball. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 de setembro de 1919. p. 2.

²⁴⁸ Coisas do desporto. *Footing*, Belo Horizonte, 24 de julho de 1921. p. 5.

processo de criação de especializações em torno da prática atlética, em 1919, foi criada a *Associação dos Cronistas Sportivos*²⁴⁹ que, segundo seu estatuto, tinha por fim “cooperar para a diffusão e engrandecimento do desporto, estimular a sua pratica por todos os meios ao seu alcance.”²⁵⁰

A constituição de novos espaços esportivos era outra demonstração do grau de consolidação alcançado pelo futebol belo-horizontino. Dentro desse processo, no início da década de 20, mais três concessões de terrenos foram aprovadas pela prefeitura, sendo que, respectivamente, *America*, *Lusitano* e *Palestra* receberam lotes em locais que já utilizavam como campo de jogo.²⁵¹

Com o crescimento do futebol, o Prado Mineiro já havia se tornado “longinqua e incommoda praça sportiva”²⁵², além de não possuir gramado que atendesse às especificações para a realização de um bom jogo.²⁵³ Apesar disso, era utilizado por ser o único capaz de abrigar o público que freqüentava às diversas partidas que se realizavam por aqueles anos do final da década de 10 e do início da de 20.²⁵⁴ Frente à situação, o *America* projetou implantar estádio no terreno que há pouco lhe havia sido concedido – em quarteirão da, então, Avenida Paraopeba, o qual atualmente abriga o Mercado Central de Belo Horizonte –, iniciativa que gozou do reconhecimento da crônica da época, que comentava:

“O grande empreendimento, que o America F. Club resolveu encetar, reveste-se de alta significação para a vida–(sic) sportiva desta Capital, senão mesmo para todo o Estado.”²⁵⁵

A obra, reconhecida como “urgente e necessaria²⁵⁶”, era orçada em, aproximadamente, 40:000\$000²⁵⁷, montante significativo²⁵⁸ que seria utilizado na instalação do pavilhão de arquibancadas, uma vez que o campo de jogo já existia no

²⁴⁹ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 5 de agosto de 1919. p. 4.

²⁵⁰ Secção Alheia. *Minas Gerais*, Bello Horizonte, 31 de julho de 1921. p. 6. Nessa perspectiva, em 1921, a associação promoveu um torneio entre as agremiações locais. Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 20 de agosto de 1921. p. 6.

²⁵¹ Cf. Belo Horizonte. Lei n. 187 de 6 de Outubro de 1920; Belo Horizonte. Lei n. 213 de 7 de Abril de 1922 e Belo Horizonte. Lei n. 223 de 18 de Abril de 1922.

²⁵² Sport. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 19 de julho de 1919. p. 3.

²⁵³ Cf. A necessidade de um campo. *O Foot-ball*, Bello Horizonte, 13 de setembro de 1917. p. 1.

²⁵⁴ Cf. A necessidade de um campo. *O Foot-ball*, Bello Horizonte, 13 de setembro de 1917. p. 1 e Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 e 31 de maio de 1921. p. 6.

²⁵⁵ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 e 31 de maio de 1921. p. 6.

²⁵⁶ Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 e 31 de maio de 1921. p. 6.

²⁵⁷ Cf. Vida Sportiva. *A Capital*, Bello Horizonte, 9 de março de 1921. p. 2.

²⁵⁸ Para se ter uma idéia do que significava tal valor, no ano anterior de 1920, a despesa total da prefeitura municipal com obras públicas havia sido de 325:399\$419. Cf. *Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da capital pelo prefeito Dr. Affonso Vaz de Melo*, Bello Horizonte, Setembro de 1921. p. 33.

local. Contando com a participação dos sócios, com a destinação de toda a reserva dos caixas da agremiação para o projeto e com o reconhecimento de que gozava no meio social, não só belo-horizontino, mas também mineiro, o que lhe valeu grandes somas em doações, assim como cessão de equipamentos, o *America* pode iniciar os trabalhos em abril de 1921. A capacidade do clube de empreender tamanha iniciativa demonstrou a força que não só a entidade, mas que também o futebol havia alcançado na cidade. Nesse momento, em torno da modalidade toda uma estrutura institucional havia sido elaborada.

No ano seguinte, as arquibancadas do *stadium* americano já estavam assentadas. Ainda naquela década, primeiro o *Palestra* e depois o *Athletico* implementariam melhoramentos semelhantes nos seus campos.²⁵⁹ Com isso, o futebol dava mostras de ter não só se consolidado em Belo Horizonte, como assumido posição de liderança no movimento esportivo da cidade. A partir das realizações desenvolvidas pelos entusiastas da modalidade, criaram-se diversos elementos constituintes de uma esfera do mundo social que formulava seus valores e suas instituições específicos.

A trajetória inicial do esporte em Belo Horizonte em muito se confundiu com a do futebol. Ainda que, em seus primeiros anos, a cidade tivesse sido palco de iniciativas dispare e efêmeras, foi, a partir da introdução daquela modalidade, que um movimento atlético consistente desenrolou-se na capital mineira.

Ao longo de processo de consolidação da prática futebolística, uma nova esfera da realidade social belo-horizontina começou a se desenhar, definindo elementos singulares a ela e parâmetros próprios de distribuição de prestígio e de legitimidade entre seus integrantes. Tais aspectos particulares foram sendo elaborados em meio às experiências cotidianas dos inúmeros envolvidos com o meio atlético local.

A constituição do *campo esportivo*, fenômeno vinculado à implementação definitiva do futebol na cidade, não vivenciou trajetória linear, desprovida de desvios, tensões e conflitos. Ainda que permeado por continuidades, como a que se observou no momento do retorno daquela modalidade atlética à capital mineira, o processo de formação dessa nova esfera do meio social local se deu de forma dinâmica.

Em várias situações, outras possibilidades, que não as efetivadas ao longo da consolidação daquele gênero de esporte, estavam colocadas. Mesmo que pioneiros na implantação do futebol na cidade, o domínio alcançado, no meio atlético belo-

²⁵⁹ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 Cx N° 36.

horizontino, pelos clubes cujos membros eram oriundos das classes sócio-econômicas mais altas não foi um fenômeno natural, mas sim o resultado da disputa travada entre os diversos atores históricos envolvidos. Nesse processo, tais agremiações contaram com suas melhores condições materiais, com a competência técnica de seus atletas, com o apoio da imprensa da capital mineira e com as restrições e distinções regulamentadas pelas regras das entidades dirigentes.

Da mesma forma, definições efetivadas ao longo da trajetória de formação do *campo esportivo* em Belo Horizonte orientaram o desenvolvimento futuro das atividades atléticas. Exemplo disso foi a opção pelo desenvolvimento do futebol e das demais modalidades dentro dos clubes. A adoção de tal modelo se contrapôs, por exemplo, a opção de fomento das práticas físicas no meio escolar, o que apesar de presente, não se afirmou como tendência dominante na capital mineira.

Todo o processo de implantação e consolidação do futebol e de formação de um *campo esportivo* na cidade esteve bastante ligado à conjugação de inúmeras experiências e visões de mundo dos diversos atores históricos envolvidos. Nessa medida, os fenômenos ganharam contornos bem próprios da constituição sociocultural da Belo Horizonte das primeiras duas décadas do século XX.

Apesar disso, tal processo não pode ser pensado de modo desconectado de um contexto mais amplo, já que, por diversas ocasiões, os entusiastas do futebol da capital mineira estabeleceram diálogos com experiências que tiveram palco em outras localidades e que lhes serviram de parâmetro para suas ações. Da mesma forma que travaram contato com sujeitos envolvidos com o esporte que lhes influenciaram e foram por eles influenciados. Num momento em que as possibilidades de circulação de informações, de mercadorias e de pessoas ampliavam-se, os atletas belo-horizontinos se mostraram atentos ao que acontecia no país e no mundo.

Capítulo 3 – O futebol belo-horizontino no circuito da informação

O processo de implantação e consolidação do futebol em Belo Horizonte, apesar de ter mantido características que lhe são peculiares, não pode ser pensado sem as devidas conexões com a realidade da prática esportiva para além da capital mineira. Em inúmeros momentos da trajetória daquela atividade atlética, seus adeptos deram mostras de estar atentos ao que se passava fora da cidade, apropriando-se, em suas vivências cotidianas, das informações a que tinham acesso.

Tal percepção do que acontecia em outras partes do Brasil e do globo não se restringia ao esporte. Com relação aos mais variados temas, tanto a população quanto a imprensa local demonstravam grande atenção ao que ocorria, especialmente, em localidades consideradas referências em termos de modernidade e de civilização e que eram modelos para as transformações que pretendiam efetivar na capital mineira.

Frente a esse quadro de interesse no que se passava para além dos limites de Belo Horizonte, uma série de novas possibilidades, decorrentes dos avanços tecnológicos que haviam se processado até aquele início de século XX, permitia que pessoas e mercadorias – e não apenas a informação – pudessem circular com maior facilidade e rapidez. Tal encurtamento das distâncias implicava em ressonâncias diretas no desenvolvimento do futebol na capital mineira. Apesar de bastante ligado a sua realidade regional, seus adeptos viam abertos inúmeros caminhos para o estabelecimento de conexões com o fenômeno mais amplo que se desenrolava especialmente na Europa e na América.

3.1. Circulação e expansão mundial do futebol

O futebol em seu formato moderno, bastante similar ao que é praticado atualmente, surgiu na Inglaterra do início do século XIX, em meio a um processo mais amplo de *esportificação*²⁶⁰, que foi acompanhado do aparecimento de diversas variedades de jogos atléticos. As *Public Schools*, internatos freqüentados pela juventude aristocrática britânica, foram o principal local onde essa configuração da modalidade se forjou²⁶¹, a partir da transformação de tradicionais jogos populares que tiveram a eles incorporados outros elementos tais como maior a racionalização²⁶² e um diferente

²⁶⁰ Cf. ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el proceso de la civilización*, 1992 e LEITE LOPES, José Sérgio. “Esporte, Emoção e Conflito Social”, 1995.

²⁶¹ Cf. BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, 1983. p. 136-153 e ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el proceso de la civilización*, 1992.

²⁶² Cf. BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*, 1983. p. 136-153.

equilíbrio das tensões, verificado no aumento do *autocontrole* e na diminuição das ações violentas.²⁶³ Tal fenômeno de adaptação de práticas lúdicas mais antigas ocorreu de forma simultânea em inúmeras localidades daquele país, o que acabou por gerar diferentes conjuntos de regras para o que se chamava de *football*.

Com o crescimento do número de jogadores, especialmente entre os ex-alunos daquelas instituições, algumas entidades associativas foram criadas com o intuito de coordenar o desenvolvimento do novo esporte e de promover a unificação e consolidação das regras da modalidade. Ao longo desse processo, foi efetivada a cisão entre o *Football Association*, que impedia o uso das mãos, e o *Football Rugby*, que o aceitava.²⁶⁴ A partir do surgimento de uma entidade dirigente nacional inglesa, foi definido, em 1863, o conjunto de regras do futebol²⁶⁵ que ainda hoje permanece sem alterações muito substanciais.

Desse momento em diante, tal esporte começou a ser difundido naquele país e a conquistar novos adeptos, de modo que, no último quarto do século XIX, ele já havia alcançado grande penetração em toda a sociedade inglesa. Cada vez mais incorporado pelas classes trabalhadoras dali, tornou-se não só opção de distração para seus praticantes, como também objeto de interesse para seus assistentes, passando a ser visto como empreendimento comercial e fonte de lucro.²⁶⁶

O esporte, que havia surgido como prática restrita aos grupos aristocráticos ingleses, em meio século, transformou-se em atividade cotidiana de grande parte da população do país, em especial dos trabalhadores. Com as regras consolidadas nacionalmente, o futebol era disputado de forma bastante similar em todas as cidades, ao contrário dos jogos tradicionais que recebiam um contorno específico em cada local diferente.²⁶⁷

Ao longo do século XIX, a Inglaterra constituiu-se na principal potência imperialista do mundo, sendo sua presença sentida em inúmeros países, nos quais, por meio de sua intervenção política mais direta ou através de suas empresas, produtos e profissionais, difundiu uma série de valores, comportamentos e práticas. A posição de destaque alcançada por ela no cenário global fez com que diversas sociedades vissem na sua cultura um exemplo de força e superioridade. O modelo britânico se consolidava, tanto entre países mais ricos do Ocidente quanto entre as nações periféricas, como

²⁶³ Cf. ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el proceso de la civilización*, 1992.

²⁶⁴ Cf. ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el proceso de la civilización*, 1992.

²⁶⁵ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 21-22.

²⁶⁶ Cf. LEITE LOPES, José Sérgio. "Esporte, Emoção e Conflito Social", 1995. p. 150-152.

²⁶⁷ Cf. ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio en el proceso de la civilización*, 1992.

importante parâmetro para o progresso da civilização, tornando-se referência em formas de governo, modos de produção, maneiras de gerir as cidades²⁶⁸ e hábitos de consumo e de lazer.

Nas suas estadas em outras localidades, os britânicos procuravam conservar elementos próprios de sua cultura, expressão, dentre outras coisas, do forte sentimento nacionalista que havia sido forjado ao longo do século XIX. Mantendo diversas colônias de imigrantes espalhadas pelo mundo, eles tinham nos clubes uma forma de organização muito utilizada para a manutenção de importante prática vinculada a sua identidade: os esportes modernos. Dessa maneira, os ingleses tornaram-se, ao lado daqueles que visitaram o país sede do maior império ocidental de então, os principais responsáveis pela difusão inicial do futebol no globo e, em particular, na Europa.

Em virtude tanto do surgimento de novos valores decorrentes da modernidade e do capitalismo, quanto da criação de maior conexão entre os lugares motivada pelo aprofundamento da globalização, aquela modalidade esportiva deu mostras de ser uma das práticas mais ligadas ao contexto de sua época.

O futebol, em fins do século XIX, já extrapolava as fronteiras das ricas nações européias, como Alemanha, França e Suíça, onde foi inicialmente introduzido. Alcançava, então, áreas consideradas periféricas como a América do Sul, na qual sua chegada esteve muito ligada ao grande fluxo de ingleses, especialmente para a Argentina. Nesse país, com marcante presença britânica, a prática de tal modalidade principiou-se no final da década de 1860, particularmente nos clubes da colônia imigrante, em meio a qual se deu, inclusive, a formação da primeira entidade de âmbito nacional chamada *Argentine Association Football League*.²⁶⁹

Não demorou muito tempo para que outros grupos passassem a aderir ao novo divertimento, o que implicou na difusão do esporte pelas variadas camadas sociais argentinas.²⁷⁰ Repetindo o movimento observado em diversos casos, a partir da introdução do futebol realizada pela colônia britânica, ele foi incorporado pela população nacional, efetivando um processo de apropriação que, em inúmeras situações, desdobrava-se em transformações de seus sentidos originais.

Apesar da proximidade com a Argentina, o Brasil vivenciou, mais tardiamente, a chegada do novo esporte. Durante a década de 1880, algumas experiências foram

²⁶⁸ Cf. HALL, Peter. *Cidades do Amanhã*, 1988.

²⁶⁹ Cf. FRYDENBERG, Julio David. *Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol*, Buenos Aires 1900-1910, 1998.

²⁷⁰ Cf. FRYDENBERG, Julio David. *Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol*, Buenos Aires 1900-1910, 1998.

presenciadas no país, tais como jogos promovidos por marinheiros aportados no litoral nacional²⁷¹ e exercícios de futebol realizados em instituições de ensino paulistas²⁷², ações que se mostraram isoladas e de caráter esporádico, sendo marcadas por certas improvisações que não alcançaram maior continuidade.

Apenas na década seguinte, com a incorporação da modalidade pelos clubes das colônias inglesa e alemã, entidades restritivas, que admitiam somente os imigrantes e seus descendentes, uma estrutura de organização mais sólida começou a ser implementada, levando a constituição de equipes regulares.²⁷³ Simultaneamente, observou-se o regresso de estudantes vindos da Europa que, depois de terem tomado contato com o futebol no Velho Continente, constituíram-se em importantes difusores da prática nas suas cidades, tendo atuação destacada, tanto nas agremiações de estrangeiros, quanto na criação de outras compostas por brasileiros natos. Tais foram os casos de Charles Miller e Oscar Cox, que chegaram a São Paulo, em 1894, e ao Rio de Janeiro, em 1897, respectivamente.²⁷⁴

O importante papel desempenhado por imigrantes e estudantes vindos do exterior na introdução do futebol demonstrava que, a exemplo de inúmeras outras novidades surgidas por aquela época, o esporte vivenciava rápido processo de expansão global que apontava para o fenômeno em consolidação do encurtamento das distâncias. Novas possibilidades tecnológicas, valorização do cosmopolitismo e interesses comerciais em diversas partes do mundo eram alguns dos fatores que estimulavam a efetivação dessa realidade.

É importante observar, no entanto, que, segundo apontou o geógrafo Gilmar de Jesus, o processo de expansão do futebol ocorreu, no caso brasileiro, de forma isolada entre os principais centros urbanos nacionais. Para defender o seu argumento, o autor evocou o modelo de *arquipélago*, segundo o qual, cada núcleo constituiu-se, naquele período, como uma espécie de ilha. Sendo assim, a introdução daquela modalidade esportiva ligou-se apenas às condições específicas que as diversas cidades reuniam.

Para ele “[...]o futebol enquanto *informação* atinge o território brasileiro quase simultaneamente em pontos diversos e desconectados entre si”²⁷⁵, de modo que a idéia defendida por autores como Thomaz Mazzoni de que os clubes de São Paulo teriam sido

²⁷¹ Cf. MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*, 1950.

²⁷² Cf. SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo*, 2002.

²⁷³ Cf. MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*, 1950 e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000.

²⁷⁴ Cf. MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*, 1950; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000 e RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003.

²⁷⁵ Cf. JESUS, Gilmar Mascarenhas de. “Futebol e Modernidade no Brasil”, 1998. p. 2.

responsáveis pela difusão do esporte no país deveria ser descartada. Examinando o maior ou menor tempo de duração do que chamou de *fase gestacional* – momento entre o surgimento dos primeiros clubes e a efetivação de ligas e campeonatos –, o autor analisou a capacidade de cada um dos centros urbanos estudados de assimilar a nova prática, relacionando a presença de colônia inglesa à efetivação mais precoce da modalidade.

Suas conclusões foram que localidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre apresentaram curtas *fases gestacionais* em função do maior desenvolvimento econômico e da relação mais intensa com grupos de outras nacionalidades. Por outro lado, evidenciando a falta de condições reunidas por suas sociedades para acolher a nova prática, Belo Horizonte e Belém – essa segunda passando por momento de crise com o declínio da indústria da borracha – apresentaram longos períodos entre o aparecimento de seus primeiros clubes e a constituição de uma liga.

A constatação de que a dinâmica de difusão do futebol no país esteve vinculada às realidades regionais não tira a importância de experiências externas para a trajetória da modalidade em casos como o belo-horizontino. Inseridos num momento em que as conexões entre diferentes áreas se ampliavam e atentos ao que se passava no Brasil e no mundo, os entusiastas do esporte na capital mineira apropriaram-se de idéias, valores e práticas originárias de variadas localidades, demonstrando de que, apesar de seguirem dinâmica própria, eles não se percebiam como isolados de um processo mais amplo.

3.2. A importância das conexões com outras experiências esportivas na dinâmica de implantação do futebol em Belo Horizonte

Ao longo do processo de transferência e construção da nova capital mineira, observou-se que seus projetistas, inspirados pela ciência urbanística européia, tentaram estabelecer um espaço que fosse capaz de se articular com as mais recentes formas de produção de riquezas, administração pública e sociabilidade. Áreas, como as reservadas aos esportes na *Planta Geral*, apontavam para a percepção de inovações que ganhavam terreno em centros nacionais e estrangeiros, de tal forma que, em seu planejamento, Belo Horizonte já era pensada como localidade atenta ao que se passava no exterior.

Esse olhar voltado para fora também norteava os discursos de grupos, tais como a imprensa local, que, orientando-se por modelos, muitas vezes imaginados, dos principais centros urbanos nacionais e mundiais, tinham ideais de civilização e de modernidade como pilares do que deveria ser o desenvolvimento da capital mineira.

Afirmando a importância de um incremento da vida social belo-horizontina, os defensores da transformação de costumes viam em divertimentos que, a exemplo dos esportes, ganhavam espaço nos mais avançados países europeus, importante ferramenta para efetivação das mudanças pretendidas.

As primeiras experiências em torno do ciclismo e do turfe, ao se atentarem para novos hábitos que ganhavam terreno no Brasil e no exterior, representaram tentativa de proporcionar maior agitação do cotidiano da população local, que, apesar dos diversos atrativos oferecidos pela nova capital mineira, teimava em se restringir aos locais fechados. Tal fato representava grande incômodo para os que acreditavam que a cidade, desde que seguisse as tendências apresentadas pelos mais renomados centros urbanos, era candidata a alcançar, em pouco tempo, a condição de metrópole moderna.

Mesmo com o fracasso das iniciativas atléticas pioneiras, a atenção ao que se passava em outros centros permanecia entre parcela dos habitantes de Belo Horizonte, como se verificou no processo de introdução do futebol ali. Se outras modalidades esportivas, como o remo e o turfe, eram relativamente difundidas nos principais centros brasileiros, merecendo, inclusive, colunas nos periódicos da capital federal²⁷⁶, o mesmo não se podia dizer da nova atividade física que chegava à cidade, de implantação recente também no país.

Em 1904, ano de introdução do futebol em Belo Horizonte, somente grandes centros, como o Rio de Janeiro e São Paulo, contavam com bom número de clubes, sendo que, exclusivamente na segunda cidade citada, realizava-se campeonato regular.²⁷⁷ Ainda assim, o novo esporte já era conhecido na capital mineira, como evidenciava crônica que reconstruiu diálogo entre o autor e um amigo, adepto daquela modalidade atlética:

- “- Veja isso. Acabo de receber uma notícia que ia me fazendo perder uma partida de xadrez.
- Que diabo! Que nova foi essa?
 - Os paulistas venceram os fluminenses num *match de foot-ball*. Cinco contra zero!
 - Com effeito! É esmagador.”²⁷⁸

Referindo-se a partida realizada entre selecionados daquelas duas cidades, embates que vinham sendo disputados desde o início do século²⁷⁹, o entusiasta do

²⁷⁶ Cf. LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade*, 2001.

²⁷⁷ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000; RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003 e MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*, 1950.

²⁷⁸ Os saraós do Club. *A Epoque*, Belo Horizonte, 21 de agosto de 1904. p. 1.

futebol indicava estar atento e até mesmo envolvido emocionalmente com o jogo, em demonstração de que, ao acompanhar o que se passava com os clubes e as equipes que lhes serviam de inspiração, acabava por assumir também a posição de torcedor aficionado.

A ligação com a atividade esportiva desenvolvida em outros lugares foi marcante desde a introdução do futebol na capital mineira, como evidenciou a participação de Victor Serpa que, para além do contato que estabeleceu com aquela modalidade atlética durante seus estudos na Suíça, mantinha estreitas relações com o Rio de Janeiro. Carioca de nascimento, o jovem acadêmico realizava freqüentes viagens para lá.²⁸⁰ Aproveitando-se das facilidades criadas por meios de transporte como o trem, que, se comparado aos do passado, tornava o deslocamento muito mais rápido, ele comunicava-se com outros praticantes e informava-se acerca do desenvolvimento daquela prática física no distrito federal.

Da mesma forma, outros integrantes da pioneira agremiação belo-horizontina, o *Sport Club*, a exemplo do comerciante Miguel Liebmann, do dentista Oscar Americano e de J. De Jaegher, freqüentemente empreendiam viagens para centros como Rio de Janeiro e São Paulo²⁸¹. Com isso, evidenciava-se que, nesse contexto de aumento das facilidades para a circulação de pessoas, as possibilidades de estabelecimento de conexões em torno do esporte eram bastante ampliadas.

O conhecimento acerca do futebol acumulado por Victor Serpa em suas experiências com outros meios atléticos mais bem estruturados, como os da Suíça, Rio de Janeiro e de São Paulo – localidade que visitou em 1904²⁸² –, garantia a ele maior prestígio entre seus pares. Não só por dominar as estratégias de jogo e as formas de organização utilizadas pelas agremiações daqueles diferentes centros, mas também por demonstrar uma vivência cosmopolita, o jovem acadêmico angariava grande estima no seu meio, o que lhe possibilitava ocupar cargos como os de capitão e de presidente nos clubes de que fazia parte. Nos seus discursos em defesa da prática esportiva, emergiam referências às experiências que teve fora de Belo Horizonte, como evidenciou

²⁷⁹ Cf. RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003. p. 34.

²⁸⁰ Cf. NOTAS. *Folha Pequena*, Bello Horizonte, 10 de agosto de 1904. p. 1 e *A Epocha*; Bello Horizonte, 18 de dezembro de 1904, p. 1.

²⁸¹ Cf. Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de janeiro de 1904. p. 6; Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 23 e 24 de janeiro de 1905. p. 4; Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de fevereiro de 1905. p. 3; Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 de abril de 1905. p. 4; Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 21 de junho de 1905. p. 4 e Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 16 de dezembro de 1905. p. 7.

²⁸² Cf. Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 31 de agosto de 1904. p. 8.

representação caricatural publicada na seção humorística de um periódico local, na qual ele foi percebido da seguinte forma:

“Elle fica sem graça e diz muito apressado:
‘É preciso educar o povo atrasado!’

‘Na Europa – norte a sul – não se encontra um lugar
Onde o povo não saiba as bolas atirar;’

‘E eu vou contar um caso esplendido a respeito...’
E logo vem um caso intermino e sem geito!

Já jogou com Loubet as bolas de manhan,
E de tarde fez verso ao lado de Rostand.”²⁸³

Afirmando-se como agente de transformação de um meio social atrasado, o *sportsman* chamava a atenção para o cotidiano dos europeus e para a forma como as práticas atléticas haviam sido a ele incorporadas, de modo que, ao mobilizar o imaginário existente acerca daquele continente como centro da almejada Civilização Ocidental, construía maior legitimidade para o futebol frente à comunidade local. A utilização do Velho Mundo e, mais particularmente da Inglaterra, como importante referencial dos adeptos das atividades físicas era evidenciado, dentre outros, pela adoção de vocabulário cheio de estrangeirismos, com termos como *goal-keeper*, *backs*, *halfs*, *forwards*, *match*, *ground*, *team* e o próprio *foot-ball*, os quais permeavam as notícias e os jogos e exercícios. Tais palavras, como demonstrou Leonardo Pereira²⁸⁴ e como se pôde perceber também no caso belo-horizontino, nem sempre eram reconhecidas por todos, sendo comum equívocos nas grafias. Contudo, o domínio das expressões específicas tornava-se fator de distinção entre os que eram ou não iniciados naquele esporte.

Apesar do vínculo que se procurava estabelecer com o exterior, a difusão do futebol na capital mineira não contou, ao contrário da tendência observada em centros pioneiros na introdução dessa modalidade no país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, com a participação da colônia inglesa ou de outros grupos de imigrantes. Ainda que alguns sobrenomes como Liebmann e De Jaegher pudessem ser vistos entre os associados das primeiras agremiações²⁸⁵, a presença estrangeira era muito pequena em comparação à grande maioria de brasileiros natos, os principais responsáveis pela implantação do novo esporte.

²⁸³ Fagulhas. *A Epocha*, Bello Horizonte, 16 de outubro de 1904. p. 2.

²⁸⁴ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 31.

²⁸⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 10 e 11 de outubro de 1904. p. 3.

Mesmo que a introdução de tal prática atlética tenha sido ação desempenhada especialmente pelos indivíduos que travaram contato com o futebol fora de Belo Horizonte, outros fatores contribuíram para que os adeptos do novo divertimento pudessem melhor conhecê-lo. Recém-criadas tecnologias possibilitavam que as informações circulassem de modo cada vez mais rápido e em maior quantidade. Essa realidade associada à atenção e incentivo da imprensa local às práticas sociais tidas por modernas²⁸⁶ resultava na publicação, nos jornais da cidade, de bom número de artigos que enfocavam a situação das atividades atléticas em diversas partes do Brasil e do mundo.

Tais textos, além de abordar as ações corriqueiras dos principais clubes esportivos das demais localidades, também se detinham em questões mais profundas, como a disseminação do futebol entre as camadas sociais menos favorecidas, a exemplo da seguinte passagem de um artigo acerca do caso paulista:

“Eu tenho muita pena de vel-as nas suas roupas esfrangalhadas, os olhos lânguidos, as faces pálidas de quem passa má vida, mas ainda sim, na sua innocencia dellas, indifferentes ás miserias terrenas, muito contentes se se lhes depara uma bola de trapos com que começam a fazer exercicios de *foot-ball* pela poeira negra das ruas.

[...]

A Varzea do Carmo é o ponto predilecto desses garôtos, que ali passam o dia todo sob a acção rigorosa do sol, quasi sempre jogando o *foot-ball*.”²⁸⁷

Na crônica, o autor revelou processo que se iniciava apenas dez anos após a chegada daquela prática a São Paulo, mas que se manteve, por muito tempo, ignorado pela memória do futebol construída pelos participantes das agremiações mais elegantes, que procuravam valorizar a maior extensão da fase em que a atividade permaneceu a eles restrita. Ainda que constituísse esquecimento de narrativas elaboradas posteriormente, tal tipo de notícia, que evidenciava realidade diversa da imaginada por muitos, estava ao alcance dos leitores e podia ser conhecida pelos *sportsmen* da capital mineira.

O futebol, desde sua trajetória inicial, esteve permanentemente associado ao universo mais amplo das atividades atléticas, mantendo incontáveis pontos de contato com as demais modalidades. Nessa perspectiva, as diversas matérias veiculadas nos periódicos belo-horizontinos acerca do tema constituíam objeto de interesse dos adeptos

²⁸⁶ Cf. JULIÃO, Letícia. “Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)”, 1996.

²⁸⁷ Vida Paulista. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 e 8 de novembro de 1904. p. 4.

do novo esporte que chegava à cidade. Tais artigos, que versavam sobre múltiplos assuntos em voga no momento, como questões de saúde e ciência, modelos pedagógicos e desenvolvimento de hábitos modernos, eram, em boa parte das vezes, traduções ou adaptações de textos retirados de publicações estrangeiras, conforme informou o *Minas Geraes*, em tópico intitulado “A Educação do Caracter”:

“Da *Revue Pédagogique* traduzimos os seguintes trechos do discurso pronunciado por C. Laurent, conselheiro de Estado e director geral da contabilidade publica, por ocasião da distribuição de premios no Lyceu Montaigne.”²⁸⁸

Incorporando em seu conteúdo informações oriundas especialmente de revistas internacionais²⁸⁹, os periódicos belo-horizontinos promoviam circulação de informação que permitia o acesso de um contingente maior de leitores a notícias e análises produzidas particularmente na Europa, mas também em outros lugares, como os Estados Unidos. Por meio de tal mecanismo, teorias acerca da prática esportiva chegavam ao alcance dos atletas locais, fornecendo-lhes novos elementos para a construção de sentidos em torno do futebol. Nessa medida, temas, a exemplo da importância da observância das regras do jogo nas competições, eram trabalhados em artigos como o intitulado “Educação do Sangue Frio”, no qual autor expunha a seguinte tese:

“O efeito da educação do sangue frio nos moços revela-se de um modo curioso nos torneios de *sport* internacional, em que tomam parte turmas de jovens francezes e turmas de jovens inglezes. Estes não têm mais força physica nem mais coragem, nem mais destreza, mas têm infinitamente mais disciplina (o que é uma forma de sangue frio em uma acção commum). E por isso, apesar de predicados talvez inferiores, alcançam na maioria dos casos a victoria.”²⁹⁰

Tal idéia apresentada na matéria reforçava concepção exposta, em inúmeras situações, pelos esportistas locais, em favor da manutenção do comportamento cortês e disciplinado, na medida em que ressaltava ser essa atitude, não só demonstração de valor, como segredo para o bom desempenho na atividade atlética, vista ali, também como teste de caráter.

²⁸⁸ A EDUCAÇÃO DO CARACTER. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 2 de fevereiro de 1905. p. 6.

²⁸⁹ Evidência que demonstra tal tendência pôde ser verificada em caso que se deu alguns anos depois, em 1913, quando uma mesma matéria foi veiculada sob dois diferentes formatos: primeiramente, em sua língua original e, depois, em versão traduzida para o português. Cf. CAUSERIE MEDICALE. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 de abril de 1913. p. 2-3 e Palestra Médica. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 8 de maio de 1913. p. 2-3.

²⁹⁰ EDUCAÇÃO DO SANGUE FRIO. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 3 de fevereiro de 1905. p. 3.

Tanto a publicação de traduções e adaptações de artigos internacionais quanto parte da produção local de textos acerca do esporte e de temas correlatos contribuía para a difusão de informações sobre a realidade da prática atlética fora de Belo Horizonte. Em muitos casos, os autores lançavam mão de dados que, provavelmente, teriam sido retirados de livros e revistas estrangeiros, como era o caso do artigo “Educação Physica”, no qual a defesa da maior atenção ao desenvolvimento corporal dos alunos foi feita com a utilização de citações de pedagogos europeus e de comparações com o caso das instituições de ensino inglesas.²⁹¹

Sendo os temas da saúde e da educação muito difundidos na época e a questão da atividade física e seus benefícios tópico importante da discussão maior, por inúmeras vezes, observava-se a publicação de matérias acerca do assunto, seja fazendo sua defesa, seja condenando aquela prática. De todo modo, a forte presença de tais debates tornava-se incentivo para a veiculação de novas traduções de artigos internacionais que pudessem contribuir com a polêmica, como era o caso dos textos que abordavam os problemas advindos do excesso de exercícios.²⁹²

Mesmo estando afastados de um meio esportivo mais ativo, os adeptos do futebol nos primeiros anos da modalidade em Belo Horizonte contavam com razoável gama de informações fornecida pelos jornais da capital mineira. Tomando contato com notícias acerca do desenvolvimento, em outros centros, da atividade atlética da qual eram entusiastas, eles criavam parâmetros para o futuro desenvolvimento das agremiações, como pôde ser verificado na formação da primeira liga da cidade, ainda em 1904, cuja inspiração em outras experiências foi destacada, por exemplo, pela *Folha Pequena*, que ressaltou a similaridade que ela teria em relação às congêneres do Rio de Janeiro e de São Paulo.²⁹³

Vivendo em uma localidade menor, com população pouco afeita aos divertimentos ao ar livre, os adeptos do futebol em Belo Horizonte procuravam trilhar os caminhos traçados em outras vivências. De certa forma, a capital mineira colocava-se como periférica em relação aos grandes centros nacionais, tomados, a todo o momento, como referencial para seu desenvolvimento. Seguir os que aquelas cidades faziam era idéia apresentada em vários discursos, dentre os quais os dos esportistas.

Apesar de capital do estado e portadora de traçado inspirado nas mais modernas experiências urbanas, Belo Horizonte não mantinha cotidiano que a

²⁹¹ Cf. EDUCAÇÃO PHYSICA. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 e 24 de janeiro de 1905. p. 3-4.

²⁹² Cf. OS EXERCÍCIOS PHYSICOS E O TRABALHO MENTAL. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 de maio de 1905. p. 4.

²⁹³ Cf. *Folha Pequena*, Belo Horizonte, 10 de outubro de 1904. p. 1.

distinguisse dos outros principais centros mineiros da época. Tal falta de maior ascendência se expressou, inclusive, em relação ao futebol, cuja primazia da introdução não lhe coube, já que Ouro Preto, através da atuação do mesmo Victor Serpa, foi palco da fundação de um clube em 1903.²⁹⁴

O fato, contudo, de abrigar inúmeros órgãos da administração pública estadual e, principalmente, instituições de ensino que, apesar de novas, já angariavam reconhecimento, garantia a Belo Horizonte a presença de indivíduos com boa condição sócio-econômica e com visão mais cosmopolita, assim como muitas pessoas originárias do interior. Essa situação, somada à difusão de informações da cidade, especialmente através do jornal de maior circulação de então, o *Minas Gerais*, vinha garantindo, com o passar do tempo, que a capital mineira fosse tornando-se referência para as localidades mais próximas, mesmo que timidamente.

Embora não representasse um pólo difusor do futebol no estado, o meio esportivo de Belo Horizonte, em ocasiões esporádicas, envolveu-se com o desenvolvimento dessa modalidade atlética em cidades do interior. Foi o caso, por exemplo, de Barbacena, que recebeu, em 1905, a equipe do *Viserpa Sport Club* para disputa de partida com o *Hugo Braga Football Club*, entidade que levava o nome do acadêmico que estudava na mesma faculdade de Direito freqüentada por boa parte do time forasteiro.²⁹⁵

A estreita relação entre o futuro bacharel e os membros das agremiações atléticas da capital mineira, evidenciava conexões, mesmo que pontuais, com a difusão do futebol em algumas localidades do estado. Diferentemente do que acontecia nas partidas mais corriqueiras das equipes belo-horizontinas, o jogo realizado em Barbacena foi cercado por inúmeras cerimônias, como relatou *A Epoque*:

“Á estação foram recebidos pelos valentes Sportmen barbacenences (sic), sendo erguidos diversos vivas aos dois clubs e ao dr. Henrique Diniz, sendo executadas diversas peças de musica pela excellente banda local.

Como nota mais viva e alegre, achavam-se na estação, formando alas, na porta principal, um grupo de gentis senhoritas.

D’ahi dirigiram-se para o hotel, onde de costume, trocaram-se os cumprimentos de estylo, combinando-se que a partida seria no dia seguinte ás 4 horas da tarde.

Á hora aprasada, chegou ao hotel, em uniforme, o *team* barbacenense que, incorporado ao do Viserpa, marchou para o *ground*.

²⁹⁴ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 4/029 – *O Passado Desportista da Capital*.

²⁹⁵ Cf. Hospedes e Viajantes. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de junho de 1905. p. 4.

Antes de começar o jogo, fizeram os representantes dos diversos *clubs* presentes, uma manifestação às moças de Barbacena.²⁹⁶

O encontro esportivo permeado por outras atividades antes e depois – quando houve *soirré* na casa de um morador da cidade – do embate propriamente dito, evidenciava, para além do sentimento de apreço mútuo, a preocupação, por parte dos anfitriões, com a construção da imagem de um meio social moderno e elegante. Diferenciando-se dos jogos mais corriqueiros que eram cercados apenas por alguns cumprimentos e breve confraternização ao final, a partida intermunicipal organizada pelo *Hugo Braga* visava impressionar a comitiva forasteira, a qual, da mesma forma, procurava projetar a representação de componente da parcela mais elegante e moderna da população de Belo Horizonte.

Aquele tipo de disputa esportiva extrapolava, assim, a simples avaliação de competência atlética de duas equipes, convertendo-se em oportunidade para a demonstração do grau de civilidade e polidez entre dois grupos de jovens da alta sociedade de importantes cidades do estado. Para além da busca de informação sobre outras experiências atléticas, os encontros entre os adeptos do futebol das diferentes localidades eram ocasiões para a difusão de imagens acerca do que eles pretendiam ser e de como gostariam de ser vistos.

Mesmo tendo chegado a exercer influência no desenvolvimento do futebol em algumas localidades de Minas Gerais, Belo Horizonte não se afirmou como pólo difusor do esporte. Evidência disso foi o fato de que, durante o período de declínio da modalidade na cidade, o qual culminou com o desaparecimento das agremiações pioneiras, outros centros do estado, como Poços de Caldas e Ouro Preto, mantiveram sua atividade atlética.²⁹⁷ Assim, em confronto realizado em 1906, entre os selecionados da nova e daquela que havia sido a antiga capital mineira, o segundo time mostrou maior superioridade, fruto, como informou a imprensa, de seus treinamentos mais constantes.²⁹⁸

No período em que a atividade das agremiações pioneiras se encerrou, críticas por parte da imprensa local chamavam a atenção para os exemplos de outras localidades, como São Paulo, que tinham nas modalidades esportivas importante ferramenta para o desenvolvimento de sua juventude.²⁹⁹ De tal forma, mesmo na

²⁹⁶ MATCH DE FOOT-BALL. *A Epoque*, Belo Horizonte, 8 de outubro de 1905. p. 2.

²⁹⁷ POÇOS DE CALDAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 de janeiro de 1906. p. 2 e De Ouro Preto. *A Epoque*, Belo Horizonte, 7 de junho de 1906. p. 3.

²⁹⁸ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 e 11 de setembro de 1906. p. 2-3.

²⁹⁹ Cf. CHRONICA. *Tribuna do Norte*, Belo Horizonte, 20 de janeiro de 1907. p. 2.

ausência dos clubes dedicados ao futebol, o olhar para a situação daquela prática em outros lugares e a circulação de informações a seu respeito se mantiveram.

3.3. A constituição de novas conexões no retorno do futebol a Belo Horizonte

Se durante a fase inicial do futebol na capital mineira, as experiências que tiveram palco em outros locais foram o principal parâmetro para o desenvolvimento da atividade atlética, no momento de criação das novas agremiações que marcaram o retorno da prática regular daquele esporte, tal papel coube à vivência acumulada entre 1904 e 1906. Essa pôde ser resgatada como exemplo próximo e palpável, inclusive, devido à presença de sócios dos clubes pioneiros, como José Gonçalves³⁰⁰ e Romulo Joviano³⁰¹, entre as lideranças na fundação das novas entidades.

Embora Belo Horizonte contasse com o favorecimento da experiência anterior que se desenrolou na própria cidade, outros fatores, como a consolidação vivenciada pelo futebol em centros do porte de São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro, que já possuíam campeonatos regulares³⁰², não podem ser ignorados como relevantes influências para o rápido retorno daquele esporte à capital mineira. A considerável presença de notícias acerca dos eventos atléticos, a exemplo do que se viu na extensa cobertura da partida realizada na capital paulista entre o combinado local e a seleção argentina, em 1908³⁰³, significava incentivo extra à formação do gosto por tal tipo de divertimento.

A cobertura dos periódicos em torno das atividades esportivas no Brasil e no exterior, que se manteve mesmo durante o desaparecimento das agremiações futebolísticas, tendeu a se reforçar mais com o retorno de tais entidades. Assim, nos anos subseqüentes à fundação dos novos clubes, diversas matérias puderam ser lidas na imprensa da cidade, com temáticas que, a exemplo do que se via na organização da prática atlética belo-horizontina, apresentavam continuidade com relação aos anos anteriores.

A publicação de traduções e adaptações de artigos internacionais continuava a garantir que os adeptos do esporte se inteirassem de discussões sobre temas correlatos,

³⁰⁰ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 3 e 4 de janeiro de 1909. p. 6 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 20 de maio de 1909. p. 6.

³⁰¹ Cf. Chronica Sportiva. *Folha Pequena*, Bello Horizonte, 11 de outubro de 1904. p. 1 e 2 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 31 de maio e 1º de junho de 1909. p. 7.

³⁰² Cf. JESUS, Gilmar Mascarenhas de. "Futebol e Modernidade no Brasil", 1998. p. 2.

³⁰³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 8 de julho de 1908. p. 7 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 9 de julho de 1908. p. 7.

como pedagogia e saúde³⁰⁴, da mesma forma que de recentes inovações nas mais variadas modalidades, a exemplo do turfe³⁰⁵ e do próprio futebol. A respeito dele, uma matéria revelava técnicas recentes de recuperação dos jogadores:

“[...] Uma abundante inalação de oxigenio augmenta a energia muscular e geral de um modo muito sensivel, regula o pulso, diminue a tensão dos vasos sanguineos e faz com que o athleta não resinta a fadiga, mesmo depois de um esforço prolongado, que sem essa inalação poderia tornar-se perigoso para o organismo. Ja se tem vulgarizado o costume de administrar a oxygenio, nos breves intervallos de repouso, aos jogadores de importantes partidas de *foot ball* ou de *cricket* com sorprendentes resultados.”³⁰⁶

Por meio dos dados de relatórios de pesquisa, como o apresentado acima, os jogadores da cidade tomavam conhecimento das mais avançadas técnicas do período para a melhora do desempenho e manutenção da saúde dos atletas. Ainda que não reunissem condições para aplicá-las, os praticantes belo-horizontinos do futebol, por meio de artigos jornalísticos, alargavam seu repertório de argumentos acerca das mais diferentes facetas do divertimento com que se envolviam.

No processo de difusão de dados relativos às atividades atléticas e, especialmente, à sua situação nas várias partes do globo, uma ferramenta tecnológica desempenhou papel considerável: o telégrafo, que, desde o final do século XIX, já vinha sendo utilizado pela imprensa brasileira. Nos periódicos belo-horizontinos, o emprego desse recurso, ao que parece, estava presente desde a chegada da prática do futebol ali. Contudo, como a fonte da informação não era explicitada, não é possível fazer afirmação categórica a respeito. Em pouco tempo, porém, ao final da década de 1900, apareceram seções intituladas “telegrammas”, que traziam notícias curtas sobre diversas partes do globo, notadamente a Europa, os Estados Unidos, a Argentina e as principais capitais nacionais.

A rápida divulgação de dados através dos serviços telegráficos permitia que um fato ocorrido no dia anterior, em lugar distante do mundo, fosse publicado pelos jornais, da mesma maneira que qualquer evento local. Contando com a divulgação de acontecimentos por meio de agências internacionais de notícias, a imprensa belo-horizontina inseria-se na rede global de circulação da informação que cada vez mais se sofisticava.

³⁰⁴ Cf. A missão do magisterio. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 1º de fevereiro de 1908. p. 3-4 e EDUCAÇÃO DA VOZ. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 1º de outubro de 1908. p. 5.

³⁰⁵ SPORT. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 23 de outubro de 1908. p. 6-7.

³⁰⁶ Notas e Factos. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 2 e 3 de agosto de 1909. p. 7.

Disputas de jogos internacionais no Brasil³⁰⁷ e a crítica ao fato de Dinorah, irmão de Dilermando, o assassino accidental de Euclides da Cunha, ter participado de partida pelo *Botafogo* algum tempo depois do ocorrido³⁰⁸ eram alguns dos temas futebolísticos que se viam nos jornais do período. Outras modalidades também mereciam espaço, sendo recorrentes os anúncios de provas hípicas pelo país.³⁰⁹

A circulação de informações acerca dos eventos esportivos em diferentes localidades também se dava por meio de outras colunas presentes nos periódicos. O *Minas Geraes*, por exemplo, veiculava notícias sobre o interior do estado em sua seção *Vida Mineira* que, por diversas ocasiões, divulgou provas atléticas em cidades como Juiz de Fora³¹⁰, Ouro Preto³¹¹, Sete Lagoas³¹² e Nova Lima, na época Villa Nova de Lima.³¹³ O mesmo jornal ainda apresentava as *Notas do Exterior*, que relatavam acontecimentos de variadas modalidades, como o futebol³¹⁴, o atletismo³¹⁵, o ciclismo³¹⁶ e a aviação³¹⁷, em inúmeras partes do globo. Os dados ali publicados pareciam contar com os serviços telegráficos, já que normalmente se referiam a eventos bastante recentes.

Tal profusão de notícias permitia aos adeptos do futebol em Belo Horizonte construir visão global do cenário esportivo, facilitando o planejamento de estratégias de organização e a constituição de percepções e discursos sobre a atividade atlética embasados em experiências que se desenrolaram em outros centros. Além disso, os leitores viam abertas as possibilidades de desenvolver seu gosto por aquele tipo de divertimento, vivenciando o interesse do aficionado pelos resultados das disputas.

A ampliação da circulação de informações verificada nos anos subseqüentes ao retorno das agremiações de futebol a Belo Horizonte não foi o único caminho pelo qual

³⁰⁷ Cf. TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 de julho de 1908. p. 7-8; TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 de julho de 1908. p. 8.

³⁰⁸ Cf. TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 23 e 24 de agosto de 1909. p. 8.

³⁰⁹ Cf. TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 de fevereiro de 1908. p. 7; TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de junho de 1908. p. 8; TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 31 de julho de 1909. p. 7 e TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 de dezembro de 1910. p. 8.

³¹⁰ Cf. *Vida Mineira. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 de julho de 1908. p. 6 e *Vida Mineira. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1º de maio de 1909. p. 5.

³¹¹ Cf. *Vida Mineira. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de agosto de 1908. p. 6 e *Vida Mineira. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 29 de agosto de 1908, p. 7.

³¹² Cf. *Vida Mineira. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 e 8 de junho de 1909. p. 6.

³¹³ Cf. *Vida Mineira. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de janeiro de 1910. p. 6.

³¹⁴ Cf. *Notas do Exterior. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 de abril de 1909. p. 5 e *Notas do Exterior. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 de junho de 1909. p. 6.

³¹⁵ Cf. *Notas do Exterior. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 de março de 1909. p. 5.

³¹⁶ Cf. *Notas do Exterior. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de julho de 1909. p. 7.

³¹⁷ Cf. *Notas do Exterior. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 2 de junho de 1909. p. 6 e *Notas do Exterior. Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de novembro de 1909. p. 7.

se deu o aprofundamento das conexões entre a atividade esportiva da capital mineira e as de outras localidades. Seguindo tendência já verificada de crescimento das possibilidades de trânsito de pessoas, várias foram as ocasiões em que os atletas da cidade encontraram-se com seus congêneres vindos de lugares diversos. O *Yale Athletic Club* foi uma entidade particularmente pródiga em promover tais encontros no início da década de 10.

Apesar de a trajetória inicial do futebol belo-horizontino não ter contado com participação intensa de imigrantes, a poucos quilômetros da cidade, Morro Velho, um núcleo de ingleses, criado no município de Nova Lima em função da exploração de jazidas minerais a cargo de uma empresa britânica, era sede da, então considerada, melhor equipe da modalidade em Minas Gerais. Entre os indivíduos ali residentes, o esporte era particularmente apreciado, verificando-se a realização constante de disputas variadas, todas no âmbito do *Morro Velho Athletic Club*, como evidenciou uma série de reportagens publicada no *Minas Geraes* em 1911.³¹⁸

Mesmo com a proximidade geográfica, os adeptos do futebol dos dois lugares não mantinham relação intensa, com ausência de partidas entre as agremiações dos respectivos locais. Porém, em 1911, o *Yale* alterou tal situação e foi a Morro Velho para disputar um jogo que despertou interesse na imprensa belo-horizontina, contando com a cobertura de vários jornais. Os comentários sobre o desenrolar do certame revelaram que existiam, entre os dois times, diferentes percepções da modalidade e da forma como ela era praticada:

“O jogo foi encarniçado de parte a parte, tendo os ingleses atacado, desde o principio, terrivelmente o *gool* (sic), porém sem resultado.

Esse ardor foi arrefecendo ante a attitude do ‘Yale’, leal e honesto sempre em sua defesa.

Afinal, depois dos mais emocionantes transes e exgottado o tempo, verificou-se o *empate*, sem ser cortado ponto algum a ambos os Clubs.

Convem notar que os ingleses nem sempre foram leaes em sua acção, recorrendo a *passes* condemnados, tendo a seu lado, com irritante parcialidade, o *refree* (sic), o que foi geral e desagradavelmente commentado pela assistencia numerosa”.³¹⁹

Conforme evidencia a citação, dois estilos de jogo se opuseram naquele encontro. Enquanto os jovens da capital prendiam-se a uma postura mais cavalheiresca, atentos aos preceitos do *fair play*, os atletas ingleses demonstravam-se muito mais

³¹⁸ Cf. MORRO VELHO. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de julho de 1911. p. 3-4; MORRO VELHO. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 de julho de 1911. p. 3 e MORRO VELHO. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 de julho de 1911. p. 12.

³¹⁹ “Yaie” (sic) versus “Morro Velho”, *O Estado*, Bello Horizonte, 2 de agosto de 1911. p. 2.

apegados a noções como competitividade e uso da força física. Os sócios do *Yale*, que conseguiram importante empate contra aqueles renomados futebolistas, tiveram a oportunidade de, através dessa partida intermunicipal, testar de maneira mais intensa suas estratégias, assim como conhecer novas perspectivas táticas. Além do aspecto da integração entre grupos que compartilhavam do mesmo gosto pelo esporte, tais eventos ofereciam chance de aprimoramento técnico dos atletas e dos times. Enfrentando adversários superiores, os membros das agremiações belo-horizontinas desenvolviam seus conhecimentos e habilidades.

Oportunidade ainda mais interessante se deu naquele mesmo ano de 1911, quando o *America* do Rio de Janeiro, campeão carioca daquela temporada, veio a Belo Horizonte para disputar partida com o *Yale*, no segundo jogo interestadual da história do futebol da cidade.³²⁰ A visita da afamada agremiação da capital federal foi cercada de solenidades e de entusiasmo, com recepção no Salão de Honra do Palácio Presidencial do Estado, desfile em bonde especial acompanhado por banda de música e banquete no Grande Hotel, oferecido pelo anfitrião³²¹, atitude bastante similar à observada durante a estada do *Viserpa* em Barbacena, seis anos antes. Novamente, os encontros entre equipes de diferentes localidades tornavam-se ocasiões para a busca de construção de imagens favoráveis entre os pares.

Não só ao *Yale*, contudo, coube a tarefa de promover certames contra clubes de outras cidades. Como indício do crescimento do futebol tanto em Belo Horizonte quanto no interior do estado, havia número cada vez maior de jogos intermunicipais envolvendo agremiações da capital mineira.³²² Ainda que esporadicamente, partidas interestaduais também continuaram a acontecer, a exemplo do retorno do mesmo *America* no ano seguinte.³²³

Como evidenciou artigo veiculado no *Minas Geraes*, que na sua introdução elogiava as iniciativas do *Yale* e afirmava que a entidade estava chamando a atenção da população local para o assunto e em seguida, apresentava extrato de texto retirado da

³²⁰ O primeiro havia sido entre o *Riachuelo F. C.*, do Rio de Janeiro, e o *Sport Club*, partida disputada no Parque Municipal. Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 e 13 de setembro de 1910. p. 6.

³²¹ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 de novembro de 1911. p. 7; Match de Foot-ball. *O Estado*, Belo Horizonte, 17 de novembro de 1911 e Match de Foot-ball. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 18 de novembro de 1911. p. 2.

³²² Pode-se citar os jogos realizados entre o *Sport Club* e *Villa Nova* de Nova Lima e entre o *Athletico* e a *Associação Athletica Gramberyense* de Juiz de Fora e o *Villa Nova*. Cf. Exposição Agro-Pecuária. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de setembro de 1909. p. 6; Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 e 14 de maio de 1912. p. 7; Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de julho de 1912. p. 7 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 de setembro de 1912. p. 14.

³²³ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 4 e 5 de novembro de 1912. p. 6.

obra *Introdução a la Médecine de l'Ésprit* que examinava o ciclismo³²⁴, a relação da imprensa com o meio atlético local vivenciava movimento de mão dupla. A atuação das entidades esportivas da cidade incentivava a publicação de mais matérias sobre o tema, da mesma forma que a circulação de informações contribuía para o desenvolvimento daquele ramo dos divertimentos.

O movimento intenso rumo à consolidação definitiva do futebol na capital mineira era evidenciado, para além do crescimento da organização das agremiações locais, pelo aumento significativo na quantidade de notícias e artigos sobre o tema presente nos periódicos da cidade. Informações vindas do país³²⁵ e do exterior³²⁶ sobre aquela modalidade atlética e análises de diversos tópicos ligados ao esporte³²⁷ povoavam cada vez mais as páginas da imprensa.

As conexões estabelecidas pelo futebol de Belo Horizonte com outras localidades do Brasil e do mundo não se restringiram ao trânsito de pessoas e à difusão de informações. Além desses elementos, observou-se a circulação de mercadorias, a qual se fez presente desde a introdução de tal modalidade atlética. Um episódio ilustrativo do fenômeno se deu no momento de retorno das agremiações do gênero à cidade, mais especificamente no âmbito da formação do, então chamado, *Athletico Mineiro Football Club*. Em meio à preparação para o início dos exercícios, seus jovens membros se viram em dificuldades para conseguir o material esportivo necessário. Conforme relato publicado, anos depois, no jornal *Estado de Minas*:

“[...] A primeira sede foi um cantinho do porão da casa onde residia Vate (Marginal Leal), à rua Goiaz, nos fundos do Palacio da Justiça, onde foram discutidos os problemas, para que o clube tomasse impulso.

Mas, antes, os garotos tiveram que vencer o problema mais sério para enfrentar a realidade – a bola. Naquele tempo, Ninico Antunes (hoje dr. Antonio Antunes Filho) enviava besouros e outros ‘bchinhos’(sic) para um amigo que residia na França, que o creditava da importancia das despesas

³²⁴ Cf. A nossa educação physica. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 de março de 1912. p. 4.

³²⁵ Cf. TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 24 de julho de 1913. p. 7; TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 3 de setembro de 1913. p. 8; TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 22 de julho de 1914. p. 11 e TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 10 de setembro de 1913. p. 12.

³²⁶ TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 2 e 3 de junho de 1913. p. 7; TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 27 de julho de 1913. p. 12 e TELEGRAMMAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 1º e 2 de junho de 1914. p. 11-12.

³²⁷ Cf. O atletas chegam a velhice?. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 21 de abril de 1913. p. 18; Knock Out. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 25 de março de 1914. p. 7-8; A renascença da esgrima. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 2 de abril de 1914. p. 8-9; O seculo do sport. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 11, 12, 13 e 14 de abril de 1914. p. 2-3; Orientações Pedagógicas. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 19 de outubro de 1913. p. 7 e O MEDICO NAS ESCOLAS. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 25 de outubro de 1913. p. 8-9.

feitas. Ai estava a solução do problema sério – Ninico Antunes pediria ao amigo que lhe enviasse uma bola, em troca do que lhe devia. E isso foi feito. A pelota chegou, para alegria dos garotos atleticanos uma bola numero 3, que custara naquela epoca a apreciavel soma de 11 cruzeiros.”³²⁸

Em 1908, a circulação dos materiais destinados à prática do futebol ainda era escassa, a exemplo do que se via, poucos anos antes, com clubes cariocas, como o *Botafogo*, que compravam diretamente da Inglaterra os equipamentos necessários.³²⁹ Numa época em que aquela modalidade era restrita a pequeno número de atletas, a importação por encomenda era a principal forma de se adquirir tais mercadorias. Episódios, como o do *Athletico*, evidenciavam a ligação entre o esporte e o desenvolvimento de novos hábitos de consumo próprios da expansão do capitalismo pelo mundo, sendo a adesão ao recém-implantado divertimento impulso para a constituição de mercados nos locais onde as atividades começavam a ser apreciadas.

Ao acolher o futebol, os jogadores belo-horizontinos, para evitar as improvisações, que não eram condizentes com a conduta de refinamento cultivada pelas agremiações pioneiras, e para poder adquirir os materiais necessários para a prática, tinham de lançar mão da importação, seja através de casas comerciais brasileiras especializadas, seja por meio de envios direto da Europa. O consumo de mercadorias cumpria, assim, o papel de estabelecer conexões com outros locais, não ficando elas restritas apenas à circulação da informação e de pessoas.

O crescimento da atividade futebolística na capital mineira, com o conseqüente aumento de praticantes, implicava na expansão da necessidade por materiais esportivos, fato que era percebido pelos comerciantes locais, que começavam a ver os atletas como consumidores em potencial. No processo de formação desse novo mercado na cidade, eventos, como o jogo interestadual entre o *America* do Rio de Janeiro e o *Yale*, partida que despertou grande interesse, constituíam-se em boa ocasião para a divulgação da venda dos produtos, com se viu no seguinte anúncio veiculado em *O Estado*:

“Sortimento chegado ultimamente para a
Bota Americana
Chapéos chile e Panamá; lindos guarda-chuvas para homens e senhoras
Artigos para Foot Ball
Chapéos borsalino em todas as fôrmas, e grande sortimento de calçado para
creanças; novas marcas de calçados Melillo para homens e senhoras.
A maior modicidade em preços

³²⁸ A PRIMEIRA BOLA VEIO DA FRANÇA. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 31 de dezembro de 1949. p. 8. *Apud* Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061.

³²⁹ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 39.

Mesmo que sem especificar quais itens oferecia, falando apenas em “Artigos para Foot Ball”, o estabelecimento evidenciava a afirmação de público numeroso o suficiente para motivar a encomenda antecipada, sem pedidos prévios.

Incentivos ao comércio esportivo também foram criados, em momento posterior, pelo governo federal, que garantiu isenção de impostos aos produtos destinados à prática atlética, através da lei n. 3.446, de 31 de dezembro de 1917, a qual decretou:

“Art. 47. Fica isento de pagamentos de taxas alfandegarias todo o material desportivo importado diretamente pelas sociedades de Foot-Ball e de Remo, de acordo com a lista infra mencionada, a saber:

Foot-ball:

Borzeguins de couro, meias, joelheiras, calções, camisas, bonets, paletots, lenços, distintivos de metal ou panno, bolas, camaras de ar, cordões de couro, rêdes para goal e cerca de ferro de arame, para isolar os campos.”³³¹

Tal concessão evidenciava o reconhecimento da utilidade e da importância das atividades físicas por parte do poder público, que ajudava na promoção de um mercado, que associado ao crescente gosto pelo futebol, ampliava-se em inúmeras regiões. Demonstração disso podia ser vista na capital mineira, onde, ao final da década de 10, negociava-se desde bolas até medicamentos para machucados e dores decorrentes dos exercícios.³³²

Um tipo de produto que representava tanto a circulação de mercadorias quanto a de informação era os chamados guias esportivos, gênero de literatura que começou a ser editado no Brasil, ainda no século XIX, sendo voltado, inicialmente, para a ginástica e outras atividades físicas. Sobre os exemplares acerca do futebol, José Moraes dos Santos Neto afirma:

“A primeira publicação específica sobre futebol no Brasil foi escrita pelo [...] esportista, dirigente e jornalista Mário Sérgio Cardim. Seu livro *Guia de foot ball*, publicado no final do primeiro semestre de 1904, teve grande repercussão entre a elite paulista e carioca, por trazer breves informes biográficos dos primeiros craques, descrições dos times da elite paulistana e carioca, a tabela do campeonato em curso da Liga Paulista, um

³³⁰ *O Estado*, Belo Horizonte, 16 de novembro de 1911. p. 4.

³³¹ LEGISLAÇÃO FEDERAL. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 16 de janeiro de 1918. p. 1-4.

³³² Cf. FOOT-BALL!!!. *Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 2 de outubro de 1918. p. 3; Sportmen. *Jornal de Minas*, Belo Horizonte, 18 de abril de 1921. p. 2 e ARTIGOS DE SPORTS. *O Rebate*, Belo Horizonte, 18 de junho de 1921. p. 4.

capítulo informativo sobre as dimensões e marcações do campo de jogo, outro para iniciantes sobre a prática do futebol e, mais importante que tudo, a primeira tradução para o português das regras do futebol e de instruções para arbitragem. O *Guia* de Cardim estabeleceu, durante mais de quinze anos, as regras de conduta dos juizes nos gramados brasileiros.”³³³

Tal publicação que, muito provavelmente, chegou a mão dos primeiros jogadores de Belo Horizonte, despertou interesse imediato, já que recebeu novas edições nos dois anos seguintes e, também, de longa duração, uma vez que se tornou referência sobre o tema.

Em 1913, momento no qual o futebol já se consolidava na cidade, ganhando inclusive maior espaço na mídia impressa, o jornal *Estado de Minas* lançou sua *Secção Sportiva* que, já em suas primeiras aparições, informava ter recebido:

“[...]enviado pela Casa Narciso, desta capital, um exemplar do *Guia Sportivo*, trazendo informações completas sobre os mais conhecidos jogos ao ar livre, como sejam o *Foot-ball* e *Lawn-Tennis*.

A título de propaganda do *sport*, vamos transcrever a introdução assignada por Mario Cardin, com o titulo ‘Um pouco de historia... de *football*.’”³³⁴

A referida introdução, escrita pelo mesmo autor da primeira publicação do gênero, apresentava uma trajetória da modalidade que, apesar de reconhecer, no início do século XIX, o momento em que o futebol ganhou seus contornos atuais, remetia-se à Antiguidade e aos primeiros jogos em que uma bola foi chutada. Como já dito, não se sabe ao certo se, anteriormente, outras edições similares ao *Guia Sportivo* tenham sido comercializadas na cidade. Porém, a oferta de tal obra cujo conteúdo englobava variada gama de dados acerca do futebol e do tênis, incluindo-se as regras das modalidades, representava oportunidade de fácil acesso ao saber qualificado sobre o esporte.

Num momento em que aquela prática atlética era percebida, em grande parte, como exercício permeado pela observância de técnicas e de normas mais rígidas, sem espaço para a improvisação, o conhecimento das regras e das estratégias de jogo era muito importante, sendo o contato com tal tipo de literatura de grande valia para os primeiros membros das equipes de futebol de Belo Horizonte. Encontrando em tais obras informações mais pormenorizadas, aquele grupo podia aprofundar seu saber acerca do esporte e constituir mais um fator de distinção frente aos demais indivíduos.

³³³ SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo*, 2001. p. 89.

³³⁴ Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 de junho de 1913. p. 2-3.

Ainda que não possibilitassem, por si só, a expansão da prática esportiva na cidade, toda a circulação de mercadorias e de informação potencializou a ação daqueles que se propunham a difundir ou a ingressar na nova atividade, assim como contribuiu para a construção de maior legitimação dos exercícios físicos, cuja penetração social crescente significava o estabelecimento de outras conexões. Foi esse o caso, por exemplo, do *Gymnasio Anglo-Mineiro*. Ao adotar o modelo inglês de ensino, a instituição implementou o uso pedagógico de inúmeras modalidades, como o futebol. Para tanto, contou, entre seus professores, com vários britânicos³³⁵, destacados jogadores, que logo encontraram espaço nas equipes locais, tornando-se difusores de técnicas diversas.

O crescimento do futebol na capital mineira impunha a seus adeptos a necessidade de consolidar uma organização mais ampla das agremiações da cidade. Tal grupo, atento a toda a circulação de informações e às conexões estabelecidas pelo meio esportivo local, buscava, em experiências atléticas que haviam se desenvolvido em outros lugares, parâmetros para a efetivação das transformações que se tornavam prementes. Dessa forma, a aproximação entre a criação das entidades dirigentes e dos campeonatos de Belo Horizonte com os de outros centros nacionais pôde ser observada.

3.4. Desenvolvimento e limites da integração institucional regional e nacional durante a consolidação do *campo esportivo* em Belo Horizonte

A organização de torneios como a *Taça Bueno Brandão*, em 1914³³⁶, era indicativo de que, dentro do desejo de se criar critérios mais claros para definição de qual era a melhor equipe esportiva da cidade, os atletas e os dirigentes belo-horizontinos mostravam-se atentos a experiências desenvolvidas em centros como São Paulo, onde a competição promovida pela Liga Paulista já passava de sua décima edição. Como parte do movimento de elaboração de instituições futebolísticas, os membros dos clubes da capital mineira fundaram, no ano seguinte, a *Liga Mineira de Sports Athletics*.³³⁷

A exemplo do que havia sido visto há mais de uma década atrás, quando o meio atlético local contou com liga de curta existência³³⁸, Belo Horizonte novamente contava com entidade dirigente do esporte. Se a formação da nova associação, por um

³³⁵ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 de setembro de 1913. p. 8 e RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade*, 2006. p. 213-221.

³³⁶ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 8 de julho de 1914. p. 10; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 de julho de 1914. p. 13 e Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 e 21 de julho de 1914. p. 10.

³³⁷ Cf. Sport. *Vida de Minas*, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1915. p. 56.

³³⁸ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 26 de outubro de 1904. p. 7.

lado, apontava para o retorno de tendência já vista na cidade, por outro, evidenciava a utilização das experiências dos centros nacionais como referencial, conforme demonstrou o uso da denominação similar a sua congênera carioca, *Liga Metropolitana de Sports Atlético*s.³³⁹

Tal como sugere o nome da instituição, os *sportsmen* belo-horizontinos, além de pretender gerir ampla variedade de modalidades, almejavam fazê-lo em nível estadual, intenção que esbarrava, contudo, na falta de maior integração das diversas áreas de Minas e de capacidade da capital de afirmar-se como pólo regional. Com a constituição do calendário futebolístico decorrente da implementação do campeonato, várias datas, contudo, ficaram reservadas para jogos que, majoritariamente, envolviam equipes do interior, promovendo, ainda que precariamente, o intercâmbio com os atletas dessas localidades. A realização de forma independente dos referidos certames, mesmo em casos de cidades próximas, como Nova Lima³⁴⁰, indicava, novamente, os limites da atuação da LMSA.

Se por um lado, a integração da entidade dirigente do esporte mineiro com as inúmeras localidades do estado era, em meados da década de 10, muito tímida, por outro, no que se refere às instituições atléticas nacionais, a aproximação com organismos e agremiações internacionais podia ser percebida no mesmo período. Visando criar associação que tivesse representatividade frente a FIFA, principal responsável pelo futebol mundial, paulistas e cariocas, não sem antes resolver impasses envolvendo oposições de interesses, criaram, em 1916, a *Confederação Brasileira de Desportos*.³⁴¹

A entidade dirigente, sediada na então capital federal, marcou de forma mais definitiva o projeto daqueles dois centros de coordenar o desenvolvimento das atividades atléticas brasileiras. Sua atuação mais ativa em Belo Horizonte pôde ser sentida pela primeira vez no final do ano seguinte à sua fundação, no episódio em que se deu a intervenção da CBD para a solução da cisão que atingia a LMSA e o meio esportivo local. Tal que querela teve seu início em outro momento de aproximação do futebol da cidade com o do Rio de Janeiro – pois foi durante os preparativos para o jogo interestadual entre o *America* e o *Clube de Regatas Flamengo* que ocorreu a quebra da autoridade do presidente da associação mineira – resolveu-se com a atuação direta do organismo nacional, conforme informou o *Minas Geraes*:

³³⁹ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 65.

³⁴⁰ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 de outubro de 1915. p. 13 e Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 29 de outubro de 1915. p. 5.

³⁴¹ Cf. CALDAS, Waldenyr. *O Pontapé Inicial*, 1990. p. 39.

“Afim de resolver a dualidade de presidencia que á Confederação de Desportos se afigurou existir na directoria da Liga Mineira de Sports Athleticos, foram a Belo Horizonte , afim de estudar o caso e propor solução para elle, os srs. Marcondes Ferraz e Heitor Luz, ambos representantes da Liga Mineira junto á Confederação de Desportos

Esta providencia inspirada pelo esforço do dr. Arnaldo Guinle, resultou no mais legitimo successo.”³⁴²

Uma integração institucional começava a ser implementada com as primeiras ações da entidade nacional do desporto. A partir daí, foram criados alguns vínculos entre a associação estadual – que foi rebatizada, a exemplo do que havia acontecido com sua congênere carioca, de *Liga Mineira de Desportes Terrestres*³⁴³ – e sua instância superior, assim como foi promovido, em certa medida, o fortalecimento das conexões do meio atlético local com o dos grandes centros brasileiros. Tal relação não se estabeleceu, contudo, num quadro de igualdade de forças, cabendo aos mineiros menor representatividade em comparação com seus pares oriundos de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A tendência ao início da integração pôde ser notada também na esfera regional. A antiga LMSA, transformada em LMDT, dava mostras de que começava a se tornar influente em outras localidades para além de Belo Horizonte, aumentando, como já visto, o número de afiliados e atingindo regiões mais distantes. Foi o caso, por exemplo, de Juiz de Fora, onde ela estabeleceu a sub-liga³⁴⁴, demonstração tanto da força do cenário atlético daquela cidade da Zona da Mata, quanto dos limites da atuação da entidade estadual. Assumindo papel mais ativo na coordenação do esporte mineiro e contando com os principais clubes de importantes centros em seus quadros, a liga passava a ser procurada por cada vez mais agremiações, como evidenciou o seguinte anúncio:

“Por estes dias o Lavras Sport Club pedirá sua filiação á Liga Mineira. Depois de filiado a valorosa agremiação Sportiva de Lavras, que conta no seu seio com a élite da mocidade de Lavras, proporá ao America F. B. C. um match.”³⁴⁵

³⁴² Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de setembro de 1917. p. 7.

³⁴³ Cf. Secção Alheia. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de setembro de 1917. p. 7-8.

³⁴⁴ Cf. Secção Sportiva. *Novidades*, Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 1919. p. 2.

³⁴⁵ Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 de agosto de 1919. p. 3. Segundo regulamento da LMDT, apenas equipes filiadas podiam realizar jogos contra os clubes já pertencentes aos seus quadros, inclusive com risco de punição aos que descumprissem a orientação. Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 de novembro de 1919. p. 3.

Num momento em que o campeonato da instituição ainda se mantinha restrito às proximidades da capital, as associações de cidades mais afastadas tinham oportunidade de enfrentar os melhores conjuntos apenas em partidas isoladas, o que garantia aos amistosos importante papel no estabelecimento da convivência entre jogadores de diferentes lugares. A constituição de ligas implicava também na formação, com maior frequência, de selecionados locais, sendo que o combinado belo-horizontino passou a travar regularmente jogos com equipes cariocas e juizforanas³⁴⁶, criando, até mesmo, rivalidade com o segundo time citado acerca de qual seria a melhor equipe de Minas Gerais. A circulação de textos nos jornais locais em defesa da superioridade do meio atlético de cada um dos centros era grande, contribuindo para o acirramento de tal competitividade.³⁴⁷

Paralelamente ao processo de aproximação institucional que representava ainda tímido movimento de integração regional e nacional, a tendência de vinculação de novos significados ao futebol, com a incorporação de idéias que ganharam força ao longo da década de 10, podia ser percebida nos principais centros brasileiros e, em alguns casos, mundiais. Cada vez mais inseridos no circuito global da informação, os atletas locais mantinham-se a par de tais transformações que se efetivavam nas percepções em torno da modalidade esportiva da qual eram adeptos.

Tal foi o caso, por exemplo, da associação do futebol com o discurso nacionalista que, ao longo da década de 10, ganhou força no Brasil, ainda que não constituísse ideologia de governo, como se veria vinte anos depois. Esse fenômeno, dentre outras conseqüências, orientou o projeto, que a CBD se propunha liderar, de integração da modalidade pelo país.

Entre os principais entusiastas do nacionalismo e de sua associação com a educação estava o poeta Olavo Bilac que, atento ao valor que se conferia ao exercício atlético no Ocidente, fazia defesa dessa prática, em discurso particularmente bem recebido entre os *sportsmen*, grupo que via no escritor alguém com intenções muito semelhantes às suas. Em sua visita a Belo Horizonte, em 1916, a qual movimentou diversos setores da cidade, ansiosos por travar contato com o intelectual, o tema das atividades ginásticas e do esporte estiveram bastante presentes na série de compromissos que teve e palestras que proferiu. Na capital mineira, ele acompanhou

³⁴⁶ Cf. Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 de agosto de 1919. p. 3; Secção Sportiva. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 de setembro de 1919. p. 3; FESTAS E DIVERSÕES. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 de outubro de 1919. p. 6; SPORTS. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 de setembro de 1920. p. 3 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 25 de março de 1921. p. 8.

³⁴⁷ Cf. SPORTS. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 7 de setembro de 1920. p. 3.

ainda a disputa de jogos de várias modalidades em escolas locais, assim como participou da inauguração de um centro de cultura física que levava seu nome.³⁴⁸

A presença do reconhecido difusor do pensamento nacionalista aplicado às práticas atléticas não significava propriamente oportunidade dos adeptos do futebol local conhecerem aquelas idéias, as quais provavelmente já haviam descoberto antes. Contudo, a visita de Olavo Bilac chamava a atenção do público maior para o tema, auxiliando na divulgação de valores importantes para a legitimação do esporte na cidade.

Outra novidade do final dos anos 10 era a teoria eugênica que começava a ser adotada, particularmente, nos meios médicos. Anos antes, quando era pouco divulgada, essa idéia já havia sido abordada em artigos dos periódicos locais.³⁴⁹ Em pouco tempo, discursos que associavam-na às práticas atléticas começaram a ganhar espaço no país, conforme informou a Revista *Radium*, órgão do centro acadêmico da Faculdade de Medicina, no texto intitulado “Eugenia”:

“Um dos meios mais seguros, mais commodos e mais attrahentes para a melhoria da raça, é, certamente, o desporto. São Paulo compreendeu bem isso. E o seu novo presidente, que, por signal, é fluminense, affirmou categoricamente, em sua apresentação, que necessitamos, nós, brasileiros enfermiços fisicamente e intellectualmente, tanto de escolas como de sociedades desportivas.

Se nós, em Minas, adoptassemos esse principio também...”³⁵⁰

Apontando a atitude paulista de valorização do esporte como mecanismo de desenvolvimento da raça, o autor do artigo conclamava seus leitores, jovens estudantes, a defenderem a aplicação de semelhante idéia, em evidência da permanência dos grandes centros nacionais como referencial para a atuação dos atletas belo-horizontinos. Através da circulação da informação pelos periódicos da capital mineira, a mocidade refinada da cidade atualizava sua visão do futebol como útil divertimento para o desenvolvimento da população local.

A adoção da prática esportiva por outras classes, para além das mais bem posicionadas sócio-economicamente, foi fenômeno que não se restringiu a Belo Horizonte, tendo ocorrido em importantes centros nacionais. Esse processo de

³⁴⁸ Cf. Olavo Bilac. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 26 de agosto de 1916. p. 5-6; Olavo Bilac. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 27 de agosto de 1916. p. 9-11 e Olavo Bilac. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 28 e 29 de agosto de 1916. p. 5-6.

³⁴⁹ Cf. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 27 de abril de 1913. p. 8 e Eugenia brasileira. *O Commercio de Minas*, Bello Horizonte, 13 de maio de 1916. p. 2.

³⁵⁰ “Radium” Desportivo. *Radium*, Bello Horizonte, setembro de 1920. p. 31.

disseminação, que atingiu particularmente o futebol, era bastante divulgado nas notícias que circulavam na imprensa da capital mineira, de modo que os atletas locais, por meio delas e dos contatos que travavam com seus pares de diversas cidades, mantinham-se informados das mudanças por que passava tal ramo dos divertimentos.

Clubes como o *Yale*, que cultivavam forte ligação com sua condição social e com sua vizinhança, buscavam estabelecer conexões com entidades futebolísticas que possuíssem perfil similar, conforme evidenciou Leonardo Pereira na seguinte passagem:

“[...] Grêmios proletários de outros estados como o Yale Athletic Club, de Belo Horizonte, chegavam a buscar nos sócios de clubes como o Bangu um apoio que tinha no perfil de seus associados sua maior justificativa. ‘Formado de operários’, ele pedia ‘auxílio para a construção de um pavilhão em seu *ground*’, contando com uma ajuda que tinha na identificação entre os sócios dos dois clubes sua única base.”³⁵¹

Percebendo semelhança com a agremiação carioca, os membros do *Yale* procuravam, a partir da identificação mútua, conseguir ajuda para a implantação da melhoria em seu campo de jogo. Importante referencial de associação esportiva de fábrica, que provavelmente servia de modelo para a equipe do Barro Preto, o *Bangu* era visto, ao mesmo tempo, como par e possível patrono.

Outro tipo de identidade que surgiu com destaque no meio esportivo da capital mineira foi a imigrante. Se, ao contrário de outros centros, o futebol em Belo Horizonte não contou com a presença de estrangeiros, principalmente ingleses, em seu processo de implantação, naquele final da década de 10, agremiações fundadas no seio de colônias mais pobres, como os portugueses e os italianos, começaram a se fazer presentes. Tal fenômeno se ligava ao movimento de disseminação da prática atlética entre variadas classes sociais, em momento já bem diferente do da introdução daquela atividade física.

Entre os italianos de Belo Horizonte, que buscavam, em meio à colônia não muito coesa, formar um clube de futebol, exemplos vindos de outros centros, como no caso do *Palestra* de São Paulo, grande modelo de agremiação imigrante no Brasil, serviam de parâmetro e estímulo para a constituição do projeto da entidade com que sonhavam e que concretizaram, em 1921, com a fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*.³⁵²

Toda a atenção que o futebol conseguia atrair fazia dele um dos ramos mais bem sucedidos dos divertimentos da capital mineira. Ao seu lado, contudo, outro tipo de

³⁵¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 273.

³⁵² Cf. SANTANA, Jorge. *Páginas Heróicas*, 2003. p. 27-31.

entretenimento alcançou grande notoriedade na cidade: o cinema. Entre essas duas práticas sociais modernas, não só o bom acolhimento do público constituía ponto de contato. Por diversas vezes, o primeiro ganhou as telas do segundo, sendo tema recorrente de inúmeras películas.

Prática ligada ao desenvolvimento tecnológico vivenciado no período, o cinema sempre se mostrava atento às últimas novidades mundiais, buscando oferecer aos seus espectadores imagens que chamassem a atenção, seja pelo exotismo, pelo humor, pela imponência ou pela dramaticidade. Assim, não foi de se estranhar que, ainda em seus primórdios, as atividades atléticas constituíssem um dos seus objetos de interesse. Películas como “Sport em Botavia”, “Exercício de natação”, “Páreos internacionais de Skis”, “Sports no Voges”, “Sport no Egypto” e “Sport invernal”, classificadas como “naturais”³⁵³, algo que se aproximaria do gênero atual do documentário, eram algumas, dentre as várias exibidas aos espectadores da capital mineira. Contando com o forte impacto que as imagens em movimento causavam naquela época, tal tipo de circulação da informação conseguia trazer aos assistentes um dos principais elementos das modalidades esportivas: a questão do corpo e de seus novos usos nos jogos físicos.

Outro gênero que cumpria importante papel na divulgação de fatos, especialmente relativos à Europa, era o dos cinejornais, que tratavam de temas variados, como destacou o anúncio do “‘Gaumont Jornal’, numero XXVI sobre modas, actualidades mundiaes, novidades semanas e sportivas”.³⁵⁴ Tais noticiários cinematográficos foram exibidos com frequência regular ao longo de toda a década de 10, sendo constantes seus anúncios nos periódicos locais. Películas semelhantes acerca do Brasil também circulavam³⁵⁵, apesar de não manterem a mesma continuidade.

A fotografia que, na época, era pouco veiculada em jornais, sendo difundida, principalmente, através das revistas, foi, assim como o cinema, outro importante meio imagético de difusão de informações acerca do esporte. Boa parte das publicações ilustradas enfocava a vida social da capital mineira e do estado em geral, sendo comum

³⁵³ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 13 de junho de 1909. p. 6; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 1º de janeiro de 1910. p. 6; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 7 de maio de 1910. p. 7; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 12 de maio de 1910. p. 7; Pelos Cinemas. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 11 de outubro de 1912. p. 2 e Diversões Varias. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 8 de junho de 1913. p. 2. Filmes humorísticos como “Sport da moda”, “Max exercita-se no ski” e “Did Sportsman” também eram exibidos nos cinemas belo-horizontinos. Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 29 de maio de 1910. p. 5; Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 7 de julho de 1910. p. 8 e Diversões Varias, *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 12 de junho de 1913. p. 3.

³⁵⁴ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 14 de agosto de 1912. p. 6.

³⁵⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 26 de julho de 1912. p. 3.

a inserção de imagens do movimento atlético nas localidades do interior.³⁵⁶ A exemplo do que se via no caso de Belo Horizonte, essas iconografias apresentavam um olhar mais voltado para o público assistente dos jogos.³⁵⁷

No contexto de desenvolvimento das atividades atléticas no Brasil e de tentativas de aproximação entre seus principais centros urbanos, esses dois mecanismos de circulação da informação desempenharam papel importante na divulgação de eventos que estiveram diretamente ligados às transformações por que o esporte passava. No final da década de 10, a filmagem e a exibição nos cinemas de jogos de futebol já eram comuns, inclusive em Belo Horizonte.³⁵⁸ Apesar de não se constituir mais em novidade, uma série de películas despertou o interesse dos espectadores da capital mineira: as referentes ao Sul-Americano de 1919, realizado no Rio de Janeiro.

Tal competição que, na visão de muitos estudiosos, foi momento chave da construção do sentimento nacionalista em torno do futebol³⁵⁹, recebeu pouca atenção dos periódicos belo-horizontinos. Essas folhas, apesar de divulgarem seu desenrolar³⁶⁰, mostravam-se mais interessados na promoção do *Torneio das Rosas*, entre os clubes da cidade, em comemoração do Dia da Boa Imprensa.³⁶¹ Em meio aos torcedores da cidade, a competição internacional também pareceu não ser alvo de muito entusiasmo, especialmente se comparado ao comportamento dos cariocas, que lotaram o estádio durante as partidas e as ruas em suas comemorações.³⁶²

Se o desenrolar do torneio continental não despertou interesse em Belo Horizonte, o mesmo não pode ser dito sobre a exibição dos filmes daqueles jogos que, pelo grande número de sessões, atraiu bom público.³⁶³ Tal dissonância entre as atenções dispensadas ao evento e aos seus registros visuais se explicava pelo fato de que, os espectadores dessas películas compunham-se de torcedores curiosos em ver a forma como a modalidade era praticada na América do Sul e de adeptos do futebol preocupados em conhecer técnicas e táticas de jogo. Ao que parece, não havia

³⁵⁶ Cf. VITA em Ouro Preto. *Vita*, Belo Horizonte, 15 de fevereiro de 1914. p. 21 e NOTAS SPORTIVAS. *Vita*, Belo Horizonte, 26 de junho de 1914. p. 15.

³⁵⁷ Cf. "TANK" EM S. JOÃO D'EL REY. *Tank*, Belo Horizonte, outubro de 1920. p. 14.

³⁵⁸ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 28 de julho de 1918. p. 6.

³⁵⁹ Cf. FRANZINI, Fábio. *As Raízes do País do Futebol*, 2000; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000 e RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*, 2003.

³⁶⁰ Cf. TELEGRAMMAS, *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 de maio de 1919. p. 6 e *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1º de junho de 1919. p. 5

³⁶¹ Cf. Dia da Bôa Imprensa. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 29 de maio de 1919. p. 3 e Dia da Bôa Imprensa. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 29 de maio de 1919. p. 3-4.

³⁶² Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 148-154.

³⁶³ Cf. ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de junho de 1919. p. 8; ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de junho de 1919. p. 16; ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 15 de junho de 1919. p. 16; ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 17 de junho de 1919. p. 8 e ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 19 de junho de 1919. p. 8.

entusiastas do que era entendido, naquele momento, como o selecionado brasileiro. A construção da identidade nacional vinculada ao esporte dava mostras de ainda estar longe de atingir a capital mineira, que apesar de atenta ao que acontecia no centro decisório do país, pouco a ele se integrava.

Outro evento que movimentou o Brasil foi a visita dos soberanos belgas, em 1920. Para receber os monarcas, diversos centros urbanos brasileiros promoveram melhorias, como construção de monumentos e reformas de espaços públicos, as quais buscavam apresentar visão favorável da nação. A importância conferida à estadia do governante europeu tornou aquele acontecimento alvo da atenção da imprensa belo-horizontina que, por meio de reportagem fotográfica, difundiu imagens de vários momentos da visita, sendo que a participação das agremiações esportivas foi um dos aspectos retratados.³⁶⁴

Ocasão para a afirmação do desenvolvimento atlético do país, a apresentação preparada pelos clubes cariocas foi cercada de elegância e de demonstrações de organização, como evidenciavam as ilustrações presentes em periódicos, que davam a ver aos futebolistas belo-horizontinos a capacidade de seus pares de promover solenidade daquele porte, reunindo diversas agremiações no estádio do Fluminense. Embora aquela demonstração tenha sido destinada ao soberano belga como comprovação do progresso nacional, para a população da capital mineira, ela tinha o efeito de corroborar a visão do desenvolvimento superior do Rio de Janeiro e de seu meio esportivo.

Ao final da década de 10 e início da de 20, observava-se que o processo de aproximação institucional, com vistas à integração tanto nacional quanto regional ainda vivenciava seu momento inicial. A CBD, que havia dado mostras de que se envolveria mais diretamente com o meio esportivo belo-horizontino e mineiro ao intervir na antiga LMSA e transformá-la em LMDT, manteve-se distante. Indicativos de fortalecimento dos laços entre as capitais estadual e federal eram dados apenas pela frequência cada vez maior de jogos entre equipes e selecionados das duas localidades.

Da mesma forma, a extensão das ações da LMDT mostrou-se bastante restrita até o início dos anos 20. Sem dúvida, um princípio de processo de integração regional já podia ser visto na época. Contudo, a maior participação dos clubes do interior era algo que iria se constituir no futuro, pois, até então, apenas agremiações das proximidades de Belo Horizonte tomavam parte nos campeonatos organizados pela entidade dirigente do futebol estadual.

³⁶⁴ Cf. A VISITA DOS REIS BELGAS. *Tank*, Belo Horizonte, outubro de 1920. p. 26 e A VISITA DOS REIS BELGAS. *Tank*, Belo Horizonte, outubro de 1920. p. 29.

Para além do aspecto institucional, a capital mineira ainda se colocava na condição de centro periférico do futebol nacional. Mesmo depois de mais de quinze anos da introdução de tal modalidade na cidade, o desequilíbrio entre as relações que o meio atlético local estabelecia com outros lugares era perceptível, sendo que a maior transformação era o crescimento substancial das conexões, fornecendo maiores subsídios para as ações dos esportistas belo-horizontinos.

Os projetos de construção da identidade nacional e da integração esportiva não tiveram efeito na cidade até o início da década de 20. Apesar de esboçarem alguma estruturação em lugares como o Rio de Janeiro, elas pouca reação provocavam na população e nas agremiações locais. Os grandes centros nacionais não eram vistos como parte do mesmo movimento atlético, a percepção de uma unidade ainda se restringia a Belo Horizonte, para fora dali, o que se via eram outras realidades.

O processo de implantação e consolidação do futebol em Belo Horizonte seguiu trajetória própria, sendo o seu desenvolvimento fruto das ações do grupo de adeptos que se constituiu na capital mineira, o que corrobora a idéia da autonomia nos fenômenos de introdução daquele esporte pelos centros brasileiros. Contudo, em incontáveis ocasiões, nas experiências empreendidas na cidade, os atletas mostraram-se atentos ao que se passava fora dali, apropriando-se de outros referenciais.

Assim, mesmo que tendo traçado caminho particular, o futebol de Belo Horizonte e as opções que foram tomadas em seus anos iniciais tornam-se mais claros se observados à luz do circuito de informações que foi ali criado. Esse envolveu a atuação dos vários entusiastas do esporte, tanto da cidade, como de fora, dos comerciantes responsáveis pelo fornecimento de inúmeros produtos relacionados à atividade física e da imprensa local, que demonstrava grande interesse pela prática atlética, publicando, constantemente, textos sobre ela.

Perceber tais conexões não significa reduzir as escolhas tomadas pelos futebolistas belo-horizontinos a condicionantes externos, pelo contrário, representa ter em conta que as singularidades apresentadas pelo caso da capital mineira foram construídas com a consciência do que se passava em outras partes do Brasil e do mundo. Nessa perspectiva, a compreensão dos laços que o esporte criou com a realidade local abre-se como possibilidade para o exame das soluções elaboradas pelos atletas ao longo de suas vivências na cidade e como fator de entendimento das opções e apropriações processadas.

Capítulo 4 – As vivências na cidade e o futebol

Durante os anos em que Belo Horizonte assistiu a introdução e a consolidação do futebol, inúmeras relações foram estabelecidas entre aquele novo tipo de divertimento que surgia e a capital mineira e seus habitantes. Ao longo de tal trajetória, por diversas ocasiões, o esporte e a cidade mostraram-se bem próximos, com a ressonância de particularidades locais nas escolhas e nos caminhos traçados pela atividade atlética.

Dos temas que movimentavam os debates cotidianos às peculiaridades da configuração espacial da capital mineira, vários foram os fatores que se conjugaram com o futebol em seu processo de afirmação definitiva em Belo Horizonte. Vivenciando a cidade naquilo que ela tinha de comum e de próprio, os adeptos do novo esporte também procuravam demarcar sua posição como grupo capaz de promover transformações e contribuir para o desenvolvimento local.

Frente a isso, tanto para buscar compreender as opções que orientaram o processo de consolidação do futebol e de formação do *campo esportivo* em Belo Horizonte, quanto para examinar as diversas apropriações que idéias e práticas desenvolvidas em outros espaços sofreram ali, faz-se necessário observar as variadas formas como a cidade e aquela modalidade se relacionaram. Tendo em conta os inúmeros estudos acerca da capital mineira em seus primeiros anos, não se pretende aqui realizar discussões mais aprofundadas sobre a localidade, sendo a relação entre ela e a atividade atlética o ponto de interesse.

4.1. Belo Horizonte em seus primeiros anos e a recusa do convívio público

A nova capital de Minas Gerais foi a primeira cidade projetada do período republicano. O contexto de sua construção esteve ligado ao processo de transformação política por que passava o país. No intuito de marcar a transição para outro tempo, de dissociar-se do passado colonial e imperial e de implementar forma diversa de governar e administrar, a antiga sede das decisões no estado, Ouro Preto, perdeu sua condição para o novo centro urbano. Tal local, fundado em 1897 e, a princípio, conhecido como Cidade de Minas, ainda em 1901, passou se chamar Belo Horizonte.³⁶⁵

³⁶⁵ Cf. MELLO, Ciro Flávio Bandeira de. “A Noiva do Trabalho – uma capital para a República”, 1996.

Capital projetada, cujos planejadores dialogaram fortemente com o urbanismo que se consolidava e ganhava força naquele momento³⁶⁶, Belo Horizonte incorporou em seu traçado inúmeros elementos apresentados em outros consagrados centros mundiais, muitos dos quais se vinculavam ao ritmo de vida moderno. Além disso, num período em que o discurso científico encontrava bastante respaldo, especialmente no meio letrado, os preceitos higienistas foram outro importante norteador para a escolha do lugar e para o desenho da cidade.

Dentre as características que a associavam a recentes inovações, podem ser citadas as vias retas e largas que procuravam privilegiar a circulação de pessoas e de mercadorias, indicando sintonia com as formas de produção e de trabalho que ganhavam corpo no Ocidente. Centro da nova fase política de Minas Gerais, a cidade que sediaria os órgãos da administração pública foi pensada dentro dos parâmetros da gestão racional do espaço. Em seu plano, Belo Horizonte incorporava ampla divisão de suas áreas, a qual ligava-se tanto às funções que deveriam desempenhar os diferentes edifícios e logradouros quanto à construção de símbolos que evidenciavam a vocação moderna e republicana da localidade.³⁶⁷

Vários dos lugares definidos no desenho da nova capital, para além dos já destacados espaços reservados a prática esportiva, destinavam-se aos momentos de convivência e de divertimento de seus habitantes, como praças, estabelecimentos para espetáculos e o Parque Municipal³⁶⁸, o qual não se restringia às atividades atléticas. A existência de tais logradouros evidenciava o desejo de aproximar Belo Horizonte das principais metrópoles do Ocidente, por meio, dentre outras coisas, da implantação de um ritmo de vida moderno, com diversas práticas de entretenimento e de sociabilidade públicas. Na cidade fundada para marcar a transição política que se processava em Minas Gerais e no Brasil previa-se, assim, criar cotidiano comparável aos dos mais importantes centros do país.

Os anos que se seguiram à implantação da nova capital foram marcados pela chegada de grande contingente de funcionários públicos, antigos moradores de Ouro Preto e de outras localidades do interior do estado, e pela continuidade do processo de construção da cidade que, apesar de inaugurada, possuía inúmeras vias e logradouros por serem implementados. Dentre o que já estava instalado, podia observar-se lugares

³⁶⁶ Cf. HALL, Peter. *Cidades do Amanhã*, 1988 e RYKWERT, Joseph. *A Sedução do Lugar*, 2004.

³⁶⁷ Cf. MELLO, Ciro Flávio Bandeira de. "A Noiva do Trabalho – uma capital para a República", 1996.

³⁶⁸ Cf. *Planta Geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte*.

destinados às atividades de lazer e sociabilidade, como o Parque Municipal³⁶⁹, que contava, dentre outras estruturas, com o *Velo Club*.

Apesar de já estar em funcionamento, tal logradouro constituía-se em alvo da preocupação do poder público, que esperava chamar a atenção dos habitantes da cidade para aquele ponto de divertimento.³⁷⁰ Mesmo depois da edificação do que havia sido traçado no projeto da nova capital, ações continuavam sendo realizadas em torno dos espaços efetivados. Tal valorização das áreas projetadas não ficava restrita apenas a prefeitura municipal. Alguns setores da sociedade local também aderiam a essa postura, como a imprensa, que via na utilização daquelas estruturas importante ação para o desenvolvimento do cotidiano de Belo Horizonte.

Se por um lado, observavam-se defesas das concepções presentes no plano da cidade, por outro, em suas vivências diárias, a maioria dos habitantes da capital mineira dava demonstrações de não compartilhar das mesmas intencionalidades daqueles que definiram o traçado inicial de Belo Horizonte. Já nos primeiros anos, reclamações da falta de frequência da população no Parque Municipal se faziam presentes na imprensa local.³⁷¹ Esse logradouro que deveria se tornar um importante espaço de sociabilidade sofria com a ausência de público e de serviços.

Ainda que não dispusesse de ampla estrutura para acolher diferentes divertimentos, como se evidenciou no caso das peças teatrais que permaneceram por bom tempo em instalação improvisada³⁷², as poucas alternativas criadas não eram vivenciadas com grande entusiasmo pela população, a exemplo dos espetáculos que, comumente, viam o interesse inicial, em curto período, arrefecer-se.³⁷³ Para aqueles que entendiam que Belo Horizonte, como capital do estado e como cidade construída sob os preceitos mais modernos, inclusive da convivência urbana, deveria rapidamente alcançar ritmo de vida similar a importantes centros nacionais, o cotidiano do lugar mostrava-se decepcionante. As poucas iniciativas no ramo do entretenimento eram tidas por insuficientes frente à potencialidade da localidade.³⁷⁴ Imagens de uma sociedade letárgica, sem grande fôlego para sustentar as ações que visavam tornar seu dia-a-dia

³⁶⁹ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/124 Cx N° 85.

³⁷⁰ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/124 Cx N° 85.

³⁷¹ Cf. BOHEMIOS, *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 20 de maio de 1900. p. 1.

³⁷² Cf. Theatro Soucasaux. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 19 de dezembro de 1899. p. 2.

³⁷³ Cf. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 4 de setembro de 1900. p. 1.

³⁷⁴ Cf. BOHEMIOS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 1º de abril de 1900. p. 1 e ECHOS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 9 de novembro de 1900. p. 1.

mais dinâmico e elegante, eram construídas pelos cronistas da virada do século XIX para o XX.³⁷⁵

As eventuais corridas do *Velo Club*, alguns concertos das bandas locais no coreto do Parque³⁷⁶ e as festividades carnavalescas³⁷⁷ constituíam-se nas raras ocasiões em que os espaços ao ar livre das áreas mais centrais da cidade eram utilizados por seus habitantes, nos primeiros anos após a fundação da nova capital em 1897. Mantendo traços de elegância e de civilidade, tais manifestações aproximavam-se das intencionalidades daqueles que projetaram Belo Horizonte.

Além disso, a população da capital mineira se envolvia com peças teatrais³⁷⁸, apresentações circenses³⁷⁹ e bailes e saraus realizados nas próprias casas dos habitantes³⁸⁰, alternativas de entretenimento que compartilhavam do mesmo refinamento projetado sobre os divertimentos ressaltados acima, com a diferença de não se utilizarem dos espaços públicos. A pouca continuidade das práticas ao ar livre demonstrava que, entre os moradores de Belo Horizonte, o costume de manter atividades mais reservadas, em ambientes particulares, apresentou-se como tendência relevante no que dizia respeito ao lazer.

A convivência pública não parecia ser característica da sociedade local que, apesar das instalações propostas no plano da nova capital, preferia manter encontros privados, em espaços restritivos. À exceção das celebrações religiosas, aquela população demonstrava não estar disposta a participar intensamente de manifestações coletivas, inclusive, das realizadas em ambientes reservados, as quais mantinham-se apenas enquanto a atração constituía novidade. O tempo livre dos belo-horizontinos tornava-se assim, momento do descanso, a moderna idéia do entretenimento e do lazer alcançava pouca repercussão na cidade.

Cada vez mais, especialmente entre a imprensa local, ganhava força a imagem de uma dicotomia que perpassava Belo Horizonte e que se referia ao fato de que o espaço urbano traçado sob orientação de preceitos modernos abrigava população de

³⁷⁵ Cf. ECHOS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 6 de dezembro de 1900. p. 1.

³⁷⁶ Cf. Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/124 Cx N° 85.

³⁷⁷ Cf. Carnaval. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 1900. p. 2 e Carnaval. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 25 de fevereiro de 1900. p. 2.

³⁷⁸ Cf. ANNUNCIOS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 20 de dezembro de 1899. p. 3; TEATRO SOUCASAU. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 28 de janeiro de 1900. p. 3 e Teatro Soucasaux. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 21 de julho de 1900. p. 2.

³⁷⁹ Cf. ANNUNCIOS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 28 de julho de 1900. p. 3 e *Jornal do Povo*. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 25 de outubro de 1900. p. 1.

³⁸⁰ Cf. ECHOS. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 6 de dezembro de 1900. p. 1.

perfil interiorano e atrasado. Tal visão era corroborada por inúmeros relatos de fracassos em empreendimentos de lazer ao longo dos primeiros anos da nova capital.

Em meio a contexto tão desfavorável, os clubes começaram a se afirmar como iniciativa para constituição de sociabilidades entre os habitantes da cidade, expressando as tendências, entre a comunidade local, da busca do convívio mais restritivo. Tais entidades, que mantinham seu caráter mais exclusivista por meio de seus estatutos que previam diferentes mecanismos de seleção dos membros, tiveram atuação em múltiplas áreas e acabaram por se consagrar como a principal forma de implemento de ações conjuntas entre os moradores da capital mineira na área do divertimento.

Ainda no século XIX, além do *Velo Club*, dedicado ao ciclismo, foram fundadas agremiações, tais como o *Club das Violetas*³⁸¹ e o *Club Rose*³⁸², que se voltavam para a promoção de eventos elegantes, como bailes e reuniões sociais, demonstração de que a atividade atlética não era a única que mobilizava os indivíduos para a constituição de associações. As entidades citadas eram representadas pela imprensa como refinadas e contavam com a participação de destacadas figuras da população local. Apesar do reconhecimento de que gozavam, seguindo tendência já verificada antes em Belo Horizonte, elas não tiveram longa vida, mesmo que, por certo tempo, tenham conseguido manter atividade regular.³⁸³

Destinadas ao desenvolvimento de outras ações, novas agremiações também foram criadas na capital mineira durante seus primeiros anos. Clubes carnavalescos³⁸⁴, teatrais³⁸⁵ e literários³⁸⁶ assumiam a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento da vida social da cidade, procurando implementar práticas que mobilizassem a população local.

Mesmo que tais organizações não mantivessem existência duradoura, sofrendo com a falta de empatia da comunidade belo-horizontina por esse tipo de iniciativa, elas ganhavam força como modelo de associação para a promoção de variados divertimentos, com destaque para o esporte. Seus membros, predominantemente integrantes das classes mais altas da capital mineira, conservavam o perfil restritivo das entidades, evidenciando que a pouca participação nas manifestações em espaços públicos não se resumia a falta de entusiasmo da população. Procurando construir um

³⁸¹ Cf. Gazetinha. *Diario de Minas*, Cidade de Minas, 14 de novembro de 1899. p. 2.

³⁸² Cf. Correio do Salões. *Jornal do Povo*, Bello Horizonte, 2 de janeiro de 1900. p. 3.

³⁸³ Cf. ECHOS. *Jornal do Povo*, Bello Horizonte, 6 de dezembro de 1900. p. 1.

³⁸⁴ Cf. Carnaval. *Jornal do Povo*, Bello Horizonte, 4 de fevereiro de 1900. p. 2.

³⁸⁵ Cf. GAZETILHA. *Jornal do Povo*, Bello Horizonte, 28 de janeiro de 1900. p. 2

³⁸⁶ Cf. ECHOS. *Jornal do Povo*, Bello Horizonte, 6 de dezembro de 1900. p. 1.

aspecto de elegância e modernidade em torno dos clubes, seus componentes buscavam vincular suas ações ao projeto de desenvolvimento da cidade.

Os sócios das diferentes agremiações, que constantemente eram vistas pela imprensa como dotadas de refinamento, demonstravam o desejo de transformação do cotidiano social da cidade, ainda que de maneira que não atingisse a todos. Para além da busca de distinção, tais grupos vinculavam-se ao discurso que defendia a civilização da capital mineira que, alcançando seu potencial, assemelhar-se-ia a importantes centros mundiais e nacionais.

A questão dos divertimentos em Belo Horizonte inseria-se como parte de um debate mais amplo. Conforme indicavam os comentários acerca das primeiras iniciativas do ramo na cidade, inclusive as voltadas para o esporte, suas relações com outros temas presentes no dia-a-dia da capital mineira eram estreitas. O desejo de efetivação de idéias apresentadas no plano de construção da localidade ou mesmo a recusa dessas, com a proposição de outros parâmetros e visões de mundo, passava também pela questão da sociabilidade e do lazer. Aqueles que se envolviam com tais atividades mostravam-se cientes disso e em suas ações cotidianas evidenciavam a vontade de interferir no processo.

4.2. A introdução de novos hábitos em Belo Horizonte e a construção de sentidos em torno do futebol

No momento da chegada do futebol à capital mineira, em 1904, algumas outras novidades já haviam passado ou estavam sendo implantadas na cidade, como se viu, inclusive, no caso das diferentes modalidades esportivas. A cada prática recém-introduzida, podia se observar o desenvolvimento de debates acerca de sua validade e de sua utilidade, especialmente nas crônicas e artigos de jornal.

Dentro do discurso da imprensa em torno da necessidade de se constituir na capital mineira ritmo de vida mais agitado, com múltiplas diversões, maior convivência em espaços públicos entre sua população e melhores instalações para espetáculos e eventos, era comum a defesa dos novos hábitos, principalmente quando eles eram identificados como práticas oriundas de importantes centros mundiais. Tal atenção das folhas belo-horizontinas garantia aos vários clubes recém-criados a caracterização de associações úteis à cidade, na medida em que contribuía para o incremento de seu cotidiano³⁸⁷, e aos seus membros a aquisição de prestígio junto à comunidade.

³⁸⁷ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 de julho de 1904. p. 6.

A construção da visão favorável à transformação dos costumes da população belo-horizontina e, mais especificamente, das suas atividades nas horas de descanso, conectava-se a inúmeras idéias que ganhavam força no início do século XX, de modo que a definição da utilidade dos novos hábitos representava a adesão a um modelo mais amplo de desenvolvimento social. Não eram raras as vezes em que a argumentação em defesa dos divertimentos evocava tópicos como a saúde, a educação ou as ciências.

A aproximação das temáticas maiores representava o desejo de promover intervenções de mais longo alcance, sendo que tais discursos objetivavam legitimar não só a introdução de uma prática qualquer, mas a transformação mais ampla dos hábitos, no caso, da população da capital mineira. Se a imprensa era o grande veículo de difusão das representações elaboradas em torno das diferentes novidades que se procurava introduzir em Belo Horizonte, seus formuladores encontravam-se em variados grupos, com destaque para os que mais diretamente se envolviam com as referidas atividades.

Compartilhando da expectativa de transformação dos hábitos dos moradores, os membros das agremiações dedicadas ao futebol, empreenderam, assim, a constituição de discursos legitimadores da prática da qual eram adeptos, evocando inúmeros valores considerados positivos e vantagens que ela poderia trazer à população em geral ou a grupos específicos. Dentre os aspectos favoráveis daquela modalidade, a questão da sua elegância era alvo constante de destaque, com inúmeras referências por parte da imprensa.³⁸⁸ Lançando mão das raízes inglesas da atividade, seus atletas e entusiastas evocavam o imaginário construído acerca de tal país e da forma como o esporte era ali vivenciado, conforme destacou Leonardo Pereira com relação ao caso carioca:

“Esse processo era, porém, o resultado de uma operação que, tendo na Inglaterra seu epicentro, desconsiderava as condições nas quais era lá praticado o futebol. [...] Sem atentarem para a grande difusão do futebol no país que lhes servia de modelo, os *sportmen* cariocas transformaram um esporte praticado por operários das mais diversas procedências em um símbolo de elegância e sofisticação.”³⁸⁹

Ao representarem o futebol como costume refinado, seus defensores apontavam para os limites da transformação do ritmo do cotidiano da capital mineira que tinham em mente. Prática destinada aos grupos mais selecionados da sociedade local, o novo esporte não serviria, segundo tal discurso, para o lazer das classes populares belo-horizontinas. A demanda por conduta elegante e postura polida

³⁸⁸ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 e 4 de outubro de 1904. p. 6.

³⁸⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*, 2000. p. 40.

significaria barreira suficiente para impedir o acesso dos considerados desqualificados para o exercício daquele exercício.

A questão da prática elegante não era o único assunto que aparecia nos discursos elaborados por *sportsmen* e pela imprensa. Forjado num período de mudança da conduta dos indivíduos e tendo incorporado tais alterações, o futebol foi percebido por seus adeptos e entusiastas como atividade que se pautava pela disciplina e observância das regras.

Atentos aos debates acerca da necessidade de civilização dos povos e de seus hábitos, os envolvidos com o esporte procuravam ressaltar a importância que a conduta correta e justa – designada pelo termo inglês *fair-play* – tinha no desenvolvimento da prática. Ao contrário do que se observa hoje em inúmeros casos, nos quais esse tipo de comportamento é tido por prejudicial à conquista da vitória, os atletas daquele momento valorizavam a disciplina e a observância às regras como elemento fundamental para seu bom desempenho. Tal percepção era informada, inclusive, pelas visões construídas acerca da superioridade técnica e tática dos britânicos, como no artigo, já citado, “Educação do Sangue Frio”.³⁹⁰

Afirmações como “[...]o valente *captain* do Plínio, conta com os seus disciplinados companheiros para obter a victoria”³⁹¹ ou caracterizações como “[...]cavalheiresco foot-ball [...]” e “[...]ordem calma e disciplinada dos Vespuccios[...]”³⁹² evidenciavam a construção da percepção da modalidade como prática pautada no *autocontrole*. Ainda que isso não se verificasse a todo o momento, os *sportsmen* esperavam manter-se atentos às regras e às estratégias, dominando seus impulsos durante os embates, o que, associado à importância do auxílio aos colegas de equipe, tornava o futebol, na visão de seus defensores, ferramenta para a formação do caráter.

O aspecto cavalheiresco do jogo, inclusive através das variadas cerimônias que cercavam as partidas mais importantes, como recepções, trocas de cumprimentos e jantares³⁹³, também ganhava espaço na construção de significados que os adeptos da modalidade empreendiam. No contexto de busca por opções de divertimentos capazes de incrementar a vida social da capital mineira, o futebol, como o divulgavam seus entusiastas, apresentava-se como alternativa desejável. Tal operação, além de proposta

³⁹⁰ Cf. EDUCAÇÃO DO SANGUE FRIO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 3 de fevereiro de 1905. p. 3.

³⁹¹ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 27 de outubro de 1904. p. 3.

³⁹² Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 31 de outubro e 1º de novembro de 1904. p. 2.

³⁹³ Cf. MATCH DE FOOT-BALL. *A Epocha*, Belo Horizonte, 8 de outubro de 1905. p. 2.

para transformação dos hábitos dos belo-horizontinos, contribuía para a tentativa de consolidação da legitimidade do esporte na cidade.

Num momento em que o discurso científico tinha grande penetração social e a questão da saúde, especialmente no viés higienista, era assunto e preocupação freqüente da comunidade em geral e do poder público, o esporte foi por várias vezes percebido como mecanismo para o desenvolvimento físico tanto dos indivíduos como das populações. Atentos a isso, inclusive por meio das informações que circulavam na cidade, os defensores do futebol em Belo Horizonte enfatizavam suas vantagens e, até mesmo, a necessidade de sua prática. Em comentário apresentado na *Folha Pequena*, o cronista intitulado *sportsman* ressaltava tal aspecto:

“Eu, lá do meu cantinho obscuro, na arena, e aqui, no meu cantinho mais obscuro ainda, na *Folha*, senti e sinto um jubilo grande e uma grande esperança, prevendo a geração tão forte, que vae substituir, no campeonato da existencia, a nossa actual geração tão fraca. É bem possivel que vocês não deem polemistas tão mordazes e vãos, como os nossos de hoje, mas certo hão de dar, para bem de Minas e da Pátria, moços sadios d’alma e de corpo, como os inolvidaveis guerreiros e sabios de Roma, que decantavão outr’ora a ‘mens sana in corpore sano’.

Bons tempos, esses, que hão de vir!”³⁹⁴

Destacando a importância da atividade atlética entre os jovens, o autor evocava o pressuposto de que o desenvolvimento do corpo e do intelecto deveria se realizar paralelamente, sinalizando para os benefícios que o esporte poderia trazer, não só aos indivíduos isoladamente, mas a um grupo maior, identificado como geração. Tal perspectiva relacionava-se com a defesa da utilização pedagógica dos exercícios físicos, visão comum aos adeptos do futebol que demonstravam interesse em contar com os garotos entre os membros dos clubes e incentivavam-nos a ingressar naquela modalidade, como evidenciou anúncio pago no jornal *A Folha*, dirigido por alunos ginasiais, no qual o *Sport Club* divulgava os horários de seus exercícios.³⁹⁵ Através de tal ação a entidade não só apoiava o empreendimento daqueles meninos, angariando, assim, sua simpatia, como promovia suas partidas internas, o que poderia contribuir para a consolidação do divertimento a que se dedicavam, com a formação de novos jogadores e entusiastas.

A noção da necessidade da prática atlética, havia algumas décadas, ganhava força em vários meios, inclusive os intelectuais, de modo que o esporte já surgia, na

³⁹⁴ Chronica sportiva. *Folha Pequena*, Belo Horizonte, 11 de outubro de 1904. p. 1.

³⁹⁵ Cf. SPORT CLUB. *A Folha*, Belo Horizonte, 15 de janeiro de 1905. p. 4.

época, como alternativa prazerosa para a realização dos exercícios, como evidenciou a seguinte passagem acerca das atividades desenvolvidas por agremiação da cidade:

“Este genero de diversão sportiva, que ultimamente tanto incremento tem tomado no nosso meio, allia em si o util ao agradável, pois ao mesmo tempo que dá força ao corpo, concorrendo assim para a perfeição da especie, é um elemento de distracção para o nosso publico. É de se presumir que haverá hoje grande concurrencia ao *Athletico Mineiro Football*.”³⁹⁶

Ao divulgar a promoção de mais uma partida entre os membros daquela entidade, a notícia procurava legitimar a prática e afirmar sua relevância para a sociedade local, ressaltando, tanto os benefícios para os jogadores, quanto para os habitantes em geral, que teriam a oportunidade de gozar da interessante diversão.

Na formulação de seus discursos, os *sportsmen* belo-horizontinos aproximavam-se de algumas idéias que permeavam os debates travados na capital mineira, inserindo-se no movimento em favor da transformação dos hábitos da população local e buscando legitimar os divertimentos ao ar livre. Se por diversas vezes era possível se observar a apropriação de outros temas pelos entusiastas do futebol, da mesma maneira, notava-se o processo inverso, com a nova prática atlética sendo alvo de diferentes percepções por parte dos habitantes da cidade, visões que nem sempre se mostravam positivas.

Casos comuns naquele momento de introdução do futebol eram a utilização por alguns estabelecimentos comerciais de termos relativos à prática atlética em seus nomes, a exemplo da *Rotisserie Sportsman*³⁹⁷ e do *Salão Sportsman*³⁹⁸. Talvez tentando se identificar com o grupo, muitas vezes reconhecido como elegante e moderno, tais negócios demonstravam a penetração da nova atividade na capital mineira.

A ampliação da atenção dispensada às atividades atléticas gerava outras significações e proposições acerca delas, de modo que, orientados por pressupostos diversos, alguns indivíduos formulavam novas possibilidades de utilização dos exercícios físicos. Exemplo disso constituiu-se no artigo denominado *Sport Agricola*, que sugeria a criação de uma modalidade ligada ao cultivo da terra. Partindo de visão utilitária, o autor imaginava o jogo que envolveria as pessoas na rotina de produção e seria indicado, especialmente, para os habitantes das áreas rurais e coloniais de Belo Horizonte. Disputas em torno da habilidade de se usar o arado, dentre outras, poderiam

³⁹⁶ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 24 de novembro de 1904. p. 6.

³⁹⁷ Cf. ANNUNCIOS. *A Epoque*, Belo Horizonte, 1º de janeiro de 1905. p. 3.

³⁹⁸ Cf. Salão Sportsman. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1º de janeiro de 1906. p. 4.

tornar o trabalho uma tarefa divertida, atraindo o interesse de famílias inteiras, que ao fim das partidas teriam realizado etapa do processo de plantio.³⁹⁹

Mesmo que, em boa medida, haja sido percebido de modo favorável, o futebol foi alvo de diversas críticas em seus anos iniciais. Costume estrangeiro, introduzido no país com a marca de elegante e moderna diversão, tal modalidade atlética em inúmeras ocasiões foi vista como modismo sem sentido. Em algumas representações seus entusiastas eram apresentados como figuras exóticas, que beiravam o ridículo. Victor Serpa, por exemplo, tinha seu perfil esboçado da seguinte maneira nos versos da coluna humorística *Traços*, do jornal *A Epocha*:

Vive a ensinar o jogo estúpido das bolas,
Nas praças, nos cafés, nas ruas, nas escolas.

E quando alguém se espanta a ver os seus calções
Exquisitos demais, sem ligas, sem botões,

[...]

Afirmam que elle é todo um monte de borracha,
Pois sempre cae no chão e nunca se esborracha!

Quando joga no Parque a péla, exposto ao Sol,
Parece resumir o medonho *foot-ball*!

TIMOUR⁴⁰⁰

Inúmeros aspectos, desde o uniforme de jogo até os movimentos corporais realizados durante os jogos, causavam estranheza e se tornavam pretextos para o riso. Dentre a juventude que se identificava mais com as atividades literárias e boêmias, aquele tipo de exercício atlético era visto com restrição. Essa visão evidenciava que, ainda que muitas vezes compartilhassem termos similares, tais como modernidade e civilização, alguns setores da população local, nesse caso específico, intelectuais e *sportsmen*, construía planos díspares e antagônicos acerca dos caminhos que deveriam ser trilhados pela capital mineira e seus habitantes.

No momento em que o novo esporte era percebido como mania na cidade, crônicas publicadas nos periódicos locais, produziam críticas à modalidade que, lançando mão de representações de atletas que se afastavam do interesse pelos temas corriqueiros do meio literato, apresentavam-na como contrária à vida intelectual. Na coluna *Semanaes* do jornal *A Epocha*, por exemplo, observava-se texto que evidenciava

³⁹⁹ Cf. SPORT AGRICOLA. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 11 de janeiro de 1907. p. 7.

⁴⁰⁰ Fagulhas. *A Epocha*, Bello Horizonte, 16 de outubro de 1904. p. 2.

bem isso, no qual o autor montou o cenário de uma Belo Horizonte sem muitas opções de diversão devido a sua frivolidade. As poucas iniciativas que haviam sido ali implantadas já não mais existiam, todos no momento só tinham olhos para o mais recente modismo: o futebol. Em tal contexto, desesperado, o escritor/personagem teria vivenciado o seguinte episódio:

“Quem me aplacou os nervos foi o Lucio que eu via aproximar-se, calmo e pensabundo, como no dia em que o apresentei ao leitor.

Abrazei-o numa irrefreável expansão de alívio, certo de que, como eu, também ele malsinaria o morbus invasor. Interroguei-o sobre a política internacional de que ele dava tão detalhadas notícias; mas, com grande espanto meu retrucou:

- Não leio mais jornais, tenho agora melhores ocupações.
- Que dizes? perguntei desconfiado.

Lucio recuou um passo, arregaçou até ao ombro direito a manga do casaco, e, enrijando o biceps, com o braço em ângulo, falou:

- Olha este *muque*. Entrei para o ‘José de Alencar foot-ball-club’⁴⁰¹.

Ao longo de sua perambulação pelo lugar invadido pelo esporte, o cronista ainda se defrontaria com outras situações inusitadas, sendo a atividade atlética, em diversos casos, apresentada como razão para os sujeitos se afastarem do desenvolvimento intelectual e da preocupação com as coisas importantes da vida. Se, por um lado, os defensores do futebol apontavam para as vantagens da distração saudável, por outro, aqueles que se identificavam com uma perspectiva de incremento do meio social mais voltada para a implementação de iniciativas literárias, científicas e artísticas, acusavam a modalidade de tornar as pessoas mais alheias a tais manifestações.

As atitudes frente à prática e o discurso construído por seus entusiastas também sofriam críticas. Nem todos concordavam com os pressupostos basilares da atividade esportiva. Partindo de diferentes princípios, os antagonistas da apropriação que se realizava em torno das modalidades atléticas ressaltavam outros valores que poderiam ser associados a elas. A exemplo do que evidenciou o já referido texto *Sport Agricola*, no qual seu autor afirmava:

“Longe de mim – entenda-se a intenção de condenar os exercícios chamados – *sportivos*, que, como outros passatempos, proporcionam agradáveis momentos de diversão à platéia assim distraída das fragoridades quotidianas do *struggle for life*. Procuremos, porém, em obediência às exigências utilitárias do progresso hodierno, uma aplicação mais proveitosa das forças físicas do homem, oferecendo-lhe atraente

⁴⁰¹ SEMANAES. *A Epocha*, Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 1905. p. 1-2.

aperitivo, apresentando-a em condições recreativas: santo engodo ao trabalho!

Deixemos, pois, a esteril gymnastica dos saltimbancos, o *sport* infecundo dos elegantes em evidencia, enganados com seus uniformes de phantasia, e adoptemos processos mais consentaneos com as idéas utilitarias que predominam no seculo.”⁴⁰²

Não reconhecendo o discurso dos *sportsmen*, que continha elementos igualmente utilitaristas, tais como a formação de caráter e o desenvolvimento físico, o autor do artigo atacava a perspectiva que via nas atividades atléticas mero divertimento, seja para distrair o espírito, seja para se destacar socialmente. Ao propor a criação da modalidade voltada para o trabalho agrícola, ele projetava outros significados, que deslocavam aquela prática para novo lugar, mais próximo do setor produtivo.

Nos debates acerca dos usos pedagógicos do esporte, divergências também podiam ser detectadas. Ainda que a necessidade da educação física, que já era adotada nas instituições mineiras⁴⁰³, desfrutasse de aceitação quase consensual entre os defensores de modernos sistemas de ensino, as posições acerca de quais seriam os exercícios mais indicados para tal tarefa mostravam-se bastante diversas. A utilização dos jogos atléticos nas escolas era associada ao modelo inglês, caracterizado pela maior valorização da formação do caráter e do desenvolvimento do senso prático entre os alunos. Esse padrão britânico se opunha à perspectiva francesa, mais acadêmica. Todas essas questões e diferentes opiniões eram evidenciadas em artigos que, nos periódicos da cidade, conduziam as discussões acerca da controvérsia.⁴⁰⁴

A idéia de que o esporte trazia benefícios para a saúde de seus praticantes também sofria contestações em Belo Horizonte. Apesar de ser ponto bastante recorrente nos discursos dos entusiastas das diversas modalidades, tal idéia não era aceita por todos, convivendo, assim, com visões antagônicas. Em outra crônica publicada no jornal *A Epocha*, uma narrativa sobre a experiência do autor *Spiridiam* em sua primeira partida de futebol evidenciava não só a grande estranheza causada por aquela novidade, como a preocupação com as transformações provocadas por ela nos corpos dos jogadores, que tinham “as truculentas barrigas das pernas com cada mancha assim de sinapismo...”⁴⁰⁵

Informações que circulavam na imprensa local contribuíam para o aumento da preocupação com as lesões causadas pelos exercícios esportivos. Dados relativos às experiências do exterior podiam corroborar a visão da atividade atlética como violenta,

⁴⁰² SPORT AGRICOLA. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de janeiro de 1907. p. 7.

⁴⁰³ Cf. GOVERNO DO ESTADO. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de outubro de 1906. p. 2-3.

⁴⁰⁴ Cf. PROBLEMAS BRASILEIROS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 e 14 de novembro de 1905. p. 1 e TIRAS. *Diario de Noticias*, Belo Horizonte, 7 de dezembro de 1907. p. 1.

⁴⁰⁵ Cf. As Farpas. *A Epocha*, Belo Horizonte, 20 de novembro de 1904. p. 2.

a exemplo do caso das estatísticas sobre contusões contraídas durante jogos de futebol americano, que na notícia publicada no *Minas Geraes* era referenciado apenas como *football*.⁴⁰⁶ A agressividade das partidas emergia em comentários humorísticos sobre a modalidade, tais como os veiculados no jornalzinho *A Folha*, produzido por estudantes ginásiais que diziam: “[...] o Meirelles Filho foi jogar foot-ball e partiu-se pelo meio[...]”⁴⁰⁷ ou “[...] José Severiano acaba de fundar um novo club de foot-ball, denominado ‘Quebra queixo foot-ball club’.”⁴⁰⁸

Assim, apesar de seus esforços, os discursos dos *sportsmen* belo-horizontinos sofriam diversas restrições na cidade. Não só as falas em contrário, mas a própria falta de entusiasmo demonstrada pela população que, apesar da boa atenção inicial, em curto espaço de tempo deixou de frequentar com a mesma assiduidade as partidas das agremiações locais, evidenciava isso. A construção da representação do futebol como mania, ao que parece, estava muito mais ligada à intensa ação dos jogadores do que à participação maciça dos espectadores e dos moradores em geral.

Numa cidade em que a frequência a espaços ao ar livre e os exercícios físicos não se constituíam como parte da rotina dos habitantes, a dificuldade para implantação daquele novo tipo de divertimento era evidente. A incorporação da prática esportiva relacionava-se à nova forma de se vivenciar o corpo e cercava-se de amplo repertório desconhecido de movimentos, situação que gerava muita estranheza e parece ter sido vista como ação sem sentido.

Compartilhando de ideais tais como civilização e modernidade, os *sportsmen* propunham a transformação dos costumes e do ritmo de vida dos moradores da cidade, a exemplo de outros grupos identificados com os pressupostos de construção da nova capital. Ao contrário do que eles pregavam, a maioria da população belo-horizontina demonstrava cultivar outras expectativas no que se relacionava ao estabelecimento de convivências e aproveitamento do tempo livre. Tal distância entre as visões de mundo que orientavam os elegantes atletas e as adotadas pela comunidade local dificultou a constituição de um público assistente capaz de apoiar e legitimar o futebol e os clubes. Esses acabaram por fracassar em sua primeira tentativa de se consolidar, sendo todos extintos até o final de 1906.

Se no momento inicial do futebol em Belo Horizonte, muitos debates aconteceram em torno da validade daquele gênero de esporte para a cidade e várias

⁴⁰⁶ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 de maio de 1906. p. 3.

⁴⁰⁷ Dizem por ahi... *A Folha*, Belo Horizonte, 12 de outubro de 1904. p. 3.

⁴⁰⁸ Dizem por ahi... *A Folha*, Belo Horizonte, 15 de outubro de 1904. p. 2-4.

apropriações e críticas foram vistas em discursos acerca dele, quando as agremiações dedicadas a tal modalidade atlética retornaram à capital mineira, em 1908, quadro um pouco diverso pôde ser observado.

Nessa outra fase, os debates acerca dos significados daquele jogo, assim como a curiosidade e o espanto causados por ele já não eram tão frequentes, apesar de representações caricaturais ou críticas terem continuado a ser vistas nas páginas dos periódicos locais.⁴⁰⁹ Ainda que mais raros, os discursos sobre os sentidos construídos em torno do futebol, até mesmo em função de as novas agremiações contarem com antigos *sportsmen* entre seus principais incentivadores, aproximavam-se bastante daqueles verificados, a princípio.

A representação da modalidade atlética elegante, associada a um estilo de vida moderno, que contribuiria para o adiantamento da cidade, continuava a ser difundida tanto por adeptos, quanto por defensores do futebol. Exemplo disso se viu em 1908, quando o *Minas Geraes* afirmou sobre o *Sport Club*: “[...]Não precisamos encarecer aqui as vantagens que advirão de instituições como essa tão necessárias ao desenvolvimento physico da nossa mocidade.”⁴¹⁰ Ressaltando noções bem similares às já vistas anteriormente, o periódico aplaudiu a iniciativa da retomada das agremiações daquele gênero de divertimento, assim como apontou para a idéia de que os ganhos decorrentes de tal prática eram conhecidos de seus leitores. Evidência de que as experiências recentemente transcorridas na capital mineira, da mesma maneira que a circulação de informações que ali se processava, tornavam o tema notório à população local.

Com seu discurso legitimador relativamente consolidado naquela época, contando com uma penetração social restrita, as agremiações pareciam se preocupar mais com a criação do gosto pelo futebol entre a população belo-horizontina, que tinha tido participação bastante frívola na primeira tentativa de constituição dos clubes esportivos.

A cobertura feita pela imprensa da capital mineira das atividades e dos jogos promovidos pelos clubes pouco falava acerca da presença de público.⁴¹¹ Caracterizações vagas como “os numerosos espectadores”⁴¹², “grande concurrencia de espectadores”⁴¹³

⁴⁰⁹ Cf. Arco e Flecha. *A Gazeta*, Bello Horizonte, 15 de abril de 1908. p. 2; Arco e Flecha. *A Gazeta*, Bello Horizonte, 24 de abril de 1908. p. 2 e Arco e Flecha. *A Gazeta*, Bello Horizonte, 3 de julho de 1908. p. 2.

⁴¹⁰ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 de abril de 1908. p. 5.

⁴¹¹ Cf. SIMÕES, Leandro Ferreira. “O jornal e a bola: para onde foi a torcida?”, 1997.

⁴¹² Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 26 de outubro de 1904. p. 7.

⁴¹³ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 9 e 10 de janeiro de 1905. p. 4.

ou apenas “grande concorrência”⁴¹⁴, quando apareciam, era o que se via nos relatos sobre as partidas. Mais atentos ao desenrolar das disputas, os periodistas locais deixaram poucas evidências acerca da participação das torcidas.

Se, nas disputas dos jogos, a comunidade belo-horizontina pouco era notada, em outras ações em apoio às entidades da cidade, sua atuação tornava-se mais clara. Seguindo tradição dos espetáculos teatrais e circenses do século XIX⁴¹⁵, inúmeros benefícios – doação de parcelas da arrecadação com a bilheteria – foram oferecidos aos clubes dedicados àquela modalidade atlética.⁴¹⁶ Tais práticas tinham como fim angariar a simpatia da população local ao prestar auxílio a instituições bem vistas no lugar e atrair bom público, interessado em contribuir com a associação prestigiada.

O bom número de benefícios dispensados ao *Sport Club* e ao *Athletico*, assim como a satisfatória presença de público, indicava que a comunidade local percebia como válidas e até se identificava com aquelas associações. Na avaliação desse fato, não se pode esquecer que as agremiações eram constituídas por jovens e adolescentes, em sua maioria, de classes mais altas que correspondiam a de grande parte dos frequentadores dos espetáculos pagos. O reconhecimento da utilidade das atividades esportivas também era motivação para a atração de espectadores que, no momento de constituição de tais clubes, auxiliaram com recursos importantes para a sua estruturação.

Apesar da pouca atenção da imprensa, grupos de torcedores se formavam em torno das agremiações da cidade, mesmo no momento em que os clubes ainda estavam se estruturando. A memória construída em torno da trajetória do *Athletico* apresenta um desses exemplos, conforme indicou Ricardo Galuppo:

“A reunião terminou, e, a partir daquele dia, passaram a se encontrar na casa de um dos fundadores, Mário Neves, no número 317 da rua dos Guajajaras, no quarteirão entre a avenida João Pinheiro e a rua da Bahia. [...] Foi ali que a grande Alice Neves, mãe de Mário, entrou definitivamente para a vida do Atlético. Sem ela, o sonho da rapaziada dificilmente teria ido adiante.

O ATLÉTICO FOI O PRIMEIRO TIME do Brasil (e certamente do mundo) a ter uma torcida feminina organizada. Quem a criou foi essa mulher fantástica, que apoiou os meninos assim que tomou conhecimento da idéia e jamais permitiu que o sonho fosse posto de lado. Alice ia de casa em casa pedindo aos pais autorização para que suas filhas – algumas delas, irmãs dos próprios fundadores – integrassem o grupo. Conseguiu reunir cinquenta

⁴¹⁴ Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 20 e 21 de setembro de 1909. p. 6.

⁴¹⁵ Cf. DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses*, 1995.

⁴¹⁶ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 29 de maio de 1908. p. 3-4; Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1º de abril de 1909. p. 7 e Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 7 de julho de 1909. p. 7.

⁴¹⁷ GALLUPO, Ricardo. *Atlético Mineiro*, 2005. p. 38-39.

moças. Alice Neves era uma torcedora e tanto! As camisas e os calções usados pelos primeiros jogadores foram feitos em sua casa. Foi, sem dúvida, o primeiro exemplo de espírito atleticano da história.”⁴¹⁷

Apesar da representação apaixonada dos eventos, tal passagem da história da agremiação demonstra que, para além da atuação dos atletas e dos associados, a prática do futebol era suportada pela ação de outros indivíduos. No caso das ações de Alice Neves, observa-se que elas foram mais motivadas pela sua relação de parentesco com um membro do clube e menos pelo reconhecimento da legitimidade da modalidade esportiva. Entretanto, elas significaram importante suporte para a entidade ainda em formação e composta, majoritariamente, por garotos, que, dispondo de poucos recursos, puderam contar com o auxílio da torcedora para a confecção de seus uniformes, por exemplo.

Percebido como prática sofisticada, o futebol foi capaz, desde seu início na capital mineira⁴¹⁸, de atrair a presença feminina numa sociedade marcada pelo machismo. A constituição de ambiente compreendido como familiar possibilitava a frequência das meninas e das mulheres, assim como sua participação na vida dos clubes. Com isso, o desenvolvimento do esporte em Belo Horizonte contava com a atuação de número maior de seus habitantes, para além dos mais diretamente relacionados com ele.

Com o maior acolhimento da população local, as agremiações puderam alcançar sua consolidação, afastando o risco de que nova crise levasse à interrupção das atividades futebolísticas na capital mineira. Em tal estágio, os clubes e seus membros demonstravam não mais se deter tanto na difusão de discursos legitimadores da prática, ainda que indicassem se preocupar com os valores elaborados ao longo da implantação daquela modalidade atlética. Através da atuação de parte das torcidas, que procuravam se apresentar bem vestidas e seguir várias convenções de conduta, a percepção de tal divertimento como hábito sofisticado continuava sendo evidenciada.⁴¹⁹

Associado à manutenção da idéia do esporte como atividade elegante, efetivada por setores do público espectador da cidade, observou-se a construção de novas experiências em torno do futebol que, como já visto, gerou ressignificações que, de múltiplas formas, afastaram-se da percepção compartilhada pelos atletas pioneiros. Mesmo entre os que se reconheciam como *sportsmen*, outros elementos eram associados à prática, como evidenciava a criação de rivalidades. A população que a princípio havia

⁴¹⁸ Cf. MATCH DE FOOT-BALL. *A Epoca*, Belo Horizonte, 8 de outubro de 1905. p. 2.

⁴¹⁹ Cf. NOTAS DA REPORTAGEM. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, 30 de setembro de 1915. p. 21 e VIDA SPORTIVA. *A Vida de Minas*, Belo Horizonte, 30 de setembro de 1915. p. 43.

se demonstrado pouco afeita aos divertimentos ao ar livre, parecia cada vez mais envolvida pela paixão por aquele jogo.

Se uma aparente mudança de postura por parte de setores da comunidade belo-horizontina permitia que o gosto pelo futebol ganhasse força na cidade, da mesma forma, transformações nos periódicos locais garantiam mais atenção e regularidade às notícias esportivas.

Na primeira década do século XX, as publicações da capital mineira possuíam perfil mais opinativo, constituindo-se em meios de divulgação de idéias de grupos específicos da cidade – sejam eles políticos, de estudantes, de imigrantes, dentre outros –, sem grandes pretensões comerciais, o que se traduzia em curtos períodos de vida e falta de continuidade. Em meados da década de 10, a situação começou a se transformar, pois, seguindo tendência que já havia sido verificada em localidades como o Rio de Janeiro⁴²⁰, alguns jornais passaram a desenvolver formato mais voltado para o público amplo, com a maior veiculação de notícias, em detrimento dos artigos opinativos.⁴²¹ Com visão mercadológica, tais periódicos incluíam temas que não circulavam comumente na imprensa local, tais como crimes passionais e espetaculares. Partilhando de outra perspectiva, as novas publicações, atentas ao crescente gosto pelo futebol entre os habitantes da capital mineira, implementaram amplas colunas direcionadas ao assunto.

Todo o fortalecimento e a maior difusão alcançado pelo futebol fazia com que o gosto pela prática atingisse grupos sociais cada vez mais variados, os quais, como demonstrado, vivenciavam o ato de torcer de múltiplas formas, nem sempre conservando o pressuposto de elegância que assegurava a presença de famílias inteiras e, especialmente, de jovens mulheres nos campos. Tal situação representava as diferentes percepções que marcaram a trajetória desse esporte na capital mineira, o qual, longe de ter percorrido caminho linear, assistiu a convivência de uma pluralidade de visões sobre o jogo.

Assim, segundo evidenciaram os relatos coletados por Euclides de Freitas Couto, na memória de mulheres que começaram a conviver com o futebol em finais da década de 10, a visão da atividade que mobilizava a juventude refinada da cidade ainda permanecia, com a lembrança de arquibancadas povoadas de famílias e da realização de várias festividades e concursos.⁴²² Antigas representações do esporte disputavam espaço

⁴²⁰ Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres”, 1997.

⁴²¹ Cf. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. “A aventura da imprensa”, 1997.

⁴²² Cf. COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o Futebol*, 2003. p. 115-125.

com novas apropriações que a população da cidade, atenta ao movimento atlético, produzia naqueles anos de consolidação definitiva das agremiações e da prática daquela modalidade.

4.3. A busca da constituição de um cotidiano moderno em Belo Horizonte e as ações do futebol

Nas inúmeras percepções desenvolvidas em torno do futebol na capital mineira e na construção das falas em favor de tal prática, a questão da vida social da cidade e os debates sobre a necessidade ou não de sua transformação – com a aproximação de modelos baseados nas experiências de importantes centros urbanos nacionais e europeus – puderam ser vistos. Os belo-horizontinos, a medida em que iam tomando gosto por aquele esporte, construíam representações acerca de qual seria o seu lugar no cotidiano local.

Se, por um lado, observou-se a construção de visões sobre o futebol por parte da população da cidade em meio às tentativas de seus adeptos de legitimar o novo divertimento que desejavam introduzir em Belo Horizonte, por outro, assistiu-se a atuação das agremiações e seus membros no sentido de participar de outras ações voltadas para as questões da vida social local. Em várias ocasiões, os atletas e os clubes da capital mineira, sempre partindo de sua posição como defensores do esporte, demonstraram se envolver com debates e iniciativas mais amplas.

Personagens da trajetória inicial do futebol em Belo Horizonte, como Victor Serpa, já indicavam, através das variadas atividades que desenvolviam, atentar-se para outras manifestações sociais, especialmente aquelas vinculadas ao que era entendido por moderno. Tal estudante de direito atuou com destaque na sua faculdade, tendo sido presidente do Instituto Acadêmico.⁴²³ Aproveitando-se do domínio que tinha de outras línguas, ele realizava traduções, como a da peça teatral *Juliano não é ingrato*, encenada na cidade.⁴²⁴ Além disso, escrevia para periódicos locais⁴²⁵, tendo, inclusive, planejado o lançamento de uma publicação, como anunciou *A Epocha*:

“Em conseqüência desse movimento progressivo e animador para a intelectualidade mineira, brevemente sahirá á luz nesta Capital *A Semana*, periodico monarchista, sob a direcção do talentoso acadêmico, escriptor e loureado poeta Victor Serpa.”⁴²⁶

⁴²³ Cf. *A Epocha*, Bello Horizonte, 22 de janeiro de 1905. p. 2.

⁴²⁴ Cf. *Folha Pequena*, Bello Horizonte, 5 de setembro de 1904. p. 1.

⁴²⁵ Cf. *Folha Pequena*, Bello Horizonte, 10 de agosto de 1904. p. 1.

⁴²⁶ *A Epocha*, Bello Horizonte, 4 de setembro de 1904. p. 2.

As inúmeras atividades em que tomava parte, conferiam àquele *sportsman* reconhecimento que ia além de sua participação no meio atlético local, mas que não se desvencilhava dele. O prestígio que alcançava como destacado acadêmico e promissor literato não era antagônico ao papel que desempenhava nos clubes e campos de futebol. Ligado ao estilo de vida que se construía – assim como era imaginado – nos grandes centros mundiais, o qual implicava em novas apropriações do corpo, Victor Serpa assumia, na capital mineira, a exemplo de diversos outros indivíduos, a tarefa de ampliar as práticas tidas por modernas e civilizadas.

Embora compartilhasse de valores comuns aos grupos que pretendiam implementar em Belo Horizonte cotidiano social elegante e em dia com as mais recentes novidades mundiais, esse jovem apresentava divergências em relação às idéias dos demais. Evidência disso era sua posição monarquista, no momento em que o regime republicano era associado com as transformações capazes de tornar o Brasil um país moderno. Mais do que diferença irreconciliável, tal ponto particular demonstrava a pluralidade dos projetos de civilização presentes em Belo Horizonte e em outros centros do país. Ainda que unidos pelo objetivo comum de modificação dos costumes informada por modelos europeus, as possibilidades de mudança eram amplas, convivendo e travando embates em busca de sua efetivação.

A postura de tal entusiasta do futebol verificava-se também entre outros de seus contemporâneos, como o futuro literato Eduardo Frieiro que, em fins da década de 1900, era estudante e membro do segundo *Sport Club* e do *Yale*. O envolvimento desses indivíduos com o esporte contrariava as representações criadas em torno dos praticantes das atividades atléticas como pessoas afastadas da vida intelectual e cultural. Ao contrário do que alguns podiam pensar, aqueles jovens estavam bem atentos aos debates que se desenrolavam na cidade, acompanhando discussões como a apresentada na crônica publicada em 10 que dizia o seguinte:

“Elle tem, não há negar, alguma cousa de *urbs* moderna, mas possui também muita cousa de cidade do interior. Si temos bellas ruas e avenidas alinhadas rigorosamente, arborizadas, falta-nos, todavia, um bom calçamento e o pó anda sempre maculando o ar em ondas que apavoram.

Possuímos excellentes installações para agua e exgotto, mas si a agua é demasiado escassa, há fatalmente falta de hygiene. Não nos falta uma boa installação electrica mas a tal Usina geradora do Rio das Pedras é uma vergonha! Temos um bello theatro, mas que é de Companhias?

Dispomos de um parque vasto e formoso que se presta ao SPORT e outros generos de diversões, mas nem ao menos um restaurant há alli onde si possa tomar um *chop* nos dias de verão.

Assim é tudo mais.”⁴²⁷

Evidenciando, inclusive, problemas infra-estruturais, o autor construiu a imagem de uma Belo Horizonte com potencial de tornar-se moderno centro, mas que, no entanto, esbarrava em limitações diversas. De acordo com o olhar que se lançasse para o lugar, era possível tirar conclusões completamente opostas, de modo que a realização ou não da afirmação definitiva da cidade como espaço à altura das grandes metrópoles internacionais dependeria da ação de seus cidadãos.

Dentro de tal perspectiva, percebendo a necessidade do desenvolvimento de outras iniciativas do ramo das diversões, as agremiações, indo além das modalidades atléticas a que se dedicavam, também procuravam desempenhar papel ativo no projeto de transformação dos costumes da capital mineira, como evidenciou o evento anunciado pelo *Minas Geraes*, em 1908:

“Promette grande brilhantismo a festa que os distintos socios do ‘Sport Club’, de Bello Horizonte, realizam hoje, á tarde, no Parque da cidade, devendo ella constar de uma batalha de ‘confetti’, de exercicios de esgrima e de biciclete e de jogos de *foot-ball*, etc.

Os valentes associados, que fazem parte do nosso escol social, se esforçam no sentido de proporcionar á população da Capital magnificas horas de diversão.

Tocará uma banda de musica da Brigada Policial, gentilmente cedida pelo sr. Chefe de Policia.”⁴²⁸

Ainda em seu primeiro ano de fundação, o *Sport Club* já oferecia tal festa. Aliando outros gêneros de diversão às atividades esportivas a que se destinava, a agremiação buscava afirmar-se como importante instituição para o desenvolvimento da vida social da cidade. Apropriando-se do espaço que recorrentemente era apresentado como pouco utilizado, os membros da entidade, auxiliados pelo poder público e pela imprensa, dentre outros, demonstravam vislumbrar projeto maior que o da consolidação da prática atlética em Belo Horizonte.

Reconhecidos como parte do setor privilegiado da sociedade local, os integrantes do *Sport Club*, por meio de tal tipo de iniciativa também podiam fortalecer a visão que se elaborava acerca dos adeptos do futebol como jovens elegantes e modernos. Despontando como líderes de uma transformação dos hábitos, que aproximaria a cidade de seu potencial e dos centros que lhe serviam de modelo, os entusiastas das atividades atléticas angariavam maior distinção frente a seus pares.

⁴²⁷ *Chronica. Novo Horizonte*, Bello Horizonte, outubro de 1910. p. 6.

⁴²⁸ *Festas e Diversões. Minas Geraes*, Bello Horizonte, 6 de dezembro de 1908. p. 5.

O *Yale*, que na época contava com membros do *Sport Club* em seus quadros, também se destacou como responsável por várias ações que privilegiavam outros tipos de diversão e que tinham como intuito incrementar a vida social local, numa Belo Horizonte vista como lugar dotado de poucas alternativas de lazer. Com atuação reconhecida no meio futebolístico, a agremiação do Barro Preto oferecia diversas festas que mesclavam aquele esporte a outros divertimentos, a exemplo da *Garden Party* organizada em 1911, no seu próprio campo, na qual realizaram-se jogos como corridas de saco e lutas de travesseiros antes da disputa de uma partida, principal evento da programação.

Outras iniciativas da agremiação, no entanto, não contavam com nenhum envolvimento do futebol, tendo como único objeto a promoção de ramos variados dos divertimentos, demonstração de que, para além do esporte a que se dedicava, o clube estava comprometido com o incremento mais amplo do cotidiano da cidade. Exemplo dessa tendência consistiu na contratação da vinda do primeiro aviador a Belo Horizonte, o aeronauta Darioli, que realizou apresentações no *Prado Mineiro*.⁴²⁹ Utilizando-se do espaço destinado a prática atlética que, no período, constituía-se no centro para atividades ao ar livre com maior capacidade de receber público, o *Yale* foi responsável por possibilitar o contato da população local com aquela novidade tão ligada à idéia de modernidade, em ação que garantia aos seus integrantes a aquisição de prestígio como difusores de sofisticados hábitos.

Atento às recentes transformações nas formas de convivência urbana, tal grupo procurava forjar elementos de distinção ligados ao ritmo da vida moderna, em que laços identitários e aspectos simbólicos, tais como vestimentas e hábitos de consumo, serviam, em detrimento de características como vínculos de parentesco, de parâmetro para a distribuição de prestígio e definição de colocação social. Essa situação não passava despercebida aos cronistas da época, que construía representações de tais indivíduos, a exemplo desta publicada em *A Notícia*:

“No nosso meio, é bello de se ouvir, temos tambem um vocabulario adoptado, assim como os parizienses e americanos – é o *foot-baller*.

Hontem n’uma roda, ouvi fallar de alguem que passava:

- Este é um *foot-baller*.

Fiquei então a machinar, no meu cerebro de chronista, a profundeza desse humorismo e achei-o admiravelmente significativo.

O *foot-baller*, disseram-me, é aquelle que dezejando manifestar o seu

⁴²⁹ Cf. AVIAÇÃO EM BELORIZONTE. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 de março de 1912. p. 1; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 de abril de 1912. p. 2; *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 de abril de 1912. p. 1 e BRAVO A DARIOLI, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 de junho de 1912. p. 1.

smartismo, nesta boa terra promove os celebres *sports*; e para melhor dominar este meio burguez, veste-se no *Wilk*, a moda inglesa, casaco folgado, calças estreitas, botinas *Walk Over*, collarinhos Santos Dumont gravata *dernier cri* e chapéu de palha Borsalino – frequentando diariamente o Acre e tomando sorvete no Maciel.

Dentre todos os *sports* escolhidos foi o *foot-ball* que deu a nota do dia; por isso alguém, com justa razão, e muita graça, derivou d'ele o nome *foot-baller*, com o qual apelidou o nosso pretendido *smart*.

Lizandro”⁴³⁰

A figura esboçada na citação cultivaria vários hábitos que lhe conferiam a condição de jovem *smart*. Vestindo-se a moda inglesa, o *foot-baller*, ainda que vivesse em uma capital que não passava de poucas dezenas de milhares de habitantes, cuja população não era propriamente marcada pelo anonimato, tentava construir a imagem de cosmopolitismo que era reforçada por seus costumes cotidianos. Ao cercar-se de símbolos de diferenciação, esse e outros adeptos das práticas atléticas aproximavam-se da idéia exposta na máxima escrita pelo literato carioca João do Rio, publicada em revista da cidade: “O exercicio é o sport que se pratica para a própria hygiene. E o sport é o exercicio que se faz para dar que falar da gente.”⁴³¹

Se no primeiro momento, a construção de identidades entre os atletas da capital mineira ligava-se a valorização de sua boa condição social e do cultivo que faziam de modernos hábitos, com o passar do tempo, outros referenciais começaram a ser mobilizados, observando-se, inclusive, a transposição de laços de pertencimento construídos em outras experiências para dentro das agremiações. Mesmo entre os que, a princípio, entendiam-se como parte do mesmo grupo, a exemplo dos *sportsmen*, a partir da elaboração de rivalidades, como a entre o *Athletico* e o *America*⁴³², pôde ser vista a emergência de novos parâmetros de diferenciação.

Quanto à transposição de laços construídos em experiências diversas do cotidiano belo-horizontino, vários foram os casos que podem ser citados. Agremiações como o *Guarany Football Club*⁴³³, o *Florestano Athletic Club*⁴³⁴ e o *Yale*⁴³⁵ formaram-se a partir dos laços originados da convivência entre vizinhos. O último clube citado, da mesma forma, representava também identidade de classe, já que fundado, em parte, por jovens do operariado do Barro Preto, grupo que, posteriormente, tornou-se maioria absoluta entre seus membros.

⁴³⁰ NA DANÇA. *A Noticia*, Bello Horizonte, 4 de março de 1909. p. 1-2.

⁴³¹ *Vida de Minas*, Bello Horizonte, 15 de março de 1915. p. 28.

⁴³² Cf. SPORTS. *Vita*, Bello Horizonte, 15 de fevereiro de 1914. p. 27.

⁴³³ Cf. FOOT-BALL. *A Tarde*, Bello Horizonte, 10 de junho de 1913. p. 1.

⁴³⁴ Cf. Diversões diversas. *O Estado*, Bello Horizonte, 17 de maio de 1913. p. 2.

⁴³⁵ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 7 de agosto de 1910. p. 6.

Se por um lado os inúmeros clubes percebiam-se como parte do movimento esportivo da capital mineira, por outro, em boa parte, pelas distinções sociais já estabelecidas na cidade, até mesmo para além do futebol, eles reconheciam-se como distantes entre si. Exemplo, como o que se observou no caso da desavença do *Yale* com a LMDT e suas principais agremiações, evidenciava que os laços de pertencimento forjados fora da prática esportiva reforçavam os vínculos identitários entre time e torcida. Tal aproximação entre entidade e vizinhança/classe significava, inclusive, incentivo e razão de melhoria de desempenho do clube.

Como demonstrou Julio Frydenberg na análise que fez do futebol de Buenos Aires, a propriedade de campo de jogo, no qual suporte vindo da vizinhança pudesse se afirmar, era fator importante para a definição do sucesso atlético do time.⁴³⁶ Muitas vezes, na capital mineira, em função de tal apoio ao clube preferido, situações de descontrole emocional foram percebidas, inclusive, como já visto, com atos de violência⁴³⁷, evidenciando que o tênue equilíbrio de tensões envolvido no esporte, em certas ocasiões, quebrava-se.

A configuração dos vínculos identitários entre as agremiações de futebol de Belo Horizonte demonstrou que o processo de formação de laços de pertencimento e de rivalidades, assim como a trajetória de consolidação de tal esporte na cidade, não devem ser pensados em uma linearidade. Isso porque, ao se observar a dinâmica das aproximações e dos distanciamentos entre os grupos que se reconheciam como *sportsmen*, nota-se que ela foi permeada por inúmeras idas e vindas. Em momentos como a já referida desavença envolvendo a LMDT e o *Yale*, ou mesmo na adoção do estatuto da entidade dirigente, no qual se previa a interdição da participação de algumas classes trabalhadoras no meio atlético, diferenças, decorrentes da concorrência entre os principais clubes da capital mineira, eram apagadas em nome de valores como a ética amadora ou a distinção social.

Assim, até mesmo em função da entrada de novos grupos sociais nas agremiações futebolísticas da cidade e da construção de diferentes sentidos em torno do futebol, no início da década de 20, era possível observar a permanência e, em certa medida, o reforço da identidade dos *sportsmen*.

Apesar das transformações que se processaram no futebol belo-horizontino durante a década de 10, a perspectiva de atuação das agremiações em prol do

⁴³⁶ Cf. FRYDENBERG, Julio David. "Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910", 1998.

⁴³⁷ Cf. Foot-ball. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 15 de setembro de 1919. p. 2 e Coisas do desporto. *Footing*, Belo Horizonte, 24 de julho de 1921. p. 5.

desenvolvimento social local, com o incentivo a outros divertimentos permaneceu, inclusive, com sua incorporação pelas entidades que não se localizavam nas áreas mais centrais e se compunham, exclusivamente, de membros das classes mais altas. Dentre as atividades de lazer promovidas pelos clubes, as mais comuns eram os bailes que, via de regra, aconteciam nas sedes das associações esportivas.⁴³⁸

Se, por um lado, a tendência das ações fora do esporte por parte das agremiações continuava, por outro, uma alteração em seus sentidos pôde ser observada. No momento em que o futebol ainda ficava restrito às entidades mais vinculadas às camadas mais bem posicionadas sócio-economicamente de Belo Horizonte, a questão da modernidade e do refinamento demonstrava ser o principal parâmetro para a promoção dos eventos voltados para os divertimentos para além da prática atlética. Contudo, casos como o do *Palestra*, clube criado no seio da colônia italiana da capital mineira, evidenciavam que outros pressupostos para o envolvimento das associações com as festividades haviam sido construídos.

A comunidade imigrante a que o referido grêmio se ligava vivenciou, nos anos iniciais da cidade, muitas dificuldades para se unificar, especialmente em função das grandes diferenças entre os dialetos falados pelos grupos vindos das várias províncias italianas. Apenas com o passar do tempo e com o aprendizado, pelas novas gerações, do português, transformado em idioma comum, uma aproximação foi se consolidando entre essa colônia.⁴³⁹ Ao longo do processo, repetindo tendências associativas predominantes na cidade, tal grupo de estrangeiros criou diversas entidades.

Foi em meio aos laços de solidariedade criados pela comunidade italiana em suas experiências compartilhadas em mais de vinte anos de Belo Horizonte que se deu a fundação da *Società Sportiva Palestra Italia*. Amplamente identificado com sua origem, o clube envolveu-se em diversas ações da colônia, inclusive festividades, como foi o caso das comemorações do 6º Centenário de Dante Alighieri, que contou com o concurso de inúmeras organizações ligadas ao grupo imigrante e incluiu a disputa de um torneio atlético.⁴⁴⁰

Em suas ações para além do futebol, o *Palestra* apontava para novas intenções vinculadas ao sentimento de pertencimento à colônia e à nacionalidade italiana,

⁴³⁸ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de junho de 1921. p. 6 e Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de julho de 1921. p. 5.

⁴³⁹ Cf. SANTANA, Jorge. *Páginas Heróicas*, 2003. p. 27-28.

⁴⁴⁰ Cf. 6º Centenario de Dante. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 1º de setembro de 1921. p. 7; VIº Centenario de Dante. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 9 de setembro de 1921. p. 5; VI Centenario de Dante. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 e 13 de setembro de 1921. p. 7; VI CENTENARIO DE DANTE ALIGHIERI. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 14 de setembro de 1921. p. 5 e Comemoração do VI Centenario de Dante. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 15 de setembro de 1921. p. 7.

evidenciando que os laços identitários mobilizados em sua constituição também orientavam suas atitudes. Embora afirmasse o desejo de proporcionar outras opções de divertimento para a população da capital mineira, como demonstravam os vários bailes que realizava em sua sede, o clube da maior comunidade imigrante da cidade indicava a entrada de outros elementos na constituição dos planos para o cotidiano belo-horizontino por parte dos adeptos do futebol.

4.4. O desenvolvimento inicial de Belo Horizonte e as intervenções do futebol nos espaços da cidade

Durante o planejamento da nova capital, algumas orientações sobre o uso dos espaços foram apresentadas, inclusive, com áreas destinadas para a prática esportiva. Se em vários casos, tais diretrizes foram seguidas, como visto nos exemplos do velódromo e do Prado Mineiro, ao longo do crescimento de Belo Horizonte, inúmeras apropriações puderam ser observadas, de modo que, sobre o traçado previamente projetado, intervenções diversas tiveram lugar. Assim, sem contar com nenhum terreno especificamente dedicado aos seus exercícios, as agremiações futebolísticas da cidade se viram impelidas a criar alternativas para o desenvolvimento de suas atividades cotidianas.

No momento de introdução do novo esporte em Belo Horizonte, a entidade pioneira, *Sport Club*, demonstrando estar atenta às diretrizes propostas pelos planejadores da nova capital, apropriou-se, inicialmente, de espaço que, se não era dedicado particularmente ao futebol, o era aos divertimentos ao ar livre. Tendo instalado seu campo no Parque Municipal, a agremiação contribuía para a ocupação da área muitas vezes tida por subutilizada.

Novas necessidades de espaço levaram o clube, em pouco tempo, a empreender outra ocupação das áreas urbanas, com a constituição de seus campos de jogo em terrenos vazios⁴⁴¹, as quais inicialmente não haviam sido pensados para a prática esportiva. Através das ações dos adeptos do futebol, observava-se a resignificação de tais áreas.

Em meio à cidade em construção – já que Belo Horizonte, apesar de inaugurada em 1897, ainda possuía grande parte de seu traçado por ser implementado naquela primeira década do século XX –, os *sportsmen* locais deparavam-se, a todo o momento, com expressivo número de lotes vagos. Ao transformarem algumas das áreas

⁴⁴¹ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 10 de março de 1905. p. 5 e Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 Cx Nº 36.

em seus campos de jogo, os futebolistas promoviam a alteração da função original dos espaços e reafirmavam a presença da prática atlética na capital mineira.

Assim, em suas ações cotidianas, como preparação dos terrenos e realização de exercícios, as agremiações pioneiras da cidade e seus sócios redesenharam, ainda que em pequena proporção, o tecido urbano de Belo Horizonte. Em defesa dos interesses ligados à modalidade da qual eram adeptos, tais pessoas, imprimindo marcas na espacialidade da capital mineira, acrescentavam novas alternativas para a sua prática.

Essa tendência, que se afirmou no instante inicial do futebol belo-horizontino, permaneceu com o retorno das agremiações, em 1908. O *Sport Club*, por exemplo, instalou seu campo no Parque Municipal, contando, inclusive, com o respaldo do prefeito, como informou o *Minas Geraes*:

“Hontem uma comissão, composta de varios moços, esteve como o sr. dr. Benjamin Jacob, prefeito da Capital, obtendo de s. exc. a necessária licença para o funcionamento do *Sport Club Mineiro*, no recanto do Parque.”⁴⁴²

Reconhecendo na ocupação do Parque ação legítima, já que ela ocorria dentro da definição das espacialidades proposta pelo projeto de construção da nova capital, o poder público, na figura de Benjamin Jacob, autorizou a instalação da agremiação ali. A prática esportiva, mais uma vez, convergia com os valores norteadores das ações oficiais, contribuindo para a efetivação dos planos de desenvolvimento do tecido urbano.

Tal atitude se repetiria, alguns anos depois, através do *Sports Hygienicos*, que elaborou projeto de instalação, no Parque, de diversas dependências voltadas para a prática atlética.⁴⁴³ Tal empreendimento de maior vulto aconteceu no momento em que o futebol já estava mais consolidado na cidade e foi conduzido por agremiação que reunia maiores condições de investimento, contando em seus quadros com vários médicos e estudantes acadêmicos. Apesar das diferenças, nos dois casos, a mesma intenção de incentivar o crescimento da presença de público, especialmente das camadas mais privilegiadas, naquela área verde, era perceptível.

Contribuindo com a visão favorável da ocupação de espaços planejados para os divertimentos ao ar livre, havia ainda o Prado Mineiro. Inaugurado em 1906, ele recebeu, na primeira década do século XX, grande número de corridas, além de ter

⁴⁴² Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 5 de abril de 1908. p. 5

⁴⁴³ Cf. Club de Sports Hygienicos. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 13 e 14 de julho de 1914. p. 6.

oferecido outras atrações, como, por exemplo, exibições de balonismo, as quais aumentavam sua presença de público.⁴⁴⁴

Indo além do que havia sido planejado no traçado original de Belo Horizonte, as agremiações de futebol, em seu retorno à capital mineira, mantiveram a dinâmica semelhante a da primeira tentativa de introdução da modalidade na cidade. A ocupação de terrenos vazios, transformados em espaços para as práticas futebolísticas, permanecia como principal meio dos clubes conquistarem suas áreas de exercícios.

Contanto com diversos lotes vagos espalhados pela capital mineira e aproveitando-se de algumas áreas que começavam a receber beneficiamentos, os adeptos do futebol não perdiam boas oportunidades para constituir seus campos, conforme relatou Ricardo Gallupo, acerca dos garotos do *Athletico*:

“Acharam um terreno, na rua dos Guajajaras, no quarteirão entre São Paulo e Curitiba, a pouco mais de quatrocentos metros da casa da família Neves. O lugar havia sido aplanado justamente para as obras de extensão da rua Guajajaras além do córrego do Leitão. A obra estava paralisada e o mato crescera. Os meninos pegaram ferramentas e limparam o terreno. Tinha, no máximo, 75 metros de comprimento, mais ou menos trinta de largura e ficava entre dois barrancos. Pior: bem atrás de um dos gols, estava o córrego. Não era o ideal, mas estava ótimo.”⁴⁴⁵

Ação bem parecida foi percebida no caso do *America*, que como um de seus fundadores rememorou anos depois, em 1928:

“*Bancavamos* um campo que, si não era de todo proprio, era bem improprio certamente: era da Prefeitura e não era grammado e, sim, *macadamizado*: ficava no entroncamento das ruas Tymbiras, Espirito Santo e Alvares Cabral. Já hoje, em identicas condições, não mais nol-o consentiria a Policia.”⁴⁴⁶

Tais relatos evidenciam aspectos interessantes do processo de apropriação dos espaços pelos adeptos do futebol. Esses se aproveitando de áreas minimamente beneficiadas, a partir de primeiro tratamento, empreendiam as melhorias necessárias para tornar o lugar apto a sediar os exercícios. Fazendo uso de locais que não eram verdadeiramente os mais recomendados para o desempenho da atividade, as agremiações iniciantes, mostravam-se satisfeitas, numa indicação da paixão que já cultivavam pelo esporte.

⁴⁴⁴ Cf. Festas e Diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 12 e 13 de outubro de 1908. p. 4.

⁴⁴⁵ GALLUPO, Ricardo. *Atlético Mineiro*, 2005. p. 39.

⁴⁴⁶ Arquivo Privado Abílio Barreto – ABPi 7/061 Cx Nº 36.

Apesar de não contar com autorização, como a adquirida pelos sócios do *Sport Club*, a utilização do terreno não era reprimida pelas forças públicas. Ainda que constituídos por grupos de garotos oriundos das classes sociais mais altas, clubes, como o *Athletico* e o *America*, não contavam, naqueles anos, com grande reconhecimento. Desse modo, a tolerância com a realização dos exercícios naqueles locais estava mais ligada à definição das funções das áreas componentes do tecido urbano.

Mesmo que já tivessem sido beneficiados de alguma maneira, aqueles eram terrenos que, a princípio, ficariam desocupados. Reconhecendo a legitimidade da prática esportiva, tanto cidadãos quanto administração municipal não viram problema no uso que lhes conferiram os garotos. Situação que, segundo indicou o sócio fundador do *America*, teria se alterado com o tempo.

Com o desenvolvimento do futebol na cidade, as agremiações passaram a ter maiores condições de promover melhoramentos. Caso, por exemplo, do *Yale* que, no início da década de 10, era a entidade mais estruturada da capital mineira. Com a perspectiva de implementar diversas benfeitorias no campo que utilizavam, seus integrantes solicitaram concessão de terreno, que foi aprovada em 1911.⁴⁴⁷ Por meio da autorização, o poder público municipal deu mostras de que percebia tal modalidade atlética como prática útil à cidade e de que compreendia como legítima a apropriação que o clube fazia do espaço que, a princípio, não era destinado ao esporte.

Assim, numa época em que o futebol dava mostras de estar se consolidando na capital mineira, as agremiações a ele dedicadas deixavam mais fortemente suas marcas no tecido urbano. Além de ocupar os terrenos vazios, agora alcançavam grau de reconhecimento que lhes possibilitava tornar mais definitiva tal apropriação. Na cidade que já havia sido inaugurada há quase quinze anos, por meio da ação de seus adeptos, a modalidade assumia participação cada vez mais ativa na transformação do traçado de Belo Horizonte.

A legitimidade construída pelos defensores do esporte e o prestígio gozado pelos atletas garantiam que, em diversas situações, as áreas da capital mineira pudessem ser utilizadas para o desempenho das atividades atléticas. Locais destinados àquele tipo de divertimento, tais como o Parque e o Prado Mineiro - que já passava a ser utilizado para partidas de futebol -, além de lotes vagos, eram apropriados pelos jogadores belo-horizontinos com frequência cada vez maior. Tais ações contavam com a tolerância das autoridades, que apesar de ampla, apresentava seus limites.

⁴⁴⁷ Cf. PREFEITURA DE BELLO HORIZONTE. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 28 de outubro de 1910. p. 1 e Belo Horizonte, Lei nº 53 de 30 de setembro de 1911.

Em 1911, mesmo ano em que foi aprovada a lei que concedia o terreno ao *Yale*, veio a seguinte ordem da Secretaria de Polícia:

“Ao delegado de Policia da 1ª circumscrição desta Capital recomendou-se manter um soldado na Praça da Liberdade para auxiliar os guardas da Prefeitura, contra alumnos do Gymnasio que lhes desrespeitam, chegando a jogar o ‘foot-ball’ nos grammados do referido jardim.”⁴⁴⁸

Ao contrário do que se viu no caso dos garotos do *Athletico* e do *America*, os estudantes do *Gymnasio Mineiro*, escola que se localizava nas cercanias daquela praça, foram reprimidos na sua tentativa de praticar o futebol. De origem social similar à dos integrantes dos referidos clubes, aqueles jovens buscavam apropriar-se de área pertencente ao logradouro de grande relevância, especialmente simbólica, para Belo Horizonte.

Ao ensejar a transformação dos gramados do lugar em campo para a prática futebolística, os estudantes não contaram com a condescendência das forças públicas. Diferentemente do que havia acontecido em situações diversas, ao ocuparem espaço com outras destinações já bem definidas, os garotos daquela instituição de ensino, que contava com vários *sportsmen* entre seus alunos e ex-alunos, viram-se impedidos pelos guardas da prefeitura.

Apesar da legitimidade que a atividade atlética já havia alcançado nesse momento, o desvirtuamento das funções de espaço de tamanha significância, como era a Praça da Liberdade, não era tolerado. Na cidade marcada pelo traçado projetado e pelas idéias da gestão racional, tal tipo de apropriação era visto como inaceitável e transgressora. Embora se aproximassem, em seus discursos e sentidos associados ao futebol, das visões vinculadas ao conceito da capital moderna, aqueles jovens *sportsmen*, em seu desejo apaixonado de jogar bola, acabavam ocupando locais reservados a outras atividades.

Tal excitação em torno do futebol não era, inclusive, novidade na cidade. Já nos primeiros anos de tal modalidade esportiva em Belo Horizonte, crônicas percebiam as apropriações de espaços que transgrediam a ordem da capital planejada, como escreveu *Pan D’ega*:

“Mal tinha elle acabado de mascar o rotulo inglez, quando passou por nós, num meneio de ébrio, um garoto que atirava graciosos pontapés a... uma rolha de cortiça: era o seu *football*. Eu tive impetos de fugir, mas para

⁴⁴⁸ Secretarias de Estado. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 30 de setembro de 1911. p. 2.

onde, si o mal invadiu todos os bairros, transformando a cidade num vasto campo de exercicio, em que até as pernas ocupadas dos transeuntes servem de *goal*?⁴⁴⁹

Ainda que por meio de representação literária, o autor ressaltava a utilização de espaços indevidos pelos animados atletas que, desconsiderando a delimitação de funções estabelecida pelo traçado urbano, aproveitavam-se de diferentes objetos e obstáculos para divertir-se, atitude condenável, na medida em que interferia na tranqüila circulação dos habitantes pelas vias da capital mineira.

Se por um lado, os limites do poder de atuação do futebol na cidade impediam que os jovens estudantes apaixonados pelo jogo de bola pudessem se apropriar de qualquer espaço e transformá-lo em campo, por outro, o prestígio reunido por tal modalidade atlética, assim como as mudanças de perspectiva que se processavam no campo da educação, permitiam a criação de novos terrenos para os exercícios. Nesse movimento, instituições, como o *Gymnasio Anglo-Mineiro* e o *Collegio Arnaldo*, incorporaram a atividade esportiva, instalando áreas para realização de partidas em suas dependências⁴⁵⁰, as quais foram utilizadas, inclusive, por diversas agremiações e equipes de Belo Horizonte.⁴⁵¹

Não só a construção de uma legitimidade, mas também a estruturação vivenciada pelos clubes e demais organizações ligadas ao futebol, garantiam-lhe solidez e possibilitavam o vislumbre de futuro promissor. A adesão de muitos sócios e a conquista de patrimônio asseguravam a clubes como o *Athletico* e o *America* a projeção de novos avanços. Seguindo a tendência de ocupação dos espaços instituída no processo de desenvolvimento da modalidade em Belo Horizonte, tais agremiações instalaram-se em lotes vagos, ambos na Avenida Paraopeba, a qual ainda abrigava o campo do *Yale*, o que fazia dela o centro desse esporte na cidade.

Dispondo de recursos e vivenciando demanda por novas áreas para o mando de jogos, os grêmios da capital planejavam implementar melhorias nos terrenos que já ocupavam. Para assegurar o investimento que fariam, seria importante a garantia do uso futuro dos espaços. Belo Horizonte, naquela segunda metade da década de 10, já não possuía tantos espaços vagos como há anos atrás. Embora passasse por lento crescimento populacional e não empreendesse muitas obras para melhor se equipar, a

⁴⁴⁹ SEMANAES. *A Epocha*, Belo Horizonte, 12 de fevereiro de 1905. p. 1.

⁴⁵⁰ Cf. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 21 de setembro de 1913. p. 8; RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade*, 2006. p. 213-221 e ANNUNCIOS. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 11 de abril de 1915. p. 12.

⁴⁵¹ Cf. Festas e diversões. *Minas Geraes*, Belo Horizonte, 15 de agosto de 1917. p. 6.

capital mineira já não oferecia tantas possibilidades para a instalação de novos campos em sua região central.

Nesse novo contexto, os sócios do *Athletico*, que, há bom tempo, mantinham área para exercícios e jogos na Avenida Paraopeba, viram a necessidade de solicitar a concessão definitiva do terreno. Em 1916, o clube entrou com solicitação no Conselho Deliberativo de Belo Horizonte⁴⁵², mesmo órgão que já havia aprovado pedido similar do *Yale*, cinco anos antes.

Acompanhando as discussões que se travaram nas assembléias, podia-se notar que a decisão a favor do requerimento atleticano não era consensual. Se por um lado, havia o reconhecimento da validade da entidade e de sua demanda, por outro, interesses da prefeitura eram apontados como conflitantes com a aprovação da concessão. De modo que, em um dos debates travados em torno do projeto de lei, o membro do Conselho, Sr. Ferreira Alves, apresentou o seguinte argumento:

“Como sabe a casa as associações do caracter dessa de que trata o projeto em debate, procuram sempre, como no caso actual, se estabelecer em terrenos proximos ao centro da cidade, isto é, em terrenos que, si hoje não tem utilidade immediata para a Prefeitura, poderão, entretanto, tel-a mais tarde, o que, certamente, virá a succeder, porquanto, si a nossa Capital se acha, neste momento, num periodo de relativa apathia, esse periodo não se prolongará de modo indefinido, e dentro em breve Bello Horizonte se desenvolverá extraordinariamente, como centro que é, do grandioso Estado de Minas, cujo progresso economico e financeiro todos auguramos em um futuro não remoto. (*Muito bem!*)”⁴⁵³

Evidenciando tendências da forma de ocupação empreendida pelas agremiações futebolísticas, o integrante do Conselho, ao analisar o momento de pequeno desenvolvimento por que passava a capital mineira, apontava para possíveis utilizações futuras dos terrenos vagos ocupados pelos adeptos de tal modalidade atlética. Mesmo reconhecendo a validade da atividade, os legisladores da cidade procuravam coordenar o processo de modo a resguardar os interesses do poder público. Da mesma maneira que estabeleceram acordo que os permitiu conquistar o direito de permanecer nos lotes vazios sem sofrer repressão, os *sportsmen* belo-horizontinos esperavam consolidar a apropriação com o respaldo legal.

Ao fim do processo, o projeto foi aprovado e promulgado pela lei n.121 de 18 de outubro de 1916, que apontava para a possibilidade da prefeitura escolher terreno diverso para conceder à entidade, o que não aconteceu. Outro artigo destacava a

⁴⁵² Cf. Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte, 1916. p. 3.

⁴⁵³ Annaes do Conselho Deliberativo de Bello Horizonte, 1916. p. 128.

prerrogativa da poder público municipal de requerer a desapropriação do espaço, com a obrigação de indenizar apenas a benfeitorias realizadas⁴⁵⁴, como viria a se suceder no final da década de 20, momento em que o *Athletico* construiu seu estádio em Lourdes, na Avenida São Francisco, hoje Avenida Olegário Maciel.⁴⁵⁵

Na fala daquele membro do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, foi explicitado o desejo de tornar a cidade efetivamente o centro do estado, vontade compartilhada por inúmeros setores, dentre os quais, como já visto, as entidades dirigentes do esporte, LMSA e sua sucessora LMDT. Tais associações, por meio de diversas medidas, procuravam promover a integração da prática atlética em Minas Gerais, projetando a capital como pólo. Essa tentativa, apesar de em curso no início da década de 20, ainda encontrava inúmeros limites.

A consolidação do futebol em Belo Horizonte era perpassada por diversos fenômenos que ocorriam paralelamente. Assim, ao lado da maior estruturação dos clubes e do crescimento das garantias legais de ocupação de terrenos de jogo, observava-se o envolvimento cada vez mais intenso de parcela significativa da população local, a qual se apropriava do esporte de forma apaixonada. O entusiasmo demonstrado pelos adeptos era crescente, o surgimento das associações atléticas era acompanhando pelo aumento, ainda maior, do número de torcedores e de jogadores que, não necessariamente, ligavam-se às agremiações.

A partir do momento em que outras visões de mundo começavam a informar a constituição de sentidos em torno de tal modalidade e que os significados conferidos pelos pioneiros passaram a perder força, mesmo entre os membros das agremiações mais tradicionais, a emergência da paixão pelo jogo se potencializou. Viu-se, então, a desvalorização da observância das regras, incluindo aquelas relativas à demarcação do campo e à organização em associações estruturadas e reconhecidas pelas autoridades. O crescente entusiasmo desdobrava-se no aumento da prática, inclusive em sua forma não organizada. Com isso, cada vez mais as ruas da cidade eram tomadas pelo jogo de bola.

A apropriação de espaços não destinados à atividade esportiva, tal como já havia sido visto nos casos dos garotos do *Athletico*, do *America* e do *Gimnasio Mineiro*, tornava-se menos tolerada, inclusive por envolver variedade maior de classes sociais, indo dos pobres aos jovens da elite local. Ações repressivas passaram a ser tomadas já no final da década de 10, como evidenciou a seguinte notícia:

⁴⁵⁴ Cf. Belo Horizonte. Lei n. 121 de 18 de outubro de 1916.

⁴⁵⁵ Cf. Belo Horizonte. Decreto n. 50 de 26 de novembro de 1929.

“Campanha às bolas

Os guardas auctorizados pela policia estão tomando todas as bolas que encontram nas mãos da meninada que quer transformar as ruas de Bello Horizonte, em vasto campo de ‘foot-ball’.

Boa medida.”⁴⁵⁶

O respaldo encontrado na imprensa demonstrava que tal situação não era preocupação apenas das autoridades belo-horizontinas. Outros grupos pareciam se incomodar com a ocupação empreendida pelos apaixonados pelo futebol. Seja pelo transtorno representado pelas partidas em plena rua, seja pelo uso de áreas com outras funções, aquele tipo de atitude não era visto com bons olhos.

Tais eventos evidenciavam que as relações empreendidas entre aquela modalidade e a cidade não ocorriam de forma linear. Ocasões de divergência e consonância se alternavam, indicando a multiplicidade de visões, tanto entre os habitantes da capital mineira, quanto em meio aos envolvidos com os esportes. Ao mesmo tempo em que as apropriações empreendidas por um grupo de praticantes chocavam-se com as expectativas do poder público, outro setor poderia ter sua forma de ocupação reconhecida como legítima.

Se durante o momento de introdução do futebol em Belo Horizonte a constituição de discursos legitimadores da prática pôde ser observada, por diversas vezes, em fins da década de 10 e início da de 20, o debate da utilidade da atividade atlética voltou a tona nas páginas dos periódicos, agora com vistas a novas reivindicações. Na maioria das ocupações dos espaços que promoveram, as agremiações sempre contaram com o respaldo do poder público, contudo, em instante nenhum, ocorreu o financiamento direto, sendo a realização de melhorias sempre iniciativa particular dos clubes e dos adeptos.

Atentos às idéias que se associavam ao futebol no final da década de 10, os *sportsmen* locais procuravam, em seus discursos, garantir a legitimidade e fazer a cobrança de tal tipo de apoio por parte dos governos, a exemplo do que se viu na matéria veiculada em *O Football*, que mobilizava o discurso nacionalista para pedir maiores incentivos ao esporte.⁴⁵⁷

Entre os acadêmicos de medicina, atentos ao crescimento do pensamento eugênico, em fins da década de 10, cobranças semelhantes eram apresentadas, como evidenciou texto publicado na coluna esportiva da revista *Radium*:

⁴⁵⁶ Campanha às bolas. *Estado de Minas*, Bello Horizonte, 13 de agosto de 1919. p. 2.

⁴⁵⁷ Cf. Aos nossos governantes. *O Football*, Bello Horizonte, 13 de setembro de 1917. p. 1.

“Longe do mar, sem cursos d'água volumosos, em Belo Horizonte nos temos que restringir aos desportos terrestres. Eu diria, sem receio de contestação, que nos poderíamos contentar com o foot-ball.

O jogo bretão, um exercício físico, não perfeito, suficiente para o desenvolvimento dos que o cultivam. A opinião dos doutos, a esse propósito, é unânime.

E que ha feito aqui, na Capital, para o desenvolvimento desse quase unico desporto? Tudo iniciativa particular! Tudo realização deficiente, porque a moços sobeja boa-vontade mas falta alguma coisa mais...”⁴⁵⁸

Depois de ter apontado a necessidade dos exercícios físicos para o desenvolvimento da raça, o artigo chamou a atenção para a situação do futebol na cidade. Já contando com grande interesse de público e bom número de praticantes, tal modalidade carecia de maior apoio governamental, especialmente no que dizia respeito à falta de espaços com boas condições de jogo e capacidade de receber muitos espectadores.

Na época, outra agremiação de Belo Horizonte, o *America*, recebeu a concessão de terreno. A solicitação da autorização foi aceita pelo Conselho Deliberativo, que enumerou, entre as razões para aprovação do requerimento, a existência dos casos precedentes do *Yale* e do *Athletico*.⁴⁵⁹ Diferentemente do que se viu no caso anterior, a aceitação do projeto de lei aconteceu sem discussões.⁴⁶⁰

Como evidenciou a facilidade para homologação do pedido, o reconhecimento da validade dos espaços esportivos havia se consolidado nos últimos anos. A aprovação de mais duas leis, em 1922, dessa vez favorecendo o *Palestra* e o *Lusitano*, indicava a afirmação do respaldo do poder público municipal às agremiações futebolísticas⁴⁶¹, ainda que os pedidos de apoio mais efetivo não tivessem se desdobrado em ações naquele sentido.

Dessa forma, para solucionar o problema da falta de espaços esportivos na cidade, em evidência da força e da legitimidade que alcançara o futebol em Belo Horizonte, o *America*, contando com amplo apoio, empreendeu a construção de seu estádio⁴⁶², edificação que consistiu em marco do processo de transformação do tecido urbano pelas modalidades atléticas.

Ao longo do processo de desenvolvimento do esporte em Belo Horizonte, em que foram empreendidas diversas ações relativas à apropriação dos espaços urbanos,

⁴⁵⁸ “Radium” Desportivo. *Radium*, Belo Horizonte, setembro de 1920. p. 31.

⁴⁵⁹ Cf. Annaes do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, 1920. p. 28.

⁴⁶⁰ Cf. Annaes do Conselho Deliberativo de Belo Horizonte, 1920, setembro, 2ª reunião. p. 63-64; 68-69; 77-79.

⁴⁶¹ Cf. Belo Horizonte. Lei n. 213 de 7 de Abril de 1922 e Belo Horizonte. Lei n. 223 de 18 de Abril de 1922.

⁴⁶² Cf. PROJECTO DE ARCHIBANCADAS DO AMERICA FOOT-BALL-CLUB.

entre as quais a maioria contou com respaldo do poder público, seja com a concessão de terrenos ou com a simples tolerância de seus usos, uma geografia dos campos de futebol se delineou. Tendo como grande eixo a Avenida Paraopeba, na qual, não na mesma época, localizaram-se áreas de treinos do antigo *Sport Club* e do *Athletico* e os estádios do *Yale*, do *America* e do *Palestra*, observou-se a formação de um núcleo daquela modalidade atlética que marcou o tecido da capital mineira e definiu itinerário obrigatório para os apaixonados pelo jogo de bola.

As agremiações e os inúmeros envolvidos com o futebol em Belo Horizonte, por várias ocasiões se inseriram de maneira mais ampla na dinâmica histórica da cidade. A trajetória daquele esporte na capital mineira vivenciou com o meio urbano incontáveis pontos de contato, envolvendo-se com as transformações da sociedade e da espacialidade local.

Tal relação não significou que a história do futebol na capital mineira se desenrolou paralelamente ao desenvolvimento da cidade, mas sim que, ao longo da sua trajetória, esse esporte interferiu e, ao mesmo tempo, foi transformado pela dinâmica local. Criando novos hábitos e formas de ocupação e sendo percebido como modismo sem sentido ou útil atividade para o incremento da vida social belo-horizontina, ele ganhou contornos particulares, definindo sua singularidade frente às demais experiências que tiveram palco nos mais variados centros.

Perpassando trajetória que, longe de ser linear, foi cercada de controvérsias, conflitos e alianças, o futebol belo-horizontino estabeleceu estreito diálogo com a cidade, seus espaços, sua população e as idéias que povoavam os debates desenvolvidos no seio de sua sociedade. Em meio a tantas experiências, os adeptos de tal prática esportiva expuseram suas visões acerca da atividade que cultivavam e das expectativas que construíram em torno do local onde viviam.

Considerações finais

Introduzido em uma cidade que não contava praticamente com qualquer tradição esportiva, o futebol confundiu sua trajetória inicial com a das modalidades atléticas em Belo Horizonte. Ao contrário de localidades como o Rio de Janeiro, que tinham no remo e no turfe divertimentos relativamente consolidados, a capital mineira padecia da falta de atividades físicas e opções de entretenimento ao ar livre.

Em tal contexto, o futebol representou grande novidade, a qual foi trazida por indivíduos que, em suas experiências em outras partes do país e do mundo, haviam tomado contato com aquela modalidade. Contando com pequena quantidade de imigrantes de centros europeus mais desenvolvidos, como Inglaterra e Alemanha, onde a esporte já era praticado com maior regularidade, a atividade atlética da capital mineira dependeu da atuação, basicamente, de brasileiros, distanciando-se da tendência verificada nos principais casos nacionais.

Sem muitos jogadores mais experimentados, o meio esportivo local mostrou-se sempre atento ao desenvolvimento das atividades físicas em outras localidades. Beneficiando-se da relativamente ampla circulação de informações, pessoas e mercadorias, os futebolistas belo-horizontinos puderam se inteirar e ter acesso a inúmeros elementos indispensáveis ao jogo do qual eram adeptos.

Inserido em uma cidade cuja população, por diversas vezes, mostrou-se pouco afeita aos divertimentos nos espaços públicos e às modernas formas de convivência e lazer, o futebol belo-horizontino enfrentou várias rejeições. A falta de penetração e respaldo entre os habitantes foi fator importante para as descontinuidades vivenciadas no processo de consolidação de tal modalidade atlética. Em determinados momentos, tomado como mania, o esporte foi, em outros instantes, abandonado pela sociedade da capital mineira, que não parecia compartilhar do gosto por ele.

Se algumas características da cidade e de sua população dificultaram a introdução do futebol, outros aspectos da capital mineira significaram oportunidades para o melhor desenvolvimento dos esportes. As opções de espaços destinados às práticas atléticas restringiam-se, basicamente, ao hipódromo, batizado de Prado Mineiro, e ao velódromo, também conhecido como *Velo-Club*.

Tais logradouros foram traçados no projeto de construção da nova capital de Minas Gerais, no final do século XIX. Justamente esse detalhe da cidade – o fato de ser ela uma localidade com boa parte ainda por ser edificada – contribuiu para o melhor desenvolvimento do futebol, especialmente para a criação dos campos de jogo. Não

contemplada no plano de Belo Horizonte, aquela modalidade esportiva contou com os inúmeros lotes vagos espalhados, principalmente, pela área central, os quais foram convertidos em áreas para a realização de treinos e partidas.

A reserva de espaços da capital mineira para a prática esportiva – no caso, um hipódromo e um velódromo – significava não só a atenção para com esse gênero de divertimento, mas a sua inserção no projeto mais amplo de introdução de modernos costumes na futura metrópole. Tal noção de incorporação de hábitos em voga nos centros mundiais, tidos como mais desenvolvidos, perpassava não só o discurso dos planejadores da cidade, mas o de boa parte da sociedade local, especialmente a imprensa e as classes letradas.

A forte vinculação que se constituiu, ao longo do processo de atribuição de sentidos ao novo esporte, entre o futebol e o estilo de vida moderno permitiu que tal modalidade atlética surgisse como importante mecanismo para o incremento do meio social local. Inserindo-se nos debates acerca da necessidade de desenvolver o cotidiano e os divertimentos na capital mineira, os adeptos das atividades físicas elaboraram discursos legitimadores da prática que defendiam.

A importância dada, naquele momento, à questão do incremento da vida social belo-horizontina garantiu ao futebol maior atenção por parte dos diferentes grupos que se inseriam na polêmica. Percebido especialmente pela imprensa, ele foi alvo de visões tanto a seu favor quanto contrárias. Em uma cidade bastante marcada pelo desejo de se tornar moderna, o esporte, pelo menos nos discursos, encontrou campo fértil.

Se as especificidades da capital mineira e de sua população conferiram à trajetória do futebol belo-horizontino diversos traços singulares, tal modalidade esportiva não deixou de se aproximar do fenômeno em seu âmbito nacional. Como visto, seu processo de introdução seguiu trajetória, em boa medida, similar ao que se assistiu no resto do país. O papel de destaque de um estudante vindo do exterior na construção da memória dessa prática se assemelha ao observado nos casos do Rio de Janeiro e de São Paulo. A constituição de clubes para a formação de equipes e realização de exercícios é outro ponto comum, assim como o aspecto restritivo que as agremiações mantiveram no momento inicial.

Durante o fenômeno de difusão do futebol em Belo Horizonte, tendências semelhantes às observadas em outras cidades brasileiras também puderam ser verificadas. A constituição de agremiações em bairros afastados, as quais projetavam seus laços de vizinhança na formação da equipe e da torcida, e a criação de clubes entre imigrantes de perfil sócio-econômico mais baixo, como italianos e portugueses,

aproximou-se de outros casos nacionais. Ainda que ligada às particularidades da capital mineira, certas regularidades puderam ser constatadas no desenvolvimento do esporte ali.

Quanto à relação das entidades dirigentes, ela significou a constituição de possibilidades de integração, na medida em que, a partir da segunda metade da década de 10, a CBD passou a se aproximar da associação local, a LMDT. A intervenção que, a princípio, podia parecer efetiva, mostrou-se, contudo, frágil. Apesar de ter tido importante papel na definição das novas regras que regeriam, desde então, o esporte mineiro, a instituição nacional não desenvolveu relação mais consistente. Afastados das decisões e dos eventos atléticos que tinham palco nos principais centros do país, os belo-horizontinos não davam mostras de compartilhar dos sentimentos de identidade que começavam a se forjar entre, por exemplo, o selecionado brasileiro de futebol e a população do Rio de Janeiro.

Mesmo já contando com as atividades físicas já consolidadas, especialmente devido à atuação dos clubes e dos indivíduos dedicados ao futebol, os quais se constituíram nos principais responsáveis pela formação de um *campo esportivo* na cidade, Belo Horizonte não alcançava representatividade nos principais círculos atléticos do país. Embora exercesse maior influência sobre o desenvolvimento daquele ramo de lazer nas localidades do interior e estreitasse seus laços com agremiações e entidades dirigentes de outros estados, a capital mineira e seu meio desportivo ocupavam posição periférica no cenário nacional.

Se isso, por um lado, significava a falta de condições para intervir nas decisões de maior âmbito, por outro, representava a tendência do desenvolvimento mais autônomo das atividades atléticas ali. Distante do que se passava nos principais centros do país, o meio futebolístico belo-horizontino vivenciou suas questões próprias, mostrando-se atento ao que acontecia fora da cidade, mas sem se envolver ou se identificar, em muitos casos, com aqueles outros contextos esportivos.

Ao contrário do que apontaram alguns estudiosos do futebol nacional, o exemplo da capital mineira parece desmentir a idéia de que tenha havido regularidade no desenvolvimento de tal modalidade atlética no país, ou mesmo que os grandes centros tenham representado núcleo a partir do qual se deu a difusão do esporte pelo Brasil. No início da década de 20, Belo Horizonte mostrava-se pouco integrada à dinâmica nacional, assim como parecia ser o caso de outras localidades não só de Minas Gerais, mas de outros estados.

Para que se possa melhor compreender de que formas as diferentes regiões se inseriram no processo de difusão do esporte no Brasil, faz-se necessária a realização de pesquisas que levantem dados empíricos sobre as múltiplas realidades do esporte nacional. Somente com a produção de novos trabalhos será possível a revisão não só da história dessa modalidade atlética, como também de sua memória, a qual, refletindo desigualdades do passado, baseia-se apenas nos casos dos principais centros do país.

Fontes

1. Manuscritas

1.1. Arquivo Público Mineiro – Fundo Polícia – Série Ocorrências Policiais – Caixas 02 e 04.

1.2. Museu Histórico Abílio Barreto – Arquivo Privado Abílio Barreto

A. Séries Consultadas: ABC 1/023; ABC 2/061; ABC 2/062; ABPi 2/023; ABPi 4/003; ABPi 4/007; ABPi 4/012; ABPi 4/047; ABPi 7/ 061 Cx N° 36; ABPi 7/124 Cx N° 85; ABPi 7/133; ABPi 7/140 Cx N° 95; ABPi 7/146 Cx N° 96; ABPi 7/150; ABPi 7/153 Cx N°99.

2. Impressas

2.1. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte

A. Coleção Legislação Municipal Impressa: Lei n° 53 de 30 de setembro de 1911; Lei n° 121 de 18 de outubro de 1916; Lei n° 187 de 6 de outubro de 1920; Lei n° 213 de 7 de abril de 1922; Lei n° 223 de 18 de abril de 1922.

B. Coleção Anais da Câmara Municipal de Belo Horizonte: C.14/ a 001; C.14/ a 002; C.14/ a 003; C.14/ a 004; C.14/ a 005; C.14/ a 006; C.14/ a 007.

C. Coleção Projetos Arquitetônicos de Edificações Diversas: PROJECTO DE ARCHIBANCADAS DO AMERICA FOOT-BALL-CLUB.

D. Coleção Relatórios Anuais de Atividades da Prefeitura de Belo Horizonte: *Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da capital pelo prefeito Dr. Cornelio Vaz de Melo, Belo Horizonte, Setembro de 1917; Relatório apresentado aos membros do Conselho Deliberativo da capital pelo prefeito Dr. Affonso Vaz de Melo, Belo Horizonte, Setembro de 1921.*

E. *Planta Geral da Cidade de Minas, organizada sobre a planta geodésica, topográfica e cadastral de Belo Horizonte, 1895.*

2.2. Periódicos

A. Jornais

1) Oficiais

Minas Geraes (1904-21)

2) De Grande Imprensa

Correio do Dia (1º) (1909-10)
Diario da Tarde (1º) (1910-11)
Diario de Minas (1º) (1899-1902/1909-15)
Diario de Noticias (1º) (1907-08)
Epocha, A (1º) (1904-06)
Estado, O (1º) (1911-14)
Estado de Minas (1º) (1911-15)
Estado de Minas (2º) (1919-21)
Folha Pequena (1904-05)
Jornal do Povo (1º) (1899-1900)
Momento, O (1º) (1915)
Nota, A (1º) (1915-18)
Tarde, A (1º) (1912-13)
Vida Mineira (1904-06)

3) De Grupos Específicos

Animus (1912)
Arrepiado, O (1921)
Astro, O (4º) (1918)
Bello Horizonte (2º) (1905-06)
Bello Horizonte, O (1915)
Boa Viagem (1914)
Bogari, O (1904)
Bohemio, O (1906)
Briguela, O (1920)
Capital, A (2º) (1902)
Capital, A (4º) (1913)
Capital, A (5º) (1921)
Chicote, O (2º) (1921)
Commercio, O (1º) (1910)
Commercio, O (2º) (1913)
Commercio de Minas, O (1916)
Confederal, O (1907)

Correio das Locaes (1910-11)
Correio da Tarde (1º) (1917)
Corta-Jaca (1914)
Cravo, O (1906)
Diario, O (1º) (1915)
Diario da Tarde (2º) (1914)
Diario do Povo (1907)
Diario Mineiro (1º) (1906)
Epocha, A (2º) (1909)
Epoca, A (3º) (1915)
Escola, A (1º) (1919)
Esqueleto, O (1920-21)
Esquina, A (1920)
Estado de Minas, O (1906)
Ex-Pião, O (1919)
Faisca, A (1º) (1916-17)
Farpa, A (1918)
Ferrão (1919)
Festim, O (1918-19)
Fieramosca (1916-1920)
Floresta, A (1914)
Floresta-Jornal (1920-21)
Folha, A (1904-06)
Folha Academica (1914)
Folha do Dia (1º) (1910-11)
Footing (1921)
Gazeta, A (1º) (1904-05)
Gazeta, A (2º) (1907-08)
Gazeta, A (3º) (1914)
Gazeta de Noticias (1910)
Grito de Minas (1927)
Idéa, A (1904-05)
Instituto Fundamental, O (1916-20)
Jornal de Minas (1º) (1905)
Jornal de Minas (2º) (1918-21)

Justiça, A (1908-09)
Labor, O (1905-06)
Movimento, O (1921)
Noticia, A (1º) (1907)
Noticia, A (2º) (1909)
Noticia, A (3º) (1913-14)
Noticia, A (4º) (1920-21)
Novidades (1919)
Novo Horizonte (1919)
Operario, O (3º) (1920-21)
Papagaio, O (1º) (1916)
Pathé Jornal (1920)
Pela Vida! (1921)
Pequeno Jornal (1914)
Pimpolho, O (1914)
Preludio, O (1907)
Primeiro de Maio (1912)
Progresso, O (2º) (1916)
Quasi!... (1910-11)
Raio X, O (1913)
Rebate, O (1º) (1906)
Rebate, O (2º) (1921)
Reclamo, O (1905)
Renascença, A (1914)
Rua, A (1907-08)
Semana, A (1º) (1910)
Semana, A (2º) (1916)
Semana, A (3º) (1919)
Tarde, A (2º) (1914)
Tribuna, A (1º) (1912-13)
Tribuna D'Oeste (1914)
Tribuna do Norte (1906-07)
Vanguarda, A (1906-14)
Voz de Minas, A (1º) (1921)
X... (1917)

Záz-Traz! (1914)

4) Esportivos

Foot-Ball, O (1917)

Treno, O (1918)

B. Revistas

Domingo (1915)

Evolução Militar, A (1917)

Floresta, A (1915)

Ilustração Mineira (1ª) (1911)

Novo Horizonte (1910-11)

Proteu (1920)

Radium (1920-21)

Reacção, A (1907-1908)

Revista de Minas (2ª) (1912)

Revista de Minas (3ª) (1921)

Tank (1919-20)

Vida de Minas (1915)

Vida de Minas, A (1915-16)

Vida Mineira, A (1910-11)

Vita (1913-14)

Bibliografia

- ANTUNES, Fátima Martin R. Ferreira. “O futebol nas fábricas”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun./ago. 1994.
- BAHIA, Juarez. *Jornal: história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOLTANSKI, Luc. “Usos fracos e usos intensos do *habitus*”. In: ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie (Coord.) *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 155-163.
- BOND, F. Fraser. *Introdução ao Jornalismo*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editôra, 1959.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & Fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero Limitada, 1983. p. 136-153.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. “O espectro do tempo livre de Norbert Elias e Eric Dunning: a questão das atividades intermediárias”. In: *Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR/DEF, 1995. p. 453-457.
- BRIGATTI, Maria Elisete. “O termo Esporte: perspectivas históricas”. In: *Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa: UFPG/DEF, 1994. p. 38-44.
- BURKE, Peter. *A Arte da Conversação*. São Paulo: Unesp, 1995. p. 9-50.
- _____. (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. “Civilização, disciplina e desordem: estudos de caso em história e teoria social”. In: *Teoria & Sociedade*, Belo Horizonte, n.1, p. 74-86, 1997.
- _____. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- _____. e PORTER, R. (orgs.). *Línguas e jargões*. São Paulo: Unesp, 1997. p. 7-32.
- CALDAS, Waldenyr. “Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 41-49, jun./ago. 1994.

- _____. *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir (orgs.). *Representações – contribuição para um debate transdisciplinar*. São Paulo: Papirus, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. “A aventura da imprensa”. In: _____ [et al.]. *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG/Associação Mineira de Imprensa/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997. p. 19-46.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 221-246; 259-276.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *A ordem dos livros*. Brasília: Unb, 1998. p. 11-32.
- _____. “O mundo econômico ao contrário”. In: ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie (Coord.) *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 253-260.
- COSTA, Francisco. “A bola na ponta da caneta”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 84-91, jun./ago. 1994.
- COUTO, Euclides de Freitas. *Belo Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Belo Horizonte: PUC, 2003. (Dissertação, Mestrado em Ciências Sociais).
- DAMATTA, Roberto. “Antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 10-17, jun./ago. 1994.
- _____. [et alli]. *Universo do Futebol*. Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DUARTE, Regina Horta. *Noites circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- DUNNING, Eric. “Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 11-40, 2003.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. volume 1: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

- _____. *O Processo Civilizador*. volume 2: formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- _____ & DUNNING, Eric. *Deporte y Ocio em el proceso de la civilizacion*. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ENCREVÉ, Pierre & LAGRAVE, Rose-Marie (Coord.) *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano*, v. 1 – *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FERREIRA, Sérgio Luiz. *O Banho de Mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998.
- FICO, Carlos & POLITO, Ronald. “Brasil: historiografia nos anos 80”. In: *LPH: Revista de História*, v.3, n.1, p.295-302, 1992.
- _____ & _____. *A História no Brasil (1980-1989) elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992. p. 157-182.
- FOLLIS, Fransérgio. *Modernização urbana na Belle Époque paulista*. São Paulo: UNESP, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANZINI, Fábio. *As Raízes do País do Futebol: Estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. São Paulo: FFLCH – USP, 2000. (Dissertação, Mestrado em História Social).
- _____. “Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. [online] Mayo 1998, Año 3, n. 10. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd10/anos30e.htm>
- _____. “No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes*. [online] Octubre de 2000. Año 5, n. 26. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd26a/gfreyre.htm>
- FREITAS, Marcel de Almeida. *A instituição do futebol e a organização dos times em Belo Horizonte analisadas sob o prisma das relações de classe, étnicas e da construção da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (Dissertação, Mestrado em Psicologia Social.)

- FRYDENBERG, Julio David. “Boca Juniors en Europa: El diario *Crítica* y el primer nacionalismo deportivo argentino”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 91-120, 2003.
- _____. “Espacio urbano y práctica del fútbol, Buenos Aires 1900-1915”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes* [online]. Marzo 1999, Año 4, n. 13. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd13/juliof.htm>
- _____. “Prácticas y valores en el proceso de popularización del fútbol, Buenos Aires 1900-1910”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes* [online]. Mayo 1998, Año 3, n. 10. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd10/jdf10.htm>
- GALUPPO, Ricardo. *Raça e Amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- GINZBURG, Carlo. *A Microhistória e Outros Ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 179-202.
- GIULIANOTTI, Richard. “Globalização Cultural nas Fronteiras: O caso do futebol escocês”. In: *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 39, p. 41-64, 2003.
- GRUZINSKI, Serge. “O historiador, o macaco e a centaura: a ‘história cultural’ no novo milênio”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 17, n. 49, p. 321-342, Set./Dez. 2003.
- GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger. (org.) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 107-117.
- HALL, Peter. *Cidades do Amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, s/d.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. “Futebol e Modernidade no Brasil: A geografia histórica de uma inovação”. In: *Lecturas: Educación Física y Deportes* [online]. Mayo 1998, Año 3, n. 10. Disponível em Internet: <http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm>
- _____. “O futebol da *Canela Preta*: o negro e a Modernidade em Porto Alegre”. In: *Anos 90 – revista do programa de pós-graduação em história*. Porto Alegre, n. 11, p. 144-161, julho de 1999.
- JULIÃO, Letícia. “Belo Horizonte: itinerários da cidade moderna (1891-1920)”. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 49-118.

- LEITE LOPES, José Sergio. “A Vitória do Futebol que incorporou a *Pelada* – a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun./ago. 1994.
- _____. “Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro”. In: BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira & FORTES, Alexandre. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- _____. “Esporte, Emoção e Conflito Social.” In: *Mana* – Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 1, p. 141-65, outubro de 1995.
- _____. “Lazer, trabalho e Cultura Popular”. *Licere*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 107-116, dez. 2003.
- LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*; estudo crítico e nota bibliográfica de Maria Céres Pimenta S. Castro. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- MACIEL, Maria Eunice de S. “A Eugenia no Brasil”. In: *Anos 90* – revista do programa de pós-graduação em história. Porto Alegre, n. 11, p. 121-143, julho de 1999.
- MAGNANE, Georges. *Sociologia do Esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: UNICAMP, 1994.
- MATOS, Maria Izilda S. dos. *Cotidiano e Cultura: História, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 13-43.
- MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Leia, 1950.
- MELLO, Ciro Flávio Bandeira de. “A Noiva do Trabalho – uma capital para a República”. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 11-47.
- MELO, Victor Andrade de. “Turfe: O ‘Sport’ brasileiro do século XIX”. In: *Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR/DEF, 1995. p. 445-452.
- MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição: A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo, 1910-1916*. São Paulo: PUC-SP, 1992. (Dissertação, Mestrado em História)
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. “Pelos Campos da Nação: um Goal-Keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, p.23-40, 1997.
- _____. “Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto”. In: *Projeto História*, São Paulo, n.14, p. 231-241, fev. 1997.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos – Memória*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-16, 1989.
- RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RYKWERT, Joseph. *A Sedução do Lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes (Org.). *Coletânea do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG/EEF, 1996.
- _____. *Constituição e Enraizamento do Esporte na Cidade – uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. (Tese, Doutorado em História Social da Cultura).
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. (3ª Edição) Rio de Janeiro: Forno, 1994.
- _____. *O Negro no Futebol Brasileiro*. (4ª Edição) Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. Campinas: Perspectiva, 1993.
- SANTANA, Jorge. *Páginas Heróicas: onde a imagem do Cruzeiro resplandece*. São Paulo: DBA, 2003.
- SANTOS, André Carazza dos. *Bola Horizonte: a Copa do Mundo de Futebol (1950) e a cidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (Monografia, Bacharelado em História)
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Brasileiro, 1981.
- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

- SENN, Nelson C. de. *O cinquentenário de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1948.
- SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, metrópoles e desatinos”. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.
- SILVA, Eliazar João da. *Bola na Rede: O futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro: do amadorismo a profissionalização*. Assis: Unesp, 2000. (Dissertação, Mestrado em História).
- SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. “O Sonho de uma *Petite Paris*: os cafés no cotidiano da capital”. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.). *BH: horizontes históricos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1996. p. 119-182.
- SIMÕES, Leandro Ferreira. “O jornal e a bola: para onde foi a torcida?” In: CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola [et al.]. *Folhas do tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG/Associação Mineira de Imprensa/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997. p. 181-202.
- SOARES, Antonio Jorge. “História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro”. In: HELAL, Ronaldo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-50.
- SOUZA, Eustáquia Salvadora de. “A História do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1987-1994)”. In: *Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR/DEF, 1995. p. 204-210.
- SUSSEKIND, Hélio Carlos. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.
- THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. volume I: a árvore da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. volume II: a maldição de Adão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. volume III: a força dos trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 47-62.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. “Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira (1982-2002)”. In: *Bib – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. São Paulo, n. 52, p. 133-65, 2º semestre de 2001.
- ZILLER, Adelchi Leonello. *Enciclopédia Atlético de Todos os Tempos*. Belo Horizonte: Clube Atlético Mineiro, 1997.